

SATHYAM SIVAM SUNDARAM

Parte II

A Vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba
(1962 a 1968)

N. Kasturi, M.A., B.L.



Tradução e revisão:
Coordenação de Publicação / Conselho Central / 2007
Organização Sri Sathya Sai do Brasil

SATHYAM SIVAM SUNDARAM

Parte II

Copyright 2008 © by **Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil**

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, foto cópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por:

Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel
CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ
Teleendas: (21) 2288-9508

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br
Loja virtual: www.fundacaosai.org.br
Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução:

**Coordenação de Publicação /Conselho Central
Organização Sri Sathya Sai do Brasil**

Aquele que compreender o significado do Meu divino nascimento e os Meus divinos atos superará o ciclo dos nascimentos e mortes e virá morar Comigo em Meu reino de Bem-aventurança, Ó Arjuna.

Gita, iv-9

Ele é o substrato, a substância; a parcela e a soma, tudo; Sathyam (a Verdade)

Ele é a conscientização, a atividade, a consciência, a sensação, a vontade e o realizar, – a existência; Shivam (a Bondade).

Ele é a luz, o esplendor; a harmonia, a melodia – a bem-aventurança; Sundaram (a BELEZA)

PARABÉNS

Parabéns, caro leitor! Estou feliz que tenha escolhido este livro e decidido mergulhar em suas páginas. No primeiro volume do *Sathyam Sivam Sundaram* contei a história do advento do Divino sob a forma humana como Baba; dos primeiros anos da inteligência sobre-humana; do épico anúncio da encarnação; dos maravilhosos trabalhos e sinais através dos quais Ele transmite a compreensão para aqueles cujos corações são compassivos; e da grandeza de Sua misericórdia, da universalidade da Sua compreensão, do poder e grandeza da Sua compaixão.

Estou agora com setenta e cinco anos. Ele me permitiu viver os últimos vinte e cinco anos com Ele, nEle, através dEle, por Ele e para Ele, mas isso é somente um reflexo do que Ele é. Sou totalmente agradecido pelo fato de Ele ter-me preservado, permitido e estimulado a declarar novamente os Seus feitos entre as pessoas.

Sou somente um *sherpa* (guia dos Himalaias) amador, caminhando com dificuldade ao longo do caminho panorâmico que conduz ao pico mais alto dos Himalaias, estimulado pelo sublime silêncio, pela glória e grandeza que crescem a cada passo à frente, arfando para contar aos outros no balbúcio anêmico das planícies, sobre a onda da alegria celestial. São milhares, milhões, nas trilhas das montanhas, atraídos pelo estranho fascínio do poder supremo, pela sabedoria sempiterna e pelo amor soberano do *Gaurishankar*¹ que Baba é. Vários deles, eu sei, têm um controle mais firme, uma percepção mais aguçada e uma sabedoria mais madura. Eles estão mais acostumados às altitudes e melhor treinados para superar os perigos das alturas. Espero que você logo seja capaz de se aprofundar nas páginas de um livro que venha de tal peregrino.

Enquanto isso venha! Dê-me sua mão, prossigamos juntos, página após página, partilhando a maravilha e a sabedoria, o assombro e o mistério, a verdade e o testemunho, a glória e a grandeza, e a abundância de paz.

Prasanthi Nilayam

Dasara, 1973

N. Kasturi

Continuo a caminhar vagarosamente, aos oitenta e cinco anos, para frente e para cima, em direção aos Pés de Lótus. Encontro vários companheiros mais vigorosos na trilha dos peregrinos, subindo cada vez mais alto, elevados pela Sua graça.

Brindavan

Ramanavami, 1981

N. Kasturi

¹ Gaurishankar – Essa montanha tinha a fama de ser a mais alta do mundo.

SUMÁRIO

- 1 Resumo (1926-1961)
- 2 O Açúcar e as Formigas
- 3 A Tarefa
- 4 O Chamado
- 5 Este Sivasakthi
- 6 A Presença Constante
- 7 Com as Asas Feridas
- 8 Incrível! O Mesmo
- 9 Alegria Sagrada
- 10 Presentes da Graça
- 11 Cidades em Chamas
- 12 Sinais e Maravilhas
- 13 Facetas da Verdade
- 14 O Chamado – A Resposta

RESUMO (1926-1961)

Um anel de montanhas rosadas, um vale largo e profundo com um rio atravessando e caindo em um tanque construído por um imperador há cerca de seiscentos anos atrás – esse é o cenário que abriga a aldeia de Puttaparthi. Foi a moradia de um líder que governou a área no passado. Mais tarde, tornou-se deserta e isolada, mas o solo continuou a ser um berço de santos e eruditos. A família do líder, os Rajus, continuou a liderar e a guiar, a ensinar e treinar a juventude da aldeia.

Kondamaraju foi um venerável ancião que construiu um templo para Sathyabhama, a consorte temperamental do Senhor Krishna. Ele conhecia os textos antigos e as escrituras. Seu filho mais velho recebeu dele o nome de um famoso recluso que adornou a árvore genealógica da família, Venka Avaduta (Venka, aquele que se afastou de todos os apegos das coisas terrenas. Avaduta – renunciante, recluso); ele o chamou de Venkapa Raju. Esse filho se casou com uma parenta distante, uma filha que nasceu após a construção de um templo que o pai dela dedicou a Shiva (sob o nome de Ishwara), e que por isso recebeu o nome de Ishwara-amba. Era um casal piedoso, calmo e feliz. A única distração que Venkapa se permitia era “encenar” papéis épicos no palco da aldeia, assim como fizera seu pai Kondamaraju. Eles tiveram um filho e duas filhas. Então, a 23 de novembro de 1926, nasceu outro filho, Sathyanarayana, que logo mostrou sua natureza e realizações singularmente divinas.

Seus colegas o chamavam de guru (mestre), pois Ele sempre os estava corrigindo e confortando. Consolava-os quando estavam aflitos e nunca parecia ficar irritado ou cansado. Era um doador liberal, mesmo naquela tenra idade, pois tirava, de sacolas vazias, doces saborosos, lápis, pedaços de borracha, brinquedos, flores e frutas para eles. Quando perguntado como os conseguira, respondia: “A divindade da aldeia me dá o que desejo”. Isso era apenas para aplacar a sede deles, era a única resposta que podia acalmar as suas dúvidas. Porém a maravilha permanecia!

Ela aumentou quando Ele foi para a escola. Lá ganhou o apelido de Brahmajnani, que significa “aquele que adquiriu a sabedoria que revela a Realidade Interna”. Que apelido para um menino de seis anos! Com oito anos, Sathyanarayana decidiu revelar o Seu mistério através de um milagre dramático. Quando Seu professor Lhe ordenou que ficasse de pé sobre o tablado, pela falta de atenção à aula, Ele “desejou” que o professor ficasse grudado em sua cadeira até que Ele pudesse sentar. Após esse acontecimento, ficou conhecido na região. Era simples e doce apesar de toda essa publicidade. Formou um grupo de orações com os meninos da aldeia e os levava de um lugar a outro, cantando com alegria os hinos que escrevia e ensinava.

Era adepto da dança e da música, e também da arte de representar. Além disso, Seus talentos foram utilizados até por companhias de teatro que viajavam pelo país. Teve a ousadia de escrever músicas para elas e para Si mesmo e até trechos de diálogos quando tinha quase doze anos. Acompanhou o irmão mais velho a Kamalapur e Uravakonda, onde ele trabalhava como professor do dialeto télugo; na escola e na região, Sathyanarayana ultrapassou até os professores, pois brilhava como poeta, autor dramático, escoteiro, esportista e cantor, com um padrão de qualidade sem par. Tinha também o poder misterioso de descobrir coisas perdidas, ler os pensamentos das pessoas, ver o futuro e mergulhar no passado. Tornou-se o favorito da cidade, e era muito procurado pelos necessitados e oprimidos.

Estudou os primeiros anos do curso secundário e estava, havia algumas semanas, no segundo ano, quando o chamado da tarefa que o trouxera entre os homens não pôde mais ser ignorado por Ele. Já achava difícil ocultar a Sua majestade nas conversas sem sentido da casa e da escola quando, em um piquenique com seu irmão e outras pessoas, entre as ruínas da antiga capital do Império Vijayanagar (Hampi), foi visto por eles como Ishwara, bem no local onde o ídolo fora instalado no Templo de Virupaksha. No dia 8 de março de 1940, não pôde deixar de sair do corpo para socorrer um devoto que passava por uma aflição. Isso foi mal entendido por Seu irmão e pelos outros como a mordida de um escorpião ou de uma cobra, ou um tipo de desmaio, ou um ataque de histeria. Os médicos, naturalmente, não conseguiram um diagnóstico correto. Foram tentados curandeiros e feiticeiros, todos erraram e somente o torturaram e provaram que o corpo pode sofrer uma grande dor e permanecer firme e sereno.

Finalmente, na aldeia de Puttaparthi, no dia 23 de maio de 1940, enquanto distribuía presentes para todos que o procuravam, Baba declarou que Ele era Sai Baba e que tinha voltado para salvar a humanidade da sua queda. Pediu a eles que O reverenciassem todas as quintas-feiras, como um primeiro item de disciplina espiritual. De volta a Uravakonda, mesmo freqüentando a escola, Sathyanarayana foi adorado

como Sai Baba, o santo de Shirdi que voltara, conforme a promessa que fizera em Shirdi. Manchiraju Thammiraju, o professor, que adorava Sathyanarayana mais do que a qualquer outro membro da equipe, escreveu sobre essas quintas-feiras – de como Sai Baba, seu aluno, distribuía, entre aqueles que se reuniam para orar em grupo, a cinza sagrada ou outros presentes curativos da graça, como um pedaço do manto que Sai Baba usou em Shirdi (o santo fora enterrado em 1918) que Ele trouxe com um simples gesto de Sua mão! Centenas de pessoas costumavam rodeá-Lo e interrogá-Lo sobre todos os assuntos, e Ele respondia com calma e correção.

Ele foi, durante o Mahashivarathri (um dia santo dedicado à adoração de Shiva), a um templo de Shiva, fora de Uravakonda, com alguns companheiros, incluindo o filho de Thammiraju, Sairam, e os jovens ficaram estupefatos ao ver um raio brilhante fluindo de Sathyanarayana em direção ao ídolo de Shiva e outro fluindo de Shiva para Sathyanarayana. Em uma quinta-feira, Ele informou à esposa de Kasibatla Ramamurthy: “Coloquei um quadro em seu altar; vá e adore-o”. Ela correu até lá com alguns vizinhos e, abrindo as portas que estavam trancadas, com as venezianas das janelas bem fechadas para evitar que os macacos entrassem, descobriu um quadro de Sai Baba de Shirdi no altar da sua casa! Ele introduziu ou criou esses quadros dentro de várias casas naquela época – quadros que proporcionavam às pessoas o seu primeiro contato com o santo de Shirdi.

As experiências de Thammiraju foram surpreendentes. Sathyanarayana, uma noite, chegou à sua casa e lhe mostrou, na parede da sua modesta casa, como em um cinema, as formas sagradas das dez encarnações do Senhor, além de pinturas, que pareciam vivas, de vários sábios e santos mencionados nas escrituras sagradas. Sua esposa ficou tão comovida com essa experiência inspiradora, que escreveu um poema em télugo sobre ela, publicado na revista *Sai Sudha*, de Madras. Em outro dia, Sathyanarayana deu a ele um retrato de Shirdi Baba por meio de uma maneira nova e assombrosa – um abelhão entrou em seu quarto por uma janela aberta com algo enrolado em suas patas. Ele deixou-o cair e voou para longe. O papel foi desenrolado – era uma pintura de Shirdi Sai. Poucos dias depois, um macaco empoleirado na janela, do lado de fora do seu quarto, jogou uma pequena trouxa de pano para o lado de dentro. Quando a trouxa foi aberta, escreveu Thammiraju, encontraram um pacote de balas e uma carta de Sathyanarayana que estava longe, em Puttappathi. E o que dizia a carta? “Outro dia lhe enviei um retrato Meu pelo abelhão; hoje estou enviando um alimento consagrado (*prasadam*) para você”. Outras pessoas também tiveram experiências surpreendentes com os poderes divinos do adolescente Baba, mas Ele estava somente anunciando o momento da Manifestação Total e Declaração Final.

O dia 20 de outubro de 1940 foi a data que Ele escolheu. Ao retornar mais cedo que o costume da escola, naquele dia Ele atirou os livros para o lado de fora da porta da casa do Seu irmão e, quando Sua cunhada veio saber a causa daquele barulho, ficou surpresa ao vê-Lo dizer: “Eu não pertencço a vocês, estou partindo. Tenho um trabalho a fazer”. Então desceu e tomou a estrada. “Os que Me são devotados estão chamando por Mim. A tarefa pela qual vim está ainda inacabada; estou começando agora”, disse Ele. E saiu caminhando vigorosamente. Foi abordado pelo vizinho, um homem erudito, Narayana Sastry, que correu e tentou impedi-Lo. Tinha um pouco de medo do menino, pois, um dia, Ele o chamara quando explicava um texto difícil em sânscrito e corrigira a sua interpretação. Dessa vez, quando censurou o menino, viu um halo em torno de Sua cabeça e ficou emudecido. O irmão também não conseguiu fazê-Lo voltar. Sathyanarayana lhe disse: “A ilusão acabou; não pertencço mais a vocês. Eu sou Sai Baba”.

Baba foi até o jardim em torno da casa do fiscal de impostos, que era grande e ao ar livre. Sentou-se sob uma árvore, em cima de uma pedra, com toda a cidade à Sua volta. Imediatamente inaugurou os cânticos devocionais que logo se espalharam, rápida e dramaticamente, por todos os cantos e recantos desta vasta terra, revolucionando hábitos e atitudes, natureza e caráter de centenas de milhares de pessoas. A primeira cantiga que Ele ensinou para despertar a massa da humanidade foi um convite para a entrega aos Pés do Guru, que tão misericordiosamente surgira. Continha também uma lição que Baba enfatizou desde então: a de que os cânticos sagrados ou adoração reverencial devem ser um movimento mental e não um exercício oral. Foi ela:

“Maanasa bhajare gurucharanam, dustara bhavasaagara tharanam”.

(Ó sim, buscadores! Adorem os Pés do Guru com toda a sua mente e poderão então atravessar o oceano da tristeza e da alegria, do nascimento e da morte.)

Sai Baba retornou a Puttaparthi, ou melhor, foi trazido pelos “pais”, que Lhe pediram que não deixasse a aldeia. Agora, todos os dias eram quintas-feiras e grandes grupos de pessoas se reuniam para ter o Seu *darsan* e bênçãos. Baba passava a maior parte do tempo, na aldeia, na casa do brâmane Karnam (contador hereditário da aldeia) da aldeia, onde a idosa Subbamma atendia aos peregrinos com atenção e amor. Realizava os desejos de várias pessoas, que variavam de uma visão de Dwarakamayi (ruínas da mesquita onde Sai Baba passara seus dias) em Shirdi, até a cura de uma úlcera ou dor. Na maioria dos finais de tarde, Se sentava entre os devotos, nas areias do rio Chithravathi e criava, das areias, imagens, quadros, ídolos, doces e frutas. Subia as colinas próximas e proporcionava aos grupos que ficavam embaixo visões do esplendor e fulgor associados a Shiva, Narayana, Kumaraswamy e outras formas de Deus. Tirava, dos ramos de um tamarineiro que crescia na colina, maçãs, mangas, figos, bananas e uvas e os distribuía entre os devotos. Mostrou-Se a eles como Krishna, como qualquer uma das dez encarnações de Vishnu, ou como Shiva.

Proporcionou também orientação a todos que lutavam ao longo do difícil caminho da disciplina espiritual. Por exemplo, chegou a Puttaparthi um monge coxo, que seguia dois preceitos populares: não falava, somente escrevia o que tinha a dizer e se recusava a usar roupas. Baba viu nisso um ascetismo exibicionista. Pediu a ele duas coisas: que se retirasse para a floresta para realizar sua disciplina espiritual (assegurou-lhe que garantiria a ele alimento e abrigo mesmo lá) e que salvasse seus devotos da ignomínia e preocupação. Resumindo, mostrou que falar e usar roupas não eram desvantagens no esforço espiritual. Esse incidente aconteceu quando Baba estava com quase dezesseis anos. As pessoas acharam que esta era a tarefa para a qual Ele tinha vindo: corrigir e guiar os homens que se desviaram.

Um devoto tinha assumido grandes débitos e decidira fugir para Burma ou para a Malásia. Foi até a Baía de Madras para comprar a passagem para a viagem, mas o seu bolso estava furado. Sem um tostão, ele voltou para o hotel. Havia uma carta de Baba sobre a mesa aconselhando-o, na verdade exigindo, que retornasse e enfrentasse o problema. Assim ele fez, e hoje está tranqüilo e feliz com sua esposa e filho, a quem decidira abandonar. Como Baba sabia do seu endereço em Madras?

Ao ouvirem que Sai Baba voltara, muitos que tinham estado em Shirdi e outros que tinham perdido a esperança de ver o santo, acorreram a Puttaparthi. Eles O levaram a Hyderabad, Bangalore, Madras, Karur, Trichinopoly e Udumalpet. Marajás e proprietários de terras, camponeses e comerciantes, médicos e advogados afluíram à casa de Subbamma e, posteriormente, ao pequeno templo que ela e outros devotos construíram para Baba.

Baba estava então com vinte anos. Seu irmão mais velho, Seshamaraju, professor de télugo, não conseguia compreender o mistério desse fenômeno. Observava, com consternação crescente e amor fraterno genuíno, a procissão de carros que chegava à margem direita do rio e carregava seu ‘simplório irmão da aldeia’ para as cidades que brilhavam além do horizonte, cheias de tentações e ciladas. Alguns comentários na imprensa, surgidos da ignorância, o entristeciam. Então ele escreveu uma carta ao irmão, aconselhando-O e compartilhando a lição que tinha aprendido na vida sobre a sociedade e as fraquezas humanas, a fama e seus seguidores.

A resposta que Sai Baba escreveu, em 25 de maio de 1947, encontra-se comigo. É um documento que revela Baba em termos inconfundíveis. Por isso, devo permitir que a conheçam:

“A todos aqueles que me são devotados” (embora a carta tenha sido escrita para o irmão, ela foi endereçada a todos, inclusive a você e a mim, pois é essencial que você e eu conheçamos a verdadeira natureza do fenômeno que surgiu para o nosso bem).

“Meu querido! Recebi o comunicado que você escreveu e enviou. Nele encontrei as primeiras torrentes da sua devoção e afeto junto com as dúvidas e ansiedade subjacentes. Deixe-Me dizer-lhe que é impossível sondar os corações e descobrir as naturezas dos estudiosos, iogues, ascetas, santos e sábios e seus semelhantes. As pessoas são dotadas de uma variedade de características e atitudes mentais, por isso cada uma julga de acordo com o seu próprio ponto de vista, fala e argumenta à luz da sua própria natureza. Mas devemos nos ater ao nosso próprio caminho, à nossa própria sabedoria, nossa própria resolução, sem nos afetar pela aceitação popular. Como diz o provérbio, é somente a árvore carregada de frutos que recebe as pedradas dos passantes. O bom sempre provoca a calúnia do mau; o mau sempre provoca o escárnio do bom. Esta é a natureza deste mundo. Seria surpresa se tal não acontecesse”.

“Devemos também ter piedade das pessoas, mais do que condená-las. Elas não sabem. Não têm paciência para julgar corretamente. Estão cheias de desejo, raiva e preconceito para ver com clareza e conhecer totalmente. Por isso, escrevem todo tipo de coisas. Se soubessem, não falaria ou escreveriam

assim. Nós, também, não deveremos dar valor a esses comentários e nos magoarmos, como parece ter acontecido com você. A verdade certamente triunfará um dia. A inverdade jamais vencerá. Ela pode parecer triunfar sobre a Verdade, porém a sua vitória se esvaecerá e a verdade brilhará”.

“Não cabe aos grandes se envaidecerem quando as pessoas oferecem reverência e recuarem quando escarnecem. Na verdade, nenhum texto sagrado estabelece regras para regular as vidas dos grandes, prescrevendo hábitos e atitudes que eles devem adotar. Eles mesmos sabem o caminho que devem trilhar; sua sabedoria regula e torna os seus atos sagrados. A autoconfiança e a atividade benéfica – essas duas são a sua marca especial. Eles também podem se engajar na promoção do bem-estar dos devotos e distribuir entre eles os frutos dos seus atos. Por que você se deixa afetar pela dúvida e pela preocupação se eu sigo essas duas diretrizes? Afinal, o louvor e a difamação do povo não tocam o Espírito, a Realidade; eles podem atingir somente a estrutura física exterior”.

“Eu tenho uma Tarefa: cuidar da humanidade e assegurar que todos vivam em total bem-aventurança. Eu tenho um compromisso: conduzir novamente para o bem todos que se afastarem do caminho correto e salvá-los. Estou ligado a um trabalho que amo: acabar com o sofrimento dos pobres e dar-lhes aquilo que lhes falta. Tenho uma ‘razão para Me orgulhar’, pois, resgato a todos os que me adoram e reverenciam de modo correto. Tenho minha definição de devoção. Espero que aqueles que me sejam devotados lidem com a alegria e a tristeza, com o ganho e a perda com igual coragem. Isso significa que nunca abandonarei aqueles que se ligarem a Mim. Estando engajado à minha tarefa de promover o bem, como o Meu nome poderia ser manchado como vocês receiam? Aconselho-os a não considerarem essas conversas absurdas. Os *mahatmas* (grandes almas) não adquirem grandeza pela afirmação de alguém de que são grandes e nem se tornam pequenos quando alguém diz que o são. Somente os seres inferiores, que se entopem de ópio e maconha, e proclamam que são iogues excelentes, somente aqueles que citam as escrituras para justificar a sua gula e orgulho, somente aqueles eruditos secos como a poeira que se rejubilam pelo seu casuísmo e habilidades de argumentação, são movidos pelo elogio ou pela difamação”.

“Você deve ter lido as histórias da vida de santos e de personagens divinos. Nesses livros, deve ter lido sobre falsidades ainda maiores e imputações mais hediondas lançadas contra eles. Esse é o quinhão dos *mahatmas*, em todos os lugares e em todas as épocas. Por que então levar essas coisas tão a sério? Não ouviu falar dos cães que uivam para as estrelas? Por quanto tempo prosseguirão? A autenticidade logo vencerá”.

“Não desistirei da Minha missão e nem da Minha determinação. Sei que as levarei adiante. Encararei a honra e a desonra, a fama e a censura que podem ser a conseqüência, com igual equanimidade. Internamente não estou preocupado. Ajo no mundo exterior. Falo e caminho pelo bem do mundo exterior e para anunciar a Minha vinda para as pessoas; por isso não Me preocupo com essas coisas”.

“Não pertenço a nenhum lugar; não estou ligado a nenhum nome. Não tenho o ‘Meu’ ou o ‘seu’. Respondo a qualquer nome que você chame. Irei aonde for levado. Esse é o Meu primeiro compromisso. Não revelei isso a ninguém até agora. Para mim, o mundo é algo longínquo, à parte. Ajo e Me movimento somente pelo bem da humanidade. Ninguém pode apreender a Minha glória, seja quem for, por nenhum método de investigação, seja qual for o tempo dedicado a isso”.

“Você verá por si mesmo toda a Glória nos próximos anos. Os devotos devem ter paciência e tolerância”.

“Não estou preocupado ou ansioso para que esses fatos sejam conhecidos; não tenho necessidade de escrever essas palavras. Eu as escrevi porque senti que você ficaria magoado se Eu não respondesse. Do seu Baba”.

Que carta fantástica esta! É uma epistola épica; uma abertura da cortina, para nos dar um rápido vislumbre de Deus nessa forma humana!

Não é de se estranhar que centenas afluíram para a aldeia de Puttaparthi para obter o *darshan* de Sai Baba e conseguir os benefícios que a Graça de Deus pode conceder aos mansos, aos humildes e aos aflitos. O templo construído na aldeia para substituir o pequeno quarto próximo da casa de Subbamma também teve de ser modificado; os festivais de Navarathri e Shivarathri atraíam centenas de milhares, especialmente este último, porque os símbolos do Shiva, que é Ele, formavam-se nEle e emergiam na hora sagrada que as escrituras declaram ser auspiciosa e significativa. Os devotos regozijavam formando procissões pelas ruas da aldeia a cada dia durante o Navarathri, ou festival das nove noites.

Então, foi escolhido um local do lado de fora da aldeia onde foi construído um espaçoso Salão de Orações e Residência. Baba o chamou de Prashanthi Nilayam, a Morada da Paz Celestial, pois Ele, a fonte, o mantenedor e a sustentação daquela paz, o tinha como a Sua morada visível. Desta Nilayam, a mensagem

de que cada coração humano deve ser transmutado em uma Prasanthi Nilayam está irradiando em todas as direções, e a disciplina necessária para essa alquimia está sendo ensinada com solidariedade e compreensão a toda a humanidade.

Sai Baba refere-Se a Si mesmo como Sai Baba e a Sai Baba de Shirdi como o “Meu corpo anterior”. Fala da Sua descida, como Rama e Krishna, para a restauração da verdade e da moralidade, da paz e do amor entre os homens, para instilar a fé em Deus entre os homens que O negam, devido ao orgulho e ignorância e para salvar os bons das garras dos maus. Anunciou que, até os dezesseis anos, Ele estaria voltado principalmente para as conquistas esportivas e, depois, até a idade de trinta e dois anos, estaria atraindo as pessoas através de *mahimas*, ou milagres, pois, como disse tantas vezes, sem esses ‘cartões de visita’ ninguém poderia avaliar sequer uma fração da Sua glória. “Eu lhes dou aquilo que desejam para que possam desejar aquilo que vim para dar”, é o que Baba disse em Shirdi no Seu corpo anterior. Esses milagres vão desde a revelação para os que vão a Ele, de seus passados e futuros, até moldar seus futuros como Ele deseja que sejam. Com um ondular da Sua mão, Ele transforma o ar em cinza sagrada, doces, imagens, ídolos, flores, frutas, livros, tigelas, rosários, crucifixos, medicamentos, bonecas - resumindo, em todas as coisas às quais o homem está acostumado e também em várias outras que ele desconhece.

“Se eu tivesse vindo até vocês como Narayana, com quatro braços segurando a Concha, a Roda, o Bastão e o Lótus, vocês teriam Me colocado em um museu, cobrando uma taxa de quem quisesse o *darhsan*. Se tivesse vindo como um homem comum, vocês não respeitariam os meus ensinamentos e só os seguiriam para o seu próprio bem. Por isso tive de vir nesta forma humana, com sabedoria e poderes sobre-humanos”, disse Baba. Baba é, a cada momento, o guia espiritual, que é o Seu papel principal, embora tenha dito que iniciará Seu *Upadesh*, ou Ensino, somente quando tiver trinta e dois anos. Ele foi sempre gentil durante essa espera, removendo a ignorância dos homens, ignorância que os conduz à guerra e à ruína.

Desde 1947, Baba emergiu como o Grande Professor do Povo. Naquele ano, Ele presidiu a Conferência da Vida Divina de Toda a Índia, em Venkatagiri, e todos aqueles que O ouviram, monges, eruditos ou literatos, camponeses ou donos de indústrias, jovens ou velhos, homem ou mulher, foram tocados por uma estranha alegria no novo mundo do espírito. Depois disso, Swami Sadananda, autor dos comentários sobre os aforismos do ioga de Patânjali e de outros livros valiosos, e também Swami Satchidananda O seguiram por meses e O persuadiram a visitar Rishikesh, Délhi, Matura e Brindavan. Eles tiveram a boa sorte de testemunhar alguns milagres surpreendentes e de ouvir várias interpretações consistentes da doutrina religiosa e da disciplina espiritual, que difundiram com entusiasmo entre aqueles com quem entravam em contato. Baba os tornou instrumentos Seus para anunciar o Seu advento.

Na verdade, todas as pessoas que O procuram para conseguir uma cura física ou para superar alguma deficiência temporal ou para serem orientadas sobre um umbral espiritual que não conseguem ultrapassar tornam-se arautos das notícias de que um fenômeno divino surgiu sob a forma humana, convidando a todos, com doçura e amor, a receber dEle a alegria e a paz, a segurança e a libertação.

Em fevereiro de 1958, na ocasião sagrada do Shivarathri, Baba inaugurou uma revista mensal para levar Seus ensinamentos a todos os lares, uma revista que Ele chamou de *Sanathana Sarathi* (O Eterno Condutor), cujo propósito é nos levar ao âmago da paz, da paz duradoura. Essa revista é publicada em inglês e em várias outras línguas a partir do original em télugo e leva Baba até milhares de casas e corações. Ela tem sido também um veículo para uma série de livros escritos pelo Divino e também para os discursos inimitavelmente sábios e simples que Baba profere em cidades e aldeias que visita, atendendo a pedidos de devotos.

O renascimento do *dharma* (a vida disciplinada do espírito afetando cada detalhe do processo da vida, visando sempre à libertação das conseqüências da ignorância) é o propósito declarado de todas as encarnações do Divino. Baba também veio com essa mesma tarefa. A restauração do estudo das escrituras, dos costumes clássicos, da oração, do ritual no templo, da vida simples e do pensamento elevado, da piedade e da virtude – esses são os itens do programa de elevação que Baba assumiu.

Suas visitas aos templos antigos de Ayodya, Varanasi e Badrinath foram para “carregar as baterias que haviam ficado fracas”, disse Ele.

Esses são apenas pequenos exemplos do Seu imenso amor pela humanidade. Sua ministração aos doentes, insanos, desesperados e oprimidos e as Suas “viagens extracorpóreas” para salvar homens de calamidades ou para abençoá-los no momento da partida da prisão física revelam a Sua missão de *bhaktarakshana* (guardião do Bem). Seu toque, Sua palavra, a mera visão desse Ser abriu um novo capítulo nas vidas de vários pecadores, avarentos e ateus, de preguiçosos, agnósticos e ascetas.

A edição revista da primeira parte deste livro, publicada em 1961, discorre sobre a vida divina de Sri Sathya Sai Baba até a sensacional visita a Badrinath.

Estou grato por esta oportunidade de continuar com os registros inspiradores nesta segunda parte do mesmo livro, para o qual o único título possível é *Sathyam Shivam Sundaram*, pois a Sua natureza e realidade são a Verdade, a Luz e a Beleza e *Sat, Chit e Ananda*, Existência, Consciência e Bem-Aventura.

O AÇÚCAR E AS FORMIGAS

Vários aspirantes e buscadores revelaram o desejo profundo de permanecerem como uma formiga, provando do açúcar, que é Deus, grão por grão. Não querem tornar-se o açúcar, pois não saberiam como prová-lo. Quando alguém pede a Baba que reduza o número de dias que Ele fica fora de Prasanthi Nilayam, em viagem, Ele responde: “Sim, você acha que é mais apropriado que as formigas venham até o açúcar, mas considere isto: como os pobres, os doentes, os idosos, os enfermos para quem Eu vim poderão viajar até Prasanthi Nilayam? Devo ir até eles - e falar com eles - para que possam construir suas próprias casas e corações como Moradas da Paz”. Essa é a razão pela qual Baba vai a todo lugar onde a Misericórdia O leva e a Agonia O impele.

Como descrito no primeiro volume deste livro, Baba voltou de Badrinath no dia três de julho de 1961. Falando sobre a viagem a Badrinath para um grupo reunido em Bukkapatnam, próximo a Nilayam, Baba disse: “Vimos milhares de homens e mulheres idosos e decrepitos, além de outros mais jovens e mais fortes, enfrentando o frio e a fome, a tempestade e a chuva, os perigosos deslizamentos de terra na estrada, caminhando com dificuldade, sem se importarem com o custo ou a distância, para obter um vislumbre do Narayana lá instalado. Quando estive em Ayodhya, pude ver e sentir a recitação constante do nome de Rama por quase todas as pessoas dali. Muitas vezes, Me perguntam onde o *dharma* se refugiou nesta Era de Ferro (*Kali Yuga*). Bem, o *dharma* ainda floresce nos corações destes milhares, respondo”.

Baba partiu para a cidade de Missore no final do mês, pois os devotos de lá queriam a Sua presença no *Guru Purnima*, a lua cheia dedicada à adoração do mestre espiritual. Naquela noite, Ele lembrou a uma assembléia de 20000 pessoas que Mysore era famosa pela fragrância do seu sândalo e pelo talento musical do seu povo. “Mas desejo é que a fragrância do Amor Divino permeie cada ato de vocês; desejo que a harmonia e a melodia da música estejam em cada início de pensamento, cada broto de emoção, cada começo de frase. O guru é adorado, na Índia, como um médico que corrige a visão com um unguento medicinal chamado conhecimento espiritual. Ele cura outras doenças também, doenças que afligem a mente e aguilhoam o julgamento, como a deformação da malícia, a anemia da inveja, a febre da ganância e a paralisia do ódio. Vocês devem buscar um guru que possa diagnosticar corretamente e prescrever tanto o medicamento quanto a dieta. Devem seguir ambos com cuidado e fé. Se não houver um preceptor humano disponível, a oração propiciará que o Mestre interior desperte e os guie”.

Referindo-se ao pânico que foi avivado pelos astrólogos do Oriente e do Ocidente sobre uma conjunção agourenta de oito planetas entre os dias 2 e 5 de fevereiro de 1962, explicou que eles somente “pareceriam” estar associados ao longo de uma linha e que não havia razão para ter medo. “Muitos estão aconselhando que vocês busquem os favores dos deuses para que eles os poupem das calamidades. Pessoas estão coletando fundos para realizar rituais que podem afastar o fogo e a fúria previstos. Não sou contra as preces e rituais, pois eles são benéficos por si sós, independentemente de fenômenos planetários. Mas não se confundam, convidando o terror para entrar em seus corações. Não haverá uma convulsão na natureza, nenhum tornado ou inundação torrencial, nenhum dano à Terra ou ao céu! A única calamidade que ocorrerá é o confisco do depósito em dinheiro por alguns candidatos derrotados que contestarão as eleições gerais deste mês”.

Durante a semana fatídica, Baba foi uma bateria de força para milhões de pessoas em pânico. Apaziguou o medo fomentado por videntes de vários países. Lavagnani, astrólogo mexicano, citado pela conhecida revista “Weekly”, da Índia, escreveu: “Pode ser particularmente perigoso viajar nesses primeiros dias de fevereiro, tanto por ar quanto por mar, e, até em alguns lugares, dormir dentro de casa”. Um astrólogo indiano, com uma vasta clientela americana, escreveu: “Um tipo grave de terremoto e grandes ondas de frio acontecerão como resultado da combinação de fevereiro de 62”. Lutas civis, tensões raciais, crises militares, revoltas políticas e fome foram previstos por videntes populares, tanto “científicos como não-científicos” em quase todos os países. Muitas pessoas vieram a Prasanthi Nilayam para estar naquele céu de paz durante a semana crítica.

Usufruindo Seu Amor e Graça que trazem coragem e força, muitos devotos ficaram tentados a acreditar em outro grupo menor de astrólogos que chegara a outra conclusão. Bellairs, de Joanesburgo, disse: “A situação planetária pode se referir à chegada de um Novo Mestre do Mundo, Seu nascimento ou o início do Seu ministério”. Houve também uma frase amplamente divulgada de A.N. Chandra: “Essa configuração única pode até indicar o advento de um grande líder religioso que trará conforto para os

sofredores e atormentados do mundo atual”. Eles sabiam que o novo Mestre do Mundo *tinha* chegado e iniciado o Seu ministério. Sabiam que Baba estava proporcionando conforto para os sofredores e atormentados do mundo atual. Na verdade, Ele estava anunciando isso como a tarefa pela qual tinha vindo.

De Misore, Baba foi para o Santuário da Vida Selvagem, chamado Abayaranyam (A floresta onde não existe o medo). Baba ama encontrar os habitantes da floresta rastejando, arrastando, marcando a trilha, caminhando, voando, de nascimento a nascimento, em direção aos Seus Pés, pois eles também são Seus filhos. Antes de terminar a quinzena, esteve em Hyderabad para uma curta visita, e dali foi de automóvel até Udumalpet, a 960 longos quilômetros, para abençoar um hospital e uma faculdade. Retornando via Madurai, chegou a Ootacamund, a jóia da coroa das montanhas Nilgiris, rainha entre as estações montanhosas da Índia, onde ainda estão preservadas tanto a simplicidade quanto a sanidade espiritual. Os habitantes tiveram Baba com eles no Krishna Janmastami, o aniversário de Krishna, que é adorado e amado na Índia por todas as mães e filhos do país, por todo acadêmico e sábio, por todo filósofo e erudito, por todo buscador e santo. Baba disse para o grupo que Krishna era a própria encarnação do amor divino, que Seu nome significa “Aquele que atrai, traz a mente para Si”. Lembrou a eles que aqueles que adoram Krishna devem cultivar esse amor. Krishna significa também “arar, plantar e crescer”, portanto toda pessoa que reverencia Krishna deve arar o campo do seu coração, remover as ervas daninhas da paixão, semear as sementes do amor e cuidar das plantas com carinho e vigilância até que os brotos do seva (serviço amoroso) produzam os frutos de ananda (bem-aventurança).

Dasara, em 1961, que aconteceu logo depois, foi memorável por várias razões. No primeiro dia, Baba concedeu um vislumbre da Sua Glória, quando anunciou: “Vocês leram que o Senhor salvou Draupadi da humilhação, Gajendra do lodaçal, Arjuna da derrota, Ahalya da petrificação, Dhruva da ignomínia, Prahlada da aniquilação. Vocês não conhecem outros incontáveis atos da Graça. Da mesma maneira, para cada ato da Graça que conhecem, que esta forma realizou, existem milhares que vocês não conhecem. Rama foi a encarnação da Verdade e do Dharma; Krishna da Paz e do Amor Divino. Agora, quando a destreza vale mais que o autocontrole, quando a ciência ri da disciplina espiritual, quando o ódio e o medo obscureceram o coração do homem, Eu vim, encarnando os quatro. Vim equipado com esses Poderes que os auxiliarão a entrar em contato coMigo e a conseguir os benefícios da Minha vinda. Manifesto esses poderes, pois eles Me ajudarão a conferir os benefícios que planejei como dádivas que vocês merecem. Em pouco tempo, alguns anos, que podem ser contados nos dedos de uma das mãos, virão aqui os sofredores, os aspirantes e os buscadores de todas as partes do mundo. O número será tão grande, que somente o céu poderá ser o telheiro que os abrigará”. Em outro dia, 21 de outubro, Ele anunciou que a Sua missão para o renascimento do *dharma*, para a qual tinha vindo, *havia* começado. “Até agora, estava no estágio preparatório. De agora em diante, o trabalho prosseguirá sem diminuir a velocidade. Cabe agora a vocês participar nesta campanha para a libertação do homem da sua ignorância. Em nenhuma era precedente, os homens tiveram tantas e tão claras indicações do advento do Avatar como agora”.

Em 23 de novembro de 1961, durante as celebrações do Seu aniversário, o livro *Sathyam Shivam Sundaram*, escrito em inglês, do qual este volume é a segunda parte, a primeira biografia integral de Baba foi reverentemente colocado em Seus Pés por mim, a quem Ele graciosamente escolheu como instrumento desta tarefa. Baba disse: “Vocês devem ficar surpresos porque permiti a publicação de um livro sobre a Minha vida. *Ramayathi-ithi Rama* (Aquele que dá alegria é Rama). A alegria que surge nos corações devotados é a alegria que agrada ao Senhor. A alegria do Senhor é a recompensa que os corações devotados buscam. Respondi às preces dos devotos e permiti que ele o escrevesse. O título, ***Sathyam Shivam Sundaram***, fala de Mim como imanente em cada um de vocês. Pois *Sathyam* é Verdade; vocês se ressentem de qualquer imputação de inverdade. O ‘você’ real é *Sathyam*. Como poderiam aceitar qualquer outro nome? Então vocês também são *Shivam*: alegria, felicidade, contentamento, auspiciosidade. Vocês não são *savam*: morte, miséria, fraqueza. Vocês são *Shivam*. Mais uma vez, o ‘você’ real é *Sundaram*: beleza, harmonia, melodia, simetria. Vocês se ressentem e, muito naturalmente, quando são chamados de feios. Vocês são o *Atma* (alma, espírito), que está enredado no corpo, uma onda de *Sathyam*, *Shivam* e *Sundaram*, brincando no oceano de *Sathyam*, *Shivam*, *Sundaram*, que é o Senhor. Conhecer-Me por meio deste livro ou, mais claramente, por meio do livro da sua própria experiência, é parte do destino da humanidade atualmente. Cada um de vocês precisa ser salvo, e será salvo. Não desistirei, mesmo que se afastem. Não abandonarei nem mesmo aqueles que me negam, pois Eu vim para todos. Aqueles que se afastaram e aqueles que se extraviaram também serão atraídos e salvos. Não duvidem disso, Eu acenarei e os abençoarei”. Precisamos de uma intimação ainda mais clara do que essa sobre a Sua Graça e a Sua Divindade?

Após as celebrações do aniversário, Baba partiu para a aldeia de Repalle, no distrito de Guntur, para instalar, no templo, um ídolo de mármore da Sua manifestação anterior. Baba tinha instalado tais ídolos anteriormente, em alguns lugares como Madras, Coimbatore e no *ashram* de Ayodhya, próximo a Madanapalle. Em Madras, onde santificou o templo em Guindy, no Seu vigésimo segundo ano, o devoto que construiu o templo lavou e reverenciou Seus pés e formulou o desejo de ter uma impressão dos Pés em um pedaço de seda envolto em pasta de sândalo. Baba disse: “Eu lhe darei uma impressão dos Pés de Sai Baba, Meu corpo anterior”! A impressão que aquele pedaço de seda recebeu dos Seus delicados e amorosos Pés foi a de outros Pés, quase com o dobro do tamanho dos Seus e, definitivamente, de uma pessoa com mais de sessenta anos. A seda com a impressão de pasta de sândalo, que Ele proporcionou de modo tão milagroso, para provar que Ele é “o mesmo Baba que veio outra vez”, está lá, dentro do santuário em Guindy, para todos verem.

Sem dúvida, o povo de Repalle ficou exultante quando Baba concordou em instalar a Si mesmo no templo que tinham construído. Não é de estranhar, também, que centenas de milhares de pessoas convergiram para aquele lugar, a fim de obter o *darshan* de Baba. O ídolo teve de ser trazido para o bangalô onde Ele estava, pois as estradas que conduziam ao templo estavam totalmente congestionadas. Enquanto os ritos iniciais eram realizados, Baba criou um pequeno e encantador ídolo de ouro de Sai Baba e colocou-o na cabeça do ídolo. Mais tarde, naquela noite, quando as estradas voltaram a ficar transitáveis, o ídolo foi levado ao templo. Baba colocou a estatueta dourada em uma cavidade no chão e quis que fosse coberta com uma laje de mármore. O ídolo foi instalado sobre a laje. Então, a imagem de ouro criada misteriosamente tornou-se a oculta, mas potente fonte da Graça naquele templo, assim como o *lingam* que Shankaracharya instalou tornou-se a fonte do poder de Narayana em Badrinath. Baba lembrou aos milhares de pessoas reunidas para ouvir as Suas palavras: “Este ídolo é somente um recipiente. O conteúdo é *Sai Tatwa* (Princípio de Sai), que é a essência divina. Vertam essa essência neste recipiente, ele é chamado de Sai Baba. Derramem sobre outro, ele torna-se Srinivasa, Shiva, Krishna ou Rama. Vocês devem agora infundir sua fé e devoção no mármore e torná-lo vivo. Tendo instalado Sai em sua aldeia, instalem-no em seus corações, no altar do Amor Divino, pois Sai é a forma do Amor. Sai não é um habitante de templo. Ele habita somente corações”. Baba, com sua doçura e amor universal, penetra nos corações de todos os milhares de pessoas que O rodeiam em busca do *darshan*. Vários que conseguiram, então, tocar a bainha do Seu manto de seda lembrar-se-ão dEle para sempre.

De Repalle, Baba foi à cidade de Eluru, onde, na Githa Bhavan (Casa de Githa), instalou dois ídolos de mármore, em tamanho natural, de Radha e Krishna. Ele foi a uma recepção que achou muito extravagante. Repreendeu os organizadores: “Quem já ouviu falar do chefe de uma casa sendo recebido nela, por seus filhos, com fogos e bandeiras, poesia e pompa?” Baba criou, para o rito de instalação, as nove pedras preciosas e também um criptograma místico em metal, que pode afastar as forças do mal das oito direções. Disse que Radha e Krishna formam o dueto *prakrithi-purusha* (matéria-espírito), criação e criador, patente e latente. Radha é *adhar* (base) para *dhara* (corrente contínua) de *aradh* (adoração). Isso significa dizer que Radha é o universo criado, que deve ser utilizado pelo homem para descobrir a Divindade imanente nele, a Divindade que é revelada como Verdade, Bondade e Beleza, como *Sat, Chit, Ananda*, como *Sathyam, Shivam, Sundaram*.

De volta a Bangalore, em dezembro, Baba inaugurou uma Sociedade de Eternos Trabalhadores Sociais. Disse: “A palavra *sanathana* (*eterno*), que está no nome da sua sociedade, Me trouxe aqui hoje. Todos vocês são *sanathana*, eternos, embora acreditem que são *nuthana*, novos. Na Índia, a ciência do reconhecimento da realidade do homem, a sua glória e divindade têm sido ensinadas há muito tempo. Somente aqueles que aprenderam essa ciência merecem ser filhos desta terra; os outros, embora tenham nascido aqui, são essencialmente forasteiros”.

Em Bangalore, e também depois em Prasanthi Nilayam, Ele afirmou às pessoas que a *Ashtagrahakuta*, ou a conjunção de oito corpos planetários, que, pela sua iminência, estava obscurecendo as mentes fracas com as nuvens do medo, não trazia nenhum mal. Disse: “Não haverá nenhuma calamidade extra por causa dessa conjunção; na verdade, a confusão que existe irá diminuir! Se o Avatar veio”, perguntou Ele, “por que tremer de medo diante de perigos imaginários?” “Acreditem-Me”, declarou, “nada acontecerá, não há perigo algum”. E, como Baba determinou, nada aconteceu.

No dia sagrado do Shivarathri, em 1962, que aconteceu em 4 de março, Baba aconselhou aos milhares de pessoas que presenciaram a emergência dEle de dois *lingans* de ouro: “Por que discutem e debatem entre si sobre a Minha natureza, o Meu mistério, o Meu milagre, a Minha realidade? Os peixes não

podem medir o céu; o mundo físico pode compreender somente o mundo físico. O olho não pode ver a orelha, embora estejam próximos. Se não conseguem descer até à sua própria realidade, por que perder tempo tentando explorar a essência de Deus? Vocês são como uma platéia que fale tétugo, sentada, vendo um filme tâmil, ou uma platéia malaia vendo um filme japonês. As nuances, os significados mais sutis, a compreensão mais profunda e as inter-relações, os padrões internos do tecido estão além da sua compreensão. Vejam todo o filme, dominem a língua e a técnica, assistam atentos e vigilantes e tentem apreender o significado de cada gesto, ato e palavra. Então poderão saber um pouco de Mim”.

Os festivais em Prashanthi Nilayam proporcionam às pessoas a oportunidade de ouvir os discursos dos sábios letrados nas ciências das disciplinas espirituais e encontrar irmãos e irmãs que viveram o aspecto sagrado, majestoso ou misterioso de Baba. Elas voltam para suas casas cheias de inspiração nascida do discurso fortalecedor da alma de Baba, mais sábias, tristes e muitas vezes com hábitos e impulsos mentais mais puros. Várias permanecem buscando a oportunidade de uma entrevista preciosa com Baba. Por isso, Baba dedica horas sem fim, manhãs, tardes e noites chamando e conversando com milhares que ficam em Nilayam até serem favorecidos e abençoados com uma entrevista. É um sinal claro da Sua Graça que Ele Se ocupe com nossas trivialidades e desejos inoportunos, embora, nos Seus discursos, aconselhe aos homens a desistir dos apegos degradantes do físico e do secular. Sabe que uma exposição maior à Sua Vista e Graça nos alienam da disciplina espiritual e do sucesso.

Baba partiu para Thirupati, após atender a maioria das pessoas que orava por uma entrevista. Foi o festival de Thyagaraja que O atraiu até lá. Thyagaraja, o cantor e santo (nascido em 1847), não apareceu em sonho e direcionou Sri Nagaratnama, sua discípula incomparável a prosseguir até Venkatagiri, para que pudesse receber o *darshan* do “Senhor a Quem ele adorava”? Nagaratnama partiu, perguntando-se quem era o Senhor. Lá, ela viu Baba!

Isso explica a frase de Baba em Seu discurso: “Venho sempre a este Festival, pois o sinto como uma parte da tarefa pela qual Eu vim”. “Thyagaraja desistiu dos prazeres sensoriais; descobriu a alegria suprema da contemplação interior; expressou essa alegria através de tocantes notas musicais, em versos sinceros e simples das canções que tocam o coração e iluminam a inteligência. Thyagaraja conheceu o segredo da entrega. Sem entrega, o homem não atinge a libertação. Anulem o eu e vocês são livres. Como extirpá-lo? Coloquem-no aos pés do Senhor dizendo, ‘Tu’, não eu; e se libertarão das aflições que os esmagam”.

Dasara, 1962! No dia 29 de setembro, o primeiro dos dez dias do festival, enquanto hasteava a bandeira de Prashanthi Nilayam, Baba declarou: “Em Prashanthi Nilayam, todo dia é dia de festival, cada momento é um momento sagrado”. Como diz o ditado: *Nithya kalyanam, paccha thoranam* (festividade perpétua, perpetuamente viçosa). Durante aquele Dasara, Baba inaugurou, de modo claro e inequívoco, a Sua tarefa que definiu como *Vedasamrakshana, Vidwathposhana e Dharmasthapana*. Todos os três são interdependentes: os Vedas são a base do *Dharma*; os *Vidwans* (indivíduos sábios) são os instrumentos e o *Dharma* é a panacéia para a doença da humanidade. Na Gita, o Senhor Krishna afirmou que Ele encarnou a Si mesmo entre os homens para realizar a tarefa do *Dharmasthapana*. A afirmação então, a realização agora! Mantenhamos nossos olhos abertos e acesos para testemunhar as maravilhas do Advento.

Baba visitou o principal santuário *saivita* (seguidores de Shiva) da Índia, Varanasi e o principal santuário *vaishnava* (seguidores de Vishnu), Badrinath, em 1961, para infundir poder espiritual naqueles dínamos da Graça. Em Varanasi, Ele criou uma jóia única para colocar no ídolo de Visweswara, declarando que ela tinha o poder místico necessário para carregar aquele símbolo do Senhor com poder divino. Em Badrinath, retirou, sob a imagem existente de Narayana, um *nethra-lingam*² que, segundo Ele, foi trazido do Monte Kailasa e instalado cerimonialmente ali, por ninguém menos que Sankaracharya, há cerca de mil e duzentos anos. Esse *nethra-lingam*, quando emergiu ao chamado de Baba, criou um capítulo na história: um *lingam*, sendo a base do celebrado santuário *vaishnava*, era uma lembrança bem-vinda da harmonia básica entre *saivitas* e *vaishnavitas*.

A tradição diz que o atual ídolo de Narayana em Badrinath foi atirado por mãos alienígenas no rio Alakananda e que, após um longo e extenuante ascetismo, Sankaracharya foi recompensado com a revelação de que ele estava afundado no Narada Kunda³ daquele rio. Sankaracharya o recuperou e o instalou no seu atual local.

Portanto, quando Baba anunciou que o *nethra-linga* era o núcleo original que deveria ser ‘energizado’ por Ele por meio dos ritos apropriados e das abluções cerimoniais com as águas sagradas do Gangothi⁴, e por folhas douradas de bilva e flores de *thume*, que Baba milagrosamente derramou sobre ele, até os curadores do templo de Badrinath ficaram agradavelmente surpresos.

Baba falou do *linga* como sendo um dos cinco que Sankaracharya trouxera de Kailasa e instalara pela Índia e, por isso, a surpresa aumentou; muitas pessoas ficaram ansiosas para saber mais a respeito dessa missão divina de Sankara. Os que O conheciam aceitaram a exatidão dessa origem santificada do *linga* que tiveram o privilégio de ver por alguns minutos preciosos, naquele dia, e que estava destinado a não ser esquecido. Saligrama Srikantha Sastry foi um dos que ficaram muito ansiosos para descobrir sua autenticidade. Tinha estudado o Sankara-vijaya, a biografia clássica de Sankaracharya. Pesquisara para descobrir a origem dos *lingans* que tinham sido instalados por Sankaracharya nos monastérios fundados por ele. Na resposta que recebera de Sringeri Math, o monastério fundado por Sankaracharya entre as montanhas do oeste do Misore, encontrara uma referência direta a esses *lingans* no Sivarahasya Mahethihasa, um livro que conseguiu obter após pesquisa cuidadosa na biblioteca da Universidade Védica, em Varanasi. No capítulo XVI da seção IX desse livro, é dito que o Senhor Shiva recebeu Sankara em Kailasa e abençoou-o com as palavras: “Você está destinado a estabelecer, no mundo, o ensinamento verdadeiro dos Vedas, i.e., *Adwaita*⁵. Dedique 32 anos da sua existência terrena disseminando esta fé e desarmando aqueles que a depreciarem ou negarem. Aceite estes cinco *lingans* que lhe estou dando agora. Adore-os com *panchakshari*⁶ e com *satharudrabhisheka*⁷. Ofereça as folhas sagradas de bilva e cinza e recite o pranava sagrado (Om). Complete suas três voltas da vitória, dispersando as trevas de *dwaita* (dualismo) e então instale estes *lingans*, deste três vezes sagrado Kailasa, marcado pelo fulgor do Crescente, chamados *Yoga, Bhoga, Vara, Mukthi e Moksha* (união, prazer, aprendizado, realização e libertação), nos locais sagrados escolhidos por você, antes de soltar sua roupagem mortal em Kanchipuram”. Portanto a história do *linga* em Badrinath era autêntica.

O Sankara-vijaya de Anandagiri menciona ter sido um dos *lingans* instalado em Nilakanta-kshetra, que nos lembra a Nilakantaparvatha vestida de neve, a rainha dos Himalaias, por trás de Badrinath, resplandecente em sua pureza brilhante.

Existe um templo em Badrinath chamado “O Kedareshwara Original”. A lenda diz que Vishnu achara que Badri era um bom lugar para fazer penitências, mas, ao descobrir que já estava ocupado por Shiva, lançou mão de um estratagema para tomar posse dele. Assumira a forma de uma criança e começara a chorar

² NR – Nethra-lingan – Uma pedra de perfil elipsóide com uma marca semelhante a um olho (olho da sabedoria espiritual)

³ NR – Narada Kunda é uma fonte de água quente situada próxima ao Templo de Badrinath.

⁴ NR – Geleira, de onde surge o Rio Ganges.

⁵ NR – Doutrina Vedanta não-dualista.

⁶ NR – O mantra Panchakshari é também conhecido como mantra Saranagati

⁷ NR – O Puja Rudrabhishekam, onde o Senhor Shiva é adorado em sua forma Rudra, é saudado em todas as escrituras védicas como um dos mais importantes rituais para remover o mal, realizar todos os desejos e para a prosperidade geral.

em voz alta. Então Parvati pegou o bebê abandonado e cuidou dele, apesar dos protestos de Shiva. Alguns dias depois, quando Shiva e Parvati tinham ido ao rio, a criança assumiu a sua forma verdadeira. Vishnu insistiu em ficar naquele lugar, por isso o casal divino teve de procurar outro pouso bem longe como residência – a moderna Kedarnath.

Essa lenda indica que o santuário de Badri era originalmente saivita e, depois, se tornou vaishnavita. O *linga* de Kailasa deve ter estado ali desde o início, mesmo quando a imagem de Narayana foi instalada no local sagrado. Essas suposições surgem em nossas mentes, quando mergulhamos na história do *linga* que Baba revelou como sendo o “núcleo espiritual” inicial de Badri. Se como Nilakantha-kshetra ou como Kedaran, o certo é que o local onde o templo de Narayana existe agora foi abençoado com um *linga* por Sankaracharya. Podemos somente oferecer nossa reverente homenagem à profundidade imprevisível da consciência divina de Baba, quando recapitulamos a história do *linga* de Badrinath.

Continuando a missão de intensificar a potência espiritual dos maiores santuários da Índia, Baba visitou também a Kasi e a Badri da Índia peninsular, isto é, Srisailam e Pandharpur. Em Srisailam, que Ele visitou em 5 de janeiro de 1963, disse: “Este santuário consolou e confortou milhares e milhares de pessoas piedosas, ano após ano, por séculos. Sankaracharya esteve aqui e cantou a santidade deste lugar e a calma que desfrutou aqui. Instalou um chakra aqui, e Eu posso dizer a vocês que está em uma pequena caverna às margens do Pathala Ganga”. E acrescentou: “A atmosfera dos lugares sagrados deve melhorar. O caráter dos monges que cuidam deles requer uma correção drástica. Isso será feito por Mim como parte do *dharmasthapana* (restauração do *dharma*), a tarefa que vim realizar”.

Srisailam é um santuário impregnado, há séculos, com a devoção profunda de místicos como Akka Mahadevi e construtores da nação como Sivaji. Baba revelou o significado interno dos nomes pelos quais o Senhor e Sua consorte eram adorados em Srisailam: Mallikarjuna e Bhramaramba. Isso também foi algo novo, um presente de Baba para as gerações de devotos. Arjuna significa branco, puro, sem defeito; mallika significa a flor do jasmim branco sem manchas. Então, Mallikarjuna é o Shiva do pico nevado de Kailasa: puro, calmo, resplandecente, com a cinza sagrada espalhada por Ele todo. Ele é a flor perfumada que atrai *amba*, ou a consorte, o aspecto *shakthi* (energia divina) chamado Bhramara (a abelha que é atraída espontaneamente pelo mel da Graça). Ela é a representação verdadeira do devoto ardente, e Mallikarjuna é a concepção mais pura do Deus que verte a Graça, que concede o pedido sincero.

Enquanto estava no interior do santuário, Baba cobriu Mallikarjuna com flores de *tume* (Leucas linifolia), as quais criou no momento, com um gesto da mão. Esse foi o rito cerimonial para multiplicar a potência e melhorar a santidade do local de adoração.

Pandharpur e os santuários de Panduranga e Rukumayi estão entrelaçados à história dos *maratas* e *kanadas* (povos do sul da Índia) e a milhões de outros, através da inspiração que proporcionaram, há séculos, a uma longa linhagem de santos, místicos e poetas, famosos pelas canções que surgiram de suas experiências de êxtase. Purandaradas, o grande cantor itinerante da glória de Panduranga, era um santo kanada; Tukaram e um grupo de outros bravos servos de Deus eram do estado de Maharashtra. Ainda menino, Baba reuniu um grupo de companheiros na aldeia de Puttaparthi, o qual dançava e cantava com a alegria obtida na peregrinação a Pandharpur, para visitar o santuário de Panduranga Vittal. Ele compôs várias canções cativantes em télugo, para que Seus companheiros cantassem. Algumas delas glorificavam o Senhor, que abençoava os devotos em Pandharpur; outras detalhavam a rota a ser seguida; outras descreviam os esforços da longa jornada; algumas expressavam a emoção dos peregrinos exaustos, quando tinham a primeira visão do distante templo. Um projeto divino, uma afinidade indescritível atraía Baba para Pandharpur, desde Sua infância.

Finalmente Baba visitou o santuário com alguns devotos de Maharashtra, em 13 de junho de 1965. Ele ficou em silêncio por alguns minutos diante de Panduranga, o Vittal cuja visão Ele mesmo proporcionara tantas vezes àqueles que ansiavam ver aquela forma Sua. Então prosseguiu até o santuário da consorte Rukumayi, Rukmani, a *shakthi* do Senhor e, estimulado por uma lembrança irreprímível, criou um *mangalasuthra* (colar de casamento da mulher) e o colocou em torno do pescoço da deusa. Uma página do Bhagavatha tornou-se viva durante aquele momento. Além desses templos, Baba visitou e intensificou a santidade dos templos de Giridhari, em Brindavan e de Ramachandra, em Ayodhya e Uttar Pradesh; e Bhadrachalam e Mahanandi, em Andhra Pradesh.

O renascimento de lugares sagrados, onde milhões se reúnem em busca de conforto e paz, é somente um entre os vários significados do *dharmasthapana*. Os receptáculos desse *dharma* e os seus intérpretes precisam ser inspirados para uma consciência maior da sua responsabilidade. Os objetivos gêmeos de

vidwathposhana (fomento da erudição) e *vedasamrakshana* (preservação dos Vedas) somente podem ser obtidos atraindo os *pundits* (eruditos) da terra para o círculo da Sua Graça.

Como todos os atos de Baba, essa chuva de Graça chegou de maneira espontânea, sem que ninguém notasse o “grande projeto” ou a colheita preciosa. A região do delta da bacia do Godavari é até hoje o local do aprendizado clássico em Andhra Pradesh, embora os eruditos, que lutam para manter a bandeira do aprendizado védico tremulando, achem difícil enfrentar os golpes do revés econômico e da negligência social.

Quando os devotos de Baba sugeriram que uma *yaga* (ritual de oferenda e sacrifício) fosse incluída nas funções em que Ele estaria presente, ao visitar o distrito leste do Godavari, Baba respondeu que eles também poderiam celebrá-la na própria Prasanthi Nilayam, durante o Dasara, ocasião em que milhares de pessoas de toda a Índia poderiam ter a emoção de participar dela. Listas de qualificados ritualistas e recitadores, eruditos e letrados foram enviadas a Ele, mas quando Baba viu que eram todos selecionados da área do delta, colocou-os de lado, com a observação de que a Sua área não era somente a do delta, mas todas as áreas onde os Vedas eram reverenciados. Então as listas foram revistas e convidaram-se os estudiosos e eruditos védicos de Benares, Bangalore e Hyderabad, além do contingente da bacia do Godavari.

Quando partiram de suas aldeias, esses sábios não sabiam como seria sensacional aquela jornada, tanto em relação às suas próprias vidas, quanto à vida do país e da sua cultura, pois cada um voltaria para casa mais rico de fé, mais firmemente estabelecido na coragem, mais constante na lealdade aos Vedas, que eram a fonte de sustentação para si mesmos e também para o povo.

A *yaga* foi chamada de Vedapurusha Saptaha Jnana Yajna e consistiu de duas sessões: as sessões da manhã, por sete dias de *Athi-rudra homa* com todos os seus ritos complementares, e as sessões da tarde de *Jnanayajna*, em que expoentes renomados dos Vedas explicaram para a grande multidão o significado e a essência dos ritos das escrituras. Como o festival tinha de destacar a eficácia das injunções védicas, Baba disse que deveria haver um cuidado escrupuloso na observação de todas elas, nos mínimos detalhes. Por isso, o número, tamanho e situação dos pilares do *yagamantap* (local onde se realiza a *yaga*), o número e forma dos fornos cerimoniais para o sacrifício, a localização dos altares das deidades subsidiárias, como as Yoguines, o Vasthupurusha, os Kshetrapalas, como Abhayankara e Navagrahas, foram todos corretamente determinados. Os assentos de grama *kusa* para os participantes foram preparados conforme prescritos pelos *shastras* (escrituras sagradas). O material para o sacrifício, como *ghee* (manteiga clarificada) preparada com leite de vaca, a terra de formigueiro e de estábulos eqüestres reais, estábulos de elefantes reais e de recintos de palácios reais, os ramos da árvore *banian* (figueira sagrada da Índia), as colheres feitas de madeira especial, foram todos reunidos sob a Sua supervisão pessoal. Ao todo, 226.270 colheres cheias de *ghee* foram ofertadas durante as sete manhãs, no fogo do sacrifício, com a invocação simultânea do nome apropriado do Senhor, descrevendo uma entre as Suas inúmeras facetas. A oferenda certamente promove, segundo os Vedas, o bem-estar e a paz do mundo, “Santhi kaamasthuhomayeth”. “Aqueles que desejam o estabelecimento da paz devem realizar este sacrifício”, dizem os Vedas.

Baba, em um dos Seus discursos durante a semana, referiu-Se à zombaria com a qual até vários hindus reagem, quando vêem tanto *ghee* ser colocado no fogo. Ele falou desses críticos como habitantes do mundo dos livros-caixa, que protestam por jarras de *ghee* e galões de combustível, em vez de aproveitar a alegria preciosa e mais duradoura de ter invocado e agradado aos deuses. A própria realização do ancestral e honrado rito provoca uma satisfação que não pode ser expressa em termos de dinheiro. “Esses questionadores consumiram centenas de sacos de arroz desde seu nascimento e potes de *ghee*. Pergunto a eles se já tiveram um único dia de felicidade, ou se foram capazes de proporcionar um único dia de alegria aos parentes e amigos. Mas esta oferenda traz alegria para muitos. Traz paz e alegria para o mundo. Eu e Meu povo estamos felizes; essa é compensação suficiente. Quando o *ghee* é despejado no fogo, aqueles que não conhecem ou não acreditam nos Vedas dizem que é um desperdício. Os que não sabem a respeito da agricultura podem chorar, dizendo que lançar sementes ao fogo é um desperdício colossal. Eles não sabem que o lavrador terá o grão de volta centenas de vezes mais. Isso também é assim. As orações só chegam ao seu destino quando recebem o selo dos *mantras* e são jogadas ao fogo do sacrifício. Essa é uma ciência como qualquer outra”.

O principal recitador dos Vedas em Andhra Pradesh, uma pessoa chamada pelos colegas de *Vedasamraat* (mestre incontestado dos Vedas), Brahmasri Cherkumalli Kamesvara Ganapathi, foi investido com a função de supervisor geral da oferenda, e um erudito nas escolas de pensamento *nyaya* vedanta e

jyothisha foi empossado como oficiante. Sri Uppaluri Ganapathi Sastri, um erudito septuagenário, um dos poucos, na Índia de hoje, que podem interpretar cada sílaba dos Vedas em conformidade com os comentários autênticos, a quem sociedades conhecidas conferiram títulos como *amayarthavachaspathi*, *vedabhashyavisarada* e *vedabhashyaalankara*, foi escolhido como o presidente da seção *Jnana Yajna* da Yaga.

Sri Ganapathi Sastri afirmou que, em seus cinquenta anos de experiência com as oferendas e sacrifícios védicos, não tivera ainda o privilégio de testemunhar uma oferenda escrupulosamente correta, que poderia passar pelos testes mais rigorosos de ortodoxia. Na verdade, os discursos que pronunciou a cada final de tarde sobre o significado dos ritos, foram pontuados com sincera gratidão a Baba pelo Seu apoio às injunções védicas. Citou *mantras* védicos para sustentar o que pareciam “atos casuais” de Baba: a referência de Baba aos sacerdotes como deuses; a Sua distribuição de tecidos de seda branca aos recitadores dos Vedas e de panos de seda vermelha para os de outros ritos; e até a ordem com a qual Ele presenteou os participantes no final da oferenda. Baba era a encarnação dos Vedas, reconheceu. O próprio Baba declarou: “Não se enganem. Não sou a pessoa que está realizando este sacrifício. Sou a pessoa que está recebendo as oferendas do sacrifício e concedendo as recompensas”. E comprovou isso. No penúltimo dia da oferenda, Ele anunciou: “Amanhã, quando a oferenda da despedida estiver sendo oferecida ao fogo do sacrifício, quero que cada um de vocês entregue às chamas todo o mal que existe dentro de vocês, todo o egoísmo e os apegos degradantes, todos os hábitos que os perturbam”. Várias pessoas que estavam enfeitadas com ouro e pedrarias, seda e sândalo se aprontaram para entregar esses objetos ao fogo (como é costume em todos os sacrifícios), despertadas pelo chamado ao entendimento do significado do sacrifício. Baba fez também um outro aviso: “Amanhã, no momento da oferenda da despedida, vocês receberão o *darshan* do *Yajnapurusha*, a Pessoa que aceita o sacrifício”.

Em conformidade com Sua promessa, Baba ascendeu ao Yajna Vedi naquele momento. Concedeu o *darshan* a dezenas de milhares, que O aclamaram, em êxtase, como a Pessoa que aceita o sacrifício (Yajna).

É preciso mencionar que o *kamandalu*, vaso de água de Shirdi Sai Baba, o qual milagrosamente encontrou seu caminho para Prasanthi Nilayam, foi colocado no *yagamantapa*, para conter a água cerimonial utilizada na maior parte dos ritos. A continuidade dos dois Sais foi, então, simbolizada. Quando o oficiante solicitou as imagens dos nove planetas, para serem instaladas, Baba as criou com um gesto de Sua mão; quando esticou a mão para receber o prato de ouro que seria depositado, junto com os *mantras* adequados, no vaso de água, Baba imediatamente o criou e passou para ele; e, também, quando chegou o momento das oferendas de despedida, criou as nove pedras preciosas e colocou-as no prato estendido diante dEle. Os eruditos e os milhares de pessoas que estavam ali tiveram também outros vislumbres da Sua divindade, quando Baba, num fim de tarde, desceu do Seu lugar e, saindo da área coberta, olhou para o céu trovejante, que estava pronto a despejar uma chuva pesada. Como em Shirdi, Baba repreendeu os céus e disse: “Parem com a sua fúria e acalmem-se”, e o céu emudeceu em calma e claridade repentinas.

A *Yaga* produziu vários resultados, sendo o principal a transformação que trouxe na visão dos eruditos locais. Vários deles estavam contaminados pelo preconceito de que Baba era somente um adepto da magia, um pré-julgamento que, infelizmente, manteve Sisupala, Duryudhana e milhões de outros longe da Graça, em eras anteriores. Ganapathi Sastri confessou que também fora afetado, mas “como resultado da associação constante com Ele por vários dias durante este *jnanayajna* e a observação dos exemplos sempre novos e únicos da Sua glória, compreendi que era incapaz de calcular a Sua realidade, pois, indubitavelmente, Ele era uma encarnação de Deus”. Darsanabhushana Chathusthanthri Kolluri Somasekhara Sastri, que teve uma experiência similar, começou a chamá-Lo de Bhagavalilaavathara, Lila-manusha vigraha, querendo dizer que Ele era inquestionavelmente divino. Vidwathkavi Vemparala Suryanarayana Sastri revelou, diante de uma grande reunião de devotos, que ele tinha se recusado a acreditar na teoria de que Baba era uma encarnação do Senhor. Ele não ficara convencido quando várias pessoas lhe disseram que suas vidas tinham sido salvas pela cinza sagrada que Baba materializava e com que os abençoava. Até quando seu amigo Sri Kameswara Ganapathi lhe mostrara os presentes que Baba tinha criado e dado a ele em Rajahmundry, seus olhos continuaram sem ver. Mas diante do sacrifício concluído, confessou que “a convicção de que Baba era Krishna que voltara entrou em mim”. Adwaitavedantha Siromani, Meemaamsavisarada Mallavajhala Venkatasubba Sastri de Warangal, que também não acreditava, tornou-se um ardente defensor da avatarização de Baba. Disse que até *viswarupadarsanam* (a visão de Deus na forma da criação) concedido por Krishna a Arjuna poderia ser considerada pelos cínicos como um desempenho mágico maior. Se o Senhor Se apresentasse diante deles, eles atribuiriam a um defeito óptico ou

O descreveriam como uma aparição representada por uma imaginação febril. Mas ele aplicou os vários testes prescritos pelos *shastras* (escrituras) e concluiu que Baba é Bhagavadavathara-murthi, e, portanto, ele clamava a todos que O adorassem com firme devoção e amor sincero, para aceitá-Lo como Mestre e Orientador e, com isso, salvar a si próprios.

Essa revolução nas reações dos eruditos estava em conformidade com a declaração do próprio Baba, pois Ele dizia, com frequência, que somente os conhecedores dos Vedas e Sastras poderiam mergulhar na Sua realidade a uma profundidade apreciável. Não é de se estranhar, então, que os cem estudiosos das escrituras que se aqueceram por sete dias, sob o sol da Sua graça, decidiram, sem qualquer estímulo externo, preparar uma função única no décimo dia, a qual chamaram de *Thribhuvana Vijayam*, o Triunfo sobre os Três Mundos. Quando lhes foi perguntado de quem era o triunfo que eles celebravam, a resposta foi: “de Baba”. Os Vedas e outras escrituras, junto com as ciências e disciplinas antigas por meio dos quais eles podiam compreender e praticar (como a gramática, os seis sistemas de filosofia, filologia, fonética, teologia), abordam Deus em Seu trono e imploram a Ele que olhe para eles com amor, para que cresçam fortes novamente e ofereçam abrigo para a humanidade. Eles imploraram para que Baba ficasse no trono e propuseram que eles se aproximassem dEle com apelos de interesse das ciências do espírito. E Baba concordou. Quando alguns objetaram: “Baba eles estão pedindo que assuma um papel. Eles podem ser instrumentos, mas Tu és Deus”, Baba interveio: “Mas Eu estou desempenhando um papel agora nesta forma humana. Chegou o momento dAquele sem função e sem papel assumir uma função e um papel”.

Aconteceu algo estranho e inesperado na preparação do Triunfo sobre os Três Mundos. Uma devota teve um sonho em Bombaim, algumas semanas antes. Ela viu Baba, como Narayana, na concha da Serpente Primeva (Sesha)⁸. Então aprontou uma concha magnífica de madeira, representando a serpente, completa com os volteios e o capelo, e seus parentes a trouxeram a Prasanthi Nilayam em um veículo motorizado, especialmente montado para esse fim. Os eruditos ficaram felizes, pois o objeto que eles precisavam para tornar o ato realista – o trono da serpente – chegara pela vontade de Baba.

Que o próprio Ganapathi Sastri descreva a cena: “Quando Baba reclinou naquela *Seshathalpa* (o trono da serpente), tendo o Yagamantapa ao fundo, eruditos e *sastris*, cada um sendo um mestre de um dos ramos escolhidos da sabedoria das escrituras, ficaram diante dEle e representaram, como previamente determinado, a importância do seu campo de conhecimento e a necessidade premente de promovê-lo. Todos viram Mahavishnu, em Vaikuntha, reclinado na Serpente Primeva e Brihaspathi, além de todos os deuses e sábios expondo sua erudição e realizações para a Sua glorificação, implorando a Ele que salvasse os *shastras* (escrituras sagradas) do declínio. Era realmente Devasabha, o *durbar*⁹ divino, e nós esquecemos tudo sobre nós mesmos na alegria suprema em que mergulhamos. Foi uma ocasião para vivenciar pessoalmente. A alegria que sentimos não pode ser contada aos outros, nem mesmo por Brihaspathi, o preceptor onisciente dos deuses, pelo Brahma de Quatro Faces, pelo Kumaraswamy de Seis Faces, ou pela Adi-Sesha de Mil Línguas”. Para o supervisor geral da oferenda, Sri Kameshwara Ganapathi, foi uma revelação frutífera. Ele veio, viu e foi conquistado. Deixou o seu lar nativo no distante delta do Godavari, afastou seus olhos da sua aldeia, situada no meio de uma plantação de coqueiros que ele adorava e ficou em Prasanthi Nilayam, onde encontrou a encarnação dos Vedas que ele exaltara em *mantras* por sessenta anos.

O *jnanayajna*, ou discurso noturno, forneceu a oportunidade para os estudiosos dos Vedas medirem a profundidade da extraordinária erudição de Baba. Ganapathi Sastra expressou o sentimento de admiração dos eruditos cultos assim: “Além da emoção que os ouvintes sentiram com os discursos de Baba, os respeitados mestres das disciplinas antigas que se reuniram, conhecidos pelas conferências apresentadas em grandes reuniões no país, foram também atingidos pela profundidade e amplitude do Seu conhecimento”. Mallavajhala Venkatasubbarama Sastri analisou as reações dos seus colegas: “Em todas as Suas falas, não houve o menor desvio dos *shastras*, nem sequer um pequeno sussurro contrário à corrente dos seus ensinamentos. E quanto aos assuntos que Ele abordou! Foram realmente muito profundos. A metodologia da exposição estava estritamente em conformidade com os cânones ditados pelas escrituras.

Não houve repetição do argumento, nem digressão irrelevante, nem crítica jocosa, nem adulação dissonante, nem ênfase excessiva”. Kalluri Venkatasubramanya Dikshith reagiu da mesma forma: “O néctar do Seu amor preencheu cada palavra das Suas parábolas e explicações. Foi Sua Graça irresistível que O fez considerar a pouca compreensão dos ouvintes, ao buscar histórias curtas e agradáveis que esclarecessem as

⁸ NR – Narayana, ou Vishnu, utiliza a serpente sesha, de sete cabeças, como assento.

⁹ NR – Dubar é um salão no palácio de um príncipe indiano, onde são dadas audiências e recepções.

profundezas que Ele desvendava e os objetivos que desejava retratar”. Resumindo, os estudiosos encontraram em Baba o mestre da mente que os guiava e moldava.

Mas nem tudo foram maravilha e admiração. Os eruditos ficaram conscientes da riqueza do tesouro que estavam preservando. Foi dito a eles que a razão da sua pobreza e a negligência como recompensa estava neles mesmos. Foram induzidos a examinar suas próprias vidas e crenças, suas próprias atitudes e preconceitos, suas preferências e fraquezas. “Vocês podem perguntar por que os eruditos e estudiosos dos Vedas estão atravessando tempos tão difíceis. Eles estão famintos, sem roupas e abrigo. Não aparece ninguém nas escolas védicas. Eu lhes direi por que eles chegaram a esse ponto. Eles mesmos perderam a fé nos Vedas. Que eles retornem à fé, então os Vedas os farão felizes. Se os Vedas não fazem um homem feliz, o que mais o fará?” perguntou Baba. Ele preencheu os brâmanes com a fé naquilo que tinham dentro de suas cabeças. Ele condenou também o sarcástico ignorante, que rotula os Vedas como estratégias astutas, por meio dos quais os brâmanes asseguram sua posição como intermediários entre o homem e Deus, ganhando a superioridade na hierarquia social. “Vejam o regime de restrições e regulamentos, as centenas de sins e nãoos que limitam a liberdade da vida e as cláusulas que esses brâmanes impuseram a si mesmos, para promover o bem da sociedade e do mundo e para sua elevação espiritual. Não os descartem como uma superstição: ninguém iria obrigar-se, do amanhecer ao anoitecer e do anoitecer ao amanhecer, a regras drásticas e restrições por mera diversão. São limitações difíceis na conduta diária, nos contatos sociais e nos esforços econômicos. Requer grande coragem, vigor e fé acreditar nessas regras como vitais e colocá-las em prática. Honrem aqueles que têm fé nesse ideal. Sua adesão a esses ideais tem sido de um tremendo valor para a Índia e para o mundo, pois tem preservado a única cultura que pode salvar a humanidade. Eu conheço a sinceridade com que eles têm conduzido essa vida dura, pois tenho estado com todos eles, em seus ritos e rituais, há anos”, disse Baba. Isso transformou a atitude hostil de vários em relação à comunidade brãmene, uma atitude alimentada por medos e preconceitos pseudopolíticos causados pela ignorância do sacrifício que a comunidade pratica por séculos.

A Yajna que Baba presidiu não foi um sacrifício comum, foi um renascimento, uma revelação, uma revolução, uma ressurreição. Foi um símbolo de renascimento cultural, pois Baba explicou que os Vedas eram essencialmente para todos os tempos e para toda a humanidade; que Sacrifício ou Yajna é o sinal e o segredo de toda a vida. Aconselhou os participantes a voltarem para a antiga simplicidade dos ascetas. Explicou que, nos *mantras*, a glória e a majestade do Deus Único são visualizadas em vários contextos. Falou sobre o simbolismo do Sol e da Lua como guias da visão interna e externa do homem. Dissertou sobre o efeito tônico de cada som dos *mantras* védicos, pois eles desfazem o mal no homem. “Quero provar a vocês e aos outros que um sacrifício celebrado de acordo com as fórmulas védicas certamente garantirá os frutos prometidos pelos Vedas”, disse. “Os Vedas pertencem àqueles que os valorizam, que são movidos pela sede de uma elevação espiritual, que desejam praticá-los e que têm fé que serão beneficiados por essa prática. Ninguém mais tem o direito de falar, protetora ou depreciativamente, dos Vedas, pois tais palavras são vazias e insinceras”, avisou Ele.

Quarenta e cinco dias depois, na auspiciosa ocasião do Seu aniversário, quando milhares de pessoas se reuniram para celebrá-lo em Sua presença, Baba convidou o incomparável Amnayaarthavaachaspathi Uppaluri Ganapathi Sastri para inaugurar a Sathya Sai Veda Sastra Pathasala, a Academia Sathya Sai de Estudos Védicos e Sânscrito, no Nilayam. Baba disse: “Os Vedas precisam ser revividos. Temos de evitar que as cabras mordisquem os brotos. Vim para o bem deste Dharmasthapanam (restauração do *dharma*) - *vedokhilo dharma mulam* – os Vedas são a raiz do *dharma*. Os estudiosos védicos precisam crescer em número pelo bem da promoção do *dharma*. Enquanto os estudiosos védicos persistirem e forem honrados, os Vedas permanecerão vivos nos corações dos homens. Esse é o verdadeiro *dharmasthapanam*”. “Minha tarefa é abrir seus olhos para a glória dos Vedas e para convencê-los de que as injunções védicas, quando colocadas em prática, proporcionarão os resultados prometidos”. “Meu amor pelos Vedas só é igual ao meu amor pela humanidade. “Esses rapazes”, disse Ele, apontando para o primeiro grupo de rapazes inscritos na academia, “esses rapazes se transformarão em fortes pilares do *sanathana dharma* (religião universal eterna); eles serão os orientadores e líderes desta terra nos dias vindouros, para salvá-la das vãs loucuras e paixões selvagens. Vocês podem dizer que eles são somente uns vinte, mas um grande país é administrado por um gabinete de vinte ministros. Este grupo de rapazes será amplo para o trabalho que pretendo. Os pais que os enviaram a esta *pathasala* (escola) têm razão para estarem felizes, pois esses rapazes se

transformarão em pedras preciosas reluzentes, espalhando o esplendor védico e a luz sátrica¹⁰. Eu cuidarei deles com mais amor do que qualquer mãe”.

Então, os renomados estudiosos védicos ensinaram aos rapazes a pronúncia correta do verso inicial do Yajur Veda “Ishethwa” e desejaram todo o sucesso para a Patasala (Instituição de Ensino). Baba fica muito feliz ao passar entre os meninos, observando o seu sucesso. Instila neles esperança e coragem. Presta atenção especialmente à saúde, disciplina e caráter. Insiste na limpeza interna e externa. Baba encoraja-os a buscar o significado e propósito das palavras especiais que recitam, pois, como muitas vezes enfatiza, eles não devem se transformar em meros gravadores dos Vedas; devem carregar-se com a devoção, retidão, desapego e sentido de afinidade com a Verdade que os Vedas ensinam. Insiste também no progresso integral dos rapazes, para que possam crescer como ajudantes dos deprimidos e aflitos. Nos últimos anos, Ele mesmo escreveu peças musicais transbordantes dos mais nobres ensinamentos das escrituras em “Markandeya”, “Sakkubai” e “Radha-bakthi”, a primeira delas descrevendo num télugo doce e fácil, a história de Markandeya, que desafiou a morte e ganhou a imortalidade como uma estrela no espaço. A segunda trata do santo Sakku, cuja devoção a Panduranga era tão intensa que o próprio Senhor assumiu a sua forma e serviu a seu marido e sogra, para permitir que ela fizesse a peregrinação ao templo de Panduranga. A terceira revela o profundo significado do anseio espiritual que preenchia todo o ser de Radha por Krishna. O próprio Baba selecionou os rapazes para o elenco, designando os papéis, supervisionando os ensaios, decidindo os detalhes do palco, dos acessórios e cortinas e treinou-os para cantar as várias canções que tinha composto. Desenhou as roupas para cada papel em cada cena e, nos dias em que as peças foram apresentadas, Baba passou horas nos camarins supervisionando a maquiagem e encorajando cada menino com um tapinha no ombro, quando eles se dirigiam para o palco iluminado, onde dezenas de milhares os recebiam com muitos aplausos. Por cerca de um mês, os rapazes tiveram a boa sorte única de serem inspirados pelo Seu amor vigilante durante os ensaios. Como todos os participantes incorporaram o texto inteiro, independentemente do seu papel pessoal, todas as palavras escritas por Baba mergulharam nos corações deles. Baba, dessa forma, os transformava em instrumentos adequados para a realização da tarefa para a qual tinha vindo. O Pathasala está destinado a se transformar em uma grande árvore *banyan*, proporcionando sombra e abrigo para inúmeras pessoas aprisionadas nas areias do deserto da ganância, do ódio e do desespero.

Baba viu que o declínio feroz na moral privada e pública é devido à negligência na observância da disciplina prescrita nos Vedas. As castas dos brâmanes, guerreiros e comerciantes recebem obrigações maiores do que o restante da comunidade, porque são iniciadas, também, na vida espiritual. Esse rito de iniciação é chamado de *upanayana*, (conduzir de perto), isto é, levar o menino para perto do guru ou preceptor espiritual, para *brahmopadesam* (condução para Brahman). Isso deve ser feito, de acordo com os Shastras, pelo ensinamento do *mantra Gayathri*, antes que o menino manifeste um anseio pelos prazeres sensoriais e, dessa forma, se perca na imensidão das aventuras transitórias. O menino brâmane deve ser iniciado nesse *mantra* sagrado antes dos oito anos, o guerreiro, antes dos onze, e o comerciante, antes dos doze.

Mantra é (*thrayathe* através de *manana*)¹¹ o instrumento que salva pela constante reflexão sobre o seu significado. Porém, embora essa estrutura de castas ainda resista, com intensidades variadas, em toda a Índia, esse grande rito sofreu um declínio drástico. Em várias regiões e famílias, ele é adiado até o rito do casamento, ou inteiramente esquecido. Quando se permite que a própria fonte da disciplina espiritual seque, como o chamado dos antigos ideais conseguirá despertar uma resposta no coração? O homem não deve permitir-se permanecer como um animal selvagem, preocupando-se somente em alimentar-se e procriar.

Portanto, como um grande passo no renascimento do *dharma*, Baba anunciou que garantiria a membros das três castas – dedicados a um segundo nascimento – a grande oportunidade de serem iniciados por Ele mesmo na vida espiritual, em Prasanthi Nilayam. Os devotos de Baba foram, então, estimulados a reconhecer o seu dever principal com seus filhos e apressaram-se a beneficiar-se da oferta. Em 3 de fevereiro de 1963, quando 35 meninos foram “levados para perto dEle” e se tornaram *brahmacharis* (peregrinos no caminho da realização de Brahma) por meio do processo sátrico de receber o *mantra Gayathri*, Baba declarou, dirigindo-se ao grupo: “Vocês vieram nesse corpo, nesse receptáculo, para

¹⁰ NR – Tendo origem nas Escrituras Sagradas.

¹¹ NR – *thrayathe* através de *manana* – Dá proteção através da reflexão.

compreender a Glória que realmente são. Esse corpo é o casulo que vocês construíram em torno de si, com o fio dos seus impulsos e desejos. Utilizem-no para criar asas e conseguir escapar dele. O *mantra Gayathri* é uma prece para a Inteligência Universal despertar a *dheesakthi* em vocês, a sua faculdade de discernimento, de análise e de síntese, para que vocês possam compreender quem são e por quê”. Dirigindo-se aos pais, Ele disse: “Este é um dia importante na história do *Sanathana Dharma*¹², pois é um grande passo na restauração do *Varnashrama Dharma* (o código das castas). O estudo dos Vedas é o aprendizado mais elevado, pois conduz à conquista da própria morte. Hoje, esses seus filhos estão na estrada para explorar o reino interior e a realidade mais profunda”.

Em 1964, quando o rito do Upanayanam¹³ foi novamente realizado, 300 meninos foram abençoados; em 1965 o número aumentou para 450. O festival tornou-se inesquecível para os participantes e para os espectadores, pela chuva de amor com que Baba cumprimentou não somente os meninos iniciados, mas também seus pais e parentes. Ele compensou todos os lapsos do ritual dos pais, como desatenção ao “rito do nome” ou ao “rito da perfuração da orelha” ou ao “rito da tonsura”. Cobriu os pais de presentes. Não permitiu nenhuma demonstração de riqueza dos pais mais ricos para que os mais pobres não se sentissem obscurecidos durante essa ocasião auspiciosa. Ter o rito realizado na Presença Divina é por si só um presente único, e vários devotos sentiram-se tristes por já terem mais idade. Muitos ficaram deprimidos por seus filhos já terem passado pelo ritual e, portanto, não serem mais qualificados para a grande oportunidade.

A Graça de Baba flui espontaneamente sobre o grupo de *brahmacharis*. Ele dá a cada um as roupas do cerimonial, as vestes ritualísticas, lembranças e livros, além do tesouro mais auspicioso que é o *bhiksha* (esmola) inaugural, pois cada menino inicia a carreira de “mendicante” naquele dia, como prescrito nos *shastras* para todo buscador, durante os anos de estudo védico. Os meninos caminharam em uma longa fila até a Presença de Baba, e depois de se apresentarem no estilo tradicional, mencionando seus *gothra*¹⁴, *suthra* e *rishi* (sábio, santo) patrono, oraram o “*Bhavathi, Bhikshaam dehi*”, (Mãe, dê-me uma esmola), e Baba, como a Vedamatha¹⁵ e Annapurna¹⁶, encheu seus pratos com grãos de arroz. Baba insistiu que os recém-iniciados se prostrassem diante de seus pais. Explicou a cada menino, naquele momento especial, os comandos “*Mathru devo bhava*” e “*Pithru devo bhava*” que significam “que a sua mãe seja o seu Deus” e “que o seu pai seja o seu Deus.” Os meninos, e também os pais, ficaram visivelmente comovidos com esse ato, que Baba considera tão importante quanto qualquer outra parte da cerimônia. Então colocou nas mãos dos meninos os presentes, que foram passados respeitosamente para seus pais.

Mais memorável do que tudo isso, especialmente para os *brahmacharis*, foi outro presente espontâneo de Baba: uma bênção que somente Ele pode conceder. Baba chama cada menino, mesmo quando são 450, e, em sublime silêncio, murmura ao ouvido de cada um, como sua primeira lição de recitação védica, um *mantra* sagrado com o qual o instrui para que o mantenha exclusivamente para si. Eles devem repeti-lo com *sraddha* (fé) e *bhakti* (devoção), todos os dias da sua vida. Muitos ardentes devotos lutaram muito para terem o *manthropadesa*¹⁷ do Avatar do Senhor, mas ainda esperam pelo presente, enquanto que esses meninos escolhidos, no limiar do Reino de Deus, interior, adquiriram a chave que os ajudará a entrar nele, pela Graça do amor de Baba.

O festival *Upanayana* foi também marcado por discursos sobre o *Gayathri*, feitos por conhecidos eruditos, e sobre a necessidade de regular e restringir os sentidos descontrolados, com a disciplina prescrita nos *dharmastras*, para os nascidos duas vezes (que receberam a iniciação) e para os outros. Baba discursou sobre esses temas. Seu conselho dirigiu-se aos mais velhos, que, ao negligenciarem esse rito, auxiliaram na queda da magnífica construção do Sanathana Dharma. Um senhor de Misore não tinha iniciado os seus sete filhos no *Gayathri*. Sem nenhum ressentimento, Baba convidou-o para trazer todos até Ele, pois, como disse, nunca é tarde para iniciar a viagem para Deus. Seus filhos, cuja idade variava de 8 a

¹² NR – Religião Eterna, hinduísmo.

¹³ NR – Tradicionalmente, a cerimônia feita para marcar a entrada do rapazinho na educação formal.

¹⁴ NR – Refere-se a muitas linhagens que emergem de uma mesma localidade. Famílias diferentes podem pertencer ao mesmo *Gothra*.

¹⁵ NR – Providência que revelou os Vedas, o tesouro da herança espiritual.

¹⁶ NR – No caso, doador de alimento.

¹⁷ NR – Mantra dado numa iniciação espiritual.

28 anos, foram todos conduzidos para o caminho sagrado. Ele quis que os pais também realizassem o rito *sandhya* e repetissem o *Gayathri* em seu próprio benefício; o menino não deve sentir que essa é uma tarefa inventada para atormentá-lo. “Façam-no com alegria e satisfação evidente. Aprendam o procedimento com esses meninos, com seus filhos e netos. Para o seu próprio bem e para o bem da humanidade, iniciem hoje o *sandhya* com a repetição do *Gayathri* e continuem com fervor crescente”. “Sei como vocês são sistemáticos no comer e beber. Cuidam bem do corpo. Não condeno isso; desejo somente que tomem igualmente conta das necessidades do espírito”.

O *Gayathri* é uma oração védica ao brilho que é imanente no universo, recitada por milhões de devotos durante milênios, por toda essa terra. Ele pede não saúde ou riqueza, felicidade ou vitória, mas o “despertar da inteligência”. É uma oração que todos os homens de todas as terras podem adotar. O Sr. J.B.S. Haldane escreveu que o *Gayathri* pode ser gravado nas portas de todos os laboratórios do mundo. “Que a inteligência cresça, prevaleça e amadureça em sabedoria” e salve a humanidade da perdição.

Baba não esconde o Seu desprazer quando descobre que um brâmane, guerreiro ou comerciante, não está realizando o rito *sandhya* e repetindo o *Gayathri* durante o rito. O temor desse desprazer persuadiu muitos que chegam a Baba a recomeçar o *sandhya*, reavivando apressadamente a memória com livros ou por meio de seus próprios filhos. Quando Baba surpreende as pessoas com a pergunta “Você está realizando o *sandhya*?”, muitos reconhecem o lapso e prometem corrigir-se.

Diz-se que Deus abençoa o filho pródigo que retorna. Baba encoraja com sinais especiais da Sua Graça aqueles que retomam a disciplina do *sandhya*. Por exemplo: uma pessoa da cidade de Shimoga veio a Ele para receber Sua benção para uma aventura que decidira fazer. Baba surpreendeu-a com a pergunta: “Está fazendo o *sandhya*?”. Ela baixou a cabeça. “Não Baba, embora tenha apreciado fazê-lo anos atrás no dia de *Upanayana*”, respondeu. “Bem, não é tarde demais. Recomece assim que chegar a casa”, ordenou Baba. O rito leva cerca de 20 minutos e deve ser realizado três vezes ao dia: ao amanhecer, quando o sol está no zênite e ao anoitecer. Rao manteve a promessa que fez a Baba. Realizou o *sandhya* com devoção e prazer crescentes. Após algum tempo, sentiu que um *lingam*, que seu avô e pai reverenciavam ritualisticamente todos os dias por vários anos, deveria ser retirado do limbo ao qual o entregara. Ele o recuperou, cobriu-o com devoção, ofereceu flores e frutas e lavou-o com água santificada e *mantras* apropriados. Baba “desejou” conceder a ele uma prova tangível do Seu apreço por esse avanço louvável: a cor do *lingam* mudou de escuro opaco para uma transparência dourada. E logo, dentro do pequeno cilindro de topo arredondado e translúcido, Baba permitiu-Se ficar “aprisionado”! Já há vários meses, milhares viram dentro do *lingam* a figura amorosa e cativante de Baba, em cor brilhante, com Seu sorriso doce, no centro de um halo de luz dourada suave.

Além do dia fixado por Baba para o *Upanayanam* dos meninos trazidos a Prasanthi Nilayam, Ele confere a dádiva também em outros dias, se os devotos anseiam por ela, e se Ele sente que o menino merece. No dia de Sankarajayanthi, o aniversário do grande Sankaracharya, que reviveu a religião hindu e pôs essa filosofia e cultura sobre a base inabalável da unidade básica ou *adwaita*, Ele raramente recusa essa dádiva. Baba considera essa cerimônia de abertura da visão interna da nova geração tão importante, que até lembra os pais da sua obrigação de iniciar seus filhos e os visita para celebrar o *Upanayanam*. Ele faz isso tanto direta como indiretamente. Temos, por exemplo, o telegrama recebido por Sri C. Ramachandran de Kirkee, Puna. “A 26 de abril de 1965, quando fui até a minha residência para o almoço”, escreve ele, “meus filhos correram até mim excitados, colocando em minhas mãos um telegrama que tinha acabado de chegar. O telegrama dizia: ‘Sri Sathya Sai Baba chega à Sua residência no quinto dia de maio, para realizar o *Upanayanam* de seus filhos e dar a eles o *Brahmopadesam*’. As palavras Sathya, *Upanayanam* e *Brahmopadesa* estavam sublinhadas no telegrama”.

“Nunca discuti com qualquer pessoa a questão sobre realizar o *Upanayanam* dos meus filhos durante o verão, embora tivesse um desejo profundo de realizá-lo assim que fosse possível, embora já estivesse atrasado e adiado durante os últimos dois ou três anos. Não me tinha decidido se queria o ritual realizado em Shirdi ou em Palani, santuário da minha família. Fiquei, portanto, surpreso ao descobrir que o local e a data tinham sido fixados pelo remetente do telegrama. Ficamos muito felizes com a perspectiva de ter Baba conosco para o ritual”.

Quando procurou saber, Ramachandran descobriu que a pessoa responsável por enviar o telegrama na central dos correios em Puna, o descrevera como “uma pessoa em trânsito, sem endereço permanente local” e que, quando as autoridades postais o pressionaram para fornecer um endereço, ele escreveu seu nome como Sri Maragathavelu, a/c All India Sai Samaj (Centro Sai), Milapore. Hesitando negligenciar uma

manifestação tão misteriosa da Graça de Baba (que conhecia bem por outras ocorrências mais concretas, como a emanção da cinza sagrada nos quadros de Baba na sala de seu altar), Ramachandran decidiu celebrar o Upanayanam dos seus dois filhos em 5 de maio, como ordenado. E Baba deu provas da Sua presença. “Durante a cerimônia noturna dos cânticos, todo o grupo de quase mil pessoas teve uma sensação peculiar de que o sofá, mantido no palco para Ele, não estava vazio. Quando o *arathi* (cerimônia do fogo) terminou, descobrimos que o novo assento de seda enrugara de tal forma que pudemos concluir claramente que Baba estivera sentado ali. Além disso, a guirlanda de jasmim que tinha sido colocada no braço direito do sofá, como é geralmente feito em Prasanthi Nilayam, estava amassada como se a Sua mão tivesse repousado sobre ela”. Um sinal é suficiente para aqueles que acreditam.

Ao escrever sobre o Dharmasthapana para o qual Baba veio sob a forma humana, devemos dedicar uma atenção especial à Academia de Eruditos Védicos, estabelecida sob a Sua orientação, que, rapidamente, tem espalhado a sua atividade beneficente de um estado a outro da Índia, desde 1964. Foi no dia sagrado de Ramanavami, quando um milhão de lares, em todo o país, celebravam a encarnação de Rama, descrito como a encarnação do *dharma*, que Baba revelou a Sua intenção. Ele estava em Rajahmundry, no rio Godavari e, naquele dia, ao entardecer, entrou em uma lancha a motor com alguns eruditos e estudiosos. Quando chegamos a um trecho de areia seca, vimos uma ilha banhada pela fresca luz da Lua, destacando-se sobre o fundo azul-escuro do rio acima de Dhowaleswaram *anicut*. Lá, sentado no centro do círculo de adoração, Baba falou sobre a situação do mundo e da Índia, que deveriam ser guiados pela chama do Sanathana Dharma. “Devemos reformar os hábitos do homem, reconstruir o seu caráter, recondicionar seus ideais e modo de vida, ajudá-lo a reconquistar a herança espiritual que ele tem sido encorajado a ignorar pelos protagonistas da prosperidade material e felicidade monetária”, disse Ele. Criou, da areia diante dEle, ídolos resplandecentes de Rama, Sita, Lakshmana e Anjaneya. Então materializou um ídolo encantador de Nataraja, o Shiva Dançarino, simbolizando o Universo energizado que se expande e se contrai (ou respira) em harmonia com a Vontade Divina. Então, no clímax daquele silêncio sublime, Ele anunciou que tinha decidido sobre o estabelecimento de Prasanthi Vidwanmahasabha, uma Academia Indiana de Eruditos Védicos, que lutaria a fim de despertar a humanidade para a necessidade de atingir *Prasanthi* (harmonia e equilíbrio interior) que tem o seu *Nilayam* (morada) no Sanathana Dharma, venerado nas antigas escrituras da Índia. Certamente um grande momento na história desta era.

Baba já tinha dado indicações, na década de 1940, que Ele reconstruiria o *dharma* védico sobre uma base mais forte. Em 1955, no primeiro dia de outubro, às 9h30, como registrado em meu diário, Swami Amritananda correu até mim, após uma entrevista com Baba, com a respiração entrecortada pela alegria. Disse: “Tenho comigo uma grande soma de dinheiro que Bhagavan Ramana Maharshi aconselhou que fosse utilizada para o renascimento védico. Eu a investi no Banco de Benares, e, depois, em algumas companhias. Consultei Madan Mohan Malaviya, Bhagavan Das e Bal Gangadhar Tilak sobre o esquema, mas por alguma razão, o meu plano não frutificou. E, agora, Baba me contou, sem que eu perguntasse, tudo sobre o meu anseio não realizado. Ele disse: ‘Não se preocupe mais. A tarefa do renascimento védico não é mais sua, é Minha’”. O swami morreu em paz, dois meses após a transferência desse encargo.

Em janeiro de 1960, um grande estudioso de sânscrito da Universidade de Sorbonne, França, chamado Valestin, que estava na Índia para traduzir em francês os comentários sobre os Vedas, chegou a Prasanthi Nilayam. Uma tarde, durante uma entrevista com Baba, ele, de repente, segurou-lhe as mãos e implorou: “Baba! O estudo dos Vedas está declinando rapidamente nesta terra sagrada. O senhor deve revivê-lo, deve alimentá-lo”. Eu estava lá, bem perto, e senti que Oriente e Ocidente também aguardavam, com o coração saltitante, a resposta que Baba concederia, pois os Vedas existem para ambos, para toda a humanidade. E Baba não nos desapontou. Disse: “Eu vim para esse propósito, o renascimento védico. Ele será realizado. E o farei. Onde estiverem, saberão dele. O mundo partilhará desta alegria, desta luz”.

A Academia foi formalmente inaugurada no Swadhyaya Saphaha Yajna (ritual de sacrifício/oferecimento ao fogo), durante o festival de Dasara de 1965. Cerca de 200 eruditos estavam reunidos em Prasanthi Nilayam para a Inauguração, em 20 de outubro. “Bhavani (a deusa Shakti)”, disse Baba, “deu uma espada nas mãos do Imperador Sivaji, encarregando-o de levar adiante e elevar o hinduísmo; este Shiva-Sakthi¹⁸ está dando hoje a esses eruditos a espada da coragem e comissionando-os a ir em frente e a reviver o *dharma* no mundo”. “Estou certo de que esta Academia caminhará de vitória em vitória, pois é uma contribuição para o Meu Trabalho. Em todas as terras, o verdadeiro significado dos valores será restaurado e a fé na divindade do homem terá de ser implantada. Esse é o trabalho para o qual Eu vim. O

¹⁸ O próprio Baba.

mundo precisa ser salvo das conseqüências do conhecimento limitado e do orgulho cego que precedem a queda. O mundo é um deserto crestado, clamando por chuva. Esta Academia dará a quem tem sede uma xícara de conforto e força do poço dos Vedas e das escrituras”. Ele condenou as críticas aos ritos, rituais e ensinamentos védicos como superstição. “Os Vedas são a raiz do *dharma*. Se as raízes forem danificadas, a árvore morrerá. Eles trouxeram a bem-aventurança e a paz que perduram e sustentam”, explicou. “Eles transmutam toda a atividade em adoração ao Supremo e salvam o homem do desejo infundável e da tristeza inexplicável”, disse. “Conheçam a si mesmos e não ao Sol e à Lua – aí está o caminho para a bem-aventurança e para a paz”.

O propósito do Akhila Bharatha Prasanthi Vidwan Mahasabha (a academia) foi esclarecido por Baba durante os discursos que proferiu nos dias seguintes à inauguração, enquanto presidia as conferências que os eruditos deram sobre assuntos védicos e vedantinos por Ele sugeridos. O lema da academia deveria ser, disse Ele, a oração, mencionada nos Vedas, que surge, até indistinta, em todo coração humano: *Thamaso ma, jyothir gamaya* (da escuridão conduza-me à luz). “Erradiquem *ajnana*, o desconhecimento do universal que é a base, o oceano do qual o indivíduo nada mais é do que uma onda; acendam a lâmpada, aldeia após aldeia. Instilem a fé na libertação do homem do pesar e da dor, isto é, instilem a fé no Atma e no princípio átomico; partilhem o seu conhecimento e experiência, com amor e solidariedade, com pessoas famintas por conhecer e serem salvas; lembrem-nas do seu valor e trabalho. Não devemos condenar fé alguma e nem criar alguma nova seita; alimentem uma atitude positiva no esforço espiritual; a fé é uma planta preciosa, uma rajada de severidade a fará murchar. Sejam gentis, tenham consideração, promovam o amor, a tolerância, o serviço, o sacrifício, sempre que os encontrarem no coração do homem. Esses eruditos tinham finalmente colhido os frutos do seu longo estudo, pois obtiveram este meio, esta Academia para partilhar a sua alegria e a sua sabedoria com seus irmãos e irmãs. Os distritos foram distribuídos a eles e o comitê central supervisionará o programa e seu progresso. Eles colocarão em todos os corações preparados as sementes do *karmakanda*, *upassanakanda* e do *jnanakanda* (*Karmakanda* é a parte dos Vedas que explica sobre os rituais, *yagnas*, sacrifícios e o modo de fazer. *Upassanakanda* significa colocar em ação, ou seja, colocar o ritual explicado no *karmakanda* em prática. *Jnanakanda* é o fruto da sua *Upasana* – prática espiritual). Parte dos Vedas que explica tudo sobre os frutos das nossas ações e a sabedoria que adquirimos com nossas ações. É o arquivo de sabedoria, a parte dos Vedas que ensina a sabedoria filosófica. Os rituais mencionados no *karmakanda* são negados no *jnanakanda*. Sai Baba diz no **Sathya Sai Vahini** que “os Vedas constituem-se de duas partes principais: o *karmakanda* e o *jnanakanda*) dos Vedas; do *dharma* exposto no Manudharmasastra e em outros textos; e da Glória do Senhor e do Homem, como explicado no Bhagavatha, no Mahabharatha e no Ramayana”, Ele anunciou.

Voltando-Se para os milhares de devotos vindos de todas as partes da Índia, Baba disse: “Eles lançam as sementes, mas vocês devem cuidar dos brotos, alimentá-los com o adubo da reflexão, livrá-los das pestes da ganância e do orgulho, colher a felicidade do amor e estabelecerem-se em *prasanthi* (a mais elevada paz) que os grãos provêm”. Baba reconheceu que os eruditos deviam aumentar a sua experiência na arte de explanar a essência dos ensinamentos das escrituras para as massas, em pequenas doses assimiláveis, que são agradáveis. Aconselhou que os eruditos pratiquem aquilo que pregam, senão seus discursos serão exercícios de pura hipocrisia. As pessoas também teriam de ser treinadas na arte de ouvir discursos pequenos, diretos e espirituais que despertem o desejo de praticar aquilo ensinado. Pois, como disse Baba, os maiores pecados são a hipocrisia, a fraqueza espiritual, a autocondenação e a covardia. “Esses podem ser curados somente pela conscientização da divindade interna, que nunca será atingida pelas nuvens passageiras da depressão”. Baba declarou: “Esta *Prasanthi Vidwanmahasabha* não é algo novo, é eterna. Está agora, mais uma vez, estabelecida na antiga missão. Esse trabalho de *Dharmasthapana* está sempre sendo feito. Vocês têm agora a oportunidade de partilhar dele. Por isso, unam-se a essa grande tarefa e tornem as suas vidas mais dignas”.

O chamado foi irresistível. Cidades e aldeias competiam entre si a fim de abrigar encontros e seminários para o benefício de seus cidadãos. Os membros da academia já eram famosos em por toda a terra. O Dr. B. Ramankrishna Rao, grande estudioso de sânscrito e télugo, conhecido lingüista, grande trabalhador social e líder político, que serviu ao povo como primeiro-ministro de Andhra e governador de Kerala e Uttar Pradesh, é o presidente da Academia. Ele tem um comitê central de eruditos, que adquiriu nome pela sua erudição, conferências e artigos como Uppuluri Ganapathi Sastrigal, que é reverenciado como Amnayaarthavaachaspathi¹⁹ por seus colegas; Kolluri Somasekhara Sastry, venerado como um *kulapathi*²⁰

¹⁹ NR – Mestre Expositor do Sentido dos Vedas

por seus alunos agradecidos; Bulusu Appana Sastry, conhecido como Darsanaalankara, o renomado tradutor e comentarista de Sankara, Githa Bhashya; Remilla Suryaprakasa Sastry, reverenciado como Sanga Veda Vidya Bhaskara; Varanasi Subramanya Sastry, que, por seu extraordinário conhecimento dos trabalhos de Vyasa, é celebrado como Balavyasa; Gandikota Subramanya Sastry, o mais experiente entre os estudiosos do Dharmasastra e mestres da tradição védica; Pisipati Krishnamurthi Sastry, grande especialista em observações astrológicas e cálculos segundo todas as escolas dessa antiga ciência, e outros. Reunir essa galáxia de estrelas na mesma órbita foi por si só uma realização possível exclusivamente pela atração única que a divindade de Baba exerce em todos eles, com igual força.

O Encontro inaugural em que os eruditos transmitiram a mensagem para o povo, em termos gerais, foi realizado na presença direta do próprio Baba, na cidade de Venkatagiri, no Quadrângulo do Palácio, sob a direção do rajá Saheb de Venkatagiri. Baba mencionou que os cidadãos de Rajahmundry, no Godavari, esperavam que o encontro fosse realizado em sua cidade, já que a academia fora decidida “na areias de uma ilha no leito do Godavari, no Sri Ramanavami do ano anterior”. Mas, “como todos os bons acontecimentos, esta oportunidade é ganha não tanto pelo esforço atual, mas pelo mérito acumulado através de anos e anos que chegam a formar séculos”. Baba disse: “Venkatagiri tem sido, por séculos, o local de uma família real dedicada ao apoio, proteção e promoção do *dharma*. Considerem quantos templos foram construídos, ou restaurados e mantidos, pela sua generosidade. Considerem os eruditos que receberam patrocínio até agora e o número de livros religiosos que as suas doações ajudaram a chegar até as massas. Vejam o interesse que a família demonstra até hoje pela manutenção de templos e monastérios, embora o seu estado e posição tenham sido sobrepujados na tempestade das mudanças políticas”. Não é de admirar que, quando o Prasanthi Vidwanmahasabha do estado de Madras foi inaugurado, seis meses depois, Baba selecionou os grandes jardins do palácio de Venkatagiri, na cidade de Madras, como o local da cerimônia.

O Prasanthi Vidwanmahasabha do estado de Mysore foi inaugurado em Brindavan, Whitefield, próximo a Bangalore, no dia 13 de abril de 1964, sob a direção do Honorável Sri B.D. Jatti, Ministro das Finanças do estado de Mysore. Ao inaugurar a academia, Baba disse: “O elo entre os eruditos e os políticos, os líderes religiosos e os governantes partiu, e cada um segue o seu próprio caminho, independentemente do que o outro pensa ou sente. Longos anos de domínio estrangeiro, durante os quais os eruditos foram ridicularizados como símbolos de uma cultura ultrapassada, contribuíram para aumentar a distância entre eles. Porém, mesmo depois que esse domínio terminou, nada foi feito para restabelecer o elo. Mergulhadas na busca de prazeres passageiros e recreação barata, as pessoas tornaram-se surdas aos conselhos do passado e ao chamado do sublime. A menos que sejam treinadas a dirigir as oportunidades recém conquistadas, pelos canais do serviço e do autocontrole, haverá uma quebra moral em grande escala, quando os Planos dos Cinco Anos (planos econômicos do governo da Índia) encherem a terra com represas, estações de força, fornalhas e fábricas. Precisamos ter um plano, um plano bem delineado para a educação moral e elevação espiritual da nação, para evitar o desastre moral”.

Na inauguração do Mahasabha (academia) no estado de Madras, Baba declarou: “A ambição do homem em conquistar o espaço exterior, mesmo antes de compreender por inteiro a sua própria natureza, o conduzirá a enorme desastre. Nenhum conhecimento, mesmo impressionante, que recuse reconhecer a existência de Deus pode ser seguro e duradouro”. O Mahasabha foi também estabelecido, com a Sua bênção, em Hyderabad, capital de Andhra Pradesh, em um encontro presidido pelo governador, Sri Pattam Thanu Pillai. A divisão Maharashtra, da Vidwanmahasabha, foi inaugurada por Baba no Salão Shanmukhananda, em Bombaim, no dia 7 de junho de 1965. Um comitê sob a direção do honorável Sri P.K. Savant, ministro da Agricultura do Governo de Maharastra, foi formado com o orador da Assembléia Legislativa, o presidente do Conselho Legislativo e outros membros.

Sri Savant é um devoto ardente do santuário de Shirdi, onde Baba viveu e ensinou o caminho para Deus, como Sai Baba. Era membro do Comitê da Fundação Shirdi Samsthan e, por algum tempo, foi o seu presidente. A fundação administra os assuntos do belo santuário que cresceu em torno da “tumba” ou *samadhi* do Avatar Sai. Quando, então, Savant ouviu que o mestre assumira novamente a forma humana, ficou naturalmente cauteloso sobre tal declaração. Contudo sua curiosidade o levou à mansão de um devoto, onde Baba ficou por três dias, em maio de 1960. Lá, Savant participou dos cânticos devocionais. Consultou o álbum de fotografias que apresentavam as atividades de Baba. Viu filmes que recordavam a visita de Baba a Badrinath e o Yajna (sacrifício) que fora celebrado em Prasanthi Nilayam. Então, foi levado até o quarto

²⁰ NR – Reitor, chanceler

onde Baba ficara durante aqueles dias. Ele era mantido como se Ele acabasse de ter deixado o local, pronto para recebê-Lo a qualquer momento. Dentro do quarto, foi oferecida a Savant a cinza sagrada trazida de Prasanthi Nilayam, mantida ali em um pequeno receptáculo.

Naturalmente, ele abriu a boca para recebê-la, mas foi subitamente afligido por um golpe de dúvida compreensível – se, como um devoto fiel de Sai Baba de Shirdi, ele poderia agora receber a *udi* (cinza de Shirdi) consagrada por um desconhecido, que reivindicava ser o “mesmo Baba”, vindo novamente. Existem Babas e Babas, pensou, espúrios, pseudo-autênticos e duvidosos, reclamando seus direitos de serem reverenciados de todas as maneiras, através de relacionamentos não comprovados.

Não devemos nos surpreender quando um devoto, com uma fé inabalável em Sai Baba, como Savant, é assaltado pela dúvida; na verdade, devemos agradecer à sua hesitação, pois, naquele átimo, para convencê-lo de que Sathya Sai, em Prasanthi Nilayam, é Sathya (Verdade) e o mesmo Sai Baba de Shirdi, um longo clarão de luz surgiu da palma direita de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba, no quadro pendurado na parede da sala, acima das cabeças do Dr. D.J. Gadhia, que estava oferecendo a cinza sagrada, e de Sri P.K. Savant, que estava externamente pronto, porém internamente indeciso se a receberia ou não.

Aquele clarão dissipou todos os argumentos contra a identidade dos dois Babas; desfez as nuvens escuras da dúvida e da hesitação. Savant recebeu a cinza sagrada. Meses depois, em Prasanthi Nilayam, Baba declarou: “A profundidade da devoção de Savant àquele corpo e a este corpo do mesmo Sai é conhecida somente por ele e por Mim”. Savant esteve na inauguração da filial da Prasanthi Vidwanmahasabha, no estado de Mysore, e estava feliz que aquele ramo da organização fundada por Baba fosse iniciada em Maharashtra. Ele e todos aqueles que partilharam da emoção daquele dia ficaram felizes, porque a Graça de Baba descera novamente em Maharashtra e porque uma nova era nascia para os eruditos daquele Estado, que poderiam participar do renascimento do *dharma*, sob o Seu patrocínio.

A Vidwanmahasabha (Academia de Eruditos Védicos) tem promovido ativamente conferências dos eruditos em várias cidades e aldeias. Um seminário com cerca de vinte deles foi realizado durante uma semana para sugerir assuntos (sobre os quais poderiam falar para as pessoas) selecionados dos vastos reservatórios de sabedoria que cada um guardou dentro de si e para sugerir métodos de apresentação que pudessem suscitar interesse. Baba, invariavelmente, encoraja as pessoas, os organizadores e os eruditos, tanto com a Sua presença física e discursos, como por algum “sinal” da Sua presença. Os comitês distritais organizariam os discursos nas cidades-sede dos *taluk*²¹, pois os devotos, nessas sedes, poderiam levar a mensagem para as aldeias próximas. Portanto as disciplinas e ideais das Upanishades têm sido implantados nas comunidades agitadas em jardins de palmeiras, plantações de cafés, campos de arroz, fábricas, subúrbios, campus de universidades, colônias de estudantes universitários, centros de peregrinação e clubes profissionais.

Onde, anteriormente, a audiência, nos encontros que esses eruditos faziam, podia ser contada nos dedos de uma das mãos e onde, em todo lugar, as mesmas pessoas compareciam, os encontros da Mahasabha (academia), agora, reuniam dezenas de milhares nas cidades e toda a população das aldeias. Isso porque os discursos são feitos na língua do povo, são simples e úteis e afetam diretamente sua vida diária. A divina presença de Baba reunia centenas de milhares para Seus discursos, pois eles são o autêntico ensinamento do Senhor.

Baba declarou em Venkatagiri: “O estabelecimento da Vidwanmahasabha é um evento que marcará uma época, pois não é menos que o amanhecer da era dourada da libertação da humanidade”.

A libertação da humanidade do papel mesquinho a que o homem se condenou, decidindo erroneamente que ele é a bainha e não a espada, o corpo e não o seu ocupante, é o próprio propósito do advento de Baba sob a forma humana. Baba revelou que os repositórios da antiga cultura indiana são os Seus instrumentos para esse propósito. Durante sua turnê por Tamil Nadu²², na aldeia de Surandi, Ele encorajou os eruditos védicos a recitar os versos dos Vedas no modo Ghana²³ e recompensou-os com medalhas de ouro. Medalhões semelhantes foram conferidos por Ele aos eruditos na conclusão da recitação de versos em Akiripalle e Rajahmundry. Em 1963, em uma *vidwathparishath* (assembléia de eruditos) em Rajahmundry, deu a cada membro mantos de honra, encorajando-os a se aplicarem nos estudos e exposição dos Vedas e Shastras (escrituras hindus).

²¹ NR – Entidade governamental, com poder administrativo e fiscal, sediadas em cidades ou municípios.

²² NR – Turnê no Estado Tamil Nadu, ao sul da Índia.

²³ NR – Uma das técnicas utilizadas para decorar e recitar os Vedas, que surgiu antes da adoção da escrita, ou seja, há mais de cinco mil anos.

Em 1960, Ele presidiu o dia das celebrações da Faculdade de Markandeya Oriental. Enquanto davam as boas-vindas a Ele naquela instituição, o Dr. S. Bhagavantham (cujo pai fora o fundador da faculdade), o grande cientista, agora cientista conselheiro do Ministério da Defesa do Governo da Índia, disse: “Sempre que estou para receber o *darshan* de Baba, fico surpreso ao descobrir, em torno dEle, grupos de pessoas de todos os países e profissões, grandes e pequenos, ricos e pobres, doentes e saudáveis, jovens e idosos eruditos com todos os seus conceitos acadêmicos, admirando-se ao descobrir como todo o seu aprendizado é inútil, diante dAquele que Tudo Sabe”. Eles se admiram, e a surpresa amadurece em devoção.

Baba abençoou com a Sua presença o Niranjana Bhajan Mandali (grupo de cânticos devocionais), em Maddur; o Sivanamajapasaphaha (recitação contínua do nome de Deus por uma semana), em Srisailam; o Círculo de Estudos da Gita, em Naini Tal; e o hindu Samaj (centro espiritual), em Rajahmundry. O Sanathana Bhagavatha Bhaktha Samajam (Associação dos Dedicados e Devotos) dos distritos de Krishna Guntur ficou sob Seus benignos cuidados. Baba também Se fez presente no rito sacrificial (*yajna*) celebrado pelos devotos em Rajahmundry, Venkatagiri e Srinivasapur. Visitou a escola (*pathasala*) de sânscrito e o Vyasasram (*ashram*/monastério de Vyasa) em Erpedu.

Quando a Universidade de Sânscrito de Benares organizou o Akhila Bharatha Thanthrika Mahasabha, ela enviou Swami Dattatreya a Prasanthi Nilayam para convidar Baba a estar presente e abençoar a academia. Embora Baba tenha declarado com frequência que “Esta é a era do *tantra*”, teve de enviar o Swami de volta, desapontado. Os organizadores do Vishwa (Mundo) Hindu Parishad acercaram-se de Baba, para que Ele Se unisse ao grupo de Swamis que o estavam organizando. Baba disse-lhes que tinha vindo com o propósito de reviver os ideais do Hinduísmo e estabelecê-lo no caminho da vitória: “Tenho feito a cada momento o que vocês agora têm em vista”. Quando o tégulo Vijnana Samithi, de Malleswaram, homenageou alguns membros do Comitê Central da Prasanthi Academia Vidwanmahasabha, Baba concordou em presidir o encontro.

O governador Pattom Thanu Pillai disse, ao inaugurar a sua filial em Hyderabad: “Estou feliz, porque um dos principais objetivos da Sabha (academia) é incentivar o estudo, honrando os eruditos e, portanto, encorajando o estudo dos Vedas e Shastras”. Baba presidiu uma grande reunião de admiradores e estudantes, quando o Hindu Samaj, em Rajahmundry, reverenciou três mestres antigos e destacados do aprendizado antigo: Bulusu Appanna Sastry, Varanasi Subrahmanya Sastry e Kolluri Somasekhara Sastry. Durante o festival de Dasara, em 1965, Baba conferiu a esses três e a Vidwan Dupati Thirumalacharlu, de Venkatagiri, o sinal de apreciação que os patronos reais costumavam conferir no passado, isto é, o “Suvarna Kankana” ou bracelete de ouro com pedras preciosas. Todos que presenciaram o carinho com o qual Ele ajudou aqueles idosos a subirem ao palco, o prazer com que Ele pareceu aceitar as realizações deles e o cuidado com que ajudou o governador a colocar as jóias em seus pulsos, e cobrir seus ombros com os xales bordados com ouro, lembrarão a cena como um momento inspirador e instrutivo. Os eruditos tiveram uma boa razão para dar as boas-vindas à Era Sathya Sai, pois Ele é a sua árvore divina dos desejos²⁴ que veio à Terra. Quando um erudito leu diante dEle alguns poemas que tinha composto sobre a deusa Kamakshi de Kanchipuram, Baba criou uma imagem daquela deusa e presenteou-o; quando os outros ofereceram a Ele trabalhos sobre o Yogavasishta e Githabhashya, que tinham composto, a Graça de Baba providenciou os fundos suficientes para publicá-los. Baba é o *Veda-mata* (a mãe dos Vedas); não pode tolerar um estudioso dos Vedas movendo-se penosamente, com o suor da agonia em sua testa.

Exceto, naturalmente, quando Ele está dando uma lição, pois é um mestre exigente nas tarefas, que almeja manter o padrão moral daqueles que reivindicam ser os mestres das escrituras antigas. Por exemplo: um erudito do distrito oriental de Godavari estava tão desesperado financeiramente que, em sua ansiedade, negou a Graça de Baba! Ele negou permissão à sua esposa para escrever a Baba pedindo socorro. Dois dias depois ficou surpreso ao receber uma carta de Baba, que estava em Prasanthi Nilayam, a mil e duzentos quilômetros de distância, na qual o repreendia severamente por isso: “Por que disse a ela ‘Você não tem permissão’? Então Eu não sei? Só saberei quando ela escreve ou quando alguém escrever? Não sei, por exemplo, que você foi a Ramachandrapuram esperando conseguir um pouco de dinheiro com discursos sobre a Gita e que voltou para casa com perdas? Não sei que você começou a se condenar dizendo que todo o seu aprendizado tinha sido uma perda de tempo, que toda a sua experiência não tinha valor? Para Mim, que cuido de todo este mundo, não é problema cuidar de você e da sua família. Estou relatando todas essas dificuldades somente para lhe ensinar umas poucas lições”. O resumo da carta, que o erudito colocou em

²⁴ NR – O autor faz menção a Kaltaparu, uma árvore de tamarindo de onde Baba apanhava todo tipo de frutas.

minhas mãos, em Amalapuram indica as lições: “Quando a vida flui alegremente, as pessoas reivindicam que é devido aos seus próprios esforços e se esquecem do Senhor. Quando o fracasso impede o fluxo, começam a amaldiçoar e perdem a fé. Quando o desespero aumenta, vocês insultam o *Atmatatwa*, o princípio do atma que vocês realmente são, que não conhece dor ou alegria. Você se tornou erudito em muitos assuntos, mas não tenta colher seus frutos, colocando-os em prática. Se tivesse fé de que nada pode impedir a bem-aventurança do *atma*, que é a fonte viva em cada coração, como você seria feliz! Imagine como você seria calmo e ponderado então!

Em suas conferências, você faz digressões sobre o *atma* e a bem-aventurança que os homens podem conseguir ao mergulhar profundamente nele. É fácil aconselhar os outros. Quanto a praticar aquilo que recomenda, você acha que é um aborrecimento horrível. Guardando todos os Vedas, Shastras, os Puranas, os Ithihasas e as Upanishades em seu cérebro, todos esses lamentos e ira não fazem você. Em vez de escolher o medicamento mais específico para toda a ansiedade, isto é, o nome do Senhor, por que perde tempo relembrando e lamentando a dor, o medo, a perda e a mágoa?

Engaje-se naquilo que é o seu dever, o dever que a sua posição exige. Faça-o com coragem e alegria. Lute para conquistar os quatro *purusharthas*²⁵; então você certamente vivenciará a Verdade maior. Pratique e conquiste a bem-aventurança maior. Não menospreze os ricos, não somente os ricos; a ninguém despreze, de maneira alguma. Pois lembre-se: Sai está em cada pessoa. Então, quando você menospreza alguém, está menosprezando o próprio Sai”.

Após essa repreensão paternal, porém firme, Baba encerra a carta com a marca reveladora do autor: “Aquele que reside em seu coração, Sai” “*Nee Hrudayanivasi, Sai!*” Esta supervisão vigilante dos trabalhos da consciência interna dos eruditos que vieram para a Sua órbita, é outra entre as várias maneiras com as quais este *Vedamatha* (providência que revelou os Vedas) busca promover o Sanathana Dharma, pois a menos que tenhamos um grupo de bravos estudiosos dos Vedas, que levem uma vida védica, o mundo não poderá honrar e aceitar o ensinamento védico da Unidade Fundamental.

25 NR - *Dharma, Artha, Karma and Moksha* (retidão, riqueza, ação e libertação).

Enquanto hasteava a bandeira de Prashanthi Nilayam, em 23 de novembro de 1962, Baba fez referência aos chineses que atravessavam a fronteira pelos vales do Himalaia, chegando até as planícies da Índia, e anunciou: “As festividades do Meu aniversário não serão prejudicadas por qualquer notícia deprimente; vocês receberão notícias positivas e alegres. O Sanathana Dharma não sofrerá nenhum dano”. E, confirmando essa declaração, os chineses, que estavam em movimento de avanço, começaram a recuar a partir da meia-noite do dia 22, indo para trás das montanhas por motivos ainda não revelados!

Naquela noite, quando o Ministro do Planejamento do governo de Andhra inaugurou a escola doada por Baba à aldeia de Puttaparthi, Ele falou sobre o desperdício colossal que existe hoje na educação. “Olhem as estradas nas aldeias, as casas, as crianças e digam-Me se 50 ou 60 anos de ensino de regras de saúde e higiene produziram algum efeito. Se até essas lições, que afetam a saúde e o bem-estar das pessoas, foram negligenciadas na prática, nem preciso dizer que outras questões, laboriosamente ensinadas nas escolas, produziram um efeito ainda menor!” Baba destacou as tendências para a imitação, as quais afastaram as crianças da cultura nativa, eliminando suas raízes e deixando-as insensíveis. “Vocês ensinam às crianças versos estúpidos como ‘Carneirinho, carneirão, neirão, neirão’ ou ‘Jack e Jill subiram a colina’, enquanto frases inspiradoras e confortantes como ‘*Suddha Brahma paraath para Ram, Kakaathmaka parameswara Ram*’ (Rama, a Pura Essência, o Ser além de Tudo; Rama, o Princípio do Tempo, o Senhor dos Senhores) foram descartadas como ultrapassadas e incômodas. Qual o valor de uma Índia que abandona a sua natureza e torna-se uma cópia falsa da Rússia ou dos Estados Unidos? Façam o país mais verdadeiramente indiano”, aconselhou. “Para as doenças da ganância, da pressa, do ódio e da arrogância, que afligem este país e o restante do mundo, os que planejam a educação das crianças devem aprontar-se para ensinar os primeiros passos da disciplina espiritual, o silêncio, a repetição do Nome do Senhor, a meditação no Criador deste universo maravilhoso, as ações positivas de servir ao próximo, o desapego de hábitos aviltantes”.

O Ministro Dr. M. Chenna fez referência, em seu discurso presidencial, à peregrinação que fizera a Shirdi algumas semanas antes: “Considero a minha vinda a Puttaparthi, logo após a peregrinação, como uma boa sorte, pois Sai Baba de Shirdi assumiu Seu Avatar aqui, como Sathya Sai Baba”. Baba disse a ele e também à assistência: “Eu sou todos os Nomes, não somente esses dois – Sai Baba e Sathya Sai Baba. Chamar de Sai Baba aquela manifestação, ou esta de Sathya Sai Baba é somente um dos muitos métodos de designação. Tanto naquela época como agora, Sai é todos os Nomes e Formas”. Na verdade, um relance da universalidade do divino! Baba nos convida a aproveitar, com entusiasmo, a oportunidade da Sua Graça, para nós nos salvarmos. “Aproveitando essa oportunidade, vocês poderão elevar-se, passo a passo, com firmeza. Uma dor de barriga, uma febre, alguma perda ou mágoa os trazem a Prashanthi Nilayam. Vocês começam a gostar deste lugar, da sua atmosfera, do *omkar*, do *bhajan*, da quietude reinante. Vocês Me vêem e observam os Meus movimentos, palavras e atos; partem com esperança e coragem, confiança e força, com um livro de *bhajans* e, talvez, uma foto. Logo esquecem a dor ou a febre, pois elas desapareceram ou perderam a sua severidade. Vocês desenvolvem um novo desejo – por *Prashanthi* (paz inabalável), pelo *Darshan* (visão), *Sparshan* (toque), *Sambhashan* (conversa), por *Japam* (recitação do nome do Senhor), *Dhyanam* (meditação) e *Sakshatkaram* (realização). Sigam as Minhas instruções e tornem-se soldados do Meu exército; Eu os conduzirei à vitória”.

Então pronunciou esta grande declaração, este grande Chamado: “Quando alguém lhes perguntar, com grande anseio, onde o Senhor pode ser encontrado, não se esquivem; dêem-lhes a resposta que surge em sua língua, vinda do coração. Dirijam-nos a Puttaparthi e convidem-nos a partilhar da sua alegria”.

Em dezembro de 1962, Baba estava na cidade de Madras (hoje Chennai). Inaugurou o Sathya Sai Nivas, um Salão de Orações no meio do subúrbio de Perambur, onde há um colossal complexo industrial, do qual fazem parte a Fábrica de Vagões Integral e o Railway Workshops (usina das Ferrovias). Baba disse: “Esta é a Casa de Força desta região, para salvar os que se aventuram a atravessar o oceano de *Samsara* (ilusão); ela lhes apontará as pedras traiçoeiras da ganância e do ódio e sinalizará as tempestades do egoísmo desmedido”.

Na primeira semana de 1963, no dia 6 de janeiro, para ser mais exato, seria celebrado o Vaikunta Ekadasi, conforme o calendário. O calendário de Baba marcou esse dia como o Dia de *Amrithodbhavam*, quando o néctar divino emana de Sua Mão. O dia é observado como aquele em que os portões do céu se abrem para todos, no grande templo Vaishnavita de Srinagam, onde o Senhor, como Ranganatha, diretor do

palco do mundo, preside a peça do Nascimento e Morte, com algumas cenas da Vida no meio. Para aqueles próximos a Baba, esse Sri Ranganatha sob forma humana, os portões do céu se abriram, quando Ele deu a todos o néctar que criou. No dia seis de janeiro, Baba levou vários devotos para Mahabalipuram, no Mar Oriental, local onde, desde há muito tempo, as ondas sussurram histórias ancestrais maravilhosas ao homem. Aqui, cinzeiros seguros por mãos hábeis inspiradas em *Karmayoga*, dirigidos por olhos cintilantes da luz de *Bhakthiyoga*, treinados por cérebros iluminados por *Jnanayoga*, moldaram pedras erigidas em imagens repletas de êxtase. Quando o grupo se acomodou na praia, em volta de Baba e começou a cantar *bhajans*, as ondas devem ter-se lembrado daqueles dias passados, em que as deidades dos templos de Tamil Nadul eram instaladas para adoração nas areias, que ficavam repletas não de grupos de piqueniques, mas de multidões de corações devotos e humildes, buscadores de Deus. Elas vinham, uma atrás da outra, em fileiras cerradas, para obterem uma visão de Baba e ouvirem a melodia das canções divinas. Até os elefantes, veados e macacos esculpidos nas pedras tentaram escapar das rochas e sentar à Sua volta.

Baba criou, naquela tarde, três ídolos encantadores de Vishnu, Narayana e Krishna, e, quando o grupo de devotos, em torno dEle, exultava pela sua boa sorte, a imagem muda de Arjuna, em penitência, teve de voltar-se e unir as mãos num ímpeto de súbita inspiração, para prestar reverências. Os três ídolos – Baba explicou – simbolizavam o aspecto sátvico de Deus, o aspecto que confere *amritha*, imortalidade, ao homem. *Vaikunta* (céu,paraíso) é o local (ou estágio) em que não há “*kuntitha*”, torpor ou estupidez, mutilação ou miséria. No dia do Ekadasi, dedicado à conquista desse estágio, os portões de Vaikunta são abertos para aqueles que atingiram o sucesso na luta para superar o obstáculo da ignorância. “Quando a mente obedece aos caprichos dos sentidos, vocês ficam limitados; quando a mente ouve os conselhos do seu Mestre, *Buddhi* ou Razão, vocês estão salvos. Portanto treinem a mente para prestar atenção à inteligência e não às excentricidades dos sentidos”, aconselhou Baba.

Após conceder aos devotos esse *bodhamritham* (intelecto imortal), Baba criou *amritham*, gerada pelos Devas e Ashuras naquele dia auspicioso, ao agitarem o Oceano de Leite (como descrito no Srimad Bhagavatham). Deu a todos os presentes, com o aviso de que a língua que prova *amritham* não deve ser contaminada, dali em diante, por *anritham* (falsidade).

Voltando a Prasanthi Nilayam, Baba pediu aos devotos que haviam feito de lá a sua casa, que seguissem uma disciplina rigorosa prescrita por Ele. “Este Avatar tem *baktha-rakshana* (acolhimento dos devotos) como uma das suas tarefas. Por isso, esforcem-se para serem devotos. Entreguem-Me a sua mente, totalmente e sem reservas, entreguem-na a Mim com todas as suas instabilidades e caprichos. É a única coisa que precisam fazer. Então, se tornarão devotos; serão liberados da dor. Não somente vocês, mas cada ser no universo precisa ser libertado, e será”, disse Baba.

Poucos dias depois, foi realizada a cerimônia de iniciação, como *bramacharya*, de cerca de 30 rapazes. Ao descobrir que 16 deles não tinham sido submetidos ao ritual preliminar de “furar a orelha”, Baba fez um gesto com a mão e produziu as várias argolas de ouro necessárias. Ele mesmo furou a orelha dos noviços. Deu a cada um os mantos para a cerimônia e os vasos de cobre que usariam. Os sacerdotes brâmanes tinham vindo de várias cidades, acompanhando os pais dos rapazes a serem iniciados. Baba falou-lhes sobre os acréscimos que o tempo acumulara sobre os rituais védicos simples. Ele os instruiu a descartarem tais exibicionismos, os supérfluos festivos e sociais das atividades védicas e a seguirem um esquema mais simples, designado por Ele. Eles concordaram felizes; contentes por Baba ter vindo para separar o joio do trigo. “Eu serei sua Mãe”, Ele disse, quando os sacerdotes sugeriram que as mães ficassem atrás dos rapazes durante o ritual. “Alguns dos rapazes perderam suas mães; quando virem os outros acompanhados, chorarão pela sua sorte. Não quero que ninguém chore durante o ritual ao receberem o *mantra* Gayatri, ‘o que destrói a dor’; portanto fiquemos sem as mães perto dos filhos”. A mãe deve derramar o primeiro punhado de arroz, quando o iniciado começa a sua carreira de estudante e diz: “Bhavathi, bhikshaam dehi (Mãe, dê-me uma esmola)”, mas Baba disse: “Eu serei a mãe. Eu enchiere suas mãos de presentes”. Que imensa boa sorte essa!

O Festival de Shivaratri foi celebrado na vigília dos *Upanayanams* (o ritual descrito acima). Dois *lingans* – um de ouro e outro de cristal – emergiram de Baba, tendo sido formados dentro dEle, como acontece desde 1940. Baba explicou que o *lingam* era uma “marca” ou “símbolo” representativo da imersão ou fusão do particular no universal, da dissolução da mente (com suas agitações, aspirações e realizações que apegam e aderem) na consciência do *atma*. O sábio compreende que a mente e a vasta fantasmagoria

que ela trama são todas submersas no *lingam*, no oceano sem princípio e sem fim da Existência-Conhecimento-Bem-aventurança.

Depois do Shivarathri, Baba foi a Rajahmundry, para presidir o Festival Adiátmico (espiritual) de três dias. Centenas de aldeias da região, as terras férteis do delta do rio Godavari, esperavam pela Sua visita, que gostariam que se estendesse até elas também. Mas Baba anunciou que “as visitas aos outros locais foram adiadas; entretanto todos podem receber o *darshan* em Rajahmundry durante os encontros”. Portanto, enquanto Baba atravessava a rodovia Grand Trunk, na costa leste da Índia, em direção à cidade de Godavari, milhares de pessoas acorriam ao local, vindas de longe e de perto, em carros, ônibus, trens, barcos, bicicletas, riquixás e carros de boi. Os trens fumegavam na estação, pesados pela carga humana, e a deixavam vazios, pois todos estavam ansiosos para chegar, e ninguém preparado para prosseguir ou deixar a desejada cidade. Os mais velhos, que tinham visto as multidões gigantescas, atraídas a Rajahmundry pelo Festival do Rio de Pushkaram, juravam que o recorde tinha sido quebrado em pedacinhos. O próprio Baba mencionou, no dia 29, quando discursou para a enorme platéia espremida ao máximo no maior salão de casamentos da cidade, que aquilo era uma lembrança do próprio Viswavidyavara, isto é, da multidão de manifestações do Grandioso Desconhecido. Baba teve de mudar o lugar para o vasto espaço aberto de um subúrbio, onde pôde dirigir-se a todos do topo de uma casa que sobrepujava a área. O quarto dia da estada de Baba em Rajahmundry era o *Ramanavami*, o Aniversário de Rama, o Avatar de Deus, adorado como a encarnação do *dharma*, desde os vales dos Himalaias até os lares de Kanyakumari. Toda a Índia recendia a incenso e vibrava com os sinos dos templos, naquela noite. Baba sentou-se em um banco de areia no centro do amplo rio, como Rama deve ter-se sentado tempos atrás, durante Suas peregrinações no Sul. Foi um momento épico, uma virada na história do Mundo. Pois Baba anunciou, naquela hora, o Seu Plano para disseminação e propagação do *dharma* védico por toda a Índia e para o mundo.

Baba ensina que o *karma* precisa estar permeado de *bhakti* (devoção), para que *jnana* (conhecimento) seja alcançado. Destacou que os Vedas possuem três seções: a primeira trata do *karma*, sendo a mais volumosa; a segunda, menor em tamanho, chama-se *upasana* (adoração); a terceira, seção da sabedoria – *jnana* – é a literatura das Upanishades, e, menor ainda, da Vedanta, a consumação da disciplina védica. Ele compara essas três seções a “fruto tenro”, “fruto amadurecendo” e “fruto maduro”. O fruto, amadurecendo, adquire doçura em menos tempo do que o fruto tenro leva para crescer até esse ponto. A doçura, da qual tudo isso é uma preparação, é *jnana*.

Baba concorda com o ditame védico segundo o qual somente *jnana* pode conferir a libertação, e que *karma* e *bhakti* são estágios preliminares a serem atravessados pelo buscador. Somente *jnana* revela a unidade essencial do universo, a unidade da mente e da matéria, do tempo e do espaço, da estrela mais distante à mais diminuta centelha da luz do sol.

Baba falou sobre essa unidade, essa não-dualidade, *a-dwaita*, no aniversário de Shankara, que foi o mais vigoroso expoente dessa verdade vedântica. “Essa interpretação satisfaz as exigências mais complexas do intelecto e reconcilia todas as descobertas da ciência. *A-dwaita* é a conscientização do Uno em toda a sua extensão, em todas as coisas, em todos os tempos. Quando você sabe que ‘muitos’ é uma fantasia da sua imaginação, nascida do seu conhecimento incompleto, torna-se o Mestre único, e todo o medo se desfaz; você está livre da servidão do *samsara* multifacetado”, disse Baba.

No dia 10 de maio, Baba inaugurou a Fábrica da Rao Insulating Company, em Whitefield. Falando aos empregados, deu-lhes a Sua Bênção e um conselho. Disse que cada um deles era um elo na cadeia de produção; a preguiça, indolência, negligência ou ineficiência de uma única pessoa anula a capacidade, vigilância, eficiência e entusiasmo do restante. “Sejam tolerantes com o ponto de vista dos outros, estejam atentos às dificuldades dos demais, respeitem as necessidades deles tanto quanto respeitam as suas”. Disse que conhecia os técnicos britânicos que estavam colaborando com eles e podia parabenizá-los por essa amizade afetuosa e empenhada do exterior.

Baba colocou Seu dedo sobre o ponto crucial do que é muitas vezes exagerado como um problema trabalhista, pois o vê como um problema humano para aquisição da paz e da alegria. Em Srisailam, quando viu os milhares de pedreiros, cortadores de pedra e mecânicos engajados na construção de uma represa no Rio Krishna, Ele deu um conselho que líderes e orientadores do trabalho devem guardar em seus corações: “Não executem esse trabalho de qualquer jeito; esta é uma tarefa sagrada, que fornecerá alimento e felicidade para milhões de homens, mulheres e crianças por séculos. Na verdade, suas vidas se tornaram válidas. Vocês, que trabalham duro para conter a teimosia deste rio poderoso, devem também trabalhar duro para conter a própria teimosia.

Represem a inundação tumultuada da paixão, que ameaça a paz e a alegria das suas próprias casas. Canalizem-na para campos mais úteis. Assim como obedecem às orientações de saúde, por medo de caírem doentes, obedecem também às regras do controle mental, para terem abundância de paz. Dediquem alguns minutos a Deus a cada manhã e ao entardecer, no silêncio de seus lares, diante do altar. Pratiquem a presença constante de Deus, vejam-No com vocês, sempre, sob todas as condições. Confie em nEle; esse é o Seu Espetáculo, vocês são somente atores desempenhando um papel”.

De Whitefield, Baba foi às cidades de Mysore e Nilgiris; depois, prosseguiu para Tinnevely, Mukudal, Madurai e para as montanhas de Kodaikanal, chegando a Prasanthi Nilayam a tempo do Festival do Guru Purnima. Os eventos milagrosos que precederam esse festival, tornando-o inesquecível, merecem um capítulo separado, um capítulo que deve ser escrito em letras de ouro.

Os leitores devem ter notado que Baba Se declarou como Bhavani, o que deu uma espada para Shivaji e o incumbiu de salvar o *Sanathana Dharma* das suas forças inimigas. Disse: “Este Shiva-sakthi está fazendo o mesmo, agora. Estou dando a espada da coragem nas mãos destes eruditos, incumbindo-os de partilhar a sua sabedoria e alegria com todos os homens, como comanda o *Sanathana Dharma*”.

No dia 6 de julho de 1963, por volta das 19 horas, essa palavra “Shiva-sakthi” transportou nas asas da memória a grande multidão que a escutou, quando o milagre dos milagres aconteceu no Salão de Orações de Prasanthi Nilayam. Foi um evento sísmico que ampliou os limites da fé e aprofundou o ardor da devoção. Eu o descreverei em alguns detalhes.

Tudo começou ao entardecer do dia 28 de junho, quando Baba me pediu para anunciar que Ele não concederia entrevistas por uma semana. Ninguém sabia o motivo, pois não houve nada fora do comum nos eventos do dia. No sábado, dia 29 de junho, às 6:30 horas, enquanto ia do Seu quarto no primeiro andar para a varanda do lado sul, Baba falou de uma “sensação de vertigem” e de repente caiu no chão. Eu estava com Ele naquele momento, porém embora O tivesse amparado com a minha mão, pude suavizar o impacto da queda apenas ligeiramente.

Mesmo enquanto caía, a mão esquerda se curvou como para agarrar o pulso; a perna esquerda enrijeceu e os dedos dos pés se tornaram duros. Evidentemente Ele tinha assumido para Si, em Sua infinita misericórdia, o derrame paralisante destinado a incapacitar, ou talvez matar alguma pessoa santa. Como O tinha visto assumir febre tifóide, dor gástrica, sangramento no ouvido, caxumba e até derrames, esperei, junto com Raja Reddy, o momento do retorno, quando poderíamos saber Dele o nome da pessoa e do lugar para confirmar a nossa conjectura. A face entortou e os músculos puxaram os lábios para a esquerda... a língua enrolou. O olho esquerdo parecia ter perdido a capacidade da visão. Murmuramos entre nós sobre o adiamento das entrevistas... por uma semana! Baba parecia saber que alguém teria de ser salvo naquela manhã.

Quando o relógio marcou os minutos e o ponteiro das horas se moveu, a nossa ansiedade se transformou em medo. A tristeza encheu o quarto e se espalhou gradualmente por Nilayam. O Dr. B.G. Krishnamurthi disse que Baba estava “em coma”, que mostrava sintomas de “apoplexia”. As mandíbulas estavam apertadas. O ritmo do pulso variava de 84 a 100. Esse médico, enquanto atende os pacientes no Sathya Sai Hospital, tem mais confiança no valor curativo da cinza sagrada, abençoada por Baba, do que na eficácia dos medicamentos das prateleiras. Agora que ele encontrava Baba derrubado, podia somente orar por Sua cura.

Enquanto isso, alguém que temia que a doença fosse genuína, dirigiu-se rapidamente de carro até Bangalore (a 170 quilômetros de distância) e trouxe consigo, tarde da noite, o Dr. Prasanasmha Rao, diretor assistente dos serviços médicos em Mysore. Deixemos que o médico relate o que viu. Copio sua carta:

“Foi na tarde do dia 29 de junho que fui convocado para ir urgentemente até Sri Sathya Sai, em Puttaparthi. Apressei-me, em companhia de meu cunhado, Sri Kesav Vittal, para testemunhar um espetáculo de dor e sofrimento extremos em Puttaparthi. Chegamos aos limites daquele lugar sagrado após a meia-noite. Ansioso como estava para saber dos detalhes do incidente que causara o chamado, foi Sua vontade que eu me contivesse até a manhã seguinte. Naquela manhã, quando fui levado até o quarto, no primeiro andar de Nilayam, vi a forma física e o corpo prostrado de Sri Sathya Sai Baba na postura característica de um paciente em coma. A respiração sibilava de tempos em tempos. O lado esquerdo do corpo, os membros superior e inferior mantinham-se rígidos na posição tônus extensor. Havia fortes contrações na face, ocasionalmente no lado direito. A cabeça era repentinamente arremessada de um lado para outro, e gemidos de agonia junto com sílabas desconexas, resultado de dano da faculdade da fala; em resumo, um tipo de algaravia.

Após uma análise dos sinais e sintomas e da anamnese do caso, tive de concluir que as condições semicomatosas e a postura assumida somente poderiam ser consequência de uma condição existente no crânio, que predominava sobre a metade direita do cérebro, na área frontal. O diagnóstico diferencial dessas condições em uma pessoa com cerca de trinta anos, após excluir as possibilidades remotas, me fez supor uma ‘meningite tuberculosa’, com talvez uma tuberculose silenciosa e despercebida há algum tempo.

O tratamento seria composto de vigorosas medidas antituberculose, com tratamento de apoio sintomático, com substituição e reposição intravenosa para manter o equilíbrio e a nutrição iônicos. Uma punção lombar para diagnóstico era uma necessidade imediata para confirmação profissional do caso. Minhas tentativas para administrar uma solução de glicose por via intravenosa foram, por um gesto e movimento do corpo, completamente repelidas por Baba, deixando-me completamente desorientado e impotente diante da Sua vontade. Resignado à Sua vontade, retornei a Bangalore na tarde de domingo, sem esperanças de obter o seu *darsan* novamente na forma física assumida por Ele nesta encarnação.”

Baba permaneceu “inconsciente” durante todo o tempo; demonstrava fracos lampejos de consciência apenas quando afastava a mão do médico em sua tentativa de aplicar uma injeção. O corpo transpirava muito, mas Ele recebeu somente algumas colheres de sopa de água, inseridas após as mandíbulas serem separadas. Estava, aparentemente, severamente exausto. Além disso, sofria do que o Dr. Krishnamurthi chamou de “*angina pectoris*”, ataques de dor intensos originando-se nos ossos do peito e irradiando para o ombro e braço esquerdos. A forma física gemia. Residentes de Nilayam ficavam na ponta dos pés, debaixo da janela, ouvindo e chorando. Para aliviar a exaustão, administrávamos, ocasionalmente, gotas de água açucarada, ou suco de limão, entre os dentes fortemente cerrados.

Na segunda-feira Baba intensificou a atmosfera de tragédia. Chamou para perto de Sua cama alguns residentes da Colônia, através de gestos, balbuciando para fazê-los compreender que as tarefas designadas a eles deveriam ser realizadas sem que o ardor se arrefecesse. Foi uma experiência de partir o coração – ouvir aqueles sons confusos e interpretá-los, pois as palavras emergiam de uma boca torta com uma língua voltada para a esquerda. Ele nos aconselhou a não assustar os outros devotos com o nosso medo. “Lidem com eles com gentileza. Falem com suavidade”, Ele parecia dizer: “Dêem a eles a cinza sagrada, peçam que vão para casa e que voltem em outra ocasião”.

Ele recusava os medicamentos e os cuidados, repelindo zangado a colher que continha algumas gotas de coramina. Insistia em ir ao banheiro sozinho, embora tivesse de ser levantado ou levado através de duas soleiras de porta. A pulsação apontava perigo após cada uma dessas perigosas proezas. Nós e o médico podíamos somente levantar nossas mãos e rezar.

O fato de ser um ataque de paralisia não podia ser revelado e, por isso, vários rumores circularam dentro e em torno de Nilayam, para explicar o sinistro abatimento. O pior deles era de que Baba estava sob a influência maléfica de magia negra. Outro conjecturava que Ele entrara em *samadhi*. Ainda outros anunciavam que Ele assumira o voto de silêncio e inação. Talvez os aldeões de Puttaparthi fossem intérpretes mais competentes, pois tinham sabido dos seus dias de “inconsciência” em Uravakonda, quando Ele “saíra” do Seu corpo para salvar um devoto de uma calamidade. Eles diziam que Baba estava para iniciar um novo capítulo em Sua história, como tinha feito após aquele incidente em Uravakonda durante Sua adolescência.

Chegou a terça-feira. Baba demonstrava sinais mais freqüentes de consciência e por períodos maiores. Referindo-se à visita do médico, Ele disse: “Ele pode apenas ter o *darsan* e sair. Injeções são desaconselháveis em tais casos. Isto durará cinco dias. Amanhã, a dor será menor. Tive dois enfartos nestes três dias. Vocês devem ter ouvido os gemidos. Ninguém teria sobrevivido a isso”. Fez um gesto e sorriu.

O Dr. B. Sitharamayya, que era diretor médico, responsável pelo hospital de Nilayam, foi convocado por um telegrama. Chegou ao anoitecer da terça-feira. Aquela noite foi cheia de medo, pois Baba gemeu, causando-nos uma agonia excruciante.

O amanhecer da quarta-feira foi escuro e melancólico. Por volta das 9 horas da manhã, as condições de Baba, que estava extremamente exausto, mostraram sinais de deterioração. Lutava para respirar, os soluços o atormentavam. Os “pais” não conseguiam conter a sua tristeza; os “irmãos” e “irmãs” mergulharam na dor. Embora apoiados na fé de que Baba era divino, nós vacilamos e choramos alto como bebês tomados pelo pânico. Não conseguíamos decidir se, naquele momento pavoroso, poderíamos ceder ao sacrilégio de trazer a Prasanthi Nilayam um médico de Anantapur ou de Bangalore. Isso seria correto? Seria perdoável? Era uma necessidade urgente? Seria algum médico de valia? Que tremenda responsabilidade esta, sobre os nossos ombros cansados. Reunimo-nos sob as mangueiras, e com lágrimas descendo pelo rosto, pesamos os prós e contras.

Naquele instante chegaram notícias alegres. Baba recuperara a consciência; os soluços não estavam mais tão fortes – duas horas depois tivemos um choque trágico. Sua respiração piorara; Ele se esticava e retorcia. Seus pés e mãos ficaram frios. Oramos por Ele entre soluços e nenhum sinal nos encorajava. Os

médicos sentaram-se no chão e se encostaram na parede, descansando sobre as mãos suas cabeças pesadas. Por quatro horas inteiras Baba nos consumiu em uma angústia mortal. Depois, Ele abriu os olhos... olhou ao redor e sorriu.

Cerca de uma hora depois, Ele nos chamou e nos contou, em Seu vocabulário pateticamente ineficaz, complementado por gestos com a mão direita paralisada, os eventos daquelas quatro horas. Nós entendemos Ele dizer: “A mente é um lótus de mil pétalas, cada uma dirigida para fora em direção a alguma faceta do mundo objetivo. No centro do lótus está a chama do princípio do Eu. A chama é sempre instável, mudando para uma pétala, depois para outra, mas se, através do exercício da vontade, você a mantiver firme e reta, o Eu não será afetado pelos eventos que acontecem ao corpo”. Alguém citou *Sruthi*²⁶ e disse: “*Neela thoyada madhyasthaad, vidyullekheva bhaaswara, thasyadhya vahni sikhaa*’ (no centro da nuvem azul, relampejando como um raio de luz, com a língua de fogo em seu centro). Baba concordou com um gesto de cabeça. “Durante essas quatro horas, mantive a chama firme e reta. Eu estava fora, à parte. Observava o corpo de cima, despreocupado, não afetado”. (Ainda em Shirdi, em 1886, Sai Baba Se salvou de uma doença crítica, ao decidir “elevar o Seu prana”).

Por volta das 19 horas, Baba gesticulou: “Todos vocês devem dormir aqui esta noite”. Isso pressagiou uma crise. “Haveria um ataque do coração esta noite?” alguns ousaram perguntar. Baba respondeu: “Sim”. Aquela noite foi a mais longa, a mais escura e a mais terrível nas vidas daqueles quinze mortais. O ataque aconteceu. Ouvimos os gemidos. Rezamos para que Baba abrandasse a dor e nos assegurasse a vitória que almejávamos.

Finalmente, o dia do alívio, quinta-feira, o sexto dia, como Ele tinha nos dito, quando a dor “perderá a sua severidade” e os ataques do coração “cessarão”. O sol subiu acima das montanhas e banhou o Chithravathi. Baba anunciou que a dor e também a sensação de queimação no peito haviam desaparecido. A primeira ordem que deu após esta declaração foi: “Convoquem agora todos os devotos para o *darsan*, porque estão esmagados pelo desespero”. Imploramos para que o *darsan* ficasse para dois dias depois, no sábado (dia do Guru *Purnima*) quando milhares de pessoas se reuniram em Nilayam, vindas de todos os estados da Índia para prestar homenagem ao seu guru, mestre e professor. Esperávamos que Ele pudesse Se recuperar mais para suportar o esforço que o *darsan* envolve.

Baba me pediu que anunciasse, no Salão de Orações, que Ele concederia o *darsan* a todos no Guru Pournima. Tive de fazê-lo após a sessão matinal de cânticos devocionais, às 9 horas, na quinta-feira. Baba me repreendeu porque fiz um comunicado curto, sem dar qualquer detalhe sobre a doença. Insistiu para que eu desse à assembléia de devotos uma descrição detalhada da Sua condição física, para que estivessem preparados para o choque repentino e profundo ao vê-Lo. Anunciei em télugo a condição da Sua perna, mão, olho, língua e rosto, mas não me contive quando vi a agonia nos rostos, quando compreenderam pela primeira vez a terrível verdade. Tinha de repetir o anúncio em inglês, kannada, tâmil e malaiala, mas só pude fazê-lo em soluços.

Naquela noite Baba transmitiu mais algumas boas notícias: “O coágulo no cérebro estava dissolvido”. Pedimos a Ele que “desejasse” voltar ao seu Ser normal. Ele era o nosso refúgio na dor, e quando a dor era causada pelo Seu próprio jogo, essa era a única oração que conhecíamos.

Durante toda a sexta-feira e até durante as horas da manhã de sábado, tentamos persuadí-Lo a desistir do plano de conceder o *darsan* no Salão de Orações no andar térreo. Alguém implorou que nos permitisse anunciar para o grupo que Ele estaria saudável e forte antes de Dasara, cem dias depois. Outros se aventuraram a pedir para que Ele Se curasse totalmente perto do Krishna Janmashtami (aniversário de Krishna), quarenta dias mais tarde. Baba pareceu Se ressentir com as propostas, somente balançava Sua cabeça.

O Salão de Orações estava lotado como nunca estivera antes. Pessoas de várias aldeias próximas a Puttaparthi, que souberam que Baba tinha sido *abatido* pela primeira vez, chegaram em grande número. Os amplos espaços em torno de Nilayam estavam lotados. Baba foi cuidadosamente carregado pelos degraus circulares (18 ao todo) até o térreo. O Major Dr. M. Bhanu, do hospital do governo, em Palladam, descreve: “Vi Baba descendo com a ajuda de três devotos; Sua perna esquerda estava rígida e foi gentilmente levantada sobre a soleira da porta por um deles. Tinha um lenço amarrado em volta de Sua cabeça e rosto, para segurar o halo de cabelos que ficara desfeito e esconder dos devotos a torção dos músculos faciais. Seu

²⁶ NR - Aquele que é ouvido, os Vedas, que é transmitido de Guru para discípulo somente através da recitação e audição. O 4º Veda, que é chamado coletivamente de *Sruthi*, significa, “Aquele que é Ouvido”, o Ouvido.

modo de andar era caracteristicamente hemiplégico, a perna esquerda paralisada puxada em semicírculo com os dedos raspando o chão. Ao ver Baba naquela condição, até os mais corajosos berraram”. O lamento foi tão repentino e tão alto que fomos raivosamente culpados por muitos que interpretaram aquilo como o fim. Eles amaldiçoaram nossa bravata ao colocar em risco a Vida mais preciosa sobre a terra. “Por que vocês O trouxeram?” gritavam com raiva.

Baba foi colocado na cadeira de prata, amparado por travesseiros. Assim que ficou em posição, um travesseiro foi colocado sob Seu peito e a mão esquerda paralisada foi levantada por Raja Reddy e colocada sobre ele. Ao ver isso, de cada peito brotou um arpejo. Baba sinalizou para mim e eu ajoelhei ao Seu lado para compreender o que tentava me dizer. Após repetir para Ele o que achava que seria a Sua mensagem e certificando-me de que tinha compreendido corretamente, anunciei para a multidão entristecida, de cerca de 5000 pessoas paralisadas pela angústia, o que Baba dissera: “Não sofram. Isto não é uma enfermidade minha. É uma doença que tive de assumir. Eu nunca adoço. Não, nunca. Não se desencorajem. Se ficarem desesperados, isso doerá em mim”. Então, Ele me sinalizou para que falasse um pouco com eles por algum tempo e que Ele falaria depois de mim. Muitos acharam que Ele já Se esforçara demais. Temiam as conseqüências de mais uma aventura de falar com aquelas deficiências.

Eu pedi a todos que rezassem a Baba (apoiado nos travesseiros na cadeira de prata), o único refúgio que nós conhecíamos, para que ficasse curado pelo menos até a próxima lua nova... “Pois a lua cheia de hoje está obstruída para nós, devido a esta tristeza insuportável. Que a próxima lua nova se torne uma lua cheia para todos nós e para o mundo.”

Baba sinalizou para que o microfone fosse segurado perto dos Seus lábios. Lentamente, murmurou em sílabas meio incompletas *vinupisthunda?*, mas até nós, que tínhamos aprendido a decifrar o alfabeto paralisado meio liquefeito, não conseguimos compreender o que Ele tentava dizer. Ele repetiu duas vezes. Então alguém percebeu o significado e o disse no microfone. Baba perguntava: “Podem Me ouvir?” Isto fez surgir um outro gemido: Ele estava sendo ouvido, mas, ah! isso partia seus corações. Era muito indistinto. Evidentemente Baba estava cansado demais para tentar falar, mas fez um gesto pedindo água para beber. Ela foi trazida por Krishnappa, em um copo de prata, e levada aos Seus lábios por Raja Reddy. Sua mão direita paralisada se dirigiu para o copo... Ele tentou segurá-lo, Seus dedos deslizaram... e mergulharam nele... Sorveu algumas gotas... Aspergiu com os dedos da mão direita um pouco de água sobre a mão esquerda paralisada, repousada sobre o travesseiro, sobre Seu peito. Aspergiu a água sacudindo fracamente os dedos também sobre a perna esquerda. Bateu sobre a mão esquerda com a direita. E, COM AMBAS AS MÃOS bateu sobre a perna esquerda. Levantou-Se, o travesseiro caiu; pudemos ouvir a Sua Voz Divina nos chamando como sempre: *Premaswarupularaa!* Ele iniciava Seu discurso do Guru Pournima! Ó, nosso Baba bem, saudável, sagrado, santo, celestial...

As pessoas não acreditavam no que viam e ouviam, mas quando compreenderam que Baba estava em pé diante delas, falando, pulavam de alegria, dançavam, gritavam “*Jays!*”, choravam; algumas ficaram tão tomadas por gratidão extática que riam histericamente e corriam loucamente entre a multidão.

Ó, milagre dos milagres! Ele nos arremessou instantaneamente do mais profundo desalento para o sétimo plano das delícias. Major Bhanu escreveu: ‘O Médico dos Médicos curou a Si mesmo em um átimo, deixando-me tomado pela maravilha’.

“*Premaswarupularaa*” (encarnações do amor divino), “*Dikku lenivaanikki Devude Gathi*” (para aquele que não tem refúgio, Deus é o refúgio), a voz argêntea de Baba despertou a atenção. “Essa é a razão pela qual tive que assumir esta doença que um devoto sem chances iria sofrer. Ele não teria sobrevivido a ela e nem superado os quatro ataques cardíacos que assumi. O Meu *dharma* é *bhaktharakshana* (proteção do devoto). Tive de salvá-lo. Naturalmente, esta não é a primeira vez que assumi uma doença daqueles que decidi salvar. Mesmo em Meu corpo anterior em Shirdi, tive esta responsabilidade. Esta é a Minha atuação divina, a minha natureza. É parte da tarefa pela qual Eu vim, *sishtarakshana* (a preservação). (Não tinha Ele declarado em Shirdi, como Sai Baba, que “o mar pode fazer os rios voltarem, mas Eu não negligenciarei os Meus devotos”!)

Ele falou por mais de uma hora com a mesma eloquência, a mesma compaixão, o mesmo humor e o amor que sempre demonstra. Então, elevando um pouco a voz, disse: “Tenho guardado de vocês, por todos esses anos, um segredo a Meu respeito; chegou o momento em que posso revelá-lo. Este é um dia sagrado. Eu sou Shiva-Shakti”, declarou, “nascido no *gothra* (clã, linhagem) de Bharadwaja (sábio ancestral da Índia), segundo uma graça recebida por esse sábio de Shiva e Shakti. O próprio Shiva nasceu no *gothra* (clã)

daquele sábio como Sai Baba de Shirdi; Shiva e Sakthi encarnaram como Eu, agora, nesse *gothra*; Shakti sozinha encarnará como o terceiro Sai, na mesma linhagem, no Estado de Misore”.

“Esta doença deveria nascer através de Shakti (consorte de Shiva), pois Ela incorreu na ira do Seu Senhor, por não ter notado Bharadwaja, por oito dias inteiros em Kailash, o lar Deles. Como consequência da Sua negligência, Bharadwaja sofreu um ataque; Shiva aspergiu a água restauradora e o curou. Hoje, vocês viram a doença de Shakti (a mão esquerda) curada por Shiva (a mão direita) da mesma maneira. Esses assuntos estão além da percepção humana. Por isso, eu não os mencionei por tanto tempo, mas agora, sob o alcance do conhecimento de muitos, Shakti sofreu e Shiva a salvou, chegou o momento de vocês saberem. O devoto que foi salvo porque Eu ‘assumi’ é apenas a causa ‘imediate’; a causa ‘remota’ é a graça/dádiva e a retribuição”, declarou Baba.

Após essa revelação, Baba cantou algumas canções e desejou que a congregação as repetisse em coro. Quando começou em ritmo mais acelerado os versos “*Haraharasiva, sivasubrahmanyam, Siva, Siva, hara, hara subrahmanyam, Siva saravanabhava Subrahmanyam, Guru saravanabhava Subrahmanyam*”, o Dr. Bhanu correu para dentro... mas deixemos que ele explique por que fez isso: “Esqueci que eu era um voluntário postado do lado externo para conter a multidão; corri para dentro para cair a Seus pés e orar a Ele para que não continuasse com aquela canção. Tive receio que Sua língua realizasse aqueles volteios, logo após ter recuperado a sua normalidade. Ele poderia cair e sofrer uma recidiva. Porém, ali na porta, eu me refreei. Lembrei-me do milagre que vira com os meus próprios olhos. Lembrei-me da voz doce que fora recuperada em um segundo. Fiquei emudecido. Quem era eu para chamar a atenção de Deus? Controlei-me e permaneci do lado de fora”.

Baba subiu as escadas para o primeiro andar com Sua agilidade normal. Anunciou da varanda, para a multidão, que daria a todos a oportunidade de tocar Seus pés no *namaskaram* do dia seguinte, às 6:30 horas. Naquela noite Ele partilhou dos alimentos comuns. Ninguém dormiu. O milagre que eles testemunharam os manteve despertos em êxtase. Ó, em segundos Baba Se deu de volta ao mundo. A alegria mantinha a todos acordados. Na noite seguinte Ele fez outro discurso. Apiedou-se daqueles que sucumbem em revelar más notícias e são ansiosos em espalhá-las. Declarou: “A partir deste dia nada e nem ninguém poderá impedir, obstruir ou retardar o trabalho para o qual este Avatar veio. Durante o Advento anterior, somente uma montanha, a Govardan, foi levantada; este Avatar levantará muitas cadeias de montanhas²⁷. Essa Ganga (nome afetoso para o rio Ganges, significando Mãe Ganges) correrá majestosa, alimentando as raízes de todos os credos e raças”.

Referindo-se ao milagre monumental, Baba disse, algumas semanas mais tarde: “Resgatar um devoto verdadeiro é o Meu *dharma*, a Minha própria natureza. Alguém Me perguntou se era certo, da Minha parte, trazer angústia a milhares, para salvar um só. Esses cálculos numéricos não podem ser aplicados a atos da Graça. Eu executo o Meu *dharma*, independente de como ele afeta você ou ele. Rama cumpriu o desejo de Seu pai; ele não desistiu embora toda Ayodhya se banhasse em lágrimas. O pai que concordou com o desejo malévolos da mãe de exilá-Lo e o próprio irmão, que se beneficiaria do exílio, incitaram-no a ficar. Mas ele não voltou. A doença que assumi tinha que realizar seu *dharma*, segundo sua natureza. Eu permiti que ela agisse dessa maneira, pois é somente dessa maneira que vocês podem observar e assimilar a glória da vitória. Krishna poderia afastar as chuvas que Indra ameaçou despejar sobre a região de Brindavan, mas Ele permitiu que o Deus da Chuva realizasse seu *dharma*. E ele utilizou a ocasião para deixar que as *gopis* e *gopas* tivessem o vislumbre da Sua glória. Ele levantou o Monte Govardhan com Seu dedo mínimo, para salvá-los da chuva devastadora. Ele observou o Seu *dharma*, o *dharma* de *bhaktharakshana* (socorrer aos devotos). Agora também, como naquela era, o propósito é a proclamação da divindade”.

“Vocês devem também considerar um outro benefício, embora possam não estar conscientes dele. Sei a que profundidade atingiu a sua devoção por Mim, como resultado da ‘doença’ durante aqueles oito dias. Vocês não teriam atingido esta meditação unidirecionada a Mim, mesmo durante anos de penitências”. Ele sabia que todos os que souberam da doença passaram aqueles dias tenebrosos em orações, sacrifícios e penitências. Oravam para que Ele pudesse levantar da cama com uma glória mais brilhante, que fossem perdoados pelos seus erros que afetassem a Sua majestade e que seus sofrimentos fossem aceitos no lugar do que Ele estava “sofrendo”.

O *darsan* de Baba é uma oportunidade criativa para transmutar em ouro o metal básico em nós. Ouvir Suas palavras é ser energizado com a corrente da regeneração espiritual. Ler Suas palavras é alimentar

²⁷ NR – Aqui, o autor transcreve uma palavra que Baba utilizou (*ranges*) que, além de significar ‘limites’, pode também significar ‘cadeia de montanhas’.

o intelecto com um sustento integral e purgá-lo do refugo egoísta. Essa celestial Mãe Ganga vitaliza, fertiliza e purifica todos aqueles que nela mergulham.

No domingo, 13 de dezembro de 1964, Baba estava na cidade de Venkatagiri. Chegara ali, alguns dias antes, para cumprir uma pesada programação de discursos nos distritos de Chittoor e Nellore, em Andhra Pradesh. Mas Baba não é limitado pelo espaço ou pelo tempo. Naquele mesmo dia, por volta das 8 horas da manhã, “Baba surpreendentemente surgiu diante da minha casa”, disse U. Ram Mohan Rao, superintendente da Escola Técnica Juvenil de Manjeri (a 44 quilômetros ao sul de Calicute, na costa oeste, no Estado de Kerala). Em linha aérea, a distância entre Manjeri e Venkatagiri seria de mais de 960 quilômetros! Mas a distância é somente um jogo de Baba para nos manter, simples mortais, afastados.

Devemos ouvir Ram Mohan Rao descrevendo aquela visita: “Eu e minha esposa estávamos dentro de casa, com a nossa filha. A empregada nos disse que tinha chegado um homem santo. Fomos ver quem era e ficamos surpresos ao encontrar Sri Sathya Sai Baba. Baba disse: ‘*Hari Om, Shanti, Shanti, Shantihi*’; e nós nos prostramos a Seus pés. Levamos Baba até o escritório, mas, no caminho, Ele viu a nossa sala de orações, onde a Sua foto estava pendurada junto a várias imagens sagradas. Disse que Se sentaria na própria sala de orações e que tinha vindo nos ver naquele dia por estar muito contente com a devoção de Sailaja, minha filha. Disse-me que convidasse os devotos, se houvesse algum, para a cerimônia dos cânticos e para o *pravachan* (discurso)”. “Ele enviou o recado e os vizinhos e as pessoas chegaram imediatamente”, disse Ramesh Rao, seu primo. “Cantou *Nandamukunda Sayinatha, O Bhagavan, Jayaram Jayaram* junto com os devotos. Após os cânticos, falou comigo em tâmil; com minha esposa, em kanarês; e com os demais, numa mistura dos dialetos tâmil e malaiala. Abençoou-nos com o presente de um *sankhamala* (rosário de conchas), que Ele mesmo colocou numa foto Sua. Disse-me que meu pai decidira fazer um ritual para reverenciar a Deusa-Cobra (*Sarpasamskaram*), em Bangalore, no dia 25 de fevereiro, quinta-feira (o ‘meu dia’, acrescentou), mas que não precisava realizá-lo, pois Ele já tinha eliminado a calamidade que meu pai pretendia evitar e o sacrilégio que desejava compensar”.

“Tomou um refresco e, depois, disse para as pessoas à volta que todos O aguardavam, ansiosamente, em Kalahasti. Deixou-nos, pedindo que não O seguíssemos, e atravessou o portão. Desapareceu em poucos segundos. Sentimo-nos felizes com esse *darshan* inesperado e ficamos impressionados com o milagre do desaparecimento num piscar de olhos”.

E não foi tudo. Existem mais alguns parágrafos, na carta, que citarei: “O dia 24 de dezembro, quinta-feira, era um feriado; sentíamo-nos sós, pois nossa filha Sailaja estava fora em Mangalore. Por isso, saímos à tarde, para visitar alguns amigos, retornando por volta das 18h30. Ficamos chocados ao ver as luzes acesas dentro de casa. Minha esposa me perguntou se eu tinha esquecido de apagar todas as luzes. Primeiro, examinei a fechadura da porta principal e vi que estava intacta; dei a volta na casa, para ver se as outras portas estavam fechadas por dentro. Estavam. Então nós dois fomos até a porta da frente, abrimos a fechadura e entramos. Encontramos tudo intacto; todas as luzes estavam acesas. Vimos Baba sentado em nossa sala de orações! Prostramo-nos a Seus pés. Ele perguntou (em *kanada* a língua falada no estado de Kannada, ao sul da Índia) se estávamos com medo. Respondemos que tínhamos muita sorte e estávamos muito felizes. Baba disse que viera porque estávamos nos sentindo sozinhos e acrescentou: “Vamos cantar as canções sagradas. Se Sailaja estivesse aqui, ela teria gostado de cantar”. Cantamos alguns canções, Ele Se alimentou mais tarde, e discutimos juntos alguns assuntos gerais. Depois, Baba Se retirou para Seus aposentos.

Cedo, na manhã seguinte, Baba tomou banho, tomamos o café da manhã juntos, e, após o café discursou sobre devoção e a verdade básica da Natureza. De repente, vimos um rosário de contas de *rudraksha* (semente sagrada, símbolo de Shiva) em Sua mão. Ele o colocou no meu pescoço, junto com Sua bênção e me orientou para que o usasse durante os meus ritos de *sandhya*²⁸. Após esses rituais, eu deveria colocá-lo sobre a foto de Baba. A sala de orações foi decorada especialmente com guirlandas e flores. Os cânticos devocionais começaram. Os devotos souberam que Baba chegara e também se reuniram para os cânticos. Baba discursou sobre a devoção, no dialeto tâmil-malaialano. Concedeu a todos a cobiçada entrevista.

Ao meio-dia, o próprio Baba agitou a sagrada luz do *mangalarathi* (oferenda do fogo) e distribuiu o alimento consagrado a todos os presentes. As 250 gramas de tâmaras que eu tinha foram suficientes para as 100 pessoas! Almoçamos com Baba, Ele repousou por algumas horas e tomamos o “chá” às 16h30. Então,

²⁸ NR – Recitação do Mantra Gayatri 3 vezes ao dia (ao nascer do sol, ao meio-dia e ao pôr do sol).

Ele nos disse que vários devotos estavam ansiosos, esperando por Ele em Kalahasti. Abençoou-nos novamente e nos prostramos a Seus pés. Às 17 horas, saiu rumo à estrada, atravessando o portão e, subitamente, desapareceu. Que milagre maravilhoso! Não podíamos acreditar em nossos próprios olhos.

E nem eu, sem a confirmação de outras fontes independentes. Baba tinha dado o Seu *darshan* a pessoas aflitas em lugares distantes, mas, em nenhuma vez, que eu soubesse, permanecera por tanto tempo e tão concretamente. Era demasiadamente não científico! Escrevi uma carta a dois amigos, P.K. Panikkar e P.A. Menon em Kerala, juntando uma lista de 84 perguntas para as quais desejava que eles me dessem as respostas em Manjeri²⁹. Eles foram até a casa de Ram Mohan Rao e me enviaram um relatório completo, cheio de detalhes, enfatizando e confirmando a carta dele para mim.

Ram Mohan Rao e sua esposa disseram a eles que Baba usava uma túnica amarela no dia 13 de dezembro. Ele adentrou descalço a casa e foi para a sala de oração dizendo: “Devo ir para o Meu lugar”. Meus amigos viram a foto onde o rosário de contas de *rudraksha* estava pendurado. Ele tinha uma grossa camada de cinza sagrada, criada em poucos dias. Estranhamente, o rosto de Baba estava claro, mas nas outras áreas mais distantes no quadro, “caía uma chuva contínua de cinza sagrada, que estava sendo recolhida e distribuída com a reverência devida a um presente divino da Graça!”

Rao e sua esposa eram devotos de Shirdi Sai Baba havia muitos anos; não visitaram Prasanthi Nilayam, mas obtiveram uma foto de Sathya Sai Baba havia sete anos e a colocaram entre as outras imagens de seu altar. Quando Baba sentou-Se na sala de oração e recostou-Se contra a parede, bem debaixo da Sua foto, viram que era genuína. Era a primeira vez que O viam. Tinham conseguido emprestado o livro “**Sathyam Shivam Sundaram (I)**” de um amigo e o leram. Acharam que Baba tinha vindo acidentalmente a Calicute, ou a alguma cidade próxima, e decidira abençoá-los com essa visita.

Quando a senhora Rao fazia uma lista dos seus pesares para Baba, encorajada pelo amor que transbordava dEle, Baba disse-lhe: “Tristeza e dor são o quinhão de todos; a senhora não sabe que as duas irmãs deste corpo são viúvas?” Quando Sailaja Lhe pediu um livro de cânticos devocionais, Baba disse: “Palghat Menon trouxe 400 desses livros impressos em *malaio* (língua falada em Kerala), para Prashanthi Nilayam. Eu lhe darei um”. Dizendo isso, Baba esticou a Sua palma voltada para baixo, fez uma ondulação com ela duas vezes e segurou com os dedos o livro que surgiu! Deu-o à menina, nós o vimos. Era o *mesmo* livro, com a capa azul. Sailaja tinha grande fé em Baba, desde que o eczema em seu pé fora curado por Ele, um ano atrás, em resposta ao seu pedido diante de Sua foto.

Quando lhe foi pedido que trouxesse pessoas para a cerimônia dos cânticos devocionais, Rao não foi muito longe, porque não queria ausentar-se, por muito tempo, da companhia de Baba. Trouxe o dono da sua casa, um senhor gentil chamado Thalayur Moosad e sua filha de cinco anos; trouxe a viúva de Madhavan Nair, fundador do conhecido jornal malaio Mathrubhoomi e a irmã dele. Baba perguntou a Moosad: “O que há com a sua perna?” Ele fez um relato da sua doença e pediu um medicamento. Baba respondeu: “O curso do tratamento que você está fazendo agora é suficiente”. A senhora Rao tem agora enviado a ele a cinza sagrada que brota do retrato de Baba, e ele a tem achado muito eficaz. A viúva falou a Ele do seu diabetes. “Tenho tirado sacos e sacos de arroz dos meus campos, mas não posso comer nenhum grão”, disse. Baba respondeu em malaio: “Isso é a consequência do seu *karma* passado”. Baba pediu a Rao que trouxesse um copo vazio. Quando o segurou em Sua mão, o copo ficou cheio de um líquido rosado. Ele estendeu o copo a ela. “Tome isso três vezes ao dia, por três dias; depois poderá comer a quantidade de arroz que desejar”.

“Havia um cínico lá, entre o restante das pessoas. Baba sabia, e jocosamente, pediu a Rammohan Rao que trouxesse um par de tesouras, pedindo àquela pessoa que cortasse somente um fio do Seu cabelo. O homem tentou, mas não conseguiu, por isso um outro par maior foi trazido a Seu comando. O homem falhou novamente nessa tentativa. Baixou a cabeça e saiu sem dizer uma palavra” escreveu U.N. Ramesh Rao, primo de Rao, que visitou Manjeri logo após o incidente.

Baba cantou quatro canções durante a cerimônia, pedindo ao grupo que repetisse, depois dEle, em coro. Foram elas: *Ó Bhagavan; Pahi Pahi Gajanana; Shiva, Shiva, Shiva; e Omkara priya Sai Ram*.

“Vimos o *sankhamala*, o rosário de pequenas conchas”, diz o relatório. “É do tipo disponível em Kanyakumari, cada concha do tamanho de uma semente de pimenta. Eram de cor branca, com pontos marrons. Havia 108 delas no rosário criado e dado por Baba. Quando o vimos, a cinza sagrada tinha-se acumulado, aos montes, sobre as contas. O rosário de contas de *rudraksha* também foi examinado por nós. Baba disse-lhes que, até poderem passar um cordão de ouro nele, deveriam pendurá-lo no quadro. Baba criou também uma xícara de metal, do tamanho de uma laranja, com uma biqueira e a deu para Sailaja.

²⁹ NR – Essa cidade fica no nordeste do Estado de Kerala, que fica no extremo sul da Índia.

Criou ainda um tecido de seda vermelha com fios dourados nas bordas e, presenteando a menina, pediu a Rao que fizesse uma jaqueta para ela. Deu a Rao mais cinza sagrada e *kumkum* criado naquele momento para ser dado a ‘Calicute’ (querendo dizer Ramesh Rao, seu primo que vivia ali). Baba saiu às 11 horas do dia 13, dizendo que tinha de comparecer a uma programação em Kalahasti”. Eles não sabiam que Kalahasti ficava a 32 quilômetros de Venkatagiri. Ficaram tristes demais com a Sua resolução de partir, para Lhe perguntar onde ficava. Ele disse: “Não é preciso que ninguém venha comigo”. Fechou o portão atrás de Si e desapareceu.

A segunda visita foi numa quinta-feira. A senhora Rao teve receio de aproximar-se da casa, pois as luzes estavam acesas. Rao abriu a porta e entrou. Viu Baba no altar, sentado, encostado em uma parede, perguntando-lhe em tâmil: “Está com medo de Me ver? Eu vim para cantar os cânticos devocionais com vocês”, afirmou. Rao tinha trazido algumas tâmaras secas do bazar. Colocou o prato nas mãos de Baba, para que fossem distribuídas. Percebeu que somente Ele poderia torná-las suficientes para todos os presentes. Baba entrou na cozinha e protestou contra o prato de *kheer*³⁰ que estava sendo preparado. Ele não “apreciava aquele prato doce”. “Essa quantidade é suficiente para seis pessoas”, disse. Eles tinham cozinhado para duas, mas, após o jantar, havia comida ainda para mais três. Na manhã seguinte, Rao e sua esposa a partilharam como um sacramento. Antes de retirar-Se para a noite, Baba tirou um dos Seus retratos do altar e pendurou-o em um prego no quarto. “Deixe-o aqui”, disse. Desse quadro, a cinza sagrada agora também tem brotado em grandes quantidades.

Rao espreitou por uma fenda na porta, para descobrir se Baba estava dormindo bem, mas O viu sentado na maior parte do tempo, “perdido em pensamentos, como em devaneio”.

No dia seguinte, Baba tomou banho e café da manhã. Quando a dona da casa começou a preparar “pratos de festas”, Ele notou o entusiasmo dela e avisou que iria embora sem comer nada. Insistiu que Lhe dessem somente os seus pratos comuns. Falou-lhes sobre Sankaracharya sendo pego, ainda jovem, pelo crocodilo (*maya*) no rio Poorna (*Brahma*) e sendo salvo pela renúncia (*sanyas*). Falou de Sai Baba e de Deus como Subrahmanya ou Murugan. Enquanto falava sobre Subrahmanya, criou uma placa fina de ouro e traçou nela, com a Sua unha, a figura de Subrahmanya em um pavão. Empurrando-a na sua direção disse-lhe que a usasse pendurada no pescoço, dentro de um cilindro dourado, a ser feito mais tarde. E disse brincando: “Desculpe, não tenho ouro!”

Essa é, talvez, a narrativa mais dramática, detalhada e autêntica do milagre de multilocação de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba.

Baba aparece em sonhos para consolar, aconselhar, mitigar a dor e instruir. Tem dito, com frequência, que as pessoas podem vê-Lo nos sonhos somente quando Ele deseje. Informou a um comissário de divisão da Corporação de Seguros de Vida, em seu sonho, que um determinado documento procurado por ele desesperadamente, e que todos achavam ter sido destruído pelo correio, onde tinha de ser mantido somente por 6 meses, ainda não fora destruído. Ele foi ao chefe do posto, falou sobre o sonho e encontrou o documento que procurava, no local onde Baba indicara no sonho. Não tinha sido destruído! Em sonho, Ele despertou uma professora de uma escola em Tumkur e disse-lhe que pegasse o próximo trem para Bangalore, a fim de que pudesse recuperar as suas jóias de uma pessoa que partiria para Bombaim às 8 e meia da manhã!

Eu O ouvi dizer: “Pobre criatura. Quando partiu, orou por Meu *darshan* ao menos em sonho! Devo dar-lhe uma chance”, ou “Diga a seu filho que aparecerei em seus sonhos, na próxima quinta-feira”. Disse-me que perguntasse a algumas pessoas: “Você não viu Baba em seu sonho na noite passada?”, e, certamente, elas tiveram uma experiência inesquecível no sonho em que Baba concedeu-lhes *darshan* e bênçãos. Inicia pessoas na disciplina espiritual através do *upadesh* (ensinamento) concedido em sonhos; ensina novos cânticos devocionais a pessoas em sonhos e pede a elas, em Prashanthi Nilayam, que os cantem; passa informações e conselhos em sonhos; opera furúnculos e tumores em olhos, orelha ou língua. O paciente sonha que Ele está operando com um bisturi e o sonho é verdadeiro. Aqueles que se deitaram com dor despertam felizes, livres da horrenda doença! Ouçam a experiência do Dr. V.D. Kulkarni, de Chadchan, no distrito de Bijapur. Ele escreveu em 11 de fevereiro de 1961: “Uma senhora muçulmana (60), Badooma Kasim, sofrendo de pneumonia nos dois pulmões, foi admitida em minha clínica no mês passado. No quarto dia, cheguei a casa por volta das 20 horas, depois de examinar todos os meus pacientes e ter constatado que estavam progredindo bem. Por volta da meia-noite, seu filho me procurou aflito e corri para a clínica, vendo que seu coração estava falhando. Administrei coramina oralmente e por injeção esperando por uma hora ao

³⁰ NR – Comida tradicional da Índia e do Paquistão. Pudim de arroz.

seu lado, mas vi que não produzira efeito. O filho começou a chorar em desespero. Voltei para casa à 1 da manhã, tomei um banho e fui até o meu altar. Fiz o *puja* para a ‘foto’ de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba, recitei os 108 nomes de Baba e rezei: ‘Meus esforços foram todos em vão. Não conheço outra maneira que não a de me entregar ao Senhor. Sua é agora a vitória ou a derrota, a fama ou o fracasso. Em Você está a responsabilidade de fazê-la sobreviver’. Depois fui me deitar em silêncio, mas não consegui dormir. Antes do amanhecer, corri para a clínica. Encontrei Badooma sentada. ‘O que aconteceu nesta noite? Alguém veio até aqui?’, perguntei a ela. ‘Sim. Nesta cama, próximo ao travesseiro, sentou-se alguém com muito cabelo; colocou a sua mão debaixo das minhas orelhas e puxou gentilmente meu rosto. Então pude me levantar e sentar’, respondeu. Mostrei a ela uma foto pequena de Sri Sathya Sai Baba, que tinha comigo. ‘Sim, foi essa pessoa’, ela disse. Que sorte teve essa mulher! Ela ganhou mais um tempo de vida pelo Seu toque”, escreveu o Dr. Kulkarni.

Existem vários casos em que Baba aparece e aplica a cinza sagrada na testa do paciente adormecido ou inconsciente, e a marca é vista no dia seguinte. Ou, como escreve Swami Abhedananda (de 75 anos), a marca pode ser para passar uma mensagem. “Nas primeiras horas do dia 28 de dezembro, por volta das 4 AM, enquanto eu ainda estava na cama, remoendo sobre a tristeza e a situação complicada de meus afazeres, senti, repentinamente, um golpe forte, mas suportável, em minha cabeça. Levantei e acendi as luzes. Para minha surpresa, vi a forma brilhante de Bhagavan Ramana Maharshi, que mudou para a de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba, aparecendo separados por um tempo e, depois, fundindo-se em uma coluna fascinante de luz, que durou alguns segundos. Senti que tinha tido uma visão dos meus dois benevolentes gurus! Nesse feliz estado de espírito, ouvi uma voz (que era desconhecida para mim, mas que mais tarde verifiquei ser a voz autêntica de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba) que me falou em télugo: ‘Não fique agitado; não medite. Simplesmente observe a mente, isso fará com que ela desapareça. Observe. E saiba que aquele que observa é a pura consciência. A consciência abstrata e absoluta é o Ser, *Sath-chit-ananda*. Sou Aquilo. Essa é a Paz que não conhece outra condição. Isso é o que você busca ardentemente. Seja firme. Você é a própria bem-aventurança; você sabe disso pela intuição. O golpe que dei em você foi para revelar esse segredo. Observe’! Comecei a seguir as instruções daquele momento em diante. Bhagavan é uma ‘presença viva’. Diz, com frequência, em télugo: ‘Eu estou com você, *Kantane, Ventane, Jantane e Intane* (diante de seus olhos, nas suas costas, ao seu lado, em sua casa)’. Baba escreveu para Charles Penn: ‘Saiba que estou sempre com você, instigando-o e guiando-o. Sei também que você está consciente disso. Viva sempre nessa presença constante’. Charles Penn recebe lições de Baba durante a meditação. Meu mestre Sai Baba me disse: ‘Toda vez que a mão for levantada, levante-a para Ele’. Escrevi para Baba e agradei a lição. Em resposta, Ele explicou o significado daquilo que tinha me dito. Ele escreveu; ‘Se você levantar a mão para ajudar, servir, consolar, encorajar um outro homem, a estará levantando para Deus. Porque Deus está em cada homem. Utilize todos os seus talentos para servir aos outros; essa é a melhor maneira de servir a si mesmo’”.

Charles Penn, de Los Angeles, é capitão na Patrulha Aérea Civil, ligada à Força Aérea dos Estados Unidos. É uma organização voluntária formada com o propósito expresso de resgatar pilotos que tiveram uma “aterrissagem forçada”. Durante a busca aérea por pilotos perdidos, Penn viu Baba sentado ao lado dele e soube que estava sendo dirigido por Ele. “Penn! Você não precisa procurar. Eu procurarei para você”, foram as palavras que ouviu, palavras que o convenceram que ele nada mais é do que um instrumento em Suas mãos. “Isso me deu uma sensação de destemor na terrível tempestade de granizo, entre os picos das montanhas”, disse. “A gasolina se espalhou pelo visor, mas eu O vi sentado ao meu lado, tão calmo e contido, que trouxe o meu avião até o chão, e, após reparos apressados, subimos novamente”.

Baba não nos tem dito que a distância nada significa para Ele? Se a pessoa tem fé e amor, Ele está sempre com ela, cuidando dela. “Aqui, a dezesseis mil quilômetros de distância”, escreve Hilda Charlton, de Nova York, “uma pessoa que nunca esteve com Baba em forma física, está curada e sente a presença dEle sempre com ela! Não existe pessoa estranha para Baba; Ele está em todas as pessoas. Mary Simpson foi duas vezes operada, sem sucesso, de coágulos de sangue nos pulmões e vias respiratórias congestionadas. O médico disse a sua filha, quando foi levada para casa: “Sinto muito que sua mãe esteja deixando o hospital pior do que quando entrou”. Mas ela teve a sorte de conhecer Baba e de possuir uma foto dEle, além de um pouco de cinza sagrada. Quando ela rezou, Baba apareceu diante dela e preencheu-a com um estímulo vibrante de bem-estar. Em poucos dias, o médico disse: “Mal posso acreditar; a melhora é milagrosa”.

Sempre que Baba deseja, ou que as nossas vontades entram em contato com a dEle, as leis da natureza são transcendidas; só o imprevisível pode então ser previsto. Um menino de três anos foi atirado a uma distância de seis metros por um carro oficial, em Kharagpur (Bengala Ocidental). Havia sangramentos

por todo o corpo, e ele foi levado para o K.G. Hospital. Quando recuperou a consciência, disse ao médico: “Não tema, doutor. Sai Baba me levantou. Ele me segurou pela mão!” Não houve fratura, nem ferimentos. Ele foi liberado no terceiro dia.

Um funcionário da Aeronáutica Hindustane, em Bangalore, deu entrada no hospital com uma grave trombo-flebite, embolia e provável tuberculose pulmonares. Sua condição era tão grave, que os tubos de oxigênio foram retirados. Os parentes e os amigos aguardavam do lado de fora da janela, no corredor. Ele viu Baba de pé ao seu lado, na cama, e O ouviu dizer: “Não fique assustado; você ficará curado e será um novo homem”. Naquele momento ele começou a melhorar. Os médicos do Victoria Hospital ficaram maravilhados! Mais tarde, quando foi chamado por Baba, em Prashanthi Nilayam, Este disse: “Então, você nasceu novamente!”

O farfalhar da túnica de seda de Baba, o toque suave do Seu cabelo, as passadas leves dos Seus pés adorados, a voz argêntea, o clarão de luz dos Seus olhos, a sagrada fragrância da Sua presença servem para indicar a muitos que Baba chegou para curar e confortar.

Nenhuma palavra Sua é dita sem um significado. Baba disse três vezes à senhora Som Dutt Khera, de Calcutá, quando ela implorou a Ele, em Madras, que visitasse sua casa: “*Atcha, Atcha, Atcha*”! (sim em télugo). Ela viu distintamente a Sua forma no local, em três ocasiões e sentiu-se emocionada por Sua promessa ter sido cumprida. Quando Sri Raghavan, inspetor de saúde em Malavalli, foi a Baba e pediu-Lhe que curasse sua esposa, que tinha osteomalácia crônica e fraturas nos ossos pélvicos, Baba disse: “Não se desespere; colocá-la no gesso por anos está além das suas forças. Eu a curarei assim”, e fez um estalo com dois dedos, ‘tak, tak, tak’, para esclarecer o que dizia. Quatro meses depois, numa noite, já bem tarde, Baba surgiu diante dela e pediu-lhe que se levantasse. Ela caiu a Seus pés; Ele bateu em suas costas com muitas palavras de consolo; ela ouviu um som dentro dela ‘tak, tak, tak’, pôde ficar de pé e andar. Estava curada.

J.P. Maroo, de Bombaim, escreve: “Por volta das 5 e meia da manhã do dia do Guru Purnima (dia dedicado à adoração do mestre espiritual), Sri Bhagavan apareceu na residência do senhor Iyengar (em Sion) e concedeu o Seu *darshan*, por três minutos, para a mãe dele. Ela ficou cheia de alegria. Pediu que Bhagavan ficasse um pouco mais, para que pudesse acordar seus filhos. Mas Baba não concordou. Andou pela casa e colocou, sobre um prato de vidro, no altar, uma pequena quantidade de arroz misturado com açafraão, criada naquele momento. Depois desapareceu”.

Algumas vezes Baba indica a Sua presença por meio de algum sinal. No Shanti Kutir, de Chaganlal, em Madras, indicou a Sua presença durante a cerimônia dos cânticos devocionais, empurrando o apoio para os pés, colocado para o Seu uso, para debaixo da cadeira, embora estivesse longe, em Rajamundry. Os que estavam na cerimônia viram o apoio deslizando, como se Ele o empurrasse, conforme faz quando Se levanta da cadeira, para dar o *darshan* de pé, como um sinal de que a cerimônia deve terminar. Em Sirsi, no xale sobre Sua cadeira, surgiram dois claros *Om*, quando Ele decidiu (em Prashanthi Nilayam) enviar determinada mensagem para milhares de pessoas lá reunidas. Em Shimoga, caiu, à vista de todos, uma pequena guirlanda de grandes flores de jasmim, que tinha sido oferecida a Ele em Mysore, a 300 quilômetros de distância, para indicar a Sua presença. Em Jamnagar, indicou a Sua presença com o súbito aparecimento do *Om* em Seu retrato, diante de um grupo reunido para a cerimônia dos cânticos.

“Quando Lhe lembrei que Ele não tinha vindo até a minha casa, como prometido, Ele respondeu com um sorriso: ‘Eu fui, Você não viu o sinal?’ Fiquei muito feliz, pois as três marcas de pé, todas do pé direito, que vira em minha casa, no dia em que Ele prometera ir, foram validadas por Ele” escreve Sri B.S. Kesava Vittal, de Bangalore. Para M.S. Dixit, Baba disse: “Eu irei à sua casa em janeiro”. Dixit mostrou sinais de dúvida, se merecia tal sinal de Graça. “Janeiro? Janeiro de qual ano?” deixou escapar. “No próximo mês, em meados de janeiro, sem falta”, foi a resposta. Baba colocou a Sua mão sobre a de Dixit e repetiu a afirmativa.

Era o dia 17 de janeiro. Quando almoçava, a senhora Dixit ouviu a voz de Baba chamando duas vezes: “Dixit, Dixit”! Correu até a porta, mas não encontrou ninguém do lado de fora. Voltou e continuou a comer. Então viu um relance do rosto de Baba, espiando na sala. Levantou-se e foi até a sala ao lado. Não havia ninguém lá. Viu sete pegadas, indo da porta externa até o altar, esquerda, direita, esquerda, direita e ambos os pés juntos, diante do altar. Estavam todas marcadas, somente em seu contorno, com a cinza sagrada. Em poucos dias, a cinza aumentou de volume, atingindo 7 centímetros de altura! Milhares de pessoas observaram o fenômeno por meses a fio e sabiam que fora a vontade de Baba que o criara.

Dessa forma, Baba confirma a Sua promessa de estar conosco. Ele é o guia mais amoroso, o companheiro mais gentil, o parente mais chegado, o pai mais afetuoso e o Mestre mais sábio.

Quando o doador da vida Sathya Sai Ganges dirige-se a uma prisão, ossos mortos ganham vida. As plantas secas renascem. A luz do sol varre a tristeza para longe. Abençoados aqueles cujas iniquidades são esquecidas, a quem o Senhor não atribuirá nenhum pecado. Essa prisão em Andhra Pradesh era amarga e sombria, mas não distante da graça de Deus. Baba enviou uma mensagem para os prisioneiros, quando eles pediram por ela. Vejamos o primeiro reconhecimento agradecido do prisioneiro número 1: “Certamente somos pecadores, porém nossas vidas se encheram de esperança por causa de alguns difusos atos meritórios que fizemos em algum nascimento passado, pois nos entregamos, prontos para receber a Sua graça. Realmente, se existe alguém que possa se declarar afortunado no mundo, somos nós. Estamos verdadeiramente orgulhosos por isso. Que a corrente da Sua misericórdia tenha começado a fluir na direção destes pequenos homens que causaram danos à sociedade e que estão sofrendo sua punição, não é um evento comum. Rezamos para que nos conceda o Seu *darsan* e as Suas bênçãos. O senhor nos escreveu, da vastidão de Sua imensa misericórdia, dizendo que nos elevará com o *Darsan*³¹, *Sparsan*³² e *Sambhashana*³³, em Puttparthi. O sábio Narada abençoou Savithri, em cuja cabeça caíra o golpe da viuvez, com a declaração: ‘Que você se mantenha com o *status* de ter um marido por muito tempo’, e ela recebeu seu marido de volta do domínio da morte. Aprendemos também com Kalpagiri, cuja sentença de morte foi cancelada, que a Sua Palavra torna-se-á realidade. Ela não conhece derrota”.

A referência a Kalpagiri, nessa carta, nos lembra de uma página da vida real, que merece ser gravada com letras de ouro. Ele cometeu um terrível assassinato e escapou do cerco da polícia. Escapou silenciosamente para os Himalaias e nos portais daquelas regiões sempiternas da alma, ele vestiu os mantos ocres de um monge e vagou de uma *dharmasala* (escola de *dharma*) para outra, tentando silenciar os gritos da consciência com a entoação do nome de Deus. Ele viveu quatro anos dessa forma, tentando escapar de si mesmo na glória e silêncio campestres que se espalhavam diante dele. Encontrou vários santos e sábios, discípulos e monges, mas era afligido por uma dúvida, na maioria das vezes – se eles também não seriam ignorância ou perversidade ou orgulho empacotados em mantos piedosos. Leu vários livros sagrados, discutiu sobre o papel da devoção, da sabedoria e da ação na libertação do homem dos grilhões e tornou-se hábil na dialética da dualidade. Decidiu, internamente, que poderia se aventurar com segurança nas antigas regiões familiares e, assim estendeu a sua peregrinação a Simhachalam, Thirupathi, Kanchi e Rameswaram, no extremo sul da Índia. Depois voltou para Madurai e Srirangam, Chamundi Hills, Melkote e ... chegando a Bangalore, ouviu falar de Puttparthi, onde lhe disseram que um novo Shirdi surgira nas últimas duas décadas. Pegou o trem em Guntakal, desceu em Penukonda e um ônibus o levou a Prasanthi Nilayam.

Baba convocou o renunciante. Ele é o Todo-Onisciente. Nem o tempo, nem o espaço, nem os artifícios do homem, nada pode esconder algo Dele. Baba o repreendeu por fugir das conseqüências dos seus atos, um stratagem que nunca lhe traria sucesso. Enquanto esteve em Shirdi, no corpo de Sai Baba, Baba disse uma vez a Shama: “Débitos, inimizade e assassinato devem ser compensados; não há como escapar”. Então, Baba disse: “Para que adiar para um outro nascimento o sofrimento que você deve passar como retorno da morte terrível?” Disse a ele que as túnicas ocres se tornariam um débito por não ter pago suas dívidas. Foi até os Seus aposentos e trouxe roupas brancas para que ele usasse no lugar das ocres, que mandou que tirasse. Ordenou-lhe que fosse até a polícia da sua área e se entregasse. Deu a ele a passagem e também quatro pacotes da preciosa cinza sagrada. Assegurou a ele: “Vá, confesse e submeta-se com alegria à punição que eles finalmente lhe imputarem, qualquer que seja ela. Você não será enforcado, Eu lhe prometo isso. Seu pescoço usará um *japamala*, um rosário que Eu mesmo colocarei quando vier a mim, após o término da sentença”.

Kalpagiri saiu da sala como uma serpente que tivesse soltado sua pele e se renovado. Havia um brilho em seus olhos, um vigor em sua voz, uma leveza em seu andar que não existiam naquela manhã. Baba deve ser o próprio Senhor, pensou ele. Decidiu obedecer ao Seu comando e se salvar em vez de ignorá-Lo e ser pego na rede de retribuição e renascimento.

³¹ NR – Bênção que flui para o discípulo pela visão de um Ser Iluminado.

³² NR – Bênção que flui para o discípulo por tocar um Ser Iluminado.

³³ NR – Bênção que flui para o discípulo por ouvir um Ser Iluminado.

Ao viajar no trem lotado naquela noite, ele viu um rapaz contorcendo-se de dor, com sua mão pressionando o abdômen; nada pode fazer além de dar a ele um dos quatro pacotes da cinza sagrada que tinha consigo. Ficou feliz ao ver que a dor parara e que o homem conseguiu dormir. Soube que sua avaliação de Baba estava correta. Então confessou-se à polícia e a sentença de morte que o juiz pronunciou foi comutada, pelo presidente da Índia, em uma sentença de prisão perpétua. Durante as semanas em que a petição da misericórdia presidencial estava sendo considerada, Kalpagiri em sua cela dizia a seus companheiros Chengappa e outros, que ele tinha encontrado a encarnação do Senhor em Puttapparthi e que Ele tinha-lhe assegurado que a misericórdia seria mostrada e que ganharia do próprio Baba um rosário, quando terminasse sua pena e fosse até Ele livre do pena pela punhalada que infligira a um companheiro. A palavra realizou-se: a petição deu frutos.

Naturalmente outros na prisão ficaram ansiosos para saber o nome e endereço, a glória e o esplendor, a sabedoria e a misericórdia de Baba. E eles escreveram para Baba, no estilo sem sofisticação deles, pedindo bênçãos, fotos e livros sobre Ele.

A carta do prisioneiro número 1 é uma demonstração da exaltação sentida pelos prisioneiros daquela cadeia, quando chegou o pacote com uma mensagem de consolo e coragem de Baba. Seguiram-se outras cartas de Baba e a prisão tornou-se um paraíso dos piedosos. “Estamos ouvindo a leitura do ‘*Sathyam Sivam Sundaram*’ capítulo por capítulo; estamos subjugados pela grandiosidade dos incidentes mencionados”. “As fotos no livro cativaram o meu coração”. “Preguei a foto diante de mim, sem interferir nas minhas outras atribuições, eu a reverencio diariamente”. “Sou uma pessoa muito doente, sofrendo de várias doenças. Estou enfeitando a Sua fotografia na sala de cânticos tanto quanto posso. Não quero que o trabalho seja feito por nenhum dos outros”. “Desde o meu tempo de criança que gosto dos cânticos religiosos e da cerimônia de adoração; agora, essa tendência novamente surgiu e preencho o meu tempo livre com o *sankirtan* e o *samaradhana* (canto e adoração com mente concentrada do Nome e Glória do Senhor)”. “Como Você orientou, estou recitando o Seu nome e ouvindo a Sua história, e participando dos cânticos” – são citações das cartas que os prisioneiros escreveram. Baba continuou a enviar respostas para estes correspondentes.

O prisioneiro número 4 escreveu: “Cada carta que chega para nós de Prasanthi Nilayam é uma bênção; na verdade, é como se o próprio Baba estivesse diante de nós, conversando conosco”. V. escreve: “Sou um homem idoso. Meus filhos e nora também estão nesta prisão. Como tivemos a oportunidade de partilhar o néctar que o Senhor tão gentilmente enviou, a sensação de que estamos cumprindo uma sentença está desaparecendo rapidamente. Com este alimento que estamos obtendo, nossos corações tornaram-se satisfeitos e livres. Eles não se inclinam para outros desejos. Do que mais precisamos? Para leitura durante as horas livres temos a sua divina história; temos o ritual de adoração com o seu retrato. Mas, ó Senhor, o coração anseia por mais, perdão por isso”. R. escreve: “Anseio para que, junto com a minha mente, todos os meus sentidos externos e internos sirvam ao Senhor. Então, se estou sentado ou caminhando, se vejo ou ouço, estou tentando dedicar cada momento ao Senhor. Por que essas mãos devem ficar ociosas? Estou escrevendo o nome de Rama com a intenção de completar dez milhões de nomes. Todos os dias reverencio as representações sagradas de Deus com incenso, luzes e orações. Esta é a minha rotina diária. Recentemente o Seu nome sagrado foi plantado nesta cela; e logo deu o seu primeiro broto. Agora ele cresce de forma magnífica, cheio de flores e frutos. Sob a sombra desta árvore eu também encontro o refrigério. A minha alegria supera todas as tentativas de descrição. A carta que enviou para nós outro dia fez a mim e a todos os outros se maravilharem com a nossa boa sorte. Trouxe à memória o *Viswavidat Veerabrahmendraswami* (o Senhor Absoluto) de quatro séculos atrás”.

O espelho limpo refletiu claramente. O arrependimento acalmou as paixões. Nos corações de vários prisioneiros brotou uma centelha de devoção pelo Altíssimo, cujas gavinhas agora Baba segurou. S.N. fala a seus companheiros sobre Baba, a quem viu e ouviu em Hyderabad. “Daquele dia em diante tenho adorado a Sua forma que está instalada em meu coração”, escreve. Ele logo se tornou um centro de informação e inspiração. Após Baba ter visitado Repalle, próximo a Guntur, para a instalação de um ídolo de mármore de Shirdi Sai Baba, uma pessoa que testemunhou a cerimônia tornou-se, por alguns meses, prisioneiro em espera de julgamento nessa mesma cadeia. Ele descreveu a cena, o entusiasmo das centenas de milhares de pessoas que se reuniram, a criação de Baba, a vista de todos, por um simples gesto de mão, de uma imagem dourada de Shirdi Sai Baba. Contou a eles um monte de outras histórias sobre a glória de Baba. Os prisioneiros sentiram que o próprio Baba programou essa visita do baderneiro de Repalle, para que o Seu bando de devotos pudesse saber mais sobre Ele.

Baba disse um dia a Hemadpant em Shirdi: “Olhe esta mangueira em flor. Se todas as flores que você vê resultassem em um fruto, que colheita esplêndida seria! Mas isso acontece? Não. A maioria fenece ou cai quando o fruto está pequeno e verde. É isto o que acontece com aqueles que vêm a este lugar”. Somente a Sua Graça pode nos salvar de cair, e por isso temos que rezar a Ele por Sua graça e ganhá-la pela nossa própria virtude e disciplina espiritual constantes. Mas Sathya Sai Baba guarda um papel mais inspirador para nós. Ele diz: “Quando o sol nasce e brilha, nem todos os botões de lótus em lagos e açudes se abrem, somente aqueles que estão prontos. O restante deve aguardar o seu momento. Mas todos estão destinados a abrir, todos devem realizar o seu destino. Não há necessidade de se desesperar”.

Quando refletimos sobre as implicações dessas palavras, podemos compreender por que alguns prisioneiros recaem lentamente na indiferença e ficavam satisfeitos com a correspondência errática com Baba. Mas entre aqueles que se agarraram aos pés divinos a partir do momento que Kalpagiri tornou conhecida a divindade dentro daquelas paredes, Chengappa merece uma atenção especial, já que a sua história nos lembra a de uma torrente das montanhas atingindo as planícies e o mar, após passar por várias quedas abruptas. Suas cartas revelam um anseio intenso de realização espiritual. “Uma pequena diferença de opinião surgiu entre minha esposa e mim, e por isso decidi que ela não deveria viver mais na terra. Resolvi acabar também com a minha vida, junto com a dela. Colocando um pouco de veneno em minha língua, esfaqueei-a enquanto dormia e engoli a dose fatal. Ela morreu, mas a morte não me aceitou. Pude somente sentir o fogo em minha língua e nada mais aconteceu dentro de mim. Senti que deveria morrer logo. Então abri os meus intestinos com a faca ainda gotejante com o sangue dela e caí no chão. Recobrei a consciência no hospital, para onde a polícia me levou. Eles costuraram o corte terrível e me deixaram inteiro. Mais tarde, quando estava confinado na prisão de Rajahmundry, eles tiveram de abrir novamente o abdômem, e após alguns anos, abriram-no mais uma vez para reparar os danos das operações anteriores. O surpreendente é que eu sobrevivi a todas essas calamidades. Presumi que Deus estivesse guardando a minha vida, talvez planejando um bom futuro para mim, em que eu pudesse fazer algum trabalho para Ele e para aqueles a quem Ele escolhesse. Então, ofereci o meu corpo, coração e alma a Deus. Desde então sinto-me extremamente feliz, pois vivo cada momento com o conhecimento de que tenho a graça de Deus. Os devotos são os meus amigos e parentes; os sábios, os meus companheiros mais queridos. Perdi todo o interesse pelos meus companheiros anteriores. Eu me refugiei em você Baba, o Senhor vindo à terra. O que mais preciso? Coloquei o Seu retrato, o que me enviou, diante do lugar que uso para a meditação. Quando abro os meus olhos eu O vejo; quando fecho os meus olhos, recito o Seu nome. Este é o meu *nithyapuja* (cerimônia diária de adoração). Pratico a disciplina de estar com Você, em Você, para sempre. Deus para mim, eu para Deus...este é o anseio. Isso me dá uma felicidade sem limites”. Ele está feliz porque os médicos receitaram para ele verduras cruas e grãos de leguminosas germinados em água, pois este é o alimento sátvico que ajuda o aspirante a não ter a sua meditação prejudicada por pensamentos rajásicos.

Quando Baba escreveu uma carta para ele encorajando-o em sua resolução, Chengappa escreveu: “Coloquei a carta sobre os meus olhos, pressionei-a contra o meu coração. Estava tão feliz quanto Sita deve ter se sentido quando Anjaneya (Hanuman)³⁴ colocou em suas mãos o anel com o sinete de Rama. Era quinta-feira, o dia do silêncio, e não pude comunicar aos meus camaradas a minha alegria. Li na Sanathana Sarathi que o Senhor recomendou o silêncio durante a quinta-feira. Li as palavras preciosas para mim. Ó, como sou afortunado!”

Outros que também estavam na cadeia foram submetidos a essa alquimia divina, como as cartas indicam. Um prisioneiro de setenta anos escreveu: “Como Ramdas, estou engajado no *Ramadhyana* (concentração em Rama) nesta prisão, desde que entrei. Uma vez, a cada dez anos, me permitem ir até a minha casa e ver o meu povo, a minha mãe, irmãos e outros parentes. Minha mãe me teve e me criou suportando grandes sacrifícios para me fazer um homem, mas dei-lhe somente tristeza. Tornei-me incapaz de servi-la em sua velhice. Meu coração está tomado pelo anseio de ir até o Senhor e ser o Seu servo até morrer”. O prisioneiro número 7 escreveu: “Como consequência de um crime, três de nós, irmãos, estamos cumprindo sentença aqui. Estamos tentando, ao máximo, fixar as nossas mentes vagantes em Seus Pés de lótus. Quando esses colegas desafortunados terão a boa sorte de ter o *darsan* do Senhor de Parthi?”

O prisioneiro número 8 escreveu: “Desde quando ouvimos o Seu divino nome e lemos a Sua divina história, temos mantido o Seu nome sempre em nossas mentes. Aquele doce losango tornou-se o nosso companheiro. A epístola que o senhor enviou para os prisioneiros aqui foi recebida com reverência. Muitos de nós a decoraram e podemos repetir o seu conteúdo. Ela passou de mão em mão, e a mensagem foi

³⁴ NR – O macaco da mitologia hindu, devoto perfeito de Rama.

absorvida com entusiasmo, grupo após grupo que a leu e apreciou. Na pressa ansiosa de ler antes dos outros, o papel foi amassado e rasgado. Mas juntamos os pedaços e o colocamos em um quadro para que todos o lessem na sala de orações”. Os prisioneiros escreveram para Baba pedindo livros, livros de cânticos e cadernos onde pudessem escrever o nome de Rama continuamente até completarem 100.000, e algumas vezes citavam suas mães e filhos que temiam estar sofrendo.

Em tais casos, Baba enviou dinheiro através do correio para os endereços mencionados, e quando estes foram localizados e as pessoas encontradas vivas, Ele despachou roupas e outros presentes por via postal com cartas de consolo e encorajamento.

Devo encerrar esta narrativa de alquimia com mais uma carta; o autor teve a boa sorte de cair na companhia destes aspirantes inspirados por Sai e escreveu: “O Meu país natal é o Nepal. O Senhor deve saber que o Nepal é um país temente a Deus, pois já estive nos Himalaias. Estou agora na prisão como resultado de ações passadas e conseqüências do pecado. Mas não considero isso um mal; estou convencido de que é para o meu próprio bem. O senhor escreveu em uma de Suas cartas para um dos meus companheiros que ‘Até Kamalanabha³⁵ está sujeito a *Kashta*³⁶’ (Até o Senhor da Criação, do Umbigo de Lótus, é descrito como tendo sofrido miséria). E, quanto a mim, tão pequeno? Já há alguns meses a recitação do Seu divino nome e a leitura da Sua história tem acontecido nesta prisão. Minha mente também se dissolveu nessa corrente de devoção. A carta que o Senhor enviou alguns dias atrás exerceu um efeito mais profundo sobre mim do que as várias outras; é como se tivesse sido escrita para mim e sobre os meus problemas. Quem pode dizer quando exatamente a Sua graça será vertida sobre alguém? O Senhor fixou residência em meu coração. Eu O chamo de meu *Hridaya Sai* (Sai do meu coração)”.

Baba também foi aceito como guardião e refúgio por alguns prisioneiros das prisões de Hazaribagh e Gaya, devido principalmente à influência de alguns cidadãos de língua télugo que cumpriam pena ali. Aqueles de nós que se esquecem de um criminoso, assim que as portas da prisão são cerradas e ele permanece seguramente preso lá dentro, se surpreenderão ao saber que Baba esteja lá, por detrás das grades, aliviando o coração que sangra, a mente penitente, a consciência vigilante, o sofredor inocente, a criança consciente de que errou e que está determinada a não errar mais. A maioria dos crimes é realizada sob paixão, na cegueira temporária do ódio, na insanidade momentânea da raiva, na bravata da ganância, na malícia que a ignorância faz surgir.

A lei é também muitas vezes burra, como dizem; foi criada com pouca consideração pelo ferro que penetra na alma quando a injustiça golpeia alguém na face, pela deformação das emoções da criança que vive na sujeira e na doença, na bebida e no jogo, e na atmosfera deletéria dos lares partidos pelo divórcio e pela desordem. Baba nos pede para corrigirmos a influência corrosiva que o cinema exerce sobre a mente, e muitas vezes, fala da responsabilidade dos homens letrados e dos artistas, como músicos e atores, de proporcionar entretenimento limpo e inspiração íntegra para a próxima geração. O respeito que agora é demonstrado à astúcia no lugar da virtude, a ausência de qualquer ensinamento das escrituras e *sastras* para as crianças nas escolas, o mau exemplo dos mais velhos ao permitirem, sem um pinga de vergonha, atividades anti-sociais como a fraude nos negócios, a adulteração dos alimentos; tudo isso tem sido mencionado por Baba como encorajadores dos crimes.

Como a mãe que derrama amor extra ao filho teimoso, Baba é gentil com os criminosos arrependidos e a luz do sol que Ele espalha sobre todos é um sinal do Seu amor universal. Ele sempre insiste que o criminoso confesse o seu crime e assuma as conseqüências com alegria, resolvendo não repetir a ofensa. Na verdade, Ele aconselha contra pedir perdão. Seja humilde, encare o resultado, sofra e aprenda a fortaleza. O arrependimento é a compensação suficiente para o pecado; por isso utilize o período da sentença para se arrepender e para a purificação interior. Esse é o Seu conselho.

Lembro-me de uma pessoa que veio de Uttar Pradesh para escapar dos procedimentos legais que tinha de enfrentar por uma alegada apropriação indevida de fundos que pertenciam à sociedade corporativa onde era empregado. Baba o aconselhou a voltar e aceitar a sua culpa; mas prometeu que minimizaria a punição, desde que ele se arrependesse sinceramente. O homem não conseguiu reunir forças suficientes para voltar, mas Baba insistiu que ele deveria ir e ele partiu, com as bênçãos de Baba, para a missão de auto-aprimoramento.

³⁵ NR - *Kamala+nabha* = *Kamalanabha* (Senhor MahaVishnu). Significa: aquele que possui (ou fez nascer) a flor de lótus do seu umbigo. Com o propósito de criar o Universo, Mahavishnu fez nascer a flor de lótus no seu umbigo, significando que a criação deve viver como a flor do lótus, sem se apegar ao lodo do universo.

³⁶ NR – Dor, sofrimento.

Transformar a escória em ouro – esse é o trabalho de reabilitação que Baba mais aprecia. Onde quer que esteja, tudo que Ele fala é essencialmente isso. Por exemplo, vamos acompanhá-lo em Brindavan, Whitefield, onde Ele fica algumas semanas todos os anos.

Hilda Charlton, dos Estados Unidos, escreve sobre a sua experiência dessa alquimia: “Uma quietude enche o ar, uma paz, *shanti* indescritível, que não diminui, mas que se torna mais reconhecível pela voz de Baba, quando Ele canta uma canção ou fala sobre a sabedoria das idades para aqueles cuja graça é para ser recebida. Levantei às quatro horas da manhã e caminhei pelo longo jardim até a árvore de grande copa no final do caminho. Havia um silêncio frio que trazia um fluxo de alegria em seu despertar. A lua brilhante iluminava o jardim. As silhuetas contra o céu eram de pinheiros imponentes, figueiras pesadas, a linha de *asokas*, o vermelho brilhante dos mohurs dourados e os arbustos brancos das gardênia. A estátua de Krishna no centro do lago me fez desejar a música da flauta, que achei que iria surgir a qualquer momento de seus lábios. Os braços se elevaram automaticamente em adoração pela glória de Deus que me acenou de todos os lados”.

“Em suas palestras ontem, Baba dissera que o melhor momento para a meditação era o *Brahmamuhurthan* (entre 3 e 6 horas da manhã). Meditar sob estas árvores a céu aberto é um deleite espiritual, pois talvez sejamos transportados de volta na memória aos dias quando meditávamos nas margens do Ganges, nos vales do Himalaia. Baba nos disse que é bom formar o hábito de meditar no mesmo lugar, na mesma hora e pelo mesmo espaço de tempo a cada dia, pelo menos até que haja um progresso suficiente. Baba disse também que a meditação interior é somente um fator, que o objetivo deve ser trazer a bem-aventurança a cada respiração, preenchendo cada momento com a doçura do Seu nome. O *pranayama* (respiração concentrada) desse tipo deve se tornar parte do seu próprio ser. Somente então começaremos o processo de verdadeiramente viver. Hoje é o primeiro dia de janeiro de 1965. Lembro-me do alerta de Baba para não dar muita importância a nenhum dia em particular. Cada dia é o dia do *guru*, e não somente uma quinta-feira, disse Ele. Cada segundo é um novo começo e deve ser celebrado como uma oportunidade. O Ano Novo, iniciado em um dia determinado, é somente uma convenção, uma criação da mente limitada do homem, separando a infinitude de Deus em seções diminutas. Mas percebi várias pessoas chegando ao bangalô com guirlandas de flores perfumadas. O altar se transforma em um monte de flores brancas, rosas, laranjas e magentas”.

“Baba começou o dia tirando doces do ar, distribuindo-os a todos dizendo: ‘Estes doces trarão alegria para suas vidas’. Fez um pequeno quadro com um simples gesto de Sua mão e o deu ao senhor B. Then. Virando-se para a senhora B., perguntou brincando: ‘Está enciumada?’ Pegou o quadro de volta e colocou-o em Sua mão direita, batendo rapidamente as mãos. Instantaneamente havia seis cópias iguais, uma para cada um de nós que sentávamos diante Dele”.

“Durante a conversa que se seguiu, Ele pegou um pedaço de papel do chão e amassou-o em uma bola e o deu para o senhor B. Este descobriu em sua mão não uma bola de papel, mas um pedaço de um doce saboroso que parecia ser o seu favorito. Da mesma maneira, Ele preparou uma outra bola de papel para a esposa, que também se tornou num outro doce, ao contatar a mão dela”.

“Estas pequenas surpresas, como as chamava, culminaram no milagre do *Om*. Uma devota viera de Madras trazendo com ela uma jóia com o formato do *Om*, que mandara fazer; ela agora o colocara diante de Baba para ser abençoado pelo Seu divino toque. Baba olhou para ele e riu e brincou dizendo que o *Om* parecia a cauda encurvada de um macaco. Evidentemente não gostara do trabalho do artista. Perguntou para a devota se poderia corrigir o *Om* ou se ela preferia uma jóia nova, com o retrato Dele incorporado. Naturalmente ela escolheu a jóia nova. Mantendo a jóia do *Om* em Sua mão fechada, Ele soprou sobre ela e, quando abriu a mão, vimos para nossa surpresa que o *Om* tinha desaparecido e em seu lugar surgira um medalhão de ouro de forma requintada, com um grande retrato de Baba colorido, rodeado de diamantes e com um pingente de lindas pérolas. ‘Esta é uma recompensa por vinte e três anos de orações ininterruptas’ disse Baba enquanto colocava a jóia em sua mão”.

“Os milagres de Baba são realizados com o propósito de inspirar, encorajar e reforçar a fé. O maior milagre de Baba é, naturalmente, o milagre supremo da mudança em nossa natureza, em nosso caráter, que é bem mais inspirador e enaltecido do que a criação de jóias. Sai Baba de Shirdi disse: ‘Eu dou o que desejam para que um dia desejem o que eu dou’. E assim, dá para sentir, é com Baba. Cada movimento, cada palavra, cada ato (e todo ato do Senhor não passa de um milagre) possui um significado profundo, que raramente conseguimos decifrar”.

“Vi um milagre de mudança de caráter que foi altamente inspirador. Baba declara que não efetua a mudança pelo lado de fora, mas libera a perfeição inata que está despercebida e latente em nós. Uma senhora da Grã Bretanha veio a Baba sem nenhum anseio espiritual e nenhum estudo anterior de qualquer religião ou filosofia oriental. Estava em passeio pelo sul da Índia, e a sua intenção era permanecer somente por três dias antes de retomar a viagem. Mas ao encontrar Baba e sentir a Sua glória, cancelou todos os compromissos posteriores e permaneceu lá por quatro meses inteiros!”

“Foram meses de completa dedicação e renúncia de velhos hábitos, gostos e também antipatias. Nunca tinha meditado antes em sua vida antes de chegar a Prasanthi Nilayam e não conhecia o ioga, ou os sistemas hindus de pensamento. Mas ficamos impressionados quando ela traçou um programa para as vinte e quatro horas de cada dia e se agarrou a ele tenazmente. Às 4 horas da manhã, ela levantava, meditava, tivesse ela dormido bem durante a noite ou não. O seu dia era preenchido com leitura, escrita, meditação, *japam* e atos de serviço como varrer os aposentos de Brindavan ou de Prasanthi Nilayam. Perseverou realizando tudo com sinceridade, embora, devido a mudança de clima e de alimentos, ela tenha sofrido de abscessos e infecções durante esse período de intensa disciplina espiritual que a deixavam irritada e muitas vezes com dores. Por isso ficava acordada durante várias noites, mas permaneceu, com firmeza, em sua determinação”.

“Sua constância e perseverança, e também o seu amor por Deus, foram recompensados por Baba; lentamente as suas sessões de meditação tornaram-se calmas e compensadoras. Um novo brilho iluminava os seus olhos. Havia um encanto calmo em seu rosto, que não estava ali antes. Seus atos calmos, altruístas e discretos tornaram-na, como Baba disse que aconteceria, um indivíduo sem ego, uma flauta com a qual Deus podia tocar a melodia da perfeição”.

“Ela foi embora, depois de quatro meses, equipada com uma visão completamente nova, uma consciência desperta e um desejo sincero de continuar com a sua disciplina espiritual. Baba tem afirmado que se uma pessoa entregar todo o seu ser a Deus e meditar como for orientada poderá, em três meses, atingir resultados que serão encorajadores. Os resultados dependem, naturalmente, da fé inabalável e da disciplina espiritual realizada continuamente”.

“Antes que ela cruzasse o oceano, tivemos o privilégio de testemunhar um milagre de Baba. Como ela logo se casaria na Grã- Bretanha, Baba prometeu a ela um *mangalasutra* (ornamento de casamento trançado com ouro), uma jóia para ser usada na cerimônia do casamento. Um dia, quando estávamos sentados em grupo diante Dele, Ele pegou uma folha de betel da caixa que estava perto Dele e começou a riscar nela um desenho decorativo com a borda de uma pequena colher de prata utilizada para espalhar lima sobre ela. De tempos em tempos Ele a levantava e mostrava para nós, e nós admirávamos o desenho que se desdobrava diante dos nossos olhos a cada linha que Ele traçava. Não compreendemos que Ele estava, mentalmente, desenhando o *mangalasutra* para a nossa amiga. Então, de repente ele levantou a folha com a conclusão do desenho e soprou três vezes sobre ela. A folha desapareceu e em seu lugar havia a mais bela jóia de casamento jamais feita”.

Era de ouro e o significado simbólico que Baba explicou foi o de que ela sempre se lembraria da sua disciplina espiritual. Em cada lado havia três rubis representando os três *gunas* do marido e da esposa, que deveriam se harmonizar e cooperar. Havia cinco rubis na parte de baixo da jóia, lembrando-os dos cinco sentidos, que devem ser controlados. No alto havia dois rubis, lado a lado, que simbolizavam o marido e a esposa. Suspenso pela jóia havia um pingente de pérolas perfeitas e em seu centro um lótus feito de pedras preciosas para lembrar a ambos de Prasanthi Nilayam com o círculo do lótus bem defronte do salão. Era realmente uma bela recompensa pelos dias e noites de disciplina espiritual intensos; ela não desperdiçara nem mesmo um instante daqueles quatro meses.

Baba é insondável, inescrutável . Não é possível compreender com a mente humana quem Ele é. É possível somente confiar, acreditar e obedecer. Quando fiquei diante Dele, imerso em surpresa, Ele disse: “Todos enxergam o mundo através de óculos e o mundo é aquilo que vêem através deles: óculos de preocupação, óculos de ódio, óculos de inveja, ciúme, ganância. Eu uso somente óculos de amor. Não consigo odiar mesmo que quisesse. Ódio e raiva não fazem parte de Mim; e nem a doença é possível para Mim, posso expressar desaprovação para aconselhar e corrigir, mas nunca odeio. Eu sou a Bem-Aventura, e somente a Bem-Aventura. Eu sou a sabedoria, bem-aventurança, Paz. Essa é a Minha natureza”.

Baba reconstrói o homem revelando, a cada um, o Sai dentro dele. Seja ele um prisioneiro dentro das paredes altas de uma cela ou dentro das paredes altas do desejo, construído pelo ego. Ele é o libertador, o mestre cuidadoso que o aceita como você é e o conduz para a alegria da liberdade.

Hilda Charlton, que passou décadas no Ceilão, entre os aspirantes budistas e que praticou disciplinas tântricas com gurus hindus em Déli, ouviu falar de Shirdi quando estava em Bombaim, e durante a sua estada em Shirdi soube da atual forma que aquele Sai Baba assumiu para abençoar a humanidade. Ele veio para Prasanthi Nilayam há três anos. Aqui encontrou a realização da sua busca, um lugar onde pôde realizar a disciplina espiritual com a certeza do sucesso.

No primeiro volume deste livro, existe um capítulo intitulado “O Mesmo Baba”, em que foram mencionados vários fatos que nos convencem da identidade e continuidade de Sai Baba em Shirdi e Sai Baba em Puttaparthi. Baba refere-Se a Si mesmo sempre como *Sai Baba*, sendo o nome Sathya Sai Baba utilizado somente para evitar complicações legais e administrativas com instituições e organizações que cresceram em torno do “corpo anterior” e de seus admiradores. Quando o presidente do Shirdi Samsthan, encarregado da administração das propriedades e dos cerimoniais de adoração em Shirdi, onde o “corpo anterior” está repousando, hesitou em engolir a cinza sagrada materializada pelo “corpo atual” (Sri Sathya Sai Baba), porque temeu ser um sacrilégio, Baba deu-lhe um sinal para convencê-lo de que os dois eram o mesmo. Sua foto, na parede daquela sala em Bombaim, produziu um clarão de luz brilhante, e a dúvida escura, em seu coração, desfez-se.

Quando Tidemann Johanessem, da Noruega, estava diante do altar, em Shirdi, um velho apareceu diante dele e, dando-lhe uma foto de Sathya Sai Baba juntamente com uma pequena quantidade de *udi*³⁷, orientou-o para ver o avatar atual em Bombaim, no dia treze de março. Ninguém tinha noção, naquela época, de uma visita de Sathya Sai Baba a Bombaim em março. Mais tarde, no dia 13 de março, ele encontrou Baba em Bombaim, e Baba o convenceu de que fora informado, em Shirdi, por Ele mesmo.

Sathya Sai Baba é o brilho, a majestade, a compaixão que vitaliza todo altar em que Shirdi Sai Baba é agora adorado. Um sobrinho de Kakasaheb Dixit, do círculo interno de devotos Sai em Shirdi (se pudermos falar de interno e externo em vez de mais forte e mais fraco), tinha escrito uma oração em forma de canção para Sai Baba de Shirdi, na qual dizia que gostaria de, no mínimo, ser “o seu porteiro”. Isso foi há anos atrás. Agora, ele é o porteiro em Brindavan, Whitefield, vivendo em uma casinha próxima do portão e correndo com as chaves, quando Baba chega de Prasanthi Nilayam, Madras ou Nilgiris.

Orem a Ele, seja como Shirdi Baba ou como “Parthi” Baba; é Baba quem ouve. A senhora Batheja e sua filha ouviram falar de Baba, enquanto estavam em Bangalore. Deveriam prosseguir para Bombaim, após uma visita a Shirdi. Decidiram obter o *darshan* de Baba no caminho. Como não conseguiram uma entrevista em poucos dias, tiveram de partir. Chamaram por Baba, quando Ele passava pela varanda do primeiro andar, para pedir permissão para partir. Então, Ele me chamou à Sua presença e, dando-me alguns pacotinhos de *udi*, disse: “Vá e dê isto para aquela mãe e filha de Bombaim que estão esperando lá embaixo. Elas trouxeram um tecido para Mim. Diga-lhes que podem levá-lo de volta, para usá-lo como vestimenta, como Minha *prashad*”. Quando lhes falei, ficaram surpresas. O tecido que tinham trazido e guardado cuidadosamente dentro da caixa, era para uma oferenda no altar de Shirdi; lá, ele seria aberto sobre a “tumba”! Mas como Baba o aceitara, “Não iremos a Shirdi, aqui é Shirdi. Aquela oferenda foi aceita e retornou em forma de *prashadam*”.

O *Sai Sathcharitham*, escrito por Govinda Raghunatha Dabholkar, com as bênçãos de Sai, enquanto Ele estava em Shirdi, refere-se ao próprio Shirdi Sai Baba como “Sathya Sai!” Fala da história de Shirdi Sai Baba como “Sathya Sai Katha”. Descreve também um Sathya Sai Vratha (ritual de adoração), sendo Sathya, como aconteceu na presente encarnação, a abreviação do nome Sathyanarayana!

Bhimaji Patel, após uma recuperação milagrosa de uma doença, pela Graça de Shirdi Sai, celebrou cerimônias de agradecimento. Cheio de gratidão e reverência, no lugar do *Sathyanarayana Vratha* usual, ele observou o *Sathya Sai Vratha*! No lugar do *Sathyanarayana Katha*, que deveria ser lido após o *Vratha*, ele recitou o *Sathya Sai Katha*! Sai Baba em Shirdi deve, como morador do interior do devoto Bhimaji, tê-lo estimulado a nomear *Vratha* e *Katha* daquela maneira, estimulado pelo *sankalpa* (*Vontade Divina*), para sugerir eventos que viriam. Pois Sai Baba não tinha dito, em Shirdi, várias e várias vezes, que é “Abençoado e afortunado aquele que me conhece estabelecido nos corações de todos os seres”? Na verdade, Ele conhecia o passado, presente e futuro, como declarou Dabholkar.

Há dez anos, um cidadão de Maharashtra compôs um poema sobre Baba de Shirdi, no qual caracterizava Sai como Sathya Sai. No ano passado, ele soube de Sathya Sai por intermédio do primeiro volume deste livro. Veio a Prasanthi Nilayam, trazido pelo nome que surgira de sua pena, sem que tivesse consciência. Disse-me que a continuidade dos dois Sais fora confirmada pelo último incidente na vida do primeiro, e pelo primeiro incidente na carreira do segundo. Sai Baba aparecera diante de Das Ganu no

³⁷ NR – O mesmo que *vibhuthi* – cinza sagrada. A diferença é que a de Shirdi era produzida a partir de um fogareiro que ficava dia e noite aceso e a de Sathya Sai é materializada por Ele, de Suas Mãos.

amanhecer do dia 16 de outubro de 1918, dizendo: “O *masjid* entrou em colapso; parto de lá agora. Vim para informar-lhe; vá até lá, rápido. Realize esse Meu desejo; coloque flores em Meu *dabari*”. *Dabari* indicava a “tumba”. Das Ganu fez como lhe fora pedido. Em 1940, quando Baba anunciou que viera novamente para reassumir o Seu trabalho e cuidar de Seus devotos, Peddavenkappa Raju perguntou ao filho quem estava fazendo aquele anúncio. “Mostre-nos um sinal que nos convença de que você é o mesmo Baba”. E Baba pediu que flores fossem colocadas em Suas mãos – flores que Ele pedira a Das Ganu que colocasse em Seu *dabari*, quando partiu de Shirdi. Atirou as flores no chão, e as duas palavras (SAI e BABA) formaram-se com elas. Para aqueles que podem ler os sinais da divindade, essa é uma coincidência significativa.

No *Vijayadasami* de 1916, quando alguém disse a Sai Baba em Shirdi: “Hoje é o dia de *Simolanghana*”, Baba deixou a todos atônitos, ao anunciar: “Sim, é o dia do Meu *Simolanghanam* também”. *Simolanghanam* significa o ato de cruzar o limite, de um reino para outro. Os reis, antigamente, reuniam seus exércitos, equipando-os com armas que eram reverenciadas e adoradas no Dia do *Ayudha Puja* (véspera do dia de *Vijayadasami*), e, cruzando as fronteiras de seus próprios reinos, invadiam os estados vizinhos, ansiosos para conseguir *Vijaya*, ou Vitória. Isso era no décimo dia de *Dasara*, ou dia de *dasami*, da metade luminosa do mês de *aswija* (que acontece geralmente em outubro).

Qual teria sido o significado exato que Sai Baba almejou, quando disse: “*Vijayadasami* é o dia do Meu *simolanghanam*?” Qual fronteira Ele atravessava e para qual estava prosseguindo? Deixou o corpo, como previra, no *Vijayadasami*. Disse a Das Ganu na manhã seguinte, aparecendo diante dele: “Estou partindo de Shirdi agora; negociantes de óleo e merceeiros implicam muito comigo”. Então deixou Shirdi e atravessou de um estado para outro,³⁸ de Maharashtra para Andhra. Esse foi o *simolanghanam*!

Sathya Sai Baba disse que, em Seu corpo anterior, anunciara a Kakasaheb que apareceria depois de 8 anos, e não como “uma criança de 8 anos”. Ele apareceu novamente em Puttaparthi, em 1926, 8 anos após aquele *Vijayadasami*. Revelou a Si mesmo como uma criança divina com uma carreira milagrosa diante de Si, em Seu oitavo ano, quando desejou, na escola, que o professor ficasse agarrado à sua cadeira, até que Ele pudesse descer do banco em que o professor ordenara que ficasse. Esse foi o primeiro sinal “dramático” do novo Advento de Sai – “como uma criança de oito anos”.

Existem alguns que limitam a Vontade Todo Poderosa da Divindade e dizem que Sai Baba não pode entrar em uma gaiola humana, uma vez tendo saído dela – como se fossem legisladores do Absoluto Eterno! Uma vez, alguém me escreveu de Madras³⁹ repetindo esse argumento. Quando recebeu a minha resposta, ficou tão firmemente convencido, que sustentou a identidade, a continuidade e o advento com uma nova argumentação! “O Bhagavad Githa nos diz que o Senhor anunciou que aqueles que deixam o corpo durante uma condição enfumaçada e esgotada da mente, ou durante a noite, ou na metade escura do mês, ou durante os seis meses em que o Sol está no hemisfério sul, isso significa dizer que, durante os seis meses que marcam o caminho sul, atingem a região da Lua, se forem iogues. Após algum tempo, devem retornar de lá para a Terra e para o nascimento humano (capítulo 8, verso 25). O verso 28 diz que, se eles partem durante o dia, durante a metade brilhante da lua e durante os seis meses do Sol no caminho do hemisfério norte, os iogues não retornarão. Sai Baba de Shirdi partiu durante o *dakshinayana*, os seis meses do sol no sul, porque evidentemente ele buscava a oportunidade de retornar para a Terra”. Posso somente dizer que esses pontos de apoio não são necessários para provar o óbvio. Aqui, acenando para nós em amor e doçura, está o Avatar, a reparação de Sai, a Quem podemos todos vivenciar e de Quem podemos beneficiar-nos. Qual a necessidade de discussão?

Como um garoto de 14 anos, Baba decidiu mostrar-se como Sai Baba, desistindo do papel de Sathyanarayana Raju. Jogou fora Seus livros do colégio, saiu de casa e foi para um jardim fora da cidade de Uravakonda. Disse à Sua cunhada que tentava persuadi-lo a ficar: “Tenho o Meu trabalho, Meus devotos esperam por Mim”. Qual era o trabalho? Quem eram os devotos? Podemos ver que o trabalho era a “continuação do que foi realizado em Shirdi”; os devotos eram aqueles que O adoraram enquanto estava em Shirdi e subseqüentemente. Essa foi a razão pela qual repreendeu um famoso adorador da Sua Forma em Shirdi, que se recusava a reconhecê-lo: “Qual a utilidade de toda a sua adoração e meditação, quando não consegue reconhecer o próprio Deus que adora e sobre o qual medita?” Ainda na adolescência, Ele demonstrou para dois dos Seu professores na escola, Subbannachar e Kondapa, que era o Sai vindo de novo;

³⁸ NR – Deixou um corpo em Maharashtra e foi usar outro em Andhra.

³⁹ NR – Esta cidade, Madras, teve seu nome mudado para Chennai.

concedeu visões de Shirdi à Sua mãe, ao Seu pai e a vários outros em Puttaparthi. Deu pedaços do *kafni* (túnica) que usara em Shirdi a Thammiraju Manchiraju e a outros em Uravakonda.

Thammiraju Manchiraju era professor na Escola Secundária de Uravakonda. Escreveu vários artigos sobre aquela época, na revista “Sanathana Sarathi”. “Desde a morte prematura de minha filha, minha esposa ficou muito deprimida, então meu ‘aluno’ na escola – Sathya, ou deverei dizer Baba – vinha freqüentemente até a minha casa para consolá-la. Ela costumava ir todas as quintas-feiras, à tarde, vê-Lo na casa do professor de télugo, o irmão mais velho de Baba. Um dia, quando ela caía a Seus pés, Ele a levantou dizendo: ‘Eu carregarei todas as suas tristezas para você. Seja feliz daqui por diante’. Então fez um gesto com a Sua mão e criou grãos de arroz (assim como tinha criado para Megha em Viramgaon, enquanto estava em Shirdi) e pediu a ela que os guardasse no pedaço do *kafni* que nos tinha presenteado antes”.

“Tínhamos de andar até o poço da aldeia, que ficava um pouco distante, para conseguir o estoque diário de água potável. Minha esposa, um dia, reuniu as crianças dos vizinhos e pediu-lhes que brincassem com o nosso filho de cinco anos, para que ela pudesse ir até o poço e voltar. Deu-lhes um pouco de açúcar, dizendo: ‘Façam Sai puja (a cerimônia de adoração a Sai) todos vocês. Voltarei logo. Ofereçam o açúcar a Ele e depois o comam como alimento consagrado’. As crianças foram para a sala do altar, cantaram os hinos que conheciam e viram Sai Baba sentado diante delas. Ele comeu uma pequena quantidade do açúcar e deu-o a cada uma com Sua mão cheia. Meu filho ficou tão excitado com a visita do Ancião, que correu para fora, para esperar pela mãe e trazê-la até a sala. Sabia que ela ficaria feliz ao vê-Lo. Quando ela entrou, a sala estava vazia. ‘Para onde Ele foi?’ perguntou às crianças. Os pequenos inocentes responderam: ‘Nós O vimos entrando naquele quadro’. Dias depois, fomos a Puttaparthi, e Baba me disse: ‘Você ficou triste porque Eu tinha vindo para Puttaparthi, mas Eu posso estar aqui e estar lá também. Sei que você acreditaria somente quando as crianças falassem sobre o que viram’. E Thammiraju escreve: ‘Pode surgir a pergunta: por que Ele escolheu a forma de Shirdi?’ Eu me fiz a pergunta e também consegui a resposta de Sathya: ‘Não existe ‘aquela forma’ ou ‘esta forma’. Ambas são uma só”.

Sai Baba, quando jovem, costumava cantar com entusiasmo e dançar de tornozeleiras. Nessa aparição como Sathya, Ele se delicia com a dança e concede esse prazer aos outros, dançando. Canta *kirtans* e *namavalis* com um entusiasmo que inspira centenas de milhares a êxtases devocionais. Sai Baba usava, quando chegou a Shirdi, somente *dothis* em torno da cintura e uma camisa sobre o corpo; por muitos anos, também em Puttaparthi, Ele usou o mesmo estilo de roupa. Mudou para um manto comprido, como Sai Baba fez em Shirdi, somente mais tarde. Adotou o manto colorido e o *dothi* para uso geral, a pedido dos devotos, para que pudesse ser mais prontamente identificado e não perder-Se entre as centenas de milhares de pessoas que O rodeiam para o *darshan* e para tocar Seus pés.

“Sua alegria é o alimento que Me sustenta”, diz Sathya Sai Baba. Para alegrar as pessoas que O rodeavam em Shirdi, Sai Baba submetia-Se docilmente à pompa e à ostentação. E era levado em procissão, em dias alternados, de Dwarakamayi a Chavadi, onde dormia. Grupos de homens e mulheres com instrumentos musicais como *tal*, *chiplis*, *kartal*, *mridang*, *khanjira*, *vina* e outros, formavam a vanguarda da procissão. Uma longa fila de belas carruagens vinha em seguida. Logo depois, surgia o cavalo ricamente ajaezado, Syamakarna, que Sai Baba tanto amava e acarinhava. Atrás do cavalo, seguia um palanquim sustentado por homens cantando hinos, acompanhados por vários outros que seguravam tochas de ambos os lados. Outros seguiam com bastões, varetas de prata, mastros com bandeiras, mastros encimados por figuras entalhadas de Garuda. Dançavam em êxtase, gritando *Jai*, ao ritmo de tambores e trombetas. Fogos de artifício anunciavam a chegada da procissão pelo som e pelo brilho dos repentinos clarões de luzes multicoloridas. Baba aparecia no alto do *masjid* (mesquita abandonada onde Ele vivia em Shirdi), com pessoas dos dois lados segurando abanos feitos de caudas de iaques. Os *bhaldars* anunciavam a Sua chegada gritando o Seu nome. Devotos abriam panos sobre a rua, quando Ele se movia. Mantinham um guarda-sol aberto sobre Sua cabeça; flores pintadas com *gulal* eram lançadas sobre Ele, enquanto prosseguia lentamente.

O Sai *Sathcharitha*⁴⁰ diz: “Que bela procissão! Que expressão de devoção! Essa cena e aquela época se foram. Ninguém mais poderá vê-las agora, nem no futuro”.

Não, Baba voltou! Ele permitiu que os devotos realizassem essas procissões novamente em Puttaparthi, durante os festivais de Dasara e do Aniversário, até cerca de 1954. Em Shirdi, Baba era adornado antes de ir para o Chavadi. “Eles colocavam em Sua cabeça uma *mukuta* (coroa), jóias em torno do Seu pescoço e também guirlandas. (Anos atrás, Sakamma de Bangalore trouxera várias jóias que ela colocou

⁴⁰ NR – Biografia de Sathya Sai Baba de Shirdi.

em Baba). Durante o curto tempo da procissão, eles trocavam, de quando em quando, seus adornos de cabeça”. Até hoje, quando sabe que são sinceras, Baba cede às orações das pessoas e permite que organizem procissões em cidades e aldeias (como em Shivajinagar, Kalyanapuram, Ootacamund) embora com uma parafernália muito mais reduzida.

Em Shirdi, Baba referiu-Se ao Seu *Sircar*⁴¹, Seu Tesouro, Seu *durbar*⁴²; agora, também Ele Se refere A Si mesmo como *Sath-Chakra-varthi* (Imperador da Verdade⁴³); fala do seu erário, do Seu Tesouro, de Suas Riquezas Acumuladas (*pennidhi*). Em Shirdi disse que “Essa *dwarakamayi*⁴⁴ é o *Dankapuri* de *Dakurnath*, o *Pandhari* de Vital⁴⁵ e a *Dwaraka*⁴⁶ de Ranchod”. Baba anunciou que a presente *Dwarakamayi* (Prasanthi Nilayam) é “outra Mathura(cidade sagrada onde reinou Rama), outra Badrinath (terra de Shiva) e outra Thirupathi (cidade sagrada ao sul da Índia)”. O nome Dwaraka foi dado à cidade construída por Krishna em uma ilha, porque a palavra significa um lugar cujas portas são abertas para as quatro castas e para os quatro tipos de homens, isto é, *artha* (grande sofredor), *artharthi* (pobre), *jijnasu* (buscador sincero) e *jnani* (sábio que conhece a sua identidade), para que eles possam alcançar as quatro *purusharthas*. Certamente, como Dwaraka foi a habitação do Senhor, Shirdi e Puttaparthi merecem o mesmo nome. Baba disse: “Essa Prasanthi Nilayam não tem paredes ou cercas à sua volta, pois o Senhor é acessível a todos que chegam, de todas as direções e caminhos. Todos são bem-vindos para receber o dom da Graça”.⁴⁷

Sai Baba “expressou o desejo” de que um ídolo *Muralidhar* de Krishna (com a flauta, ou *murali*, em Sua mão) fosse instalado no pátio quadrangular do palácio que Buty construíra em Shirdi; mas Ele “deixou” Shirdi antes que aquele desejo se realizasse. Talvez por essa razão, Baba tenha um ídolo *Muralidhar* de Krishna no pórtico de Prashanthi Nilayam, como centro de adoração para todos que levantam suas mãos em oração. Ele tem um *Muralidhar* no altar, no Salão das Orações. Há também duas imagens encantadoras de *Muralidhar* no adorável jardim de Brindavan.

Um estudo mais detalhado do “*Sai Sathcharitha*”⁴⁸ é um DEVER para qualquer um que busque desvendar o mistério de Sathya Sai Baba, pois a Mão que oferta e a Voz que ensina são as mesmas. Quando um *brahmachari* (aluno celibatário) da Missão Ramakrishna veio a Prasanthi Nilayam, para obter a cura de uma cólica crônica, Baba pediu que ele rezasse ao próprio Guru Maharaj e o instruiu como realizar meditação com maior sucesso. Afirmou-lhe que Ramakrishna, seu *gurumaharaj* (grande guru), curaria a doença que impedia o progresso espiritual daquele seu filho. Em Shirdi, Baba teria dado o mesmo conselho. “Não soltem o suporte que conquistaram”. “*Apula bap tho, apula bap*” (Somente nosso pai é nosso pai). “Vocês não podem mudar de um mestre para outro para satisfazer seus anseios e fantasias”. Sai Baba concedeu o *darshan* aos discípulos de Golapswami como Golapswami e aos discípulos de Raghunath Maharaj como Raghunath Maharaj. Sai Baba era todos os santos em um.

Agora, também, é o mesmo Um. Em Prasanthi Nilayam, Baba concedeu o *darshan* no Ramanasram (ashram de Ramana) a Swami Abhedananda como Ramana Maharshi e, em Shimoga, para Ramanandaroa, como Ramadas de Kanhangad!⁴⁹ Sai Baba aceitou presentes destinados a outros santos e gurus, pois Ele é todos eles. Baba também surpreendeu várias pessoas, dizendo a elas que estava com elas havia anos, orientando-as e cuidando delas, quando elas diziam que O estavam vendo pela primeira vez. Baba esclareceu que Ele é o próprio guru que haviam seguido até então.

O secretário do *Hindi Prachar Sabha*, em Bangalore, teve uma experiência significativa. Estava na casa de um amigo, quando Baba lá chegou, anos atrás. Seu amigo e vários outros caíram a Seus pés, mas ele não intencionava fazer o mesmo. Entretanto temeu ser tido como um jovem preconceituoso, recusando-se a reverenciar uma grande pessoa. Então caiu aos pés de Baba, com a reserva mental de que a prostração não era para Baba, mas para o seu guru que estava em Maddur, em um templo de Shiva. Quando se levantou,

⁴¹ NR – Patrão, Dono, ou seja, Deus.

⁴² NR – Corte Real

⁴³ NR – Literalmente, “Aquele que manipula a Roda, Reino”. Significa também Aquele que comanda a Verdade, ou seja, Deus.

⁴⁴ NR – Mãe Dwaraka.

⁴⁵ NR – Pandhari, ou Pandharpur, é um lugar sagrado (cidade) no estado de Maharashtra. Vital, ou Vitthala, é outro nome de Krishna.

⁴⁶ NR – Cidade construída por Krishna.

⁴⁷ NR – Uma interpretação deste texto: “Prasanthi Nilayam, de Sathya Sai Baba, é igual e tão sagrada quanto a Dwaraka Mai de Shirdi Sai; Dankapuri de Dakurnath; Pandharipur de Vitthala (Pandu Ranga Vitthala é o nome completo); Dwaraka de Ranchod. E ainda Swami anunciou que a Prasanthi Nilayam de hoje é como se fosse Mathura, Badrinath, Thirupathi, ou qual quer outra cidade sagrada dos tempos antigos. Naquelas cidades e templos sagrados, Deus é adorado com outros nomes; em Prasanthi Nilayam Deus é adorado com o nome de Sathya Sai Baba.”

⁴⁸ NR – Livro sobre Sai Baba de Shirdi

⁴⁹ NR – Fisicamente em Prasanthi Nilayam e aparecendo como o santo de outros lugares.

Baba tocou gentilmente suas costas e disse com um sorriso: “A sua homenagem chegou até seu guru em Maddur”. E ele soube, como vários souberam em Shirdi, que Baba é o veio do ouro divino que corre em todos os mestres espirituais e em todos os professores divinos.

A continuidade dos Sais é determinada pela panacéia idêntica que concedem – o *udi* (cinza sagrada). Ela era retirada do *dhuni*, ou fogo, em Dwarakamayi; desta vez, é criada na palma divina, pois, agora, não é possível carregar o fogareiro onde quer que Ele vá ou queira conceder o *vibhuti*. Devo mencionar, aqui, um fato interessante sobre o *udi* e Shirdi Sai Baba. Sai Baba, com frequência, canta uma canção sobre o *udi*, que se tornou imortal porque Ele a canta: *Ramathe Raam! Raam! Aayoji, aayoji! Udiaonki gonia Laayoji, laayoji!* (Ó querido Rama, venha, venha, traga, traga, sacos de udi!) Quem é o Rama invocado por Sai Baba para trazer os sacos de *udi*? O Rama do Ramayana não distribuiu *udi* como um sinal da Sua graça. *Udi* era a bênção especial de Baba, seu raro instrumento para aliviar as doenças físicas e mentais do homem. Então, é um chamado para o futuro, pois o Baba de Shirdi não amontoou *udi*, nem carregou sacos dele. Observando o presente, descobrimos Baba caminhando entre longas filas de homens e mulheres, com uma bolsa ou cesta de pacotes de *udi*, colocando-os nas palmas esticadas de centenas e milhares, em cidades e aldeias de toda a Terra!

Quando Baba “assumiu” a trombose cerebral, ou, como diagnosticou o diretor de serviços médicos em Misore, “meningite tubercular”, de um devoto do Senhor, lembramo-nos não somente de atos semelhantes de compaixão mostrados por Ele no passado, mas também de atos como esse realizados por Ele em Shirdi, como Sai Baba. Sai Baba assumiu quatro ínguas, totalmente crescidas, do filho de Dadasaheb Khaparde de Amraoti. Mostrando-as à mãe do menino, Sai Baba declarou: “Veja como sofro pelos Meus devotos, o sofrimento deles é Meu”.

Quando ouvimos Sai Baba anunciando: “Vivekananda voltou, está crescendo no Ceilão, virá até Mim e se unirá a Mim em Minha tarefa” como fez certa manhã, ou “O homem que escreveu, em inglês, a primeira biografia de Vivekananda, nasceu na noite passada em uma cabana de sapê, à beira-mar, na costa ocidental em Kuttipuram. É um bebê encantador, com grandes olhos brilhantes”, lembramos de Sai Baba em Shirdi, anunciando às pessoas próximas a Ele as vidas passadas de cobras, vacas e cabras! Em Seus discursos, Baba tem dito com frequência: “Conheço o seu passado, conheço o seu futuro. Então sei por que sofre e como pode escapar desse sofrimento”. As declarações que ressoam de Prashanthi Nilayam nada mais são do que ecos daquelas ouvidas em Dwarakamayi. Baba diz: “Imaginem quão tolos vocês são! Vêm a esta *kalpatharu* (árvore que concede todos os divinos desejos) pedindo por um pouco de pó de café! O seu comportamento é como o de um homem que chega a uma enorme loja de departamentos e pede uma toalha”. Como Sai Baba, Ele disse: “Estou sentado aqui, pronto para dar a vocês o pano bordado a ouro do *chela*⁵⁰. Então, por que roubar trapos?”

Sai Baba falava por meio de adivinhações e parábolas. Disse a Kaka Saheb que lhe enviaria uma *vimana* (carruagem alada), quando morresse, e ele morreu em um trem em movimento. Sathya Sai Baba também fala dessa maneira. Disse a um velho ator de cinema, que falara com Ele sobre a sua doença física: “Eu sei, o seu corpo é um amontoado de doenças; tenho de fazer-lhe uma revisão geral e dar-lhe um corpo novo”. E ele morreu logo, penetrando em um outro corpo. Aquele ator estava cego; pediu pelo menos, ou pelo máximo, que tivesse uma imagem de Baba em seu coração. O que aconteceu pode ser melhor descrito citando-se uma parte do livro “*Sai, the Superman*”, de Swami Sharananand. Ele escreve sobre Sai Baba de Shirdi, mas exatamente a mesma coisa aconteceu também em Prashanthi Nilayam. Orou ele a Baba: “Perdi a minha visão. Não lamento a perda, pois a ausência da visão me mantém distante de muitas coisas indesejáveis, mas anseio ver a forma humana na qual você, meu Senhor, Se manifestou. Por favor, conceda-me isso, para que eu me sacie com a visão da Sua glória. O Senhor poderá retirá-la, assim que eu O vir”. Baba, imediatamente, realizou o seu pedido. Ele viu Baba com os próprios olhos e, depois, perdeu a visão, ficando cego novamente.

Sai Baba revelou entusiasmo em resguardar e estimular o Sanathana Dharma⁵¹, promovendo os estudos das Escrituras, a única maneira de esclarecer o intelecto e purificar a mente. Lemos, no Sai Sathcharitha, como Ele censurou um *ramadasi* (devoto de Rama) por seu descontrole no temperamento, apesar da sua recitação do Vishnu Sahasranama havia anos. Ele repreendeu Swami Vijayananda, que ostensivamente se afastara de amigos e parentes, quando ele Lhe pediu permissão para ir a Madras, a fim de ver sua mãe doente. “Vá e leia o Bhagavatha”, disse a ele. Agora, como Sathya Sai Baba, Ele continua, em

⁵⁰ NR – Discípulo.

⁵¹ NR – É o nome que os indianos dão ao sistema de crenças e disciplinas espirituais que os ocidentais chamam de “Hinduísmo”.

maior escala, esse papel de corrigir os desejos e apegos dos monges e dos *sadhakas* (aspirantes espirituais). Censura-os por celebrarem e até por lembrarem-se de seus aniversários; por adornarem-se com títulos indicativos do seu avanço espiritual e por buscarem publicidade competitiva para atrair e manter seguidores ricos. Sai Baba perguntou a Haji Sidi Falke, de Kalyan: “Você lê o Corão dessa maneira?” Como Sathya Sai Baba, nós O vemos ajustando e modificando a velocidade e o tom de renomados recitadores védicos. Sathya Sai Baba enfatiza o Gayathri, o Omkar e também a Githa, como os mais eficazes entre os mantras e textos. Também como Sai Baba de Shirdi Ele fez o mesmo. Pedia às pessoas que lessem o Bhagavatha, as Yogasutras de Patanjali, o Vicharasagara, o Panchadasi e outros textos. Dadasaheb Khaparde, um especialista nos Comentários de Vidyananyam, “não pronunciou sequer uma palavra” na presença de Sai Baba, porque, como confessou, “o aprendiz não pode brilhar diante da Iluminação”. Essa é também a sensação de vários estudiosos diante da presença de Sathya Sai Baba. Quando um renomado poeta, erudito e pregador popular, que viajara pelos Estados Unidos, Rússia, Japão e outros países, realizando conferências sobre religiões, caiu a Seus pés e pediu para passar os anos restantes de sua vida indo de continente a continente espalhando as boas novas de Seu Advento, Sathya Sai Baba disse-lhe: “Não se preocupe com o Meu Advento; preocupe-se com o seu próprio futuro. Gostaria de que alguém tomasse suas asas e o mantivesse em um lugar fixo, para que você pudesse fazer algum *sadhana* e salvar-se, antes que seja muito tarde”. “Concentre-se na sua própria elevação, antes de tentar elevar os outros”, foi o Seu conselho a outro popular expoente da Githa e das Upanishades. Ele veio para curar o cego, corrigir o orgulhoso, consolar o ignorante e confortar os sofredores.

As declarações feitas em Shirdi e por Sathya Sai Baba em toda parte, sobre a divindade e o mistério de Sai, são naturalmente idênticas. Sathya Sai Baba diz: “Minha *Shakthi*, Meu Poder, Meu Mistério nunca poderão ser compreendidos, seja quem for que tente, por qualquer tempo que seja, quaisquer que sejam os meios”. Sai Baba disse: “Eu puxo os cordões desta exibição de marionetes”. Em Shirdi, disse a Vijayananda: “Você pôde chegar a esse lugar somente como resultado de mérito adquirido em nascimentos anteriores”. Em Puttaparthi, diz a mesma coisa a todos que chegam. A reação à glorificação ou acusação, então como agora, é a mesma. O *Sathcharitha* diz: “Sai Baba era tolerante, sem emoção, sem apegos, eternamente livre”. Baba escreveu a Seu irmão, quando estava com cerca de vinte anos: “Não moderarei Minha atividade; para Mim, fama e nome, reputação e calúnia são igualmente triviais. Não Me preocupo com nada disso”.

Sai Baba foi a encarnação do Amor Divino; Sathya Sai Baba chama a Si mesmo de *Premaswarupa* (a encarnação do Amor). O *Sathcharitha* se refere a *Udivrishti* e *Kripavrishti*, o verter de *Udi* e o verter da Graça; e os livros sobre Baba, então como agora, devem mencionar essas duas dádivas, pois elas são as marcas da Divindade de Sai. Sai Se dirigia às pessoas como “Ó Bhau”, “Sua Anna” ou “Seu Bapu”, com amor e ternura; agora, sob a nova forma de Sai, Ele se dirige como “Bangaru⁵²”, “Nayana⁵³” ou “Appa⁵⁴”.

Então, como agora, Sai aproveita toda oportunidade para proclamar a Sua Glória, pois de que outra forma poderia o homem compreender a sua boa sorte? Em Shirdi, Ele disse: “Habito todos os seres”. Recentemente, Baba escreveu a um grande erudito: “Não deprecie os ricos; não deprecie ninguém. Sai habita em todos; portanto, quando você deprecia alguém, está depreciando a Mim”. O Professor G.G. Narke, da Faculdade de Engenharia, em Puna, escreveu sobre Sai, quando Ele estava em Shirdi: “Ele falou como se estivesse sentado em meu coração, conhecendo todos os meus pensamentos e desejos. Eu O testei algumas vezes. Cada teste produziu a mesma convicção – a de que Ele conhece tudo e é capaz de moldar as coisas segundo a Sua vontade”. Agora, na presente forma de Sathya Sai, Baba disse a um trabalhador *Sarvodaya*⁵⁵, um certo Sri Mehta, que Lhe perguntou, bem francamente, como Ele podia ler sua mente tão bem. “Isso não é um poder ou algo que obtive; isso é Minha *Swabhava*⁵⁶, Minha própria natureza. Não penetro em sua mente por meio de um poder que aprendi ou ganhei; não penetro em sua mente para reunir a informação necessária sobre um assunto, emergindo dela e depois recitando para você para impressioná-lo. Não. Estou sempre lá e em toda parte. Sou o seu *Hrudayavasi*, o Morador Interno”.

Sai Baba disse a Balaram Mankar, quando apareceu em pessoa diante dele em Mathsyendragad, enquanto estava também em Shirdi e, em resposta a uma pergunta de Mankar, sobre por que Ele o tirara de Shirdi e o enviara para aquela colina: “Você imaginou que com a alta estatura deste corpo, composto pelos cinco elementos, Eu estava em Shirdi! Não foi? Quis fazer você compreender a Minha Realidade; por isso o

⁵² NR- Palavra em télugo que significa pepita de ouro.

⁵³ NR – Idem, podendo significar “criança” ou “pai”, dependendo de quem usa, sempre expressando muito respeito.

⁵⁴ NR – Em tamil, outra língua do sul da Índia, *appa* significa pai.

⁵⁵ NR – Tem o sentido de “despertar”. Despertar toda a sociedade, trabalhar para a elevação espiritual, sua ou de todos.

⁵⁶ NR – De sua própria natureza, característica interior.

enviei para cá, para que Eu pudesse vir diante de você e mostrar que não estou somente naquele corpo”. Sathya Sai Baba também apareceu diante de devotos em locais distantes e até além dos sete mares, tornando-os cientes de que Ele não é limitado pela estrutura física, que muitos confundem como sendo Ele. Ele diz: “Aprenda a ansiar fortemente por Mim, para que possa Me atrair até onde você está. Esse é o *sadhana* mais recompensador do que as viagens que vocês empreendem. Transformem seu coração em uma Prasanthi Nilayam; então, certamente Eu virei e lá permaneceréi”.

A marca de ouro da continuidade é evidente nas curas milagrosas que efetuam, nos modos misteriosos como Eles salvam devotos de acidentes, como os avisam e os resgatam, como os ensinam e os treinam e na ênfase que depositam na essência de todas as fés. Pessoas que viveram há muito tempo em Shirdi, notaram, em Prasanthi Nilayam, as mesmas reviravoltas nas conversas, o mesmo amor e misericórdia, até os mesmos maneirismos nos gestos. M.S. Dixit cita um deles: “Sathya Sai Baba acena Sua mão direita, assim como o Senhor Shirdi fazia, um ou dois dedos no ar, como se estivesse escrevendo”. Esse gesto de mão, sem um propósito ou significado evidente, é mencionado no *Sai Sathcharitha* de Hemadpant, no capítulo 27.

Outro traço de Baba, em Shirdi e Puttaparthi, é a concessão de apelidos a pessoas chegadas e a utilização deles nas conversas gerais. Em Shirdi, o Senhor era Faquir, Panduranga era Vital Patil; em Puttaparthi, Ele é o Oleiro, o Ferreiro. Das Ganu era o “noivo”; outra pessoa era o “glutão” ou o “gordo”. O apelido de Hemadpant, com o qual Ele chamava Govindarao Raghunath Dabholkar, tornou-se histórico, pois ele o aceitou como pseudônimo, escrevendo no final de cada capítulo como marca de impressão: “*Bhaktha Hemadpantha Virachitha Sri Sai Samartha Sathcharitha*”.

Hemadpant foi um ministro famoso, da dinastia Yadava, que governou Deogir (Daulatabad); serviu a dois regentes, Mahadeva e Ramadeva, no século XII A.C. Escreveu vários celebrados trabalhos em sânscrito, como o Chathurvargachintamani e Rajaprasasti, ligados principalmente à Sociologia e à Ciência Política. Quando recebeu o apelido, Dabholkar o viu como “um dardo para destruir meu ego”, como um meio para ensinar-lhe a “diminuição permanente do ego”. Contrastava suas próprias realizações, insignificantes, com as gigantescas da pessoa cujo nome foi colado ao seu; pedia a Baba que Ele mesmo escrevesse a Sua história, por meio da pena que ele tinha o privilégio de segurar. E Baba o abençoou com o “assim seja”.

Agora, também acontece uma repetição. Quando revi, recentemente, o meu diário de 1958, descobri esta anotação de 29 de novembro: “Baba me saudou, quando fui ter com Ele às 7h15, como Nannaya Bhatta!” Não tinha idéia, então, que esse era um nome com uma grande história. Isso foi dois anos antes da publicação da Sua vida, *Sathyam Shivam Sundaram*, livro que Ele escreveu, enquanto eu segurei a pena, o Seu *Sathcharita*. Ele me abençoou com a tarefa já em 1948, e eu esperava a Sua ordem para começar, mesmo dez anos depois, pois Ele disse: “Se você publicar, agora, algo a Meu respeito, as pessoas não acreditarão; elas o tomarão por um conto de fadas. Espere até o mundo estar pronto para recebê-lo”.

O apelido que Ele me deu, como aprendi depois, foi famoso em Andhra como o apelido de Adi Kavi, o Primeiro Poeta, um dos três que, juntos, compilaram o imortal *Andhra Mahabharatham*; é dito, também, que Nannaya Bhatt compôs um outro grande poema sobre Sri Rama, *Ragavyudayam*. Ele viveu em Rajamahendravaram, às margens do Rio Godavari, no século XI a.C. e teve como patrono o Imperador Chalukya, Rajaraja. Com um piscar de olhos, eu, iletrado, tornei-me Nanaya Bhatt, que exaltara, em excelente poesia, a glória de Sri Rama e Sri Krishna. Ao nomear-me assim, Baba revelava apenas a Sua Identidade. O apelido foi um dardo contra o meu egoísmo, a presunção dessa ondulação infinitesimal no Oceano ilimitado e atemporal que é Ele. Que eu também seja firmado em *nithya nirabhimana*⁵⁷, essa é a minha oração diária.

M.S. Dixit, a quem já foi feita uma referência, é sobrinho de Kakasaheb, intimamente ligado a Sai Baba em Shirdi. Teve várias oportunidades de receber bênçãos de Baba em Dwarakamayi. Uma vez, Baba pegou o *udi* e aplicando-o com um tapa em sua testa, disse: “Vá para a Wada (outro local em Shirdi), não se sente aqui”. Ele era um adolescente então, e disse ao tio: “Não voltarei a Baba; ele me bateu na testa”. Mas Kakasaheb respondeu: “Você é um tolo, o tapa significa que você não terá mais a sua horrível dor de cabeça”. Ele está agora com setenta anos e a dor de cabeça não ousou voltar desde aquele tapa. Dixit escreve sobre outro incidente: “Um dia, por volta das cinco horas da manhã, Baba foi ao barbeiro, barbeou-se e depois tomou banho. Isso era muito incomum. Ele geralmente se barbeava e tomava banho à tarde. Naquele dia, após o banho, ele enviou um homem ao armazém para pegar um coco, um pouco de açúcar mascavo e

⁵⁷ NR – Permanente diminuição do ego.

amendoins. Quebrou o coco e partiu os amendoins; depois deu um pedaço do coco com um pouco de açúcar e amendoins a todos os presentes. Então disse: “*Bolo Gajanan Maharaj Ki Jai*”. Todos respondemos felizes: “*Jai*”!. Perguntei-me o motivo daquilo. Ninguém conhecia esse Gajanan Maharaj. Mais tarde, Baba disse: “Perdi Meu irmão esta manhã”. Dois dias depois, chegou uma carta para Kakasaheb, de Shegaon, escrita por Buty Saheb, dizendo que seu guru Gajanan Maharaj tinha deixado o corpo às 5h30 naquele dia e que, durante seus últimos momentos, assegurara que: “Meu irmão Sai Baba cuidará de você depois. Vá até ele em Shirdi”. (Sathya Sai Baba também tem imediata consciência do nascimento e da morte, ou do que quer que aconteça a todos. Anuncia para os mais chegados o falecimento – ou melhor, a fusão em Seus Pés – de pessoas que anseiam ter essa maneira feliz de libertação).

Alguns anos atrás, Dixit, que estava em Bangalore, lendo o Guru Charithra no estilo ortodoxo, determinou-se a terminar o livro “em sete dias”, uma *sapthaha* (leitura devocional em 7 dias) como é chamada. No sétimo dia, teve um sonho: “Entre por um portão em arco, que me levou até uma construção magnífica no final de uma estrada larga, com árvores verde-escuras em ambos os lados. Enquanto prosseguia, senti que alguém me seguia, chamando-me com uma voz doce: ‘Dixit, Dixit’! Quando me virei para ver quem era, vi uma figura encantadora, envolta em roupa de seda e com um grosso halo de cabelos muito crespos. Alguns dias depois, fui ver um amigo médico e vi, em seu consultório, um quadro daquela mesma figura. ‘Quem é ele? Posso ir vê-lo?’ – perguntei. A resposta me pegou de surpresa. ‘Ele é Bhagavan Sri Sathya Sai Baba’. ‘Sai Baba? Sathya Sai Baba?’ – perguntei. O médico respondeu: ‘Alguns dos meus amigos irão logo vê-Lo. Você poderá ir com eles, se quiser’”. Dixit foi tomado de alegria. Uniu-se ao grupo e chegou a Prasanthi Nilayam. Passou pelo portão em arco e caminhou por uma larga estrada, ladeada de árvores verde-escuras nos dois lados. Viu a figura encantadora. Ouviu a voz argêntea, quando foi chamado para uma entrevista pessoal, na Sala Privativa.

Vamos deixar Dixit relatar: “Baba me chamou e viu comigo uma pequena foto do meu tio. ‘Eu o conheço, é Dixit, irmão de seu pai, o irmão mais velho. Disse a ele que voltaria oito anos depois. Você tem dúvida?’- perguntou. A questão era relevante, pois até então eu duvidava”. Dixit está inabalavelmente convencido agora de que esse Sai Baba é o mesmo a quem serviu em Shirdi, pois teve várias experiências que aprofundaram a sua fé.

Baba também concede a várias pessoas afortunadas tais experiências, mesmo às que não ouviram falar dos dois Babas. Seu plano é, talvez, atraí-las para Ele, para que se tornem mensageiras da “Era Sai” de alegria espiritual. Senão, como poderíamos explicar a experiência notável de Srimathi Sudha Mazumdar, de Calcutá? Ela trabalha na área social há vários anos e contribuiu muito para melhorar as condições das mulheres que estão nas prisões da Índia. Foi, por muito tempo, vice-presidente da *All India Womens’s Conference* (Conferência de todas as Mulheres da Índia). Sua tradução do *Ramayana* para o inglês acendeu a chama da devoção em milhares de corações em todo o mundo. Aqui está o seu relato da maneira como aconteceu, espontaneamente, o estabelecimento de Sathya Sai Baba em seu coração, instilando-lhe fé nEle como o mesmo Sai de Shirdi:

“Chuiscava levemente naquela manhã, outubro de 1964. Estava em Darjeeling, no alto Jalaphar, em um banco, sob um abrigo, na beira da estrada, olhando para o vale lá embaixo. Mais além, estavam os picos nevados de Kanchenjunga, cobertos pelas nuvens. A beleza dos Himalaias não elevou o meu espírito. Eu estava curvada pelo peso dos meus problemas. Quando olhei para a natureza, com olhos que não viam, notei uma figura vestida de branco, subindo na minha direção. Um homem idoso, com um guarda-chuva gasto sob o braço, alcançou o abrigo e parou diante de mim, respirando pesadamente. Usava um pequeno capuz branco e, pela sua veste longa e branca, percebi que era um faquir. Ele hesitou, como se não soubesse se eu gostaria de partilhar o banco com ele. Eu o recebi com cordialidade. Ele sorriu e sentou-se ao meu lado, encostando cuidadosamente o guarda-chuva contra o banco. Era coberto de um pano branco que se tornara roto em pontos da estrutura. Perguntei-me como ele serviria a seu propósito.

Ele sentou-se em silêncio, assim como eu. Ambos olhamos para os picos nevados diante de nós, pois as nuvens se tinham afastado, revelando um esplendor deslumbrante. Quando recuperou o fôlego, perguntei de onde viera. ‘Oh! De muito longe’, ele sorriu e, com a mão esticada, apontou a distância. ‘Do Nepal’, acrescentou. ‘E onde vai ficar aqui?’ ‘Em qualquer lugar, quando o sol se põe’. ‘E a comida?’ ‘As pessoas são gentis, sempre consigo alguma coisa para comer e um abrigo ao cair da noite’. Então ri. ‘Tive uma fina refeição, quando os pobres foram alimentados após a morte de Nehru (primeiro presidente da Índia após sua independência em 1947)’. Cruzou as longas pernas e, remexendo na bolsa de algodão pendurada no ombro, tirou um pedaço de trapo, do qual pegou um pedacinho de tabaco. Não o partilhou, mas voltou seus olhos

para as montanhas distantes, enquanto cantava palavras melodiosas em hindi. ‘O que é isso?’ – perguntei. Voltando os olhos para mim disse que eles eram de Kabir. Ele era um Kabir *Panthei*⁵⁸. ‘Sim’, continuou, ‘tanto meu pai quanto minha mãe morreram quando eu era muito jovem. Não tinha outros parentes. Os vizinhos disseram que eu deveria me casar, pois alguém deveria cozinhar para mim. Mas eu pensei que, já que Ele escolhera me deixar sem parentes próximos, queria que eu abandonasse o mundo. Então, uma noite, deixei minha casa e tornei-me um andarilho. Quando estava com dezesseis anos tornei-me faquir, do caminho de Kabir’.

Então cantarolou outro verso. Era de uma espantosa qualidade. Pegando um caderno e lápis que tinha na bolsa, implorei-lhe que me ditasse as palavras. Com olhos suaves, olhou para mim e concordou. Um a um, anotei os três versos. Ele corrigiu os erros e explicou o significado. Aqui estão eles, traduzidos da melhor forma que pude:

1

Escolhendo pedaços de tijolos com cuidado
O homem ergue uma mansão aqui.
Então diz: ‘Esse é meu lar’!
Mas ele não é nem ‘meu’ e nem ‘seu’;
Assim ouvi
É somente um Ninho para o Pássaro.

2

Sua terra passará
Seus bens passarão
Suas vestes finas passarão
Com os cabelos trançados, a senhora tão bela.
Os cegos também passarão
Oh! Tão belamente...
E, por um instante, sua habitação
Será um deserto!

3

Com quão grandes esperanças o menino foi criado
Quão amorosamente alimentado com leite, tão puro...
E ele?
Não culpem a mãe, nem o pai
Tudo estava destinado assim.

O faquir me ensinou o significado com muita paciência. ‘Casas são como ninhos para o espírito aprisionado no corpo; o ninho é abandonado quando o tempo concedido termina... Tudo que está neste mundo deve ser deixado aqui, quando a morte chega. O corpo retorna aos elementos dos quais foi composto...’. Com compaixão nos olhos, ele explicou o último verso. ‘Quando você não recebe amor ou gratidão em retorno por todo o trabalho e dor que passou, lembre que isso é o resultado do seu próprio *karma*. Não culpe ninguém’.

‘Verdade’, eu disse com os olhos úmidos. ‘Mas como prosseguir no caminho?’ Lembro-me que me deu bom conselho... também que eu deveria me levantar às 4 horas, repetir esses versos e meditar sobre eles. Foi muito gentil e compreensivo. Inclinei-me diante dele com as mãos postas em *namaskar* (reverência) e coloquei uma rúpia ao lado dele, no banco. Ele me abençoou com várias palavras que não me lembro, pegou o guarda-chuva e me deixou com uma sensação de paz.

Quem era aquele faquir? Meu filho disse: ‘Vou para o escritório diariamente por aquele lado de Jalapahar. Nunca vi nenhum faquir. O seu hábito de fazer amizade com estranhos algum dia lhe trará problemas, tenha cuidado’.

⁵⁸ NR – Seguidor do poeta e santo Kabir

No *Illustrated Weekly* (revista semanal indiana) de novembro de 1965, apareceram artigos e fotos de Sathya Sai Baba. O tipo do cabelo me desagradou. Nunca li nenhum dos artigos. Em março de 1966, chegou um cartão postal anônimo com selo de Bombaim – uma daquelas correntes pedindo que fosse enviada a 20 pessoas o que estava escrito no cartão sobre Sai Baba, e teria uma boa surpresa em 10 dias! Estava em grande angústia mental naquela época. Vi-me comprando 20 cartões, datilografando o texto em segredo e colocando-os no correio. Se a minha família soubesse, iria rir de mim, pois eu não tinha me recusado a ler sobre Sai Baba por causa do seu cabelo?

Mais tarde em novembro, duas amigas me procuraram para falar sobre um seminário que aconteceria no mês seguinte em Bangalore. ‘Você tem sorte de poder ir. Tente ver Sai Baba, se puder’, disse um amigo. ‘Oh!’ respondi distraidamente. ‘Por quê? Quem é ele?’ Então nos contaram sobre os poderes milagrosos de Baba e dos milagres que estavam acontecendo na casa da senhora Rao. Os detalhes pareceram tão incríveis, que devo ter sorrido. ‘Você não acredita?’ disse com voz magoada. Apressei-me em assegurar que, como ouvira dela, deveria ser verdade. Ela balançou a cabeça. ‘Não. Você deve ver por si própria. Posso levá-la lá agora. Não é longe’.

Então, deixamos os nossos arquivos e pesquisas, chamamos um táxi e fomos para a modesta casa da Sra. Rao. Ao nos receber com alegria, ela riu e disse: ‘Vejam o que Baba está fazendo!’ e nos levou para onde estava a pequena foto de Baba, entre outros quadros sagrados, com a benção em Seus olhos. Da sua testa, brotava um pó fino cinza. Era o *vibhuti*, de que tinham nos falado, e recebemos um pouco dentro de papéis dobrados. A senhora Rao nunca tinha visto Baba, exceto uma vez em um sonho; ela conseguira essa foto dele, e, algum tempo depois, essa cinza perfumada começou a brotar e era guardada para os devotos. ‘Mas isso não é nada’, ela riu, ‘você precisa ver o que está acontecendo na casa da minha *dasi*⁵⁹’. Ela contou como essa empregada se tornou devota de Baba e conseguiu três fotos, colocando-as em molduras, no seu local de oração. Termina as suas orações às 4 horas da manhã, antes de sair para o seu trabalho de lavar, esfregar e varrer diferentes casas para o seu sustento. Sobre as fotos, como indicação da Graça de Baba, apareceu *vibhuti* em uma, *kumkum* (urucum considerado sagrado na Índia) em outra e, na terceira, pó de *haldi*⁶⁰. Ela tem sorte agora. Um salário melhor lhe foi oferecido, e ela foi embora. ‘Sua casa é muito longe?’ – perguntei. ‘Podemos ir lá agora?’ A Sra Rao disse que não era distante, mas no meio de uma favela onde não havia luz nas ruas. Disse ainda que a chuva daquele dia deveria ter deixado as ruas enlameadas. Asseguramos que não nos importariamos, se ela nos levasse até lá. Andamos no escuro, por vielas estreitas, aqui e ali iluminadas por lamparinas a óleo das casas adjacentes, até chegarmos ao nosso destino.

O nome da empregada era Madhuri. Ela não estava em casa, porém seu marido, um chofer de caminhão, estava lá com os quatro filhos. Ocupando metade do pequeno cômodo, havia uma pequena estrutura de bambu fixada no chão de terra batida, sobre a qual todos dormiam juntos, guardando seus pertences debaixo dela. A outra metade era reservada para o lugar de oração.

O local estava imaculadamente limpo, e os poucos vasos de latão brilhavam sob a luz da lamparina. A parede dessa parte do cômodo estava coberta com imagens coloridas de figuras sagradas, incluindo uma de Shirdi Sai Baba e, no alto, em cima de uma prateleira de aço, coberta com um pano limpo, havia três fotos de Sathya Sai Baba, em que realmente podíamos ver o *vibhuti*, o *kumkum* e o pó de *haldi* em profusão sobre a Sua testa. Uma luz acesa em uma lamparina de latão e uma fragrância suave permeavam todo o cômodo. O local tinha uma atmosfera especial e, quando me recobrei, murmurei uma oração, deixando uma pequena oferenda. Dois dias depois, a empregada conseguiu me encontrar e enviou uma grande cesta de *prashad* – constando principalmente de doces caseiros e do *vibhuti* de Baba. Fui tocada no meu íntimo e disse para mim mesma que precisava ir ver esse Sai Baba.

Como tive sucesso em meus esforços, após desistir de todas as esperanças, isso é uma outra história. Vou concluir por aqui, acrescentando apenas a parte ligada ao meu faquir. Deixando o carro na rua, Usha e eu caminhamos pelo estreito caminho até onde Sai Baba dava o *darshan* aos devotos, em seu último dia em Madras, em janeiro de 1967. Perdida em pensamentos sobre o que vira e ouvira sobre essa pessoa extraordinária, ouvi Usha dizer: ‘Olhe, tia, que casa linda’. ‘Sim, é realmente linda’, concordei. Então, de repente, me lembrando do verso do faquir, cantei-o em voz baixa para mim mesma. ‘O que é isso, tia?’ – perguntou Usha. ‘Oh, é somente um *bhajan* dado por um faquir em Darjeeling; é de Kabir. Ele era um Kabir Panthi’. Usha parou e me encarou com olhos arregalados. ‘Faquir? Kabir Panthi? Tia’ – ela arquejou – ‘deve

⁵⁹ NR – Serva, ou instrumento da vontade divina.

⁶⁰ NR – Curcuma, açafraão, rizoma moído da açafroeira.

ter sido Shirdi Sai Baba’! ‘O que você está dizendo, Usha?’ Muito excitada, Usha agarrou minha mão e confirmou. ‘Sim! Sim! Deve ser Shirdi Sai Baba. Acabei de ler o livro de Arthur Osborne, *Incredible Sai Baba* (Incrível Sai Baba), e nele há incidentes em que Ele aparece a pessoas, como um Kabir Panthi...’. Não pude fazer nada além de sorrir diante da extravagância do seu pensamento. ‘Tia’, insisti Usha enquanto continuávamos a andar, ‘pergunte a Sai Baba, quando o encontrarmos esta manhã, pois ele é uma reencarnação de Shirdi Baba’.

Eu não poderia perguntar a ele um absurdo desses, disse a ela, mas ela continuou a insistir no assunto. Suas últimas palavras foram: ‘Você não precisa temer, ele nunca se aborrece com as perguntas...’.

Ao lembrar os acontecimentos passados, fiquei surpresa com a estranha seqüência de eventos que me levaram diante da porta fechada do andar de cima. Tinha, em minhas mãos, uma pequena tira de papel, na qual implorava por uma entrevista, se ele não me achasse totalmente indigna. Pretendia entregá-la a quem abrisse a porta. Não batemos. A porta se abriu – e lá estava Baba! Alegre, disse para mim: ‘Venha, faça o *namaskar* (reverência)’. Ele estava satisfazendo meu maior desejo. Inclinei-me para tocar os belos pés daquela figura vestida de vermelho com a bênção em seus olhos.

Tinha planejado fazer perguntas sobre os meus próprios problemas, mas foi Ele quem me falou sobre as minhas tristezas e assegurou que tudo ficaria bem. Então, lembrando as palavras de minha sobrinha, gaguejei: ‘Baba, Usha disse que eu deveria perguntar sobre o faquir que encontrei em Darjeeling... ele...’ Interrompendo, Ele disse: ‘Era eu em outra forma. Eu lhe dei três *upadesh* (ensinamentos)’ – acrescentou, levantando três dedos... Lembro-me de soluçar a seus pés e tudo que veio aos meus lábios foi: ‘Baba, você estará comigo?’ Senti Sua mão sobre a minha cabeça e, como em um sonho, ouvi: ‘Sempre! Sempre!’ Meu rosto estava molhado de lágrimas; meu coração, pleno. Meu espírito, finalmente, em paz. Então Ele materializou, como para me confortar, *vibhuti* e uma pequena foto com o seu *abhayahasta* (gesto de bênção e proteção) contendo o seu endereço, como um cartão de visita. ‘Coloque isso em sua bolsa’, disse e me deu uma das mãos cheia de pequenos pacotes de *vibhuti*, que retirou de um vaso de latão. ‘Venha a Puttparthi durante o Shivaratri... todas as facilidades serão proporcionadas’. Disse também que iria a Calcutá. Somente ele sabe quando serei suficientemente abençoada a ir a Puttparthi para ser favorecida novamente com o seu *darshan*.

Junho de 1957. Estava em Bombaim para um encontro, mas minha mente estava voltada para um desejo acalentado. ‘Gostaria de ir a Shirdi’, disse para meus amigos.

‘Por favor, consiga informações’ – pedi ao meu anfitrião – ‘e me ajude a fazer essa visita’. Um dia, ele voltou do escritório com um sorriso amplo. ‘Tia, quando mencionei o seu desejo, me disseram que já que você quer ir, Shirdi Baba certamente realizará o seu desejo!’ ‘Isso é fácil de dizer’, respondi. ‘Mas como? Com quem? Onde ficarei em Shirdi?’ Minha saúde não era muito boa, e, quanto mais pensava sobre isso, mais desanimada me sentia com a perspectiva de ir sozinha a um lugar desconhecido. Mas a previsão era verdadeira. De modo extraordinário fui guiada, desde o trem em que estava indo na direção errada, por uma encantadora senhora de Maharastra, que viajava no mesmo compartimento. Com meus dois companheiros descobertos no último minuto, devotos de Baba, ela nos deu hospitalidade em sua casa, em Nasik e fez todos os preparativos para a nossa visita a Shirdi, em certa manhã.

‘O *arati* (ritual da luz) está começando. Venha logo!’ A viagem de ônibus tinha sido longa, empoeirada; então, após um banho rápido, apressamo-nos para o *Samadhi Sthan* coberto por um lençol prateado sobre o local espaçoso, onde os restos mortais de Shirdi Baba repousavam. Havia flores coloridas em abundância, luzes acesas, o ar pesado pela fragrância do incenso, sinos tocavam, e a multidão comprimia-se. Esgueirei-me para ter melhor visão. Meu coração parou, quando meus olhos pousaram sobre a imagem de mármore branco, em tamanho natural. Sentado com a perna direita cruzada sobre a esquerda, essa figura de Shirdi Baba, próxima ao seu *Samadhi Sthan*,⁶¹ lembrava estranhamente o faquir que eu encontrara em Darjeeling. O mesmo rosto, a mesma pose; apenas o pequeno capuz era substituído por um xale em torno da sua cabeça. O mesmo tipo de olhos inescrutáveis me encararam penetrantes. Suspendi a respiração. O tempo passou... Minha mente gradualmente aceitou o fato indiscutível e cessou de se preocupar com os porquês. Com a minha entrega, as lágrimas correram, aliviando a tensão. Meus lábios trêmulos murmuraram: ‘Baba! Baba!’ E, sem palavras, orei pelo sua *kripa*⁶². Minhas mãos agarraram a bandeja cheia de frutas e flores dadas a mim para a oferenda formal, feita junto com os outros. Minhas

⁶¹ NR – Local do último *samadhi*, local do túmulo

⁶² NR – Graça

lágrimas continuaram a cair, e fui abençoada com uma sensação de paz. A paz além de toda a compreensão encheu meu coração.”

Sathya Sai Baba, espontânea e repentinamente, escolheu Sudha Mazumdar, em Darjeeling, como Seu instrumento e, trazendo-a para a Família Sai, deu-lhe a visão do Senhor e ensinamento espiritual, sob a forma do Seu corpo anterior! Faquir, Sathya Sai Baba, Sai Baba – Sudha Mazumdar é realmente afortunada além de qualquer palavra! Sua experiência abre os olhos daqueles que se recusam a ver.

Há uma velha senhora em Prasanthi Nilayam, cuja experiência resolve a questão da realidade do Avatar. Seu pai, um cobrador de impostos na área de Nizam, levou-a a Shirdi no seu terceiro ano e, novamente, no sétimo. Ela se casou com essa idade. Arrasada pela agonia da morte dos quatro filhos que tivera, agarrou os pés de Sai Baba em Shirdi, no ano de 1917, pedindo a iniciação espiritual, ou *upadesh*, e permissão para ficar com Ele. Em Lendi Bagh, Baba lhe disse: “Não agora; Eu voltarei a Andhra, você me encontrará então e ficará comigo”. Ela retornou para a área de Nizam, assumiu a propagação de *bhakthi* por meio de recitais musicais sobre as vidas dos santos e sábios e criou um abrigo para meninas órfãs com o nome de Sai Sadan. Durante as suas peregrinações a fim de conseguir dinheiro para suas instituições, ouviu falar de um menino Raju, que se anunciara como Sai Baba. Correu para Uravakonda, juntou-se à multidão que se dirigia para a casa de Seshamaraju naquela quinta-feira e sentou-se próxima a Ele, do lado direito. Ela diz que Baba lhe falou numa voz baixa, em hindi, como em Shirdi: “Então você veio, minha filha”. Pediu-lhe o troco das dezesseis rúpias que ela devia a Ele! Isso a pegou de surpresa. Ela Lhe perguntou que dívida era aquela. Ele respondeu: “Do dinheiro que você juntou a fim de enviar a Shirdi para as celebrações do Dasara, e deu a Balaram quarenta rúpias; ele retornou somente vinte e quatro”. E acrescentou num sussurro: “Estou dizendo isso somente para convencê-la de que Eu sou Shirdi Sai Baba... Você não tocou os Meus Pés... Sentou-se assim que chegou”. Essa senhora teve de fechar a sua instituição e visitar Prasanthi Nilayam com frequência, depois disso. Agora, está em Prasanthi Nilayam, feliz. Porque aquilo que Baba lhe dissera em Shirdi, se concretizou.

Incrível, não é mesmo? Bem, Arthur Osborne não encontrou nenhum outro adjetivo para qualificar a Glória de Sai Baba. A incredibilidade da maravilha persiste até agora.

Qualquer um que escreva um livro sobre Baba será tocado por um temor constante, pois Baba diz: “Não preciso de nenhuma publicidade. O que vocês ousam levar a público? O que sabem sobre Mim?, deixe-Me perguntar! Vocês falam uma coisa sobre Mim hoje e outra amanhã! A sua fé ainda não é inabalável. Vocês Me louvam quando tudo vai bem e Me culpam quando algo dá errado. Correm de um refúgio para outro”. Sim, eu sei muito pouco sobre o precioso mistério que é Baba; vinte anos de proximidade constante e associação não conseguiram rasgar o véu através do qual Ele é parcialmente compreendido. Baba diz: “Sejam sinceros, falem somente sobre a sua própria experiência; não distorçam, exagerem ou falsifiquem essa experiência”. Posso somente dar o melhor de mim para seguir essa orientação que Ele nos deu. “Se Me aceitarem e disserem sim, Eu também respondo sim, sim, sim. Se Me negarem e disserem não, Eu, como um eco, direi não. Venham, experimentem e tenham fé; esse é o método para Me aproveitar”. Essa foi a razão pela qual Ele, embora me tenha dito, em 1948, que eu escrevesse a Sua biografia, só me deu o sinal verde em 1960, quando eu tinha “ido, vivenciado e desenvolvido a fé”, após trinta anos procurando faltas e censurando os comportamentos absurdos de líderes sociais e religiosos!

O desprezo que utilizava para escrever sobre tais líderes era motivado pela minha aversão aos ‘milagres’, devido ao meu contato com a Missão Ramakrishna. Mas Baba diz: “Algumas pessoas comentam que Ramakrishna Paramahansa disse que os *siddhis*, ou poderes adquiridos durante os exercícios espirituais, são ‘obstruções’ no caminho do *sadhaka* (aspirante espiritual). Naturalmente que são. Ele poderá ser desencaminhado pelos *siddhis*, ou poderes. Ele precisa se manter firme, sem se deixar envolver por eles. Seu ego inchará se ele cair nas tentações que tais poderes acenam para ele. Esse é o conselho que todo aspirante deve abrigar”.

“Mas o erro está em Me igualar a um *sadhaka*, ou a um aspirante; igualar o buscador ao que é buscado! Tudo que faço é o fundamento da natureza de um *Avatar*. Os cínicos desprezam sem conhecimento. Se vocês aprenderem dos *sastras* (escrituras védicas), poderão ver as coisas com mais clareza. Ou deveriam cultivar a experiência direta”. E, esclarecendo o que quer dizer com um *Avatar* vindo para redimir e revelar, diz: “Conheço as agitações de seus corações, as aspirações, as ondas e os redemoinhos, mas vocês não conhecem o Meu coração. Eu reajo à dor que vocês suportam, a alegria que sentem. Pois estou em cada coração. Esse é o templo que habito”. Por mais difícil que seja a tarefa de escrever sobre Ele, por mais hesitante que seja a caneta, os marcos devem ser fincados, os contornos delineados tão claros quanto Ele me permite vê-los.

No dia 13 de dezembro de 1964, Baba visitou o Kalahasthi de Venkatagiri, como disse quando ultrapassou, na estrada, os portões de Rammohanrao, em Manjeri, distante centenas de milhas! No dia 17, visitou o *Ashram* de Vyasa, em Yerpedu, próximo ao Kalahasthi, onde o último Malayala *Swami* fizera gigantesco serviço disseminando a doutrina *advaita* e sua mensagem universal. Baba disse: “Malayala *Swami* fez com que todos que vieram até ele, e os milhares que encontrou, compreendessem a grandeza do Real por trás do irreal. Ele soube isso através do estudo e do *sadhana*”.

Vimalananda, o monge responsável por esse grande local de *sadhana* e estudo foi, por vários meses, residente em Prasanthi Nilayam, antes de ir para Benares, para se juntar à Universidade de estudos superiores de sânscrito. Enquanto estava em Prasanthi Nilayam, compôs versos e os entregou nas mãos de Baba. Quando o seu guru, o conhecido Malayala *Swami*, reverenciado em toda Andhra Pradesh e em vários estados vizinhos, passou para a imortalidade, Vimalananda retornou a Baba em busca de orientação; desejou ser iniciado na vida monástica por Suas divinas mãos. Mas Baba não quis afastá-lo do seu guru e insistiu que assumisse sua nova posição como indicado pelo próprio Malayala *Swami*.

A atmosfera do *ashram*, perfumada pela glória de Vyasa, com as reminiscências das provações e tribulações do santo adotado como preceptor de milhares em Andhra Pradesh, ressoando com a recitação dos hinos védicos e fragrante com as ardentes discussões sobre o significado e propósito da existência, deve ter induzido Baba a revelar uma parte da Sua missão e mensagem: “Minha tarefa não é meramente curar, consolar e remover a miséria e a dor dos indivíduos. Isso é meramente incidental. Minha principal tarefa é restabelecer a Vedanta e o modo vedanta de vida na Índia e no mundo”.

Para os alunos da escola de sânscrito disse: “Entrem em competição com os outros quanto à rapidez com que marcham na peregrinação rumo a Deus. Cresçam em autocontrole e sejam disciplinados; o país precisa de filhos assim, e não de cidadãos cultos e indisciplinados que o mergulham na desordem”.

Baba teve uma palavra de apreço a dizer em Penukonda, onde, em fevereiro de 1965, inaugurou as Celebrações do Dia da Escola. Os alunos de todo o país tinham sido atraídos para um movimento de protesto contra a política do governo em relação à língua hindu, e, no próprio Dia da Escola, a agitação atingiu o ápice da irresponsabilidade em toda a cidade. Mas os alunos de Penukonda recusaram-se a envolver-se; concentraram-se nas celebrações e obtiveram a Graça de Baba. Baba disse-lhes que o débito de amor que tinham com os pais, que trabalhavam nos campos, sob sol e chuva, para mantê-los em conforto, tinha de ser retribuído com estudo sincero e intenso. Todos os outros débitos viriam somente depois, até a dívida com a pátria-mãe e com a língua materna. “Sei que vocês sabem disso, por isso estão calmos e reunidos, todos juntos, enquanto a tempestade explode selvagem em torno de vocês”.

O mês de fevereiro testemunhou também o *Upanayanam* de cerca de 450 rapazes em Prashanthi Nilayam. “Eles foram recrutados para o Meu exército hoje”, disse Baba. O *Upanayanam* (ser conduzido ao guru ou preceptor para receber treinamento espiritual) é um grande evento na vida de um menino *brâmane*, *kshatriya*, ou *vaisya*. Foi uma visão magnífica a de vários rapazes no limiar de uma nova vida - renascidos - afirmando, como fizeram seus ancestrais, às margens dos rios sagrados, a validade do *dharma* que sustenta o universo. Foi inspirador vê-los sendo iniciados no *mantra* védico mais sagrado, o *Gayatri*. É uma prece dirigida à Luz que permeia toda a criação, dispersando as trevas, a ignorância e o mal. Um sacramento que estava saindo de moda rapidamente, sob os artifícios brilhantes da vida social americana e inglesa, foi assim restaurado por Baba ao seu prístino lugar no treinamento desses jovens renascidos.

O Shivaratri veio logo a seguir. Baba brilha como Shiva nesses dias sagrados, e Seus discursos têm uma ênfase especial em *jnana* (sabedoria) e na necessidade de alcançá-la. “*Jnanam Maheswaraad ichcheth*: aspirem de Maheswara o presente de *Jnana*”, dizem os *sastras*. Os *rishis* (sábios) marcaram esses dias, no calendário, como dias de dedicação e iniciação.

No Shivaratri, o milagre dos milagres: a criação de um *lingam* em Seu corpo e a sua emergência. Em 1965, de quinze a dezoito mil pessoas assistiram a esse processo único e solene em profundo silêncio e tensão; seus olhos ficaram cravados na figura pequena e resplandecente sobre o tablado. A tensão chegou ao clímax, quando o *lingam* liso, transparente e brilhante emergiu de Sua boca, o reflexo verde quase ofuscando os olhos – um símbolo de Brahmandá⁶³, o universo sobre o qual *Shiva* mantém a vigilância eterna; ele foi símbolo de algo muito infinito, muito estupendo para nossas pequenas mentes alcançarem. Sua Glória verde nos levou a lágrimas de alegria e gratidão. Ela nos falou da beleza e da luz que residem em cada coisa e ser, no céu estrelado e no coração humano.

Nas duas semanas após o Shivaratri, Baba ocupou-se em conceder a Graça aos doentes, velhos e desamparados que tinham vindo, e também a muitos que reconheceu como necessitados da Sua atenção imediata para uma revisão física, mental ou espiritual. Depois, partiu para Kakinada, no delta do Godavari, onde os devotos ligados ao Seu corpo anterior, santificado em Shirdi, haviam construído um templo que Ele iria inaugurar. A multidão, em Kakinada, era assustadoramente grande; as ruas estavam tomadas, e os telhados abarrotados de pessoas ansiosas. Os organizadores estavam alarmados, pois as casas não tinham sido construídas para suportar tamanho peso sobre os telhados, mas Baba assegurou que nada aconteceria. Simplesmente olhou em volta, dizendo: “É suficiente para garantir a segurança de cada homem, mulher e criança”. Durante Seu discurso, Baba disse: “Vocês não precisam construir um templo para cada novo Nome que atribuem a Deus ou a cada nova Forma que sintam que Ele assumiu. Podem invocá-Lo de qualquer lugar a todo tempo. Os templos antigos foram saturados com a piedade e orações de gerações de genuínos devotos (*bhaktas*); seria errado negar a vocês esse tesouro assim acumulado”.

De Kakinada, Baba dirigiu-Se a uma pequena aldeia chamada Sampara, cerca de 32 quilômetros de distância. Embora estivesse a mais de mil e duzentos quilômetros de Prashanthi Nilayam, essa aldeia era um amoroso jardim, florido pela devoção a Baba. Há alguns anos, grupos de 50, 70 e até 100 homens e mulheres vão em peregrinação a Prashanthi Nilayam, permanecendo ali, por algumas semanas, para se embeberem na fé e na disciplina. Cada casa da aldeia, cada propriedade rural era uma limpa e perfumada Prashanthi Nilayam pelas recitações do *Pranava*, sessões de *bhajans*, *namasmarana* (lembança incessante do nome do Senhor), como as “obrigações” em torno das quais girava a vida diária. Não era de estranhar-se

⁶³ NR - Coleção das forças interiores dos cinco elementos; macrocosmo; o universo; literalmente, o ovo de Brahma.

haver bandeiras e guirlandas por todo o caminho. Os aldeões faziam anualmente uma exposição do *Bhagavatha*⁶⁴ – um curso que durava meses e, então, viam, no Mestre que chegava até eles, o Senhor, cuja flauta preenche o universo com doce melodia.

Pudemos ver um comentário inspirador sobre o *Bhagavatha*, enquanto acompanhávamos Baba a Sampara. Nos rostos simples do povo rural que corria por campos lavrados, através de canais e cercas, em direção ao carro de Baba, estava o ardor que encheu os corações dos vaqueiros de *Brindavan*. Ao nos aproximarmos da aldeia, as páginas do *Bhagavatha* tornaram-se mais legíveis. Bebês, meninos e meninas, amas e mães, jovens vigorosos e idosos cambaleantes brilhavam com alegria inenarrável. Jamais haviam imaginado que o Senhor respondesse tão prontamente às suas orações e realmente viesse, através de empoeiradas estradas e caminhos cheirando a esterco de vaca, até sua aldeia. Baba era todo Amor e Graça para aquelas almas sagradas. Quando via pessoas esforçando-se numa corrida para conseguir ter um relance Seu, pedia que o carro diminuísse a marcha para que elas pudessem receber o tão desejado *darshan*; quando um grupo que se dirigia à aldeia em um carro de bois foi ultrapassado pelo carro, Ele parou um momento, para que os ocupantes pudessem descer e saciar a sua sede. Parou quando viu camponeses, curvados pela idade, caminhando com dificuldade para a vila, a fim de vê-Lo; e deu-lhes frutas para que pudessem voltar a suas casas sem tanta dificuldade. Houve um velho camponês que conduzia alguns carneiros a Sampara; Ele quis tocar a buzina para que o homem se virasse. Mas o homem estava surdo ao chamado da Graça. Baba comentou: “Pobre homem, na próxima vez, na próxima vez”; e o carro ganhou velocidade.

A aldeia estava ébria de felicidade. Baba disse a todos reunidos lá: “Vocês esperaram Minha vinda por seis longos anos; por isso, Eu vim agora, refrescar seus corações e trazer-lhes alegria”. Aconselhou-os contra as tentações do barulho e do brilho dos grandes centros e cidades. “Lá os homens tornam-se briguentos, cobiçosos e cruéis. As cidades padronizam vulgarmente a fala, os hábitos e as atitudes do homem. Lá o homem é um animal que é acariciado e alegrado para virar um selvagem. A divindade do homem é ignorada na pressa e na preocupação, na luta pelas posses e pela pompa. Aprendam a contentar-se e a ser felizes onde estão. Não corram para as cidades esperando encontrar felicidade e contentamento lá. Estas são riquezas interiores e não aquisições exteriores”.

Baba deu esse conselho em toda aldeia por onde esteve. Em Sathyavada, que visitou posteriormente nesse *tour*, disse: “A humildade e a reverência estão desaparecendo rapidamente nas cidades; a soberba e a irreverência multiplicam-se. O medo do pecado desapareceu; o habitante da cidade não tem fé em Deus ou em seu irmão. Mas essas virtudes – humildade, reverência, medo do pecado, fé na vitória da verdade e na eficácia da virtude, na existência de uma testemunha sempre presente – elas ainda estão vivas nas aldeias”.

De Kakinada, Baba prosseguiu para Pithparam, onde enorme multidão reuniu-se nas ruínas do forte histórico. “Estes bastiões e torreões foram certa vez símbolos de poder e orgulho; agora são amargos lembretes da fragilidade e inconstância da sorte”, disse Baba. “Estas patéticas paredes ensinam a vocês que o Tempo é o conquistador maior”, Ele disse às pessoas. Yelamanchili, uma aldeia nas fronteiras do distrito de Visakhapatnam, foi o próximo local a receber a Graça de Baba. Cinquenta mil pessoas lá se reuniram para ver, ouvir e levar para casa a preciosa aquisição. “Não aceito de vocês flores que murcham, frutos que apodrecem, moedas que não têm valor além destas fronteiras; dêem a Mim o lótus que brota em seu *Manasa-sarovara* (lago mental), nas águas puras e translúcidas da sua consciência interna; dêem a Mim o fruto da sua firme e santa disciplina”, pediu.

Então Baba entrou no delta do Rio Godavari, o Kona Sima, como é chamada a região que Baba diz ser “o lar da sabedoria tradicional dos Vedas e dos Sastras, o berço de sábios *pundits*”, versados em todos os ramos do conhecimento ancestral”.

Naturalmente, Seus discursos, em Amalapuram, centro da área do delta, dirigiram-se aos depositários da antiga cultura, guardiões do conhecimento védico.

Cerca de trezentas mil pessoas encheram a cidade de Amalapuram, quando Baba lá esteve. De carro ou barco, ônibus e carroça, bicicletas ou a pé, elas viajaram para receber o Seu *Darshan* e ouvir a mensagem de força e alegria. Baba concedia *darshan* sempre que a multidão nas ruas, diante da Sua residência, ficava muito grande; dirigia-se ao grupo por dez ou quinze minutos, a cada hora aproximadamente, a fim de reduzir a pressão sobre os escassos recursos da cidade para abastecer os não-residentes. Apesar de tudo, os encontros noturnos eram imensos. Baba disse: “Vocês vieram, centenas de milhares, de todas as aldeias e cidades a milhas de distância, gastando tempo e dinheiro e submetendo-se a um grande esforço. Levem de

⁶⁴ clássico das escrituras indianas, disponível no site da Organização Sai, na página: www.vahinis.sathyasai.org.br

⁶⁵ NR – Pessoa versada nas Escrituras Hindus.

volta esta lição daqui, guardem ao menos esta, pelas horas que ficaram ouvindo: o apego causa dor e o desapego traz alegria”.

Disse que os eruditos tinham a chave para abrir o tesouro do desapego. “Felizmente, existem alguns eruditos, nesta região, que preservam a fé nessa chave e que são serenos face à perda ou ao ganho, à fama ou à calúnia. Eles não são notícia e, portanto, vocês não encontrarão referência a eles nos jornais. Ninguém se preocupa com eles; eles não causam preocupação a ninguém. As pessoas conhecem mais sobre as estrelas do cinema do que sobre os sábios e santos que estão em seu meio”.

Baba é tocado pelo Amor que jorra para Ele das incontáveis faces radiantes de indescritível alegria quando recebem o Seu *Darshan*. Ele diz com frequência: “Não gosto de interromper esta transferência de *Ananda* (Bem-aventurança), de vocês para Mim e de Mim para vocês, ao iniciar um discurso. Parece ser uma ampla recompensa por todos os problemas e anseios”. Em Amalapuram, disse às pessoas: “Posso compreender a profundidade do seu amor; vocês se abstiveram de comida, de sono e de repouso, lutando por um espaço para sentar, um copo d’água para beber, um canto na sombra. Saíram em massa de suas aldeias, como formigas dos formigueiros, vindas para a luz do Sol, para o açúcar. Vocês têm fome de Deus, têm sede de luz espiritual”.

De Amalapuram, Baba partiu para Rajahmundry, próximo de onde o gênio de *Sir Henry Cotton* projetou uma represa no rio Godavari, para refrear a correnteza feroz e fertilizar a vasta região do delta. Isso foi há cerca de um século; os habitantes do delta são tão agradecidos a *Sir Henry* pela sua obra de engenharia e pela sua visão, que reverenciam o local como sagrado. Um banho naquele ponto sagrado é sentido como sacrossanto, tanto quanto num local santificado por algum santo védico! Rajahmundry ou Rajamahendravaram, como é conhecido pelos nativos, é um local cheio de memórias históricas, relíquias culturais e festivais religiosos. Baba chegou à cidade a tempo para a oferenda final de um *yajna* (sacrifício) de três dias, realizado pelos devotos no templo de Visweswara, Senhor do Universo. Percorreu casualmente os corredores do templo; observou o altar da Consorte, Shakti, Graça Personificada, Annapurna, Doadora de *Anna* (alimento) ou Mantenedora do Universo. Viu o ídolo de pedra e disse: “Ó, Ela alimenta toda a comunidade de seres vivos, mas ela mesma é pobre, e nem tem um anel de nariz!”. Com essas palavras, fez um gesto com a mão, e dela surgiu um anel de nariz, com um grande e brilhante diamante, o qual, no nariz do ídolo, foi colocado.

Concedeu confiança e coragem aos realizadores do *yajna*, mostrando-lhes que os bons atos realizados com dedicação sempre produzem frutos. A oferenda final de objetos sagrados ao fogo do sacrifício foi premiada com uma chuva inesperada! “A chuva que caiu nesta manhã e surpreendeu a todos não surpreendeu a Mim, pois é a conseqüência inevitável da *Yaga* (oferenda) realizada. Essa é uma ciência especial que esses eruditos conhecem. Vocês riem de um escultor que tira pedaços de um pedaço de rocha! Achar que é um desperdício da rocha preciosa e do tempo precioso, porque não sabem que, quando ele acabar de talhá-la, surgirá uma bela estátua. Vocês sofrem de visão curta e de ignorância”.

Baba distribuiu *Amrita* (néctar divino), que criou para todos os presentes; diferenças na posição econômica, grau de escolaridade ou castas desaparecem diante da luz da Sua Graça. Todos são Seus filhos. Em Seus discursos, Ele distribui o *néctar divino* dos ensinamentos das *Upanishades* a todos que têm ouvidos para ouvir, em um doce estilo de histórias simples. “Alguns de vocês podem perguntar-se por que dizer essas grandes verdades para grandes multidões, verdades que devem ser murmuradas somente nos ouvidos dos buscadores mais determinados. Como sabem que não existem alguns deles aqui? Sei que existem vários. Eles entesourarão a verdade, pensarão nela e a utilizarão quando houver uma grande necessidade. E então dirão: ‘Ah, Baba nos disse isso em Rajahmundry’, e sentirão grande força com isso. Nada do que é vivido se perderá. Formará o curso dos eventos, mudará atitudes e hábitos, esclarecerá e purificará situações”.

Havia um pai com o filho na platéia. O filho era um ouvinte atento; viu, ouviu, assimilou. Quando voltou para casa, não tinha outro pensamento que não Deus; dedicou todos os seus momentos conscientes a Deus. O pai também estava orgulhoso do filho. Estava feliz porque o filho se tinha firmado no caminho de Deus. Ele também seguia, com tanta firmeza, o *sadhana*, que, quando o filho morreu alguns meses depois, em perfeita bem-aventurança, com o nome e a forma de Baba na sua língua e nos seus olhos, o pai escreveu a Baba: “Meu filho teve um fim feliz; não tinha outra aspiração senão fundir-se em Deus. Estou feliz por esse meu filho ter seguido essa vida e ter tido um fim tão invejável”. A palavra tinha esclarecido e purificado dois ouvintes em Rajahmundry. Quem sabe, senão Ele, qual campo está pronto para ser semeado?

Baba disse à grande multidão reunida em Rajahmundry que os líderes do país tinham de planejar não somente para a prosperidade, mas também para compensar a calamidade da prosperidade. No Ocidente,

onde as nações têm o mais elevado padrão de vida, e os meios para o conforto material estão ao alcance de todos, a ansiedade e a anarquia moral estão afetando o tecido da sociedade. O indivíduo é assolado pela frustração e pelo medo; a insanidade e o suicídio aumentam; a leviandade, a má conduta e a irreverência crescem. “O homem é iludido pela crença de que é vergado por golpes de dor e de alegria. Mas ele é imortal por natureza, além da atmosfera de agonia e alegria, dos duplos puxões de gostos e desgostos”.

No Hindu *Samaj*, em Rajahmundry, Baba presidiu a congregação reunida para homenagear três conhecidos eruditos, que eram membros do Comitê Central de *Prashanthi Vidwanmahasabha*⁶⁶. “Tenham consciência da sua doença; então, ansiando pela cura, busquem um médico; tomem os remédios, sigam a dieta prescrita por ele. Esse é o único caminho para reconquistar a saúde. Estes eruditos e homens como eles têm o conhecimento da cura que os libertará”, disse.

Baba visitou os povoados de Kadali e Razole, no Delta e, então, prosseguiu para a pequena aldeia de Sathyavada, para onde o anseio dos corações rurais O chamava. As casas dos aldeões tinham, em torno delas, paredes altas e grossas de barro, por isso não pode conceder o *darshan* para os milhares de pessoas que enchiam as estreitas vielas tortuosas. Sentindo a angústia da multidão fora das paredes, Baba pediu que trouxessem uma escada, uma estrutura fina de bambu com oito traves precárias como degraus. Subiu por ela, para chegar ao seu precário topo apoiado na parede. Parou ali, sua silhueta contra o céu, sob sol escaldante, para conceder o ansiado *Darshan* para as pessoas. Eu já O vi subir em parapeitos de altos bangalôs e no topo do Seu próprio carro, para conceder o *Darshan* para as multidões comprimidas e acalmar seu ardor. Em Bombaim, caminhou ao longo do parapeito do Palácio Gwalior; em Kurnool, ficou sobre a laje estreita, no topo de um arco; em Budili, ficou em uma cadeira colocada sobre um carro de boi; em Trivandrum, ficou na capota de um Fiat, sob sol quente, para que mais pessoas pudessem vê-Lo e ficassem felizes. Mas aquela rápida escalada pela escada de bambu apoiada em uma parede de barro, aquela majestosa permanência contra o muro de barro brilha, em minha memória, como uma lembrança dourada da Sua Graça!

E o discurso que aquele mar de rostos recebeu de Baba! Ó, foi uma torrente de néctar. “Vocês levantam com o cantar do galo e dormem quando os pássaros fecham suas asas. Labutam sob o sol, se encharcam sob a chuva, se arrastam na lama, manuseiam esterco e pó para conseguir alimento e roupa para sua família e até mesmo para aqueles que riem e desdenham de vocês, que lucram com a sua ignorância dos modismos do mundo. Mas isso é tudo? Isso completa todo o dever do homem? Esse é o objetivo de todas as eras de luta que lhes deu esta compleição humana? Não permitam que o campo fértil fique inculto, infestado de espinhos e ervas daninhas. Arem o coração com atos virtuosos; irriguem-no com a corrente do Amor divino, plantem as sementes do nome do Senhor, e arranquem as ervas daninhas da ganância; vejam a colheita crescer, protejam-na com a cerca da disciplina e sejam felizes quando a flor de *dhyana* (meditação) abrir-se e os grãos da Bem-aventurança forem colhidos”.

De Sathyavada, Baba dirigiu-Se para Repalle, onde consagrou, no templo, o ídolo de mármore do Seu corpo anterior. As imensas multidões de peregrinos, em Sua presença, foram acalmadas ao silêncio perfeito no Seu *darshan*. É um fenômeno que se precisa ver para crer. E Baba também falou sobre o “silêncio”. “O crocodilo é feliz e invencível nas profundezas do lago ou do rio. Quando se esparrama na terra, torna-se o símbolo da morte, o brinquedo do homem. As profundezas, elas são o seu refúgio, a fonte da sua força. Não se esparramem nos baixios ou nas areias. Nas profundezas, vocês têm o Silêncio em que podem conversar com Deus”.

Logo depois de haver retornado a Prasanthi Nilayam, Baba foi a Bombaim. No sexto dia de junho, chegou àquela cidade – a Sua segunda visita. “Ó, é verdade? Não tenho palavras para descrever essa ocasião”, escreveu Sri P.K. Savant, Ministro da Habitação do Governo de Maharashtra e, por vários anos, presidente do *Shirdi Sai Baba Samsthanam*. Um encontro magnificamente organizado realizou-se no Shanmukhananda Hall, em Matunga, no dia seguinte. “Foi uma visão para os deuses verem”, escreveu Sri Savant. “Foi o melhor dia da minha vida”, disse. No mesmo dia, Baba inaugurou a filial de Prashanthi Vidwanmahasabha, em Maharashtra. Baba disse que a crise atual, na história da humanidade, pode ser evitada com a propaganda dos valores eternos, por meio dos quais este país tem resistido há gerações. No dia seguinte, foi realizado um encontro do Comitê de Mahasabha. Quando um dos membros leu um poema de sua autoria, chamado *Navarathnamala* (A Guirlanda das Nove Gemas), Baba falou sobre pedras preciosas, falsas e verdadeiras, e entre as gemas, do diamante (*diamond*). Disse que, quando a mente morre, e toda a agitação é acalmada, a pessoa se transforma na mais valiosa das gemas – “*diamond*” (Ele fez um trocadilho com as palavras em inglês – *die mind*, a mente que morre e *diamond* – diamante)!. Naquela noite,

⁶⁶ N.R. – Comitê Central da Academia de Prasanthi de Estudos Védicos.

Baba dirigiu-Se a outra multidão imensa no *Andhra Maha Sabha*⁶⁷, onde enfatizou os fundamentos de uma vida integrada. Esteve com dirigentes de várias seitas religiosas e diferentes tipos de fé e discutiu com eles modos e maneiras de aprofundar as fontes da fé.

Baba iniciou Seu retorno para Bangalore, de carro, com algumas horas de parada em Pandharpur, o local sagrado consagrado por *Panduranga*⁶⁸. Ele próprio tinha ensinado a companheiros de infância o *Pandari Bhajan*. Os *bhajans* cantam sobre a manifestação Panduranga do Senhor, sobre Rukmabai, Sua consorte, sobre o rio Chandrabhaga, que é santificado pela associação com o lugar, sobre a difícil viagem a pé que o peregrino empreende, sobre a fome e sede que tem de suportar por quatro dias, sobre a primeira visão do campanário do templo, sobre a emoção sentida ao cruzar o limiar sagrado – isso foi escrito por Ele e ensinado às crianças de Puttparthi. Ele ainda canta vários deles atualmente, quando os devotos oram; muitos se tornaram integrantes dos repertórios das festas de *bhajans* nas aldeias próximas. Baba entrou no templo e levou os devotos conSigo – um ato de Graça que Ele fez tantas vezes no passado como Panduranga. Ele colocou uma jóia nupcial de ouro, um *Mangalasutra*, criado naquele momento em Sua mão, em torno do pescoço de Rukmabai.

Para aqueles que têm a sorte única de viajar com Baba em Seu carro, é uma doçura, uma delícia, por todo o caminho, por todo o tempo! Eles podem testemunhar o fluxo de *Prema* (Amor divino) em todo ato ou palavra Sua. Um vaqueiro conduzindo o gado nas montanhas é chamado e ganha frutas; um mendigo cego ganha uma nota de cinco libras com um aviso de que não se confunda, ou se engane, pensando que é somente papel. Uma mulher a caminho do mercado semanal, oscilando sob o peso da carga sobre a sua cabeça, recebe doces e dinheiro; os cegos, idosos, aleijados, crianças, uma mãe idosa, um menino traquinas – todos recebem uma lembrança da Sua Graça. Baba nunca está ocupado demais para deixar os pequeninos da terra sem atenção.

Para os que estão no carro, a viagem é ainda mais doce. Baba canta canções em marathi, híndi, tâmil, télugo e inglês. Ele incita e implica com perguntas para ensinar e esclarecer dúvidas. Vemos nEle a própria encarnação de *Ananda*⁶⁹, fresco como uma flor colhida na hora, o amigo íntimo, o estudioso erudito, a própria representação do encanto. Rapidamente, Sua Graça toma a forma de um milagre. Uma vez, voltando de Hyderabad, o carro parou perto da ponte sobre o Krishna, porque alguns de nós pedimos a Ele que nos desse doces diretamente de Sua mão, criados especialmente para nós. Ele fez o carro parar, pediu que pegássemos uma pedra e a colocássemos em Suas mãos. Não sabíamos o motivo disso. Um pedaço de metal de uma pilha amontoada próxima, na margem para reparar a estrada foi passado para Ele, que disse: “Tragam um pedaço liso de pedra. Como vocês poderão quebrar isto em pedaços com os seus dedos?” E atirou o metal longe. Pensamos por que Ele estaria preocupado com o fato de a pedra poder ser quebrada em pedaços. Um pedaço liso foi trazido. Ele o segurou em Sua mão e depois o devolveu; ele se transformou em um pedaço liso de açúcar-cande. Pudemos quebrá-lo em pedaços com os nossos dedos e comê-lo.

Navaratri ou *Dasara* é o festival de adoração da Urgência Primal que perturbou o equilíbrio sem começo e causou toda esta ilusão divina chamada Criação. *Jagath*, ou o Universo, é uma vasta agitação tentando conseguir novamente a equanimidade então perdida. Quando essa equanimidade é atingida, as idéias de passado, presente e futuro, de diversidade, de ganho e perda, de agradável e desagradável desaparecem. As três qualidades de *satva*⁷⁰, *rajas*⁷¹ e *tamas*⁷², o calmo, o ativo e o vagaroso afetam a Consciência, e por isso temos as três formas *Mahakali*⁷³, *Mahalakshmi*⁷⁴ e *Mahasaraswati*⁷⁵, que são reverenciadas por três dias, cada uma delas durante esse festival. Com a Sua Graça, podemos ganhar a equanimidade.

Baba iniciou o festival de 1965 com as seguintes palavras: “*Dasara* celebra a vitória das forças da retidão sobre as forças do mal. Elas foram capazes de ganhar porque *Parashakti*, o aspecto dinâmico da divindade, o poder que elaborou Deus em todas estas manifestações, em toda a variedade e com toda essa

⁶⁷ NR – Grande Plenário de Andhra.

⁶⁸ NR - Outro nome para Vitthala, Vishnu e Krishna, que significa: o puro Senhor e Líder dos Pandavas. Sob esse nome Krishna é adorado na cidade de Pandharpur

⁶⁹ NR – Felicidade, Natureza Gloriosa.

⁷⁰ NR – Equilíbrio, pureza, clareza.

⁷¹ NR – Atividade, desejo, agitação.

⁷² NR – Inércia, Ignorância.

⁷³ NR – A faceta do Poder com raiva, vingança, aventura, audácia, a natureza tamásica.

⁷⁴ NR – A faceta do Poder com riqueza, autoridade, força superior, prosperidade, a natureza Rajásica.

⁷⁵ NR – A natureza Tamásica.

beleza, veio em socorro e emprestou-lhe força!”. Então, referindo-se à invasão da Índia pelo Paquistão que acabara de terminar com um cessar-fogo conseguido pela ONU, disse: “Este país teve de enfrentar as forças da iniquidade e *Parashakti* salvou-o da desonra e da derrota”. Baba falou da agitação que afetara várias pessoas por conta da guerra nas fronteiras e do medo de que o Dasara pudesse ser cancelado por Ele, como fora feito em Misore e em outros lugares. “Apesar dos obstáculos”, disse, referindo-se aos últimos sobressaltos dos representantes indianos no quartel-general das Nações Unidas e das chances precárias de paz até o último minuto, “apesar dos obstáculos, a luta terminou. A paz foi restaurada”. E acrescentou: “Esse é outro exemplo da Graça que Prasanthi Nilayam derrama. Este é o modo como *Mahima*⁷⁶ trabalha!”. Foi a Vontade do Senhor que pendeu a balança a tempo.

No primeiro dia de *Dasara*, o Hospital Sathya Sai celebrou o seu dia anual, e Baba discursou sobre as bases física e mental da saúde. Elas referem-se a causas psicossomáticas e mesmo a outras razões mais profundas das enfermidades, sendo lições valiosas para os médicos. Em 1965, por exemplo, Ele falou sobre a doença como um produto social, pois os doentes e sofredores são membros do mesmo corpo. Aconselhou contra a visão ascética do corpo. “A repugnância não é desejável em relação a qualquer coisa na Criação. Tudo é Seu trabalho, um exemplo da Sua Glória, uma visão da Sua Majestade”. Recomendou a atenção adequada ao corpo como um instrumento para assegurar a libertação. Ele é contra mimos e excesso de afeto. “Quando você acredita que é o corpo, o corpo exigirá de você mais alimento, mais variedade na comida, mais atenção com a aparência externa, mais cuidado com os confortos. Grande parte do alimento hoje consumido é supérflua e, sem dúvida, danosa”. Baba aconselhou contra os instrumentos modernos de educação popular, que infectam as pessoas com descontentamento, desespero e angústia. “As pessoas ficam ansiosas e temerosas de coisas que não compreendem. Elas não podem evitá-las e nem corrigi-las! Rádio, jornal, cinema – todos assustam, causam pânico a respeito da saúde, dos padrões de vida, da segurança social e nacional. Cada hora ouvindo, ou lendo, isso é uma dose extra de ansiedade”. O prazer tornou-se o porto universal do destino e, por isso, existe muita frustração e repressão. Pessoas vivem e morrem sem reconhecer a perda; a sociedade está assustada com sua própria sombra, seu descontentamento oculto, sua confusão suprimida. O medo é a maior causa da doença. Então Baba tenta restaurar a fé para que o medo se dilua. “Transfiram a sua fé das pílulas para a Providência; coloquem a sua confiança em *Madhava*⁷⁷, não nos remédios; recorram às orações, *sadhana* (disciplina espiritual), *japam* (repetição do nome do Senhor), *dhyanam* (meditação) e não às injeções. Elas são as vitaminas de que vocês precisam. Nenhuma pílula é tão eficaz quanto *Ramanam* (pronunciar o nome de Rama). Aceitem o caminho de *Ananda* (Bem-aventurança), o caminho do *sadhana* para terem paz, felicidade e saúde”. Esse é o chamado da Voz Divina.

O Sathya Sai *Seva Samithi*⁷⁸ (grupos ou centros Sai na Índia) de Bombaim trouxe para Prasanthi uma exibição ilustrada com gravuras, preparada com a ajuda de artistas de alta reputação, representando os ensinamentos de Baba; foi inaugurada por Ele e, depois, vista e apreciada por milhares de pessoas. Foi tão apreciada, que o comboio teve de excursionar durante três meses por toda a Península Indiana e até além dela, levando inspiração e instrução para cerca de trezentas mil pessoas.

Baba colocou sob a proteção da Prasanthi *Vidwanmahasabha* (assembléia de sábios) – uma instituição que estava prestando bons serviços para alimentar as raízes da devoção entre as pessoas – o *Sanathana Bhagavatha Bhaktha Samaj* – consistindo de acadêmicos, músicos, poetas, expositores das escrituras, declamadores dos épicos, contadores de histórias, trovadores, todos habilitados e eficientes. Eles vão em grupos, por três ou quatro dias, para lugares onde, por meio de cantos, músicas e palestras agitam-se com uma nova conscientização de sua herança espiritual. Ninguém que tome a vitamina G (*God*, Deus em inglês) pode escapar da Sua Graça.

Agora, em todo *Dasara*, Baba monta um *Sapthaha*⁷⁹ *Yajna* (ritual de oblações e sacrificio ao fogo), que respeita as prescrições e o espírito védico da Universalidade da Divindade – conduzidos sob a plena vista de milhares de aspirantes devotados. Nele, são conduzidos os rituais de adoração ao sol, adoração a imagens, consagração do fogo, a contemplação do Sem-Forma e a recitação das glórias de várias manifestações de Deus, com Nome e Forma. No momento crucial da oferenda final de todos os artigos cerimonialmente consagrados nas chamas, o Governador de Andhra Pradesh, Dr. Pattom Thanu Pillai estava

⁷⁶ NR – Uma palavra com infundáveis significados celestiais: grandeza, glória, peso, vastidão.

⁷⁷ NR – Mestre dos Cosmos, Deus.

⁷⁸ NR – Na Organização de Sathya Sai Baba, os Seva Samithis são responsáveis pela organização de Bhajan Mandalis, Nagarasankirtan, Círculos de estudos e a Celebração dos dias sagrados para comemorar a grandeza dos santos e sábios.

⁷⁹ NR – Que dura sete dias

presente. Mais tarde, ele inaugurou o *Santhi Vedika* (um *mantap*⁸⁰ com oito pilares no estilo clássico, com afrescos de cenas do *Githopadesh* e de uma cena do Ramayana, do *Shivalinga* e do *Pranava*) de onde Baba discursa para um vasto mar de rostos, em ocasiões especiais.

O governador presidiu outra função, requisitado por Baba para homenagear quatro destacados eruditos de Andhra Pradesh, membros da Prasanthi Vidwanmahasabha, com braceletes dourados usados em seus braços como marcas de indiscutível superioridade no conhecimento sástrico. Sua Excelência disse: “Ser homenageado nesse centro de espiritualidade, que influencia todos os estados da Índia e até países em outros continentes, é uma enorme inspiração”. O dia seguinte era o Dia dos Poetas, quando poemas em sânscrito, télugo, urdu, tâmil, kanada e inglês eram lidos diante dEle. Naturalmente, Baba tinha um conselho valioso a dar a eles. “O poeta é capaz de descobrir mais do que o mero pensador. Ele reconhece e conhece o próximo passo e os próximos... Na verdade, está consciente da meta”. O Kavi, ou poeta, é divino na avaliação da Índia. Por isso, tem uma enorme responsabilidade. Ele é *anusasithara* – aquele que estabelece a lei e as normas. Não deve seguir os caprichos da multidão em busca de fama barata ou falsa prosperidade. Deve fertilizar e canalizar os anseios divinos no homem. Os poemas podem falar dos problemas básicos da vida e da morte, da liberdade e do destino, da verdade e da ilusão, da virtude e da tentação, da ascensão e da queda, da aspiração e da realização. Eles durarão por eras, proporcionando algo profundo ao homem; mais profunda que os sentidos, a razão ou a paixão é a inspiração, a fonte da iluminação. A luta do homem para descobrir o Criador na Criação despertará o entusiasmo genuíno”. Baba falou contra a poesia afetada e frívola, dos versos inflamados, encolerizados, exaltados e sem sentido. “Não infectem os outros com suas superstições e perplexidades”. E assim, Dasara transformou-se em um Seminário de Estudo Espiritual, em um Instituto de Reabilitação Espiritual.

Logo depois, Baba foi para Hindupur, cidade distante cerca de 64 quilômetros, que tinha visitado somente quando menino com o Seu grupo de colegas do Pandaribhajan. Disse que as pessoas que não se aproximam do fogo não podem conhecer o seu calor. Brincando, responsabilizou os cidadãos por ficarem tanto tempo contentes com a luz que emana do fogo. Baba hasteou a bandeira nacional no Estádio da Escola Secundária Municipal, às oito horas da manhã, pois era o Jubileu de Diamante da Escola. Foi então levado em procissão pelas ruas da cidade, num jipe aberto. Enquanto os devotos sentiam que Ele estava queimando sob o sol havia muito tempo, Baba expressava Sua alegria, orientando o veículo a passar por todas as ruas e desvios da cidade: “Como poderiam os doentes, os fracos, os aleijados, os mais velhos terem o Meu *darshan*?”, perguntou. Encontrou tempo, durante as horas mais quentes do dia, para dirigir-Se ao Rotary Clube de Hindupur, clube que obteve assim a honra de ser o primeiro a receber aquela Graça. O discurso de Baba foi um alerta à compreensão internacional para vários trabalhadores sociais e entusiastas. “Vivendo nesta terra antiga, permeada por uma cultura baseada no desapego e sacrifício, onde todos são reverenciados como reflexos do Único, que é o próprio reflexo do Absoluto, os rotarianos verão que os seus ideais são naturais das pessoas daqui. A pergunta ‘Quem pertence a quem? Sou responsável pelo meu irmão’ é desconhecida do pensamento indiano. Aqui cada um é o todo e o todo é um, isto é, Ele é Isso ou Aquilo. Esse tem sido o ensinamento diário da Índia, desde o princípio dos tempos”, Baba disse-lhes.

Também falou aos alunos da faculdade, pedindo-lhes que aprendessem os princípios do Sanathana Dharma, “conste ele ou não do currículo. Pratiquem pelo menos os primeiros passos do *sadhana*: silêncio, meditação, palavras doces, controle dos sentidos, recitação do Nome de Deus, leitura das escrituras e serviço social. Evitem a recreação debilitante e sem propósito; mantenham sua saúde intacta seguindo hábitos saudáveis; tornem-se filhos e filhas dignos da mãe terra”. Baba considera que o sistema de educação seguido hoje nas escolas é pernicioso aos melhores interesses das crianças e da comunidade. “Forçam mais informação e passam menos inspiração para buscá-la! Habilidades são adicionadas; virtudes são subtraídas. O respeito pelos textos sagrados, pelos sábios e lugares santos diminuiu e, como conseqüência, o respeito pela terra que os produziu também declinou”.

O aniversário de Baba foi uma ocasião para a oferenda de grata homenagem por dezenas de milhares de pessoas e do dom da Sua Graça a cada uma delas. “Não tentem ganhar a Graça oferecendo-Me flores que murcham, frutos que apodrecem, folhas que secam e água que evapora. Dêem algo divino se desejam o Divino. Sathya, Dharma, Santhi, Prema – esses são divinos”, reiterou. Naquele dia, Baba conferiu a alguns antigos casais escolhidos de Misore, Andhra Pradesh, Maharasthra, Uttar Pradesh, Gujarat e Madras, a alegria de ungi-Lo. Entre eles, havia um casal em que o marido era cego, e outro, em que a esposa era cega. O êxtase do cego pode ser melhor deixado à imaginação.

⁸⁰ NR – Uma estrutura construída para comemorações rituais, como casamentos, etc..

Referindo-se ao eclipse do Sol que acontecera naquele dia, Baba disse: “Muitas pessoas escreveram, perguntando se o festival seria adiado por conta disso”. Mas explicou: “Não se preocupem quando algo acontece nos céus exteriores! Preocupem-se quando a sombra de alguma paixão tola, algum desejo obscuro, uma ganância maligna, um pensamento monstruoso lançar uma névoa sinistra em sua mente! Esse é o eclipse desfavorável que vocês devem evitar”.

Baba não aprecia a celebração do que é chamado Seu aniversário. Anseia para que celebremos o dia em que Ele nasceu em cada um de nós, ou, em termos mais claros, o dia em que reconhecamos que Ele é o cerne, o núcleo interno de cada um de nós. Por isso, as celebrações do aniversário são usadas por Ele somente para revelar a profundidade desconhecida do Seu Mistério, para aqueles que se ornamentam com seu vislumbre da compreensão internacional.

Em Shiridi, Baba dava a Divina Panacéia, a cinza tocada por Sua divina mão, do *dhuni* ou fogareiro, que sempre estava aceso e ativo na sala do *masjid* (mesquita), onde passava os Seus dias. Agora, o *dhuni* está em Sua própria mão, sempre pronto para produzir o presente precioso; Ele tem apenas de desejar e fazer o gesto. Nem é essencial que Baba faça o gesto para que a cinza, ou *vibhuti*, como é chamado em sânscrito, seja criada. Baba deseja, mas não movimenta a Sua mão. O *vibhuti*, porém, flui como uma torrente de Graça onde Ele deseja, quando deseja. Esse é o maior dos milagres contemporâneos, a chuva abundante da divina Graça do *vibhuti*!

A chuva chega, silenciosa e sem ser anunciada, como o orvalho antes do amanhecer sobre as flores no campo. Um pai ansioso pergunta se o surgimento de montes de cinza sobre o retrato de Baba, que ele tem reverenciado, pressagia alguma calamidade, pois Lhe relatara, algumas semanas antes, sobre seu filho desaparecido, e a cinza, para ele, lembrava cremação e morte. Baba instruiu-me a escrever ao correspondente, dizendo que o *vibhuti* que brota do Seu retrato e de pinturas de outras formas de Deus, jamais deve ser interpretado dessa maneira; ele é um sinal da Graça. Isso aconteceu em uma aldeia do distrito de Tanjore.

Em Parmathi, no distrito de Salem, uma pessoa que visitara Prashanthi Nilayam e que não estivera pessoalmente com Baba, mantinha um retrato dEle em seu altar. Ela escreveu: “Desde o dia 2 do último mês, cinza, bem como *amrita*, tem brotado em quantidade do quadro de Baba! Estou retirando-os e dando para pessoas que chegam. Mas tenho um estoque extra comigo, que se acumula diariamente. Aconselhe-me sobre o que devo fazer com eles. Posso colocá-los no sagrado rio Kaveri, que é próximo?” Outro correspondente de Cochin escreveu, na mesma época, para o editor do Sanathana Sarathi: “Há alguns dias, descobri que um líquido oleoso fluía de um dos lados do vidro da foto emoldurada de Bhagavan. Existem pontos vermelhos de *kumkum* e pontos brancos de *vibhuti*, que apareceram sobre o vidro. Como não tenho certeza sobre esses fatos descritos acima, não dei nenhuma publicidade a eles. Ficaria agradecido se, por favor, me esclarecesse”. O que poderia o atônito editor, isto é, o que eu poderia fazer exceto congratulá-lo pela prova única, que tinha diante dos olhos, da glória majestosa de Baba?

Ou citarei uma carta sobre um acontecimento em Calcutá. “Sou devoto de Baba há vários anos, mas os filhos do meu irmão, em Calcutá, não estiveram com Baba. Então, ficaram naturalmente desconcertados quando o *vibhuti* apareceu e pôde ser coletado, não somente do retrato de Baba, mas de todos os outros dez quadros de deuses hindus! O *vibhuti* também surgiu na fotografia de meu irmão que morreu há uns oito anos. Naturalmente, ele era um homem muito piedoso e simples, de coração grande. No dia de *Ashtami*⁸¹, quando a deidade da nossa família, em Vaikom, é tirada e levada na procissão anual, o *vibhuti* que fluiu do quadro de Baba foi o mesmo em textura, cor, sabor e densidade da cinza dada em Vaikom como *prashada*⁸². Por favor, descubram o significado de tudo isso e digam-me o que eu devo fazer”.

K. Rajarama Rao, de Konaje, próximo a Vittal, no distrito sul de Kanara, Misore, foi afligido pela dúvida. Escreveu para o editor: “Minha irmã mais nova notou o *vibhuti* por volta das nove horas e trinta minutos da manhã. Imediatamente, foi colocado um pedaço de papel sob a foto e a emanção de cinzas tem sido ali coletada. Por favor, escreva-me dizendo como devemos usar o *vibhuti* que surgiu e ainda continua surgindo”. O químico-chefe de uma fábrica de explosivos não perdeu tempo fazendo perguntas e esperando por respostas. Tinha uma formação muito científica para enfrentar aquilo. Examinou a moldura, o vidro, o cartão colocado atrás, lavou-a e colocou-o de cabeça para baixo, mas não conseguiu descobrir de onde e por que emanava a cinza! Foi até Baba em Prasanthi Nilayam. Baba chamou-o e, após a entrevista, quando ele saiu, disse: “Estou-lhe dando o *udi* em casa, em Poona, não aqui. Vá”. Foi a confirmação, a bênção, a revelação!

Um inspetor da polícia (Retd), quase que acidentalmente, obteve duas fotos de Baba em 26 de novembro de 1965; emoldurou-as e manteve-as em seu altar. Ele e sua esposa foram inspirados a correr a Prasanthi Nilayam, aonde chegaram no dia 28. Foram chamados e abençoados por Baba no dia 29. Quando partiram, Baba bateu em seu ombro e disse: “Irei até lá”. Ele não pode perguntar como nem quando. Baba demonstrou-lhe Sua chegada e presença vertendo *vibhuti* de Suas fotos. Isso foi suficiente. E, para

⁸¹ NR – A citação provavelmente refere-se ao “Krishna Janmashtami”, comemoração anual do nascimento de Krishna, no oitavo dia da quinzena escura do mês de Bhadrapada (Agosto-Setembro).

⁸² NR – Presente distribuído aos presentes e/ou devotos.

demonstrar que é também todas as manifestações de Deus, conhecidas e desconhecidas, continuou a produzir *udi* nos quadros de todas as manifestações: Krishna, Rama, Siva, Muruga, Krishna (como em Guruvayoor) e Cristo. Talvez Baba tivesse uma razão especial para desejar que da figura de Jesus emanasse um interessante novo sinal da Graça. Pois, em 24 de fevereiro, um cristão desencaminhado foi trazido a essa casa de maravilhas. Ouviu o *bhajan* da varanda e espiou pela janela. Viu a figura de Cristo. Tremeu diante de uma visão de Sathya Sai Baba, assombrado e arrependido (como relatou posteriormente) e explodiu em uma declaração: “Vou me corrigir; não beberei mais”. Foi salvo e aceito como um filho por Baba, em Seu amor abundante.

Aquela imagem do santuário em Guruvayoor também tem uma importância especial. Em Guruvayoor, existem lamparinas enormes de latão no altar, alimentadas com óleo; cada figura do altar tem duas delas, uma de cada lado. O santuário foi imortalizado pelo grande poeta-sábio Narayana Bhattathiripad, que se curou de um reumatismo crônico pela veneração ao ídolo, por meio de uma incomparável entrega à Glória de Krishna, o Narayaneeyam. O óleo das lamparinas de dentro do santuário, portanto, é tido como específico para o reumatismo por pessoas de todas as partes do país; elas o tomam com reverência e o utilizam com grande fé. Baba é a Forma que está no santuário mais interno de todos os templos, por isso desejou que o óleo das lamparinas das imagens daquele santuário fosse doado. Isso resultou em gotas de óleo caindo das bordas das lamparinas pintadas na figura impressa do Senhor de Guruvayoor, na sala do santuário do inspetor de polícia. Ele foi coletado e utilizado para o mesmo propósito curativo; foi visto e examinado por sacerdotes associados àquele templo, que declararam ser o óleo, sem dúvida, genuíno, idêntico ao que estava disponível no santuário original.

E não somente nos lares de devotos individuais, Baba deseja que a Sua Graça seja vertida sobre Sua Forma, em salões de orações também. A. Nataraja Pillai, de Muvattupuzha, em Kerala, escreve: “*Vibhuti* e *kumkum* são vistos nas imagens de todos os deuses colocados na sala de *bhajans*. Para nossa grande alegria, é muito interessante notar que surgiu manteiga, encontrada aos montes, na palma do bebê Krishna, pintado em um calendário pendurado na parede. O quadro representa Yasoda, a mãe, ameaçando a Criança Divina com uma vareta por ter roubado manteiga.

Baba caracteriza o milagre de criar *vibhuti* na palma da mão como “Meu cartão de visita”. Ele tem cartões de visita em vários formatos e tamanhos, revelando inumeráveis facetas da Sua personalidade. Servem para anunciar a chegada do Avatar, as notícias felizes do Advento do Salvador da civilização de ser degradada numa armadilha mortal para a humanidade. O surgimento de artigos auspiciosos nos retratos de Baba e em Suas incontáveis formas são apenas flâmulas, cartazes, chamarizes que servem para anunciar as mesmas reconfortantes notícias. Nenhuma imagem consagrada, até agora, deu prova mais patente de estar saturada pela Divindade, como a evidência diária dramática de que a Vontade Universal Única dirige as múltiplas forças no mundo.

No Bhagavad Githa, após conceder a Arjuna uma visão de Si mesmo, como a Vontade Universal que motiva toda a criação, Krishna disse: “Arjuna, isso é somente uma fração do Meu *Vibhuti*. Meu *Vibhuti* é infundável!” “*Vibhuti* significa Autoridade, Poder, Esplendor, Glória, Majestade”. No caso de Baba, o *vibhuti* (cinza) que Ele dá, seja direta ou indiretamente por intermédio dos Seus retratos, ou por meio de imagens de Suas outras Formas reverenciadas pelo homem, é interminável em seu *vibhuti* (Esplendor).

P.V. Natarajan de Kugalur escreveu para o editor: “*Vibhuti* verte da mão elevada de Baba no quadro; isso me assegura que Ele está sempre comigo e que eu nunca preciso ter medo!” Na aldeia de Samphagaon, Distrito de Dharwar, o *vibhuti* verte da imagem de Baba nas casas de vários devotos. Sri S.B. Kadakola escreveu: “Vendo toda essa excitação, Dandayyaswami Rachayyaswami Salamath falou desafiadoramente: ‘Ele deve ser falso ou impostor. Como pode *bhasma* ou *vibhuti* surgir desse modo, por sua vontade? Eu também tenho uma foto de Baba em meu santuário. Por que esse *vibhuti* não aparece lá?’ E, no mesmo dia, o *vibhuti* foi encontrado sobre toda aquela foto, agarrado a ela e emanando dela. Isso continuou por três dias”. Um amigo de Salamath esteve em sua casa nesse período e disse: “Como o *vibhuti* pode ser produzido sobre este vidro? Toda a aldeia está sendo confundida por algum tipo de brincadeira”. Ele limpou o vidro com uma toalha molhada e agachou-se diante dela, declarando: “Agora vamos ver o que chamam de *mahima* (Glória) deste Baba. Que verta o *vibhuti*”. Em quinze minutos o *vibhuti* reapareceu. A quantidade agarrada ao vidro era o dobro da anterior. O crítico caiu prostrado diante do quadro.

Um mecânico de uma usina de açúcar descobriu que o *vibhuti* que saía de quatro ou cinco quadros de Baba, em sua casa, era extraordinariamente doce, porque as formigas se amontoavam para comê-lo. Correu até Baba, pedindo que a doçura fosse retirada, e Baba assegurou-lhe que as formigas seriam afastadas; no

dia seguinte elas sumiram. Existem algumas casas onde os quadros emanam *vibhuti* somente nas quintas-feiras; outras em que verte mais em dias de festivais, quando há mais pessoas para partilhar; outras onde o *vibhuti* é vertido em diferentes gostos e texturas dos restantes. Se ele é cinza-escuro e granulado, chamam-no de Shirdi *Vibhuti*; se é macio e perfumado, chamam de Parthi *Vibhuti*, e assim por diante. Assim também o *kumkum* pode ter matizes diferentes e a *amrita* consistência, gosto e perfume diferentes. Um devoto de Saurashtra escreveu que o líquido emanado pelo retrato (ou melhor, por Baba no retrato), no último dia de Sraavan, quando eles terminaram o longo voto, de um mês de duração, de abstinência de sal, era água salgada (estranhos, na verdade, são os Seus meios), e puderam, depois disso, retornar à vida anterior ao voto.

Assim brilha essa saga da Soberania de Baba sobre o Tempo e o Espaço, a Matéria e o Espírito.

“Em Ankola, da fotografia de Bhagavan Sathya Sai Baba, em nossa casa, *vibhuti*, *kumkum* e pó de *haldi* (pó amarelo considerado auspicioso) têm surgido há dois meses”, escreveu um advogado. Em Rajkot, no dia de *Vaikunta Ekadasi*⁸³, surgiu *vibhuti*. Em Jamnagar, no Mahashivaratri, “para nossa grande surpresa, vimos o *Om* e *Sri* escritos nos vidros de quatro grandes retratos pendurados na entrada. Foram escritos com algum líquido oleoso, que tinha o odor de *amrita*”. Um médico de Palghat escreve: “Prescrevo o *vibhuti* de Baba mais do que medicamentos. Baba me fornece um suprimento regular por meio dos quadros, em minha casa”. O Dr. Bailur, em Santa Cruz, encontra-se também nessa situação feliz. O advogado Saxena, de Rampur, também obtém *vibhuti* dessa mesma maneira. Muitos devotos em Kharagpur, Jamshedpur, Calcutá, Trivandrum, Madras, Trichinapally e outras cidades e aldeias, entre os Himalaias e o Cabo, recebem esses sinais auspiciosos da Graça dessa forma surpreendente e convincente de Baba.

Quando implorei a Baba permissão para publicar alguns desses incidentes que ilustravam Sua Majestade e Glória, Ele lembrou que eles poderiam ser facilmente mal interpretados como “propaganda”. Mas o milagre é tão amplo, tão óbvio, tão fácil de ser examinado e confirmado, que as interpretações erradas seriam rapidamente reconhecidas pelos críticos como decorrentes da ignorância. Em Salem, o *vibhuti* sai de quadros da casa do professor de Física da Universidade local! Quando ele mostra os quadros aos visitantes, não pode ser acusado de propaganda. Eu mesmo me sentei no chão da casa de Vimalananda, em Shimoga, vendo o *vibhuti* se empilhar, grão após grão, segundo após segundo, da borda da moldura. Vi, em Bangalore, grãos de *vibhuti* vertendo do pé esquerdo do ídolo de Shirdi Baba (pé que ele mantinha sobre o joelho direito), formando um montículo. Fiquei muito agradavelmente surpreso quando centenas de gotas de *amrita* surgiram repentinamente sobre o grande retrato de Baba em Devi Vilas, na College Road, em Palggat, logo depois que terminei o *arathi*, após uma palestra sobre a Glória de Baba, no dia santo do Sraavan, celebrado em toda Kerala como *Onam*.

A segunda objeção levantada por Baba à proposta de publicação desses incidentes foi que isso tornaria a pessoa abençoada muito “afamada” conduzindo à sua ruína espiritual. Essa é a razão de Baba ser contrário à publicidade indevida de qualquer Graça que alguém recebe dEle. É um presente que a pessoa deve guardar no recesso do seu coração, rememorando-o no silêncio da sua meditação mais profunda. É um sinal secreto de amor do Ser Mais Amado. Alguns foram assim desencaminhados porque o ego levantou sua presa venenosa. Começaram a propagar sua superioridade espiritual, desafiando pessoas nas aldeias a ganharem a mesma Graça de Baba. Compararam e contestaram; competiram e condenaram. Iniciaram uma corrente maléfica que lhes tirou a bênção. Ansiosos em provar que também são devotos de intensa igualdade, homens fracos enganam e são todos varridos quando a fraude é revelada, pois a Verdade deve triunfar rapidamente.

Vamos deixar tais enganadores receberem aquilo que os aguarda e voltar a atenção para os devotos dignos, a quem Baba tem conferido esse e outros sinais do seu incrível *mahima* (Poder, Glória). O Nadaswaram Vidwan⁸⁴, que costuma vir a todo Dasara e Sivarathri para tocar música em Nilayam, tem um tio que o acompanha no tambor. Seu nome é Ganesh. Ele escreve: “Quando me despedi de Baba, após o festival de aniversário em 1965, Ele graciosamente me assegurou: ‘Você não terá mais problemas; estou sempre a seu lado’. Fui com meu sobrinho para o Templo de Thiruvannamalai e, após tocar lá para o Festival dos dez dias, voltei para casa... para encontrar *vibhuti* vertendo profusamente de quadros de Baba e

⁸³ NR - Essa ocasião cai no 11º dia do mês lunar de Lua crescente, que acontece em dezembro-janeiro e é considerado o dia em que os portões do céu estão abertos. Para isso, temos de intensificar nosso *sadhana*, com jejum e abstinência, visando ao domínio das tendências tamásicas e rajásicas.

⁸⁴ NR – Homem sábio

Sri Krishna no altar de minha casa. Fui tomado pela alegria. Orei a Baba para que a quantidade aumentasse e pudesse dar a todos que viessem”.

Na verdade, Baba tem dado “receptáculos inexauríveis” de *vibhuti* para alguns devotos que não farão mau uso do presente, em proveito próprio. Você só precisa balançá-lo com o nome de Baba em sua língua e ele se enche. Houve também um homem que orou a Baba para que o *vibhuti* parasse de verter. Ele não teve a paciência que o pobre ourives em Bombaim (Santa Cruz) tem. Pois, no local de trabalho desse mencionado ourives, sob uma escadaria no andar térreo, o *vibhuti* verte de um quadro de Baba, e ele interrompe seu trabalho para receber a fila de visitantes que chegam a fim de ver o “fenômeno não científico” do papel que vira cinzas! Essa outra pessoa que vive em um único cômodo, com sua esposa e três filhos, em uma favela de Bombaim, escreveu: “Baba me concedeu a Graça do *vibhuti*, derramando-o de Seus retratos em minha casa, ou melhor, meu barraco. Como resultado, centenas de pessoas de todos os barracos da favela acorrem para o meu, desde o amanhecer ao anoitecer e, às vezes, até tarde da noite. Ficou-me difícil viver aqui. Por favor, peço a Baba que pare com o *vibhuti*”. É uma carta bastante patética, que nenhum devoto deveria escrever, a não ser que o problema se torne insuportável. Pode-se ver que o *vibhuti* é tão genuíno quanto o seu sofrimento trazido pela publicidade.

Sri Vaidya de Navasari veio a Prasanthi Nilayam e me trouxe um relatório das atividades da Sociedade de Bhajans que ele fundou. Encontrei lá um tópico, “Visitas a locais de *Lilas Sai*”, que chamou a minha atenção. Ele me explicou que, na aldeia de Chinam, havia um devoto em cuja casa o *vibhuti* e o *kumkum* surgiam de quadros de Baba. “Em Supa, quando os *bhajans* começaram, também começou a jorrar o *vibhuti*”, disse ele. (Isso me lembrou uma experiência que tive. No altar de uma idosa senhora brâmane, em Kalpathi, havia uma fileira de quadros com molduras de vidro de Baba. Quando o *bhajan* começou, um dos quadros começou a balançar da esquerda para a direita, lenta ou rapidamente, de acordo com o ritmo das batidas.) “Ao término do canto, o quadro se imobilizou. A água mantida diante do quadro de Baba como oferenda para aplacar Sua sede, transformou-se, num momento, em uma bebida perfumada e com sabor, que os devotos chamaram de *amrita*”. (Isso acontece em vários locais, por toda a Índia.) “Além disso, a *amrita* surgiu em um jorro da Boca Divina, no quadro”. (Isso me lembra um certo dia de Vaikunta Ekadasi⁸⁵, quando Baba, sentado em meio a algumas centenas de devotos, pediu um copo de vidro e o encheu de *amrita* – até a borda – direto da Sua Boca Divina.) “Em Markapur, a dezesseis quilômetros de distância, o grupo viu ser manifestada a mesma evidência da onipresença de Baba e da Sua graça”.

Baba concede a Graça, mas nunca permite que ela alimente o ego no homem. O *vibhuti* pára ou algum lembrete áspero é passado, quando o ego levanta a sua feia cabeça. É histeria – como Baba a chama – quando uma pessoa se intoxica com o orgulho ou inveja como resultado desta dádiva. Deve-se estar constantemente consciente da própria fraqueza, sendo preciso orar a cada momento pela fé necessária para receber a Graça. De outra maneira, a pessoa não tem o direito de reivindicar parentesco com a Família Sai.

Baba não encoraja pessoa alguma a reclamar ou receber honras especiais, como sinal de que Ele lhe concedeu uma prova ou sinal da Sua Graça. Mas as pessoas acham difícil resistir à tentação de oferecer e aceitar a reverência que envolve tanto o receptor quanto o doador. Elas derrapam no caminho do ego para o niilismo espiritual.

Baba disse a uma multidão em Kakinada: “Existem pessoas que chegam e dizem a vocês: ‘Sai Baba gosta muito de mim e me deu isso, uma coisa que Ele raramente dá, exceto aos mais chegados a Ele’. E, então, implorarão por ajuda ou exigirão uma atenção especial, o que é um insulto ao próprio Princípio Divino. Receber de Mim um sinal da Graça é uma grande responsabilidade; é um lembrete de que vocês devem ser humildes, doces ao falar, verdadeiros, desapegados e sempre conscientes de Sai em tudo”. Mas existem alguns que celebram o aniversário da primeira aparição do *vibhuti* em grande estilo, coletando doações para isso; e outros que despacham o *vibhuti* ou *amrita* pelo correio e pedem doações – sem saber do dano que estão causando ao seu próprio progresso.

Existem também outras séries de acontecimentos que podem ser mencionados. Crianças pequenas, ou algumas vezes adultos de mente instável, crescendo em uma atmosfera de adoração exterior irracional, são inclinados a sofrer de visões, imaginar que ouvem vozes e a acreditar que são capazes de ler mensagens que Ele escreve ou que se comunicam de alguma maneira com Baba! Quando sabem de um caso desses em uma casa, as crianças da vizinhança também ficam afetadas. Tanto que, recentemente, uma histeria em

⁸⁵ NR – Essa ocasião cai no 11º dia do mês lunar de Lua crescente, que acontece em dezembro-janeiro, significando o dia em que os portões do céu estão abertos e deve ser vivida em intenso *sadhana*, com jejum e abstinência, visando ao domínio das tendências tamásicas e rajásicas.

massa surgiu na cidade de Madras, no distrito de Godavari Leste, no distrito de Kanara Sul e também no Ceilão. Baba condenou-os fortemente. Em Amalapuram, no dia 29 de março de 1965, disse: “Isso se tornou uma infecção. Não estou rindo de ninguém e nem condenando ninguém. Mas a verdade deve ser conhecida. Existem alguns próximos a Amalapuram que declaram que vou até eles, possuo-os e falo por intermédio deles. Acenam com suas mãos e balançam, sacodem e tremem, e as pessoas sentadas perto deles afirmam que estão sob a Minha influência. Respondem a perguntas e seus agentes dizem que eles concedem ‘entrevistas’ como Eu! Essa doença infecciosa está-se espalhando entre as pessoas simples por meio de manipuladores e impostores. Sempre que virem ou ouvirem sobre pessoas que estão sofrendo dessa doença, cortem o mal pela raiz; primeiro, frustrem os agentes e, depois, ensinem as crianças e os adultos influenciáveis a se fecharem e a se tornarem normais. Nunca falo por meio dos outros. Nunca utilizo outra pessoa ou assumo outro veículo físico para Me expressar. Não sou um fantasma ou um espírito para fazer isso, para precisar de um médium. Vou diretamente, falo diretamente, venho como sou ou como desejo vir, em formas recém-criadas. Não uso veículos humanos fracos e vacilantes; concedo os dons e graça diretamente e sem intermediários”. Em Yelamanchilli, disse: “Recentemente, apareceram pessoas que dizem estar possuídas por Mim; afastem-nas sempre que as encontrarem. Não se entreguem a tais degenerados e falsos, nem diminuam a sua própria dignidade como devotos”. Os devotos de Baba são aconselhados por Ele a estarem sempre vigilantes contra as sutis atrações do sinistro e do obscuro. Quando o Avatar vem tão acessível e livre em Sua Graça, é uma grande estupidez, para dizer o mínimo, tratar como celebridades os doentes e deliberados vigaristas.

Charles Penn escreve de Los Angeles: “Atravessando os oceanos, Baba alcança cada um de nós várias e várias vezes. Ele abençoa e conduz. Dá força àqueles que precisam de apoio. Transmite, em sorriso, o Seu reconhecimento por meio de um murmurado ‘Deus abençoa...’ e acena para aqueles que quer guiar até Prashanthi Nilayam. Ele nos ensina que a vida é infundável, não é pontilhada por noites, dias, meses e anos – pois todos são um elo na corrente eterna”.

Essa foi outra lição dada por Baba à multidão em Prashanthi Nilayam, no dia de Uttarayana⁸⁶, em 14 de janeiro de 1966. Os festivais baseados no calendário solar ou lunar, que celebram a mudança aparente do movimento ou da direção do Sol ou da Lua, foram calculados, disse Ele, para enfatizar a necessidade do controle da mente (a Lua é a deidade que preside a mente) e regulação da inteligência (o Sol é a deidade que preside a inteligência). Ao depositar fé desproporcional na riqueza material e nos prazeres objetivos, o homem perdeu a arte de liberar os recursos da alegria dentro de si mesmo, dentro de sua própria mente e inteligência. Não é necessário esperar que chegue o Uttarayana para buscar o controle da mente e a sublimação da inteligência. Cada momento é o momento certo – essa é a mensagem de Baba. Ele é o chamado urgente e insistente ao despertar, à ação, à obtenção da alegria do progresso espiritual sem demora ou decréscimo.

Ele balança nossos corações com esta mensagem, como ninguém mais, pois ninguém mais poderia dizer como Ele: “A afinidade entre vocês e Mim é atemporal; eterna. Não é baseada nas relações mundanas; baseia-se na aspiração do coração pela própria fonte e nascente da alegria inexaurível. Eu os vejo todos como ondas do mar, quando a Lua nasce no céu. Vejo a Bem-aventurança brilhando em suas faces. O amor que têm pela Fonte do Amor é a verdadeira raiz dessa Bem-aventurança”.

A cada ano, desde 1940, quando Ele anunciou que era Sai Baba “vindo novamente”, a emergência de um *Lingam* (ou vários) de Seu corpo, através da Sua boca, ocorre durante o *Lingodbhava muhurtha*⁸⁷ (o momento auspicioso para a manifestação exterior do símbolo do Princípio Divino Universal). É um mistério inescrutável: como *lingans*, de vários tipos de pedra ou metal, formam-se dentro dEle e como emergem naquele momento particular, a cada ano, calculados segundo os textos ancestrais do *Jyothishsastra*⁸⁸? Nove *Lingans* de “prata” surgiram em um ano; em outros anos, surgiram cinco, ou sete, ou três, ou dois, todos em bloco, ou em sucessão. Até este momento distinto, ninguém pode prever o número ou tamanho ou composição dos *lingans* que se materializarão nEle. Tudo é muito normal, até que o *Lingodbhava muhurtha* chegue.

Uma multidão de 20 ou 25 mil pessoas senta-se em expectativa e adoração, ouvindo os discursos dos eruditos sobre um texto das Escrituras ou sobre alguma disciplina espiritual. As palestras são principalmente sobre Shiva, o aspecto da divindade que destrói a ignorância básica e confere iluminação, supera as conseqüências acumuladas do passado e retira todos os traços da ancestralidade animal, para limpar a poderosa corrente denominada mente. Quando os eruditos terminam, Baba assume a direção e suaviza o programa com um dos seus discursos inimitáveis. Em algum momento durante esse discurso, ou ao seu final, durante a sessão de *bhajans*, que Baba conduz com algumas canções, as pessoas ouvem uma pequena tosse, precursora (como muitos sabem) do precioso *lingam*. A eloqüência celestial é interrompida aqui e acolá por arquejos, até que o impulso interno não pode mais ser reprimido. Então, em meio aos louvores de *Om Namah Shivaya* (Eu me curvo por devoção a Shiva), que sobem de milhares de gargantas, o *lingam* sobe até a boca e cai em uma bandeja de prata. Baba, invariavelmente, os levanta para que todos os vejam e reverenciem; são mantidos à nossa mostra por toda a noite. Pela manhã, Baba toma-os em Sua mão e passa através da série de fileiras de devotos, que ficam atônitos com o tamanho, já que não poderiam, a não ser por milagre, passar pela estreita largura de Sua garganta.

Em 1966, após 20 minutos de oscilações e inclinações, tosses e arquejos para facilitar a passagem, um *lingam* de esmeralda, com sete centímetros e meio de comprimento, fixado em um pedestal com doze centímetros na parte mais larga, emergiu de Sua boca para a alegria inenarrável e grande alívio da imensa

⁸⁶ NR – A metade do ano divina, quando Rama nasceu.

⁸⁷ NR – Literalmente, “Ligam criado em poucos minutos”.

⁸⁸ NR – Essa é uma ciência que prediz o futuro exatamente, e se acredita ser conhecida apenas por Deus, mas os peritos desse Shastra podem acertar de 90 a 100%, pela observação do horóscopo.

multidão que observava o Seu rosto com toda a atenção. Milhares se extasiaram com esse evento Divino que ocorreu no *Santhi Vedika*, recentemente construído e belamente iluminado. Durante a noite, inteira a multidão entoou *bhajans*. Baba apareceu novamente no *Shanthy Vedika*, ao amanhecer do dia seguinte, no encerramento dos *bhajans*. Lembrou às pessoas o significado da vigília e do *paen*, a lição do controle dos sentidos, do controle da mente e da eliminação do ego por meio de rigorosa disciplina. Então passou pelas fileiras de peregrinos com a demonstração ímpar de Sua Glória, para que seus olhos pudessem se banquetear com ela.

Na última semana de fevereiro de 1966, Baba presidiu as celebrações do Dia da Escola, na Escola Secundária Zilla Parishad, em Bukkapatnam, que evoluiu para uma escola secundária devido às Suas bênçãos, ao conceder o privilégio de chamarem-No de veterano (“*old boy*”⁸⁹). Em caloroso reconhecimento de Seu cuidado, a escola foi renomeada para Bhagavan Sri Sathya Sai Baba High School. Baba exortou os pais a darem aos filhos bons exemplos de virtude, humildade e serviço aos companheiros. No dia 2 de março, esteve em Hyderabad para uma sessão de três dias de *Prasanthi Vidwanmahasabha*⁹⁰. Cerca de 50 a 60 mil pessoas ouviram ansiosas, diariamente, os discursos de eruditos como o Prof. V. K. Gokak e Sri D. Venkatavadhani, além dos discursos alquímicos do próprio Bhagavan.

Baba é, de longe, o conferencista mais cativante do mundo atual, pois mantém centenas de milhares de pessoas ouvindo em total atenção, durante horas, as mais elevadas verdades filosóficas que analisa e apresenta na mais doce retórica. Cada um sente como se o discurso falasse diretamente a si, para ajudá-lo a sair da armadilha intelectual ou moral na qual foi jogado pelas circunstâncias; cada um sai com a sua carga diminuída, feliz e mais forte, por ter tido a experiência de ouvir aquela voz melodiosa que abre os portões do céu tanto para o mais pobres em espírito quanto para o mais rico. Sem dúvida, o Prof. Gokak foi inspirado ao fazer estes versos:

Você viu o Baba
Que incendeia as cidades com o anseio
E as apaga com a delícia da existência?
Você perdeu o significado da própria vida
Se não O viu ou ouviu!

Baba deixa claro que o *Prasanthi Vidwanmahasabha* foi idealizado por Ele para lembrar aos homens o caminho do qual se extraviaram e a desprezível trilha de quedas pela qual seguiram. O paciente não tem agora respeito pelo único médico que pode curá-lo, ou pelo único medicamento que pode aliviá-lo. A condenação por imitação e o cinismo superficial estão destruindo a fé dos filhos da terra em sua própria cultura valorosa; eles estão se tornando vítimas de atitudes estrangeiras e modismos de vestuário, comportamento e ponto de vista. O *Prasanthi Vidwanmahasabha* pavimentará o caminho para a paz e não para a aquisição de glória competitiva.

Baba chegou a Bombaim, em Sua terceira visita à cidade, no dia 13 de março de 1966. Lá, disse: “Maharashtra é uma terra sagrada, onde a correnteza da devoção fertilizou os campos social, político e filosófico, por eras. Ramdas, Tukaram, Jnaneswar e muitos outros encheram os corações das pessoas com reverência por Deus e amor pelo homem; aqui também é o campo de atividade, o centro de onde se irradia a grandeza da Forma Sai, deste atual Sathya Sai. Não duvidem de que Maharashtra logo será um centro de renascimento *dhármico*”. Durante a quinzena que permaneceu em Bombaim, Baba firmou-Se nos corações de centenas de milhares de seus cidadãos, com Sua simplicidade e doçura. Como descreveu o Dr. Gokak, Ele tornou-se, silenciosa e naturalmente, o patriarca de cada família:

⁸⁹ NR – Tratamento dado a ex-aluno de escola ou universidade de prestígio.

⁹⁰ NR – Academia Indiana de Estudos Védicos de Prasanti.

Que se reúne em volta de Seus joelhos,
E bebe do mel dourado do Seu Amor.
Ele é a eterna Criança brincando no jardim
Conquistando os adultos de um mundo errante
Através da pura simplicidade e da inocência do coração.
Ele é o curador de um mundo em dor
O Deus de garganta azul,
Que bebe o veneno do sofrimento do mundo
Para deixá-lo feliz e íntegro.

Sua conversa, mesmo com visitantes casuais, torna-se um afago nas costas, muitas vezes uma picada na bolha, uma facada no ego, uma vela na escuridão, uma bengala para o aleijado, um caminho no deserto, uma rosa entre os espinhos, um sinal que chama para a nobreza e a divindade. Um sorriso Seu é um tesouro inestimável que deve ser acalentado no silêncio do santuário. As histórias e comparações com que Ele ilumina os enigmas filosóficos são bens valiosos para sempre. Pessoas clamam por uma chance de tocar Seus pés, receber o nome para os filhos, ou para serem iniciadas nas disciplinas espirituais segundo as normas escriturais dadas por Ele; para receber algum sinal da Sua Graça e colocar diante Dele suas doenças mentais e físicas a fim de que Ele possa curá-las. Sua Graça concede “cor ao pintor, notas ao compositor, voz ao cantor, força ao atleta, persistência ao montanhista e bênção aos iogues”. Por isso, todos os caminhos levavam ao Palácio Gwalior, em Worli Beach, Bombaim, por duas semanas inteiras, pois Baba concedia o *darshan* pela manhã e à tarde, todos os dias, durante as sessões de *bhajans*.

Bhajan! Baba deu, como, séculos atrás, Chaithanya Mahaprabhu, um ímpeto extraordinário ao canto congregacional de louvor a Deus. Ele informa que, quando se respira na atmosfera perfumada pelo nome de Deus, todos os impulsos egoístas são eliminados. Enfatiza que, quando o nome é entoado, a maneira pela qual o nome se origina, o halo que ele transporta, as nuances do seu significado devem ser todos evocados à memória. Não é somente uma ginástica para a língua; é uma ginástica para a mente anêmica, malformada e mutilada, com o intuito de fortalecê-la com o tônico do timbre do Céu, corrigi-la com a massagem pressurizada do ritmo e do tom e curá-la com o remédio da alegria divina, que a associação com os bons homens traz. A doçura da voz humana fica mais aparente quando é usada para cantar a Majestade de Deus; alcança-se a Bem-aventurança mais elevada quando imergimos, com milhares de outras pessoas, na corrente de *Ananda*⁹¹ que o *Darshan* de Sathya Sai Baba outorga, quando Ele se move entre os que têm sede, os desamparados, os doentes, os aflitos e os divinamente orientados.

Como escreve o Dr. K. Nair: “A surdez da nossa alma é curada, e a harmonia celestial torna-se novamente audível ao ouvido da fé. A mais humilde vida é elevada aos céus e adquire a aura da eternidade. O homem capacita-se a encontrar sentido nesse caos da experiência, descobrindo o significado e a medida desse incompreensível fluxo de ‘florescimento e perecimento’ sucessivo que chamamos de tempo”.

Como disse o Honorável Sri P.K. Savant, Ministro da Agricultura do governo do Maharashtra e presidente anterior do Shirdi Samsthan: “Bhagavan é o Avatar de Sai Baba de Shirdi, com quem milhões buscam força e consolo. Baba pertence a Maharashtra em um sentido especial, embora tenha vindo para toda a humanidade”. As sessões de *bhajans* proporcionaram uma esplêndida oportunidade para os devotos Sai servirem as pessoas de Bombaim. Centenas de voluntários treinados serviram os visitantes com humildade e atitude amorosa. Baba selecionou, entre a multidão, as crianças e idosos doentes, além da possibilidade de cuidados médicos, chamando-os em separado após o *bhajan*, diagnosticando e tratando-os com Divino Amor para abençoá-los com alívio e saúde.

Baba dirigiu-se a multidões imensas, raramente vistas na história de Bombaim, no Sardar Vallabhai Stadium, nos dias 16, 17 e 23 de março. O último encontro foi no dia de Gudi Padua, o Festival do Ano Novo em Maharashtra, e centenas de milhares de pessoas dirigiram seus passos para o estádio, com a finalidade de receber o Seu *Darshan* e ouvir Sua voz, como sua primeira experiência para o próximo período de doze meses de suas vidas. Baba também lhes deu uma mensagem que, como disse Sri Page, presidente do Maharashtra Legislative Council, poderia “adoçar e iluminar” as tribulações da vida. Baba disse: “O homem é sacudido por todo vento e ondas; ele enfraqueceu a sua vontade e turvou sua visão. Por isso está à deriva entre bancos de areia e redemoinhos. Ele é o filho da imortalidade, o herdeiro do Divino – destinado a ser o dono da mente e de seus caprichos – a coroa da criação. Não é um macaco que deu somente alguns passos

⁹¹ NR - Bem-aventurança, felicidade.

na direção da civilização. Compreendam que Deus, que é imanente no Universo, clama pelo reconhecimento de cada flor, cada gota de orvalho, cada estrela que cintila no céu; compreendam-No como a fonte da felicidade projetada por vocês nos objetos que os rodeiam, para que possam apreciá-los. Essa compreensão cobrirá o mundo e a vocês com uma nova e gloriosa veste; isso os fará destemidos e tornará a morte uma agradável passagem para não mais renascermos.

Baba encontrou tempo em Bombaim para discutir sobre problemas pessoais e filosóficos com membros do Grupo da Prashanthi *Vidwanmahasabha* (Assmbléia de Eruditos para o Renascimento Védico, que Ele fundou) de Maharashtra e também com outros buscadores e aspirantes. Penetrou nos corações de todos que buscavam consolo e apoio.

Baba deixou Bombaim no dia 26 de março, seguindo para Pune, cidade que se enfeitou em grande estilo para recebê-Lo. No dia 27, dirigiu-se a uma congregação de pessoas reunidas na Associação de Andhra: “Há milhares diante de Mim aqui, ouvindo as Minhas palavras, mas, fundamentalmente, vocês são um só; são milhares de ondas na face do Oceano. O alimento é alcançado pela combinação de esforços de todos os membros e habilidades do corpo. É convertido pelo estômago em sustento e força; é devolvido, sob essa forma, a todos os membros que ajudaram a produzi-lo. Vocês todos são membros deste corpo Uno, Purusha, que é muito mais vasto do que este Universo, que é apenas uma fração da Sua manifestação física”. Falou sobre as tentativas de as pessoas limitarem-se a um Nome e Forma, como pertencente a uma nação ou a outra, falando uma língua ou outra e construindo uma gaiola em torno de si mesmas. Referiu-se ao comentário feito por alguém ao recebê-Lo, de que era como “uma reunião de família”, dizendo: “Sim, esta é uma reunião de família. Na verdade, todas as reuniões a que compareço são reuniões de família para Mim, pois toda a humanidade é a Minha família. Não tenho rótulos que Me limitem a um país, origem, ou residência. Estou acima de todos os rótulos”.

Baba chegou a Gulbarga, no Estado de Misore, no final da noite do dia 28, e, ao amanhecer, viu, sentadas em longas filas no grande salão, pessoas vindas de perto e de longe, ansiosas para levarem em seus corações a figura do Seu rosto sorridente. Baba caminhou entre elas e distribuiu *vibhuti* a todos. Mais tarde, nos Jardins Públicos, onde outra multidão enorme esperava por Sua presença, cantou alguns *bhajans* e deu aos gulbargianos uma prova da doçura da Sua voz celestial. Chegou a Hyderabad a tempo de dar o *darshan* aos devotos no dia dedicado ao Advento de Sri Rama. Esse dia é sagrado para os devotos também por outra razão, pois foi nele que Baba deu ao mundo a instituição em torno da qual foi cristalizada a Fé e a Esperança dos guardiões da cultura védica da Índia, isto é, Prashanthi *Vidwanmahasabha*. Portanto a filial Hyderabad da Prashanthi *Vidwanmahasabha* inaugurou, no aniversário de Sri Rama, os discursos mensais sobre os textos antigos, porém atemporais, da disciplina espiritual. Baba voltou a Prashanthi Nilayam no dia 4 de abril, após assegurar a centenas de milhares de pessoas que a Divindade não tinha desistido da humanidade e deve ser descoberta dentro do próprio homem.

Baba é um fenômeno único e, portanto, ninguém pode identificá-Lo ou compreendê-Lo. Em 1960, disse: “Não vim a Madras⁹² para fazer propaganda ou publicidade pessoal; não vim para angariar discípulos ou devotos. Sou de vocês, embora possam duvidar, descartar ou até Me negar. Vocês são Meus, embora Eu esteja distante no espaço ou no tempo. Qual, então, seria a necessidade de publicidade ou propaganda? Estou em vocês; vocês estão em Mim; somos inseparáveis. Essa verdade pode ser conhecida por vocês somente quando conhecerem a si mesmos”. Mas, no mundo, há homens tolos que alimentam seu ego somente caluniando aqueles que são reverenciados por outros. Mesmo com 20 anos, Baba abrandava a preocupação de Seu irmão mais velho: o temor de que o papel assumido por Baba atrairia sobre Ele o olhar maléfico da inveja e do ódio. Baba respondeu-lhe que jamais seria afetado por elogios ou censura, por estar além dos limites do tempo e do espaço, e que realizaria, sem intermitência, a tarefa para a qual viera. “Convido todos a virem, a vivenciarem, a discriminarem, a julgarem e a beneficiarem-se de Mim. Mergulhem antes de pronunciarem sua estimativa da profundidade; comam antes de declararem o gosto”, escreveu.

Esse pedido está além das pessoas que mergulham a sua pena no breu e delicias-se na escuridão da noite. Patéticos esforços têm sido feitos, desde o primeiro anúncio de Baba, para afastar as pessoas dos Seus pés, por aqueles que viram milhares de peregrinos dirigirem-se, com dificuldade, a Puttaparthi e voltarem para casa mais felizes, mais saudáveis e mais convencidos da sua própria libertação dos apegos. Mas Baba descartou-os com desdém Divino e plantou Seus pés na Terra e no Céu, como planejara ao chegar em Sua forma humana. “Para compreender o Meu significado, vocês precisam rasgar em tiras as dúvidas e

⁹² NR – Hoje, a cidade teve seu nome mudado para “Chennai”.

digressões a que se entregam agora e desenvolver o Amor Divino. Pois esta encarnação do Amor Divino pode ser conhecida somente através da sabedoria e do puro Amor”.

Cérebros microscópicos exageram a cor da túnica que Baba usa e o cabelo crespo que forma a Sua distinta coroa, sucumbindo a adjetivos e expressões como “potentado medieval”, “seda luxuosa”, como se Baba fosse um asceta tentando laboriosamente fazer o caminho do *sadhana*! Baba diz: “O *jnani*⁹³ não olhará para Mim vendo uma túnica amarela hoje, rosa amanhã, algodão no verão e seda no inverno. Ele penetrará na Verdade, além deste Nome e Forma, e saberá que este corpo é uma ‘veste’ com um propósito! O Avatar que virá em seguida, deste mesmo Princípio, terá uma outra ‘vestimenta’”. Isso foi dito por Ele em 1960.

Em 1962, durante o festival do aniversário, repetiu: “Já disse a vocês que não Me identifiquem com esta estrutura física. Mas vocês não compreendem. Chamam-Me por um Nome somente e acreditam que Eu tenho somente esta Forma. Lembrem-se de que não há algum outro Nome que Eu não use; não existe alguma outra Forma que Eu não preencha. Vocês não Me compreendem se chegam um dia e partem no seguinte, dizendo: ‘Eu vi Sathya Sai Baba; Ele usa uma linda túnica, tem um cabelo maravilhoso’. Determinem-se a descobrir, decidam-se a aprender, mergulhem fundo e ser-lhes-á, então, mostrado, pois é o seu direito”.

Baba sabe que os homens pequenos olham para Ele com sarcasmo, tachando-O de “mago”. No Vyasasram⁹⁴, estabelecido pelo conhecido Swami Malayala, em Yerpedu, Ele disse: “Pessoas dizem que tudo que faço é magia, negra ou branca. Bem, podem dizer com igual verdade que Krishna levantou a Montanha Govardhan, ou que Rama construiu uma ponte sobre o mar, usando magia negra! A manifestação do Divino só pode ser inexplicável ou milagrosa. Não pode ser comparada a magia. Como o ovo de um cuco pode ser comparado ao ovo de um corvo? A magia prospera com o engano, os truques fundamentam-se na falsidade e são usados para mitigar a cobiça por comida, roupas ou abrigo. Este Corpo, que veio pela Vontade Divina para sustentar a Verdade, jamais se curvará a isso. Não, nunca”.

Os milagres, que são expressões espontâneas da comprovação plena da Divindade plenamente patente em Sua Presença⁹⁵ e também onde a Sua presença física não é evidente, não têm como objetivo a propaganda ou a publicidade. Baba disse em Venkatagiri, em 1964: “Esses milagres, como vocês os chamam, são meios para o estabelecimento do *dharma*, que é a Minha Tarefa. Algumas pessoas enfatizam que Ramakrishna Paramahansa disse que os milagres produzidos pelas faculdades adquiridas por meio da disciplina espiritual são obstruções no caminho do discípulo, e que devem ser evitados por aqueles que desejam atingir o objetivo da auto-realização. Ramakrishna disse que o discípulo é tentado a usar em excesso a demonstração e, desse modo, infla seu ego. Esse é um conselho correto em relação ao discípulo. Mas o absurdo está em Me comparar ao discípulo, a quem Ramakrishna quis aconselhar”.

As curas milagrosas que Baba efetua, quando a Sua Graça é buscada pelas pessoas, são também incidentais e secundárias, segundo Ele. “A remoção da miséria e do sofrimento não são o esteio principal da Minha Missão. Minha tarefa não é meramente curar, consolar e remover a miséria individual. É algo bem mais importante. Para a bananeira, o fruto é a consumação principal, porém as folhas e o tronco também são úteis ao homem. A Minha tarefa principal é promover, preservar e propagar o *Sanathana Dharma*⁹⁶”. “Não desejem o conforto, as ligações contínuas com o mundo exterior, com mais e mais coisas para se preocupar; anseiem pela Bem-aventurança, profunda e integral. Sei que a maioria de vocês Me procura pelas bugigangas e bagatelas, promoções insignificantes e lucros, símbolos de status e fama de curta duração. Muito poucos Me pedem aquilo que vim para dar, ou seja, a Libertação do sofrimento e da dor, da preocupação e do medo, da ansiedade e da agonia”.

Já que circulam insinuações dos caluniadores, resultantes da inveja daquilo que consideram um luxuoso padrão de vida de Baba, é bom lembrar que Ele come o alimento dos mais pobres desta terra, sem nenhum leite, coalhada ou manteiga ou *ghee* (manteiga clarificada), e não aprecia doces. Senta-se e dorme no mesmo colchão em Prasanthi Nilayam e usa carros antigos ou táxis nas cidades, para que as massas não O reconheçam e O sigam em busca do cobiçado *Darshan*. Baba também dá outro motivo para a compreensão de que o Seu quinhão não seja invejado, para dizer o mínimo: “Alguns de vocês podem achar

⁹³ NR – Sábio.

⁹⁴ NR – *Ashram* de Vyasa.

⁹⁵ NR – Quando a presença é evidente = Quando a presença de Baba é perceptível a todos. Quando a presença não é evidente = Quando Baba é visto.

⁹⁶ NR – Religião Eterna. Nome dado pelos indianos ao sistema de crenças e disciplinas espirituais, chamados pelos ocidentais de hinduísmo.

que é uma glória para o Senhor vir sob a forma humana. Se estivessem no Meu lugar, não sentiriam tanta glória. Pois estou ciente do passado, presente e futuro de cada um de vocês. Portanto não sou movido pela misericórdia; sei por que uma pessoa sofre neste nascimento, quais são as conseqüências dele. Por isso reajo diferentemente de vocês; podem chamar-Me de coração gelado ou amoroso. Não causo alegria ou tristeza; vocês projetam as correntes que os prendem, tanto as de ouro como as de ferro”.

Ele é o trabalhador mais incansável de Nilayam, planejando, projetando, arrumando e supervisionando cada pequeno ato que leva ao funcionamento adequado das várias atividades em todo o mundo. Nada é feito, ali ou em outros locais onde funcionam organizações em Seu Nome, sem a Sua expressa permissão e bênção. Em Nilayam, está ocupado dia e noite ensinando, treinando, consolando, confortando e aconselhando as centenas de pessoas que O procuram em busca de luz e orientação. Mesmo quando viaja, utiliza todo o tempo disponível para aliviar o sofrimento e a dor dos pobres e desalentados. “Torne cada momento sagrado, preenchendo-o com serviço amoroso”, Ele aconselha, mais pelo exemplo do que pelo ensinamento.

Baba controla o entusiasmo dos devotos e não lhes permite a exibição dos frutos da Graça que receberam dEle. Declara que esse alarde é altamente não espiritual, pois promove o egoísmo. Condena, fortemente, aqueles que tentam ganhar popularidade e lucro erigindo *mandires*⁹⁷ e templos para Ele! Falando em Kakinada, em março de 1965, disse: “Desencorajo enfaticamente as tentativas de construir templos para Mim. Peço, ao contrário, que os templos já existentes sejam renovados e mais utilizados. Essa mania de *mandires* tornou-se uma aventura popular de fazer negócio! Pessoas armadas com listas buscam por prováveis vítimas e arrancam as doações delas utilizando o Meu nome. Nesse processo é gerada muita intriga, inveja e ganância; impor o Nome do seu Mestre descamba facilmente para a degeneração do nome do Mestre de outro homem”. Também em Madras (Chennai), Ele tocou no mesmo tema: “Não aprecio esse entusiasmo. Adorem todas as Formas, sob qualquer Nome e em qualquer Templo! Vocês negligenciam os templos antigos desta cidade e constroem outros novos somente para negligenciá-los também, ao descobrirem alguma razão para desistirem desses novos. Pessoas que correm precipitadamente, clamando por donativos para *mandires*, estão, na realidade, promovendo o ateísmo, porque são incitadas pela ganância, malícia e egoísmo e não pelo espírito dedicado da devoção. Quando esses autopromotores da causa os procurarem, não lhes dão nem um centavo. Por que necessitam de uma sala para fazer *japam* (repetição do nome do Senhor) ou *dhyanam* (meditação)? Façam da sua casa um pequeno *mandir* para si mesmos; meditem em sua sala de oração. Cantem *bhajans* com seus filhos. Impressionem as pessoas com uma fala doce, com a sua humildade, seu amor universal, sua fé inabalável, sua verdade. Então outros se juntarão ao rebanho de crentes, em maior número do que qualquer sala possa abrigar”.

Baba está sempre atento para impedir o transbordar de devoção por meios absurdos. Por exemplo, houve um homem que escreveu uma série de discursos sobre Baba e sobre Prasanthi Nilayam, com os quais buscava ganhar popularidade e dinheiro ao atribuir propriedades sagradas a cada árvore e poço, cada pedra e toco em Nilayam, representando-os como “deuses” e “sábios”! Baba enviou-me até o seu local de atividade e orientou-me para avisar seus seguidores e pôr um fim à sua campanha de adulação absurda. Ele está sempre alerta para condenar a expressão histórica de devoção adolescente e imatura dos que se dizem “possuídos” por Ele e respondem a perguntas feitas como se fossem Ele! Qualquer comportamento que enfraquece o homem, comercializa os sinais da Graça, cria símbolos pomposos da verdade simples é imediatamente condenado por Baba em Seus discursos ou por intermédio de uma nota na revista Sanathana Sarathi e suas subsidiárias.

Utilizar erradamente a liberdade da fala e da expressão, que conseguimos na Índia após uma luta árdua, e manchar com uma fala e pena corrompidas esse Fenômeno Sagrado e Sublime de tanto poder, sabedoria e amor é, nós sabemos, pura maldade. Mas Baba dirá que é somente uma parte do Seu Drama. “Sem essa difamação sombria, o esplendor da Minha Glória não brilharia tanto”.

Supondo que Baba seja apenas outro faquir itinerante, que comercializa habilidades esotéricas, muitos homens maldosos e mesquinhos, que só conseguem ver torpeza e insignificância, caluniam-No em qualquer lugar que Sua Glória brilhe. Todos os homens deveriam baixar de vergonha suas cabeças, porque seres humanos como eles se sentam em seus covis e tramam histórias desprezíveis e insultosas a respeito de uma Pessoa cujas ações e pronunciamentos, atitudes e modos são tão impecavelmente divinos. É aquele grau de fortaleza e autocontrole instilados por Baba naqueles a quem Ele atraiu para Si, que permitem a esses molambos, que se deliciam nessas sarjetas, serem melhor largados sozinhos para morrerem de fome. Todos

⁹⁷ NR – *Mandir*: Casa de adoração.

que provaram da Sua doçura sofrem com essa aguda ansiedade de difamação. Vários jornais gritam lamentavelmente contra a Lua da Sua Majestade e calam-se quando suas gargantas doem, ou quando sua fome não é aplacada pela chantagem. Em Bombaim, alguns homens desconhecedores da Sua Glória incitaram, certa vez, um praticante de façanhas iogues que engolia pregos e ácidos, a agir contra a Sua Majestade e, quando Ele passou sem ligar, tentaram rir, mas isso refletiu de volta neles como um trovão de aplausos.

Baba fez uma referência a isso em Anantapur, onde presidiu o Dia da Escola, logo após o Seu retorno: “No mês anterior, Eu estava no Estado de Maharashtra, em Bombaim, onde centenas de milhares de pessoas puderam aplacar a sua sede do *darshan*; discursava para elas sobre os fundamentos dos *Vedas* e *Sastras* e orientava os membros do Prashanthi *Vidwanmahasabha* (ramo de Maharashtra) a ressuscitarem a grande cultura da nossa terra. Discutia com ministros do Estado de Maharashtra e com Sri Y.B. Chavan, do Governo Central e também com juízes, magnatas dos negócios, médicos, engenheiros, editores e outros, além de líderes espirituais de várias religiões sobre o Dharamasthapana (restauração ou revitalização do *dharma*). Mas lá, naquela parte da Índia, os jornais estão chafurdando em mentiras que inventam e que circulam dizendo que estou na prisão. Sim, estou aprisionado nos corações dos Meus devotos!”

“Naturalmente, essa calúnia é a experiência da Eminência em toda parte, em todos os tempos. Essa tem sido Minha experiência em eras anteriores também. Os sucessores de Sisupala,⁹⁸ até agora, queixam-se e se enfurecem, vomitando enxofre e fogo contra a Verdade e a Retidão. Eu lamento por esses desafortunados, que, para juntar algumas moedas das mentes insatisfeitas e doentes, rebaixam-se a tais truques desculpáveis. Esses bufões subumanos podem atormentar alguns de vocês; por isso Eu declaro: ‘Mesmo que os quatorze mundos se unam contra Mim, o trabalho para o qual Eu vim em nada sofrerá; mesmo que a Terra e o Céu continuem essa oposição, a Minha verdade permanecerá inabalável’”.

Talvez em resposta aos primeiros estrondos dessa história de rancor, Baba disse durante o Dasara de 1965: “Existem alguns que escrevem e falam como se Me conhecessem. Posso dizer somente isto: eles nunca poderão conhecer-Me, pois, para conhecer-Me, é preciso elevar-se até esta Estatura. Ouçam isto novamente: as Minhas atividades e movimentos não serão alterados, independentemente do que se passar e da opinião sobre eles. As pessoas podem fazer comentários afrontosos sobre Minhas vestes, sobre a cor do tecido, sobre Meu cabelo – mas não sou afetado por elas. A pessoa torna-se sagrada por usar trapos? Prestem atenção ao que cresce no coração e não na cabeça. Não interromperei os Meus planos, Meu *Dharmasthapana*, Meu *Bhaktharakshana*⁹⁹, Meus Discursos, Meus milagres, que são somente expressões da miraculosidade; e nem retrocederei ou retratar-Me-ei. Por 26 anos, tenho carregado sozinho a tarefa de inculcar *prasanthi* nos corações daqueles que perderam a arte de alcançá-la. Estou sempre feliz, cheio de alegria. Sorrio para aqueles que caçoam e inventam mentiras sobre Mim; sorrio para aqueles que Me elogiam”.

Baba aconselhou aqueles que se atormentavam com essas irresponsáveis, mas fúteis, acusações, para que se acalmassem e não se importassem. “Não prejudiquem a sua saúde com raiva ou preocupação. Sejam felizes, em vez disso, porque, enquanto vocês me invocam em seus altares, esses homens gritam Meu nome nas vielas estreitas e escuras e em paradas de ônibus, onde esperam encontrar vítimas para a sua mercadoria devassa. Muitas pessoas que lêem as difamações, buscando o puro sensacionalismo, voltar-se-ão para a Verdade por causa das mentiras absurdas e inacreditáveis”. Ele citou, como exemplo, a história de Bhasmasura, que ganhou de Shiva o poder de causar a morte, pelo fogo, de qualquer pessoa sobre cuja cabeça ele colocasse sua mão. Tentou matar o próprio Shiva com a sua nova capacidade; mas Deus manipulou os eventos e, sem saber o que fazia a si mesmo, Bhasmasura foi tentado a colocar sua mão sobre a própria cabeça. Morreu no incêndio que provocou em si próprio. Da mesma maneira, a fraqueza e o orgulho deles serão reduzidos a cinzas no fogo do arrependimento. Na verdade, um senhor que, por ignorância, comparou Baba com sua própria espécie de iogues exibicionistas e O desafiou a realizar feitos chamativos, foi humilhado pela sua própria vaidade. Seus seguidores sofreram uma derrota dramática.

Baba analisou os motivos desses homens afligidos pelo orgulho. Disse: “O egoísmo é o foco da rebelião de um grupo de tendências destruidoras como a ganância, a raiva, a malícia e o ódio. Obscurece a inteligência e altera a aparência do real para aspectos repulsivos da falsidade. Esconde a Verdade em uma nuvem de pó e incita o homem a realizar atos imorais no esforço de suprir as reivindicações do auto-engrandecimento”. Durante o Dasara de 1966, Baba falou sobre alguns iogues que se vangloriam de poder

⁹⁸ NR – Um filho de Damaghosha (Rei de Chedi), grande inimigo de Krishna, assassinado por ele no sacrifício de Yudhishtira.

⁹⁹ NR – Cuidado com os homens de bem, educando e socorrendo os devotos.

caminhar sobre as águas e desafiavam os outros a fazerem o mesmo. “Seria uma realização vital muito mais elevada e útil, se um iogue pudesse evitar as armadilhas da inveja, do orgulho, da ganância e da malícia”.

Falando sobre os homens de pouca fé, Baba disse no Krishna Janmashtami¹⁰⁰ de 1966: “Não dêem ouvidos ao que os outros falam; acreditem na sua própria experiência, nos seus próprios olhos. Tudo que lhes der alegria e paz, acreditem nisso como verdadeiro. Por que sair perguntando a esmo se uma coisa é salgada ou doce? Tendo provado o que é o açúcar, por que mudar de opinião só porque alguém contesta e diz que é sal? Coloque um pouco sobre a sua língua; isso resolverá o problema. Não negue com a língua o que você sentiu no coração. Não dê um falso testemunho à sua própria consciência. Não adapte a sua opinião à da companhia com quem está”, aconselhou.

Somente o Divino pode demonstrar tal Amor e Misericórdia em relação ao erro e ao engano. Baba perdoou aos Seus caluniadores, pois eles eram, disse, como “traças cuja natureza é alimentar-se dos tecidos. Nada mais podem fazer; possuem um impulso interno para o qual não foram ensinados a superar. Difamam a todos que penetram no seu campo de ação. As traças fazem buracos nos *saris* de algodão, de lã e vestimentas de seda; não discriminam quanto à composição. Então, sejam felizes por eles se estarem alegrando com as calúnias que lançam contra Mim. Meu objetivo é trazer alegria a todos os homens. Se esses homens sentem alegria através desse meio, por que negar-lhes esse caminho de expressão da sua natureza? Estou feliz por poderem alimentar suas esposas e filhos com as moedas que essas folhas de papel malcheirosas dão a eles. Por que vocês deveriam se sentir miseráveis, quando eles estão comendo suas refeições?”

Baba é Premaswarupa¹⁰¹; é o amor em cada membro e olhar, em cada relance e postura, em cada gesto e pensamento expresso. Por isso, perdoa esses comerciantes de falsidades e pede a todos os homens bons que orem para que eles se corrijam. “Mais cedo ou mais tarde, eles se arrependerão; nenhum homem pode vagar no deserto por muito tempo; quando percebe que perdeu o caminho, pára e refaz os seus passos até chegar à autopista. Orem pela sua transformação em indivíduos sátvicos, pela rápida cura de sua cegueira, para que suas línguas conheçam o gosto da Verdade. Dirijam seu amor para esses irmãos extraviados do caminho; logo eles voltarão ao caminho do peregrino”, disse Baba, dirigindo-Se à multidão reunida no Dasara de 1966. Deu o exemplo da sanguessuga, que saboreia o sangue doente da ferida, mas que se solta quando está inchada demais para continuar a sugar. “Eles também se desprenderão quando receberem o seu quinhão”. “Quando água é adicionada ao leite, ela também adquire valor e recebe um preço. Quando mentiras são lançadas sobre os seres elevados, as pessoas que preferem alimentos repugnantes pagarão por eles”.

Baba mencionou também uma vantagem positiva que trazem esses caluniadores. Disse: “Quando peneirada, a palha cai longe e pode ser atirada na fornalha. Os grãos formam um monte, que pode ser guardado para fazer o pão que sustenta e dá força. Esses homens, abanando o ar vazio, separam o farelo do grão. Pessoas sem uma fé estável caem ao primeiro sopro de escândalo, mas as que têm fé inabalável permanecem firmes na tempestade; tornam-se mais resistentes e fortes”.

Em maio de 1966, Baba passou cerca de dez dias em uma plantação de café no charmoso e montanhoso distrito de Coorg, no estado de Misore. Coorg é o lar de uma raça resistente de pessoas resolutas nos campos dos esportes e da batalha. É o berço de soldados heróicos. São hospitaleiros e piedosos. Caminharam longas distâncias, subiram e desceram morros, através de estradas com ventos uivantes, para ter uma visão do Senhor em seu meio. Baba sorriu e abençoou a cada um deles; visitou vários lares em Coorg, espalhando luz e alegria. O bangalô em que ficou virou alvo para carros e ônibus vindos de muitas milhas ao redor. Mais tarde, Baba partiu para Madras e, dali, acompanhou alguns devotos até Kodaikanal, outra saudável estação montanhosa. Todos os dias, em Kodaikanal, como em Coorg, eram realizadas sessões de *bhajans*, e centenas, milhares de pessoas puderam beber da alegria de cantar a glória de Deus em coro, com a emoção do *darshan* de Baba. Ele disse: “A boa sorte dessas pessoas das montanhas Me trouxe até aqui, pois não tinha planos para vir”.

Logo, Baba desceu para a cidade de Madurai, onde os devotos tinham terminado a construção de um novo bairro, em torno de um templo de Sai Baba, que foi chamado de Sathya Sai Nagar¹⁰², em gratidão

¹⁰⁰ NR – A citação provavelmente refere-se ao “Krishna Janmashtami”, comemoração anual do nascimento de Krishna, no oitavo dia da quinzena escura do mês de Bhadrapada (agosto-setembro).

¹⁰¹ NR – Encarnação do Puro Amor.

¹⁰² NR – *Nagar*: tipo de tambor indiano.

reverente. *Pandits* (eruditos) de Tamilnadul (estado do sul da Índia) discursaram nas três noites, e Baba, que presidiu, suplementou-os com Suas elucidações.

Retornando a Prashanthi Nilayam, com as primeiras chuvas da monção, Baba ficou disponível para o *darshan* a perto de 10.000 pessoas reunidas para o Guru Purnima (Lua cheia de julho, quando se comemora o dia do Mestre). Deu a cada uma delas algumas gotas de *amrita*, o néctar da imortalidade, com a advertência de que a língua que provara da *amrita* não poderia mais ter satisfação com *anrit* (falsidade). Inaugurou uma agência do State Bank no distrito de Prashanthi Nilayam, uma comodidade para auxiliar os residentes e também os milhares de pessoas que visitam o lugar. Baba transmuda cada ocasião como essa em colheita espiritual; por isso, em Seu discurso, comparou o Banco, de onde o dinheiro é retirado e onde é depositado, com o Banco onde somente o Amor é aceito e doado. “Esse banco”, disse, “recebe depósitos e mantém contas estrita e confidencialmente. Cada pequenino movimento é registrado e contabilizado – pensamentos, atos, palavras, bom, mau, indiferente. Desenvolvam o hábito de economizar, para se salvarem¹⁰³. Aqui eles tomam *dhanam* (dinheiro); lá eles tomam *dhyanam* (equanimidade) como depósito”. Cada frase era um clarão brilhante, revelando a verdade mais profunda.

No terceiro dia de agosto, Baba presidiu as celebrações da abertura do Primary Health Center (Centro de Saúde Básica), em Kothacheruvu, uma aldeia a onze quilômetros da entrada de Nilayam. Baba foi recebido com entusiasmo pelos aldeões, pelo Honrável Ministro do Panchayath Raj¹⁰⁴, Dr. Lakshminarasiah, de Hyderabad e por líderes eleitos para as Seções Locais pelo povo do distrito de Anantapur. Um deles, Sri T. Ramachandra Reddy, Presidente do Conselho do Distrito, confessou: “Devo admitir que, somente após Sua fama ter-se espalhado por todo o mundo, nós, que vivemos tão próximo de Puttaparthi, compreendemos Sua Divindade”. O Ministro disse também: “Ele está tão próximo de nós, mas cometemos o erro de lidar com Ele como se estivesse distante”. Havia um grande número de funcionários graduados do distrito no palco. Por isso, Baba disse: “O Gabinete de Ministros, os funcionários e o povo são como as três lâminas de um ventilador, girando para nos dar um conforto refrescante; todos devem ser ativados pela energia do espírito do serviço, para darem felicidade e paz”. A menção do médico responsável sobre a necessidade de um planejamento familiar, por meios artificiais, arrancou de Baba uma reprovação sem rodeios a esses procedimentos que solapam a moralidade e liberam as tempestades da paixão. “Somente um rigoroso autocontrole, por intermédio da disciplina religiosa, permite assegurar a aceitação da responsabilidade paterna; movimentos em todo o país para disseminar os meios artificiais trarão a queda dos padrões morais”.

O dia 4 de agosto de 1966 é uma data importante na história de Prashanthi Nilayam, pois, nesse dia, o Ministro do Panchayath Raj de Andhra Pradesh declarou oficialmente que essa área fora separada da aldeia de Puttaparthi, da qual era somente um “setor”. Foi constituída uma unidade administrativa chamada de distrito de Prashanthi Nilayam. Isso porque Nilayam se desenvolvia rapidamente como o centro espiritual da Índia e do mundo; seus raios anunciavam o amanhecer de um novo e brilhante dia em todos os continentes da Terra. Baba convocou os residentes da colônia a “utilizarem a nova estrutura administrativa para o benefício dela assim como de todas as áreas vizinhas”.

Em setembro, no Aniversário de Krishna, Baba deu *amrita* a todos reunidos e também deu a *amrita* do Seu discurso, em dois dias. “Edison”, disse Ele, “o grande cientista e inventor, costumava passar horas e dias, em seu laboratório, concentrado em algum problema ou experimento; leite, pão ou chá eram empurrados para a sala por baixo da porta fechada, mas permaneciam intocados até ele resolver o enigma em sua mente, tão grande é a concentração que a ciência exige. Considerem, então, quão mais o aspirante espiritual deve se fixar-se na mente unidirecionada para alcançar sucesso na esfera mais sutil e sublime da conquista espiritual. O homem precisa ser tanto brilhante e iluminado quanto as lâmpadas que flutuam no Ganges, em Hardwar. Se lhe for adicionado o peso do desejo mundano, a lâmpada afundará e sua luz apagar-se-á”.

Dasara, 1966! Enquanto discursava, antes do hasteamento da bandeira de Prashanthi, Baba deu uma nova mensagem aos milhares diante dEle: “Eu lhes direi sobre uma forma de adoração que os preencherá com força divina”. Foi sobre o uso reverente e agradecido do homem aos cinco elementos que são os seus constituintes e a Sua manifestação: Terra, Água, Fogo, Ar e Éter. “Utilizem todos eles de modo inteligente”, disse. “Utilizem-nos para promover o seu próprio bem-estar e o bem-estar dos outros; utilizem-nos com moderação e a serviço da humanidade”.

¹⁰³ NR – No texto em inglês Baba fez um trocadilho com a palavra “*save*” que tanto significa “economizar” como “salvar”.

¹⁰⁴ NR – Governo Descentralizado. Órgãos de decisão de governo, fisicamente distantes do centro governamental.

As celebrações do Dia do Hospital foram presididas por Opal Macrae, famosa escritora e trabalhadora social dos Estados Unidos, que viera a Prashanthi Nilayam para realizar seu *sadhana* (disciplina espiritual). Ela falou sobre suas tentativas de curar a insanidade, a debilidade mental e outros problemas por meio da terapia musical, em New York e Hong Kong. Baba disse: “A música é o instrumento por intermédio do qual as paixões são sublimadas, as emoções dominadas e os impulsos dirigidos para propósitos superiores. A Índia reconheceu a excelência terapêutica da música há muito tempo”. Baba declarou que a medicina e a hospitalização são para aqueles que hesitam e se debatem em dúvida. Para os que confiam no Médico Supremo, Seu Nome é medicamento suficiente.

Em Seus discursos sobre o significado da *yajna* (rito sacrificial), nas atividades do Prashanthi Vidwanmahasabha, durante a recitação de poemas pelos poetas, na peça “Radhabhakti” (A Devota Radha), que Ele escreveu e dirigiu (contendo, como disse Ele, “a quintessência de uma dúzia de discursos meus”), Baba enfatizava, continuamente, sobre a condição patética do mundo e da Índia, que Ele viera para curar. “O mundo está agora mesquinamente dividido em setores, com base na religião, cor, convicções, etc. Os que questionam sobre a validade desses setores, estão também eles próprios em um setor! Peças de metal unidas em um monte continuam sendo peças; não foram fundidas; as pessoas devem fundir-se no cadinho do Amor, no Uno. O coração deve ser purgado do ódio. Quando Deus é instalado aí, o ódio desaparece. Os pensadores do Ocidente estão-se voltando para o Oriente a fim de aprender a arte de manter e ganhar a paz – a paz duradoura e satisfatória – Prashanthi. O Sol é um ponto minúsculo de luz quando comparado a algumas estrelas, mas ele ilumina e afasta a escuridão. Assim também, a Índia pode ser uma nação pobre e fraca, mas pode dar luz e conceder a paz”. Baba falou também das doenças sociais e dos desajustes que infestam o mundo, da onda da mecanização e industrialização. Disse que eles sufocam a natureza divina do homem, que se esforça para desabrochar no Serviço, no Sacrifício e no *Sadhana* (Disciplina Espiritual).

No Dipavali de 1966, Baba disse que o Festival das Luzes destina-se a celebrar a vitória dos impulsos celestiais sobre os infernais. Milhares de pessoas reuniram-se nesse dia, em Nilayam, para receber Seu *darshan* e ouvir Seu discurso. Após o festival, pedindo que voltassem para suas casas, Baba disse: “Sei do amor de vocês por Mim; vocês sabem do Meu afeto por vocês. Mas, mesmo assim, vocês devem voltar para suas casas, onde seus deveres e obrigações os aguardam, onde os seus serviços são necessários a pessoas e instituições. Eles são também Meus; servir a eles é servir a Mim. Desejo, também, dar a vocês a experiência da minha presença em toda parte onde estiverem, sem restrição de tempo e espaço. Se ficarem sempre aqui, diante de Mim, como poderei garantir aquela alegria a vocês?”, disse Ele.

O 41º Aniversário de Baba logo chegou. Na mensagem de aniversário que Ele graciosamente escreveu e deu para ser publicada na Sanathana Sarathi, disse: “O que as várias guerras a que o homem sucumbiu ensinaram a ele? Ensinaram que a luxúria, a raiva, o ódio e a inveja são forças malignas que o assombram. Examinem a anarquia e a ausência de leis, o caos e as matanças que assolam o mundo atual. São a conseqüência dessas forças malignas. Pois mesmo as doenças que seus corpos sofrem e o desassossego em suas casas devem-se a essas qualidades da luxúria, raiva, ódio e inveja”. Condenou aqueles que “atribuem faltas, insinuam defeitos nos outros e se prestam a culpá-los e a causar-lhes danos”. “O ódio e a inveja corrompem o encanto do rosto humano. A pessoa que tem ganância, luxúria, raiva e inveja sofrerá de doenças digestivas e nervosas. Aprendam, portanto, a expandir o seu Amor e a sua devoção a Deus até que toda humanidade seja envolvida”, aconselhou.

Quando Baba veio para o auditório durante os *bhajans*, no Seu aniversário, antes da unção, que é o rito cerimonial do dia, usou, sobre Sua túnica de seda, um resplandecente xale de fios de ouro, onde foram tecidas, 1 008 vezes, as letras Sai Ram, por um devoto tecelão que, como Kabir, recitou aquele sagrado nome enquanto o tear subia e descia, formando o tecido para o Deus que ele adorava. Baba usou-o, pois o fio era do ouro da devoção. Caminhou entre a vasta afluência de devotos e depositou, nas mãos de cada um deles, um ‘*laddu*’ (doce indiano feito com farinha de grão de bico) como o presente de aniversário da Graça. Eram quase 3 horas da tarde quando Baba voltou para Nilayam, após as longas 5 horas de distribuição da Graça. Um pequeno incidente deve ser mencionando aqui para ilustrar a Sua Onisciência e Misericórdia. Um homem, entre as 15.000 pessoas, tentou pegar mais de um de Suas mãos. Finalmente Baba disse-lhe, enquanto lhe entregava o doce: “Esse é o quinto que lhe dou! Acho que seja suficiente!” Ele sabia quanto havia dado àquele homem e não teve nenhuma palavra dura contra sua ganância.

No discurso que Baba fez ao anoitecer, deu uma nova interpretação para as palavras *Sathyam Sivam Sundaram*. Aqueles que as identificavam com *Sath*, *Chit* e *Ananda* arregalaram os olhos com o novo significado: “Sigam o *Karma-marga* (caminho da Ação) com a harmonia e o encanto de *Sundaram* (Beleza);

sigam o *Bhakthi-marga* (caminho da Devoção) com a alegria e a exaltação de *Sivam* (Bondade); sigam o *Jnana-marga* (caminho da Sabedoria) com a retidão e constância de *Sathyam* (Verdade)”.

Três dias depois, Ele inaugurou a Biblioteca Pública em Bukkapatnam, aldeia onde, ainda menino, freqüentara a escola. Anos atrás, abriu um parque lá e, mais tarde, levou a iluminação elétrica ao Templo. Censurou os aldeões por contentarem-se com a contemplação da Sua Glória à distância, sem tomarem medidas enérgicas para aproximarem-se dEle e desfrutarem do calor do Seu Coração. Falando sobre livros, Baba aconselhou-os contra aqueles que excitam as emoções, despertam paixões e um tolo discernimento. Os livros devem aumentar a força de vontade, rechaçando as más inclinações e anseios dos homens. Falou da crescente negligência à literatura clássica, estimulando escritores e leitores a desenvolverem predileção pela excelência básica da nossa cultura ancestral.

No dia 13 de dezembro, Baba foi a Trichinopally, no rio Kaveri, onde os devotos programaram uma sessão de três dias da Prashanthi *Vidwanmahasabha* (Assembléia de Eruditos para a Revitalização do *Dharma*), fundada por Ele. O Diretor do Instituto para Treinamento de Professores de Hinduísmo, de Madras, recebeu Baba com uma conferência recheada de citações dos clássicos do estado de Tamil Nadu. Falou sobre a Graça suprema e soberana de Baba. “Seu olhar concederá a iluminação, Seu toque comunicará a revelação, Sua palavra nos despertará para a realização” disse ele, citando os sábios do passado distante. Baba exortou todos os acadêmicos e os alunos a assumirem a tarefa da sua própria elevação moral com seus próprios esforços e a dos outros pelo exemplo. Falou sobre a desvalorização do homem, mero parafuso de uma gigantesca máquina, quando é o herdeiro da Imortalidade. “Vocês vangloriam-se em terem obtido seu próprio *swarajya* (domínio sobre si mesmo) porque aqueles que governaram esta terra, durante séculos, foram embora para suas casas (Ele refere-se à independência da Índia aqui). Porém os mestres internos, que tiranicamente os controlam, ainda precisam ser forçados a sair. Até lá vocês não terão *swarajya*. Quando esse domínio for alcançado, nenhum inimigo poderá sobrepujá-los. Esse é o momento da independência de vocês. O que já ganharam é apenas a casca, não o fruto”. No dia 17, Baba encontrou tempo para ir até a aldeia de Budalur, onde milhares se reuniram em torno do Sathya Sai *Vihar*¹⁰⁵, para recebê-Lo. Baba caminhou entre eles, na grossa poeira e, enquanto fazia isso, notava, aqui e acolá, algumas pessoas doentes, a quem dava *vibhuti* produzido por Sua própria mão. O primeiro a receber o precioso remédio foi um menino mudo; o segundo, um camponês surdo; e o terceiro, um velho fazendeiro que tinha uma úlcera no estômago.

No dia 18, saiu de Trichinopoly e foi para Pollachi, onde passou a noite. No dia seguinte, foi de carro à floresta Parambikulam, lar de manadas de elefantes, para mostrar às pessoas que estavam com Ele a grandeza daquele cenário selvagem, o que possibilitou, também, aos simples habitantes da selva encherem seus olhos com a Sua Beleza, jamais esquecida.

Baba chegou ao estado de Kerala, no dia 20 e, após dois dias em Paighat, visitou Ernakulam, Trippunittura e Alleppey, antes de chegar às Montanhas Nilgiri¹⁰⁶, durante o Natal. Em Devi Vilas, Palghat, Baba caminhou entre os devotos com Seu sorriso benevolente e com o gesto encorajador do *abhaya-mudra*. Falou a vários deles na língua malayala (falada em Kerala) e atraiu os corações de todos. Em Kollengode, quando um vendaval ciclônico reuniu nuvens escuras e pesadas sobre a multidão, e a chuva caiu em pingos grossos, Baba disse: “Não se preocupem. Não são gotas de chuva. São gotas de *Ananda*, *Sudhabindu*!” E as chuvas pararam por uma hora! Esse milagre foi destaque nos jornais de Kerala, naquele mesmo dia. Em Trippunittura, um casal cristão, profundamente devotado à Baba, pediu a Ele que lançasse a pedra fundamental de uma Sala de Orações que planejavam construir. Em Olavakkot, também surgiu um Sathya Sai *Nagar* (bairro de bangalôs onde vivem devotos de Sai). Então Baba, de Sua Misericórdia infinita, abençoou-o, lançando a primeira pedra para o Salão de Orações.

O dia 23 de dezembro foi um Vaikunta Ekadasi, o dia em que Baba derrama Graça como néctar para todos. Ele passou o dia com os devotos em Alleppey. Centenas se reuniram, para provar o néctar da Sua oratória e imprimir Sua bondosa forma em seus corações.

¹⁰⁵ NR – Moradia, casa.

¹⁰⁶ NR – Região montanhosa no estado Tamil Nadu.

Houve um cego, certa vez, que veio a Nilayam para ter sua visão restaurada; era professor no estado de Misore, e tinha perdido a visão repentinamente sem nenhuma razão aparente. Baba, a princípio, não prestou atenção nele. Então, um dia, me disse, apontando para o homem que estava sendo conduzido pela esposa ao longo da varanda: “Vê, aquele homem quer ter sua visão de volta; não sabe que a cegueira é a sua grande sorte!”. Dois dias depois, o homem recebeu uma carta do Governo da Índia oferecendo-lhe uma bolsa para ir a Délhi para treinar em uma Instituição de Ensino a Cegos! Sei de um suplicante surdo a quem Baba disse: “Seus ouvidos são o seu *guru*; eles o trouxeram a Mim; agora, seja grato por pelo menos uma fonte de apegos ter sido, providencialmente, posta fora de ação”. Sobre outro suplicante, disse: “Se Eu lhe devolver a visão, sem dúvida alguma, ele se arruinará”. Baba conhece o passado e o futuro; todos são um livro aberto para ele. Então diz: “Vocês derramam solidariedade tão facilmente, mas Eu tenho de calcular suas potencialidades, a retribuição que merecem, o uso ou mau uso que farão das faculdades e capacidades adicionais”. Quando uma pessoa morreu numa das casas em torno de Prashanthi Nilayam, e os parentes pediram a Baba que a revivesse, Ele disse: “Vocês estão dizendo que somente essa área é assunto Meu? E os milhares que morreram neste momento pelo mundo? Eles são também tão Meus quanto essa pessoa. Novamente, digam-Me o quanto esse homem é indispensável para o progresso do mundo. Ele terminou a sua carreira; nasceu para trabalhar o seu destino, não para proporcionar alegria trivial e temporária a alguns que o rodeiam”.

No “Vivekachudamani”, Sankaracharya refere-se ao mestre como “Ahethukadayasindhu” – o Oceano de Misericórdia que salva sem qualquer razão ou contexto. Baba é assim. Ele cura algumas doenças crônicas pelo exercício da Sua vontade e permite que outros suplicantes sofram. Ninguém sabe o porquê. O caso de Seshagiri Rao, citado no volume um, também esclarece um pouco esse aspecto de Seu ministério. Seshagiri Rao, que cuidava do altar do antigo Mandir e, depois, em Nilayam, por quatorze anos seguidos, sofreu uma queda e estava nos estertores da morte. Declarou em voz alta, junto com seu último alento, a Verdade surpreendente que ninguém, a não ser os sábios, lembra no momento da crise mortal: “Este corpo composto dos cinco elementos está-se desintegrando em seus componentes; estou sendo libertado!” Fiquei ali admirando e invejando o velho homem. “Que grande sorte fazer a passagem para o além com essas palavras nos lábios!”, disse para mim mesmo. De repente, Baba apareceu no quarto, como se alguém O tivesse informado da morte iminente do Seu fiel servidor. Repreendeu Sesharigi Rao em tom firme, dizendo: “Como você ousa iniciar essa viagem sem levar Minha passagem? Venha, faça a tarefa que lhe foi destinada. Eu lhe ordeno que vá para a Sala de Orações ao meio-dia e faça o *arathi* como de costume”. Ficamos atônitos com esta “rudeza”, mas quem somos nós para lançar nosso julgamento ao Todo-Poderoso? Seshagiri Rao obedeceu à ordem; compareceu ao *bhajan* e realizou sua parte do trabalho.

Seis meses depois, caiu seriamente doente; foi admitido no Hospital Sathya Sai; sua condição piorou, tornando-se tremendamente pior. Seu cérebro não funcionava, ele perdeu a repugnância pela sujeira, e todos ficaram tristes de ver um fiel servo de Deus sofrendo tanto. Seu irmão veio de Bangalore e pediu a Baba permissão para levá-lo para o Victoria Hospital, onde poderia receber atenção pessoal de seu filho e sobrinhos, que eram empregados lá. Mas Baba disse: “Não se preocupem com essa situação difícil que estão vendo. Estou permitindo que ele esgote o sofrimento pelo qual *tem* de passar. Depois disso, ele terá a chance de morrer pacificamente e bem feliz. Caso contrário, Eu poderia tê-lo deixado ir meses atrás, quando sofreu a queda”. E assim aconteceu. Um mês se passou, e Seshagiri Rao recuperou-se misteriosamente. O Sol brilhou em torno dele em seu apartamento. Ele passou seis semanas em Bem-Aventura, realizando suas tarefas. Então começou a declinar e ficou confinado ao leito. Seu filho estava a seu lado, cuidando dele com ternura. Uma noite, Baba foi até o seu quarto. Tive o privilégio de ir com Ele. Pediu-me que trouxesse uma xícara de leite quente. Colher por colher, Ele o alimentou com todo o conteúdo da xícara, chamando-o pelo nome, dizendo que seu Baba o alimentava! Então, levantou-Se e andou. Virando-Se ao chegar à porta, olhou para ele e disse: “Agora, você *pode* ir!” E Seshagiri Rao obedeceu-Lhe dentro de uma hora. Baba sabia quando ele teria de voltar e quando teria que “ir”. Podemos somente observar, orar e ficar estupefatos diante da maravilha e do significativo “capricho” do vento da Graça.

Deixemos o Dr. T. Nallainathan, de Castle Lane, Colombo, nos contar um desses casos fantásticos. “Um menino de 12 anos chamado Anthonis sofria de *ependiloma* (um crescimento canceroso da parte terminal da coluna vertebral dentro das últimas vértebras). O irmão de seu pai era um cirurgião famoso, e o

neurocirurgião realizou a operação, que durou 3 horas e 15 minutos, em minha presença; mas não houve bom resultado. O menino passou a urinar sem interrupção, enquanto inconsciente. Isso não parava, não podia ser controlado e sequer reduzido. Um membro do Centro Sathya Sai Seva de Colombo deu à criança um pouco de *vibhuthi* trazido de Baba. Naquela mesma noite, os pais perceberam melhora notável. Então, apressaram-se a ir até Baba, em Madras; obtiveram o Seu *darshan* no dia 10 de novembro. Bhagavan criou um amuleto com um gesto de mão e pediu que fosse usado no pulso do menino. Receberam o *darshan* duas vezes e voltaram felizes para casa. Vi o menino, no dia do Natal, brincando feliz e falando em ir à escola depois do feriado. Sei que está freqüentando a escola agora”.

Entre o grande número de casos de que tive notícia, citarei aqui uma cura especialmente maravilhosa. Uma tarde, em fevereiro de 1966, um jovem casal chegou de carro, vindo de Bangalore, lá tendo chegado de Délhi, por avião. O irmão da mulher tinha sido enviado para casa pelo Hospital New Delhi como um caso sem esperança. Alguém lhes falou sobre Baba, e eles vieram em busca de Sua Graça para que a vida do rapaz pudesse ser salva. Baba colocou em minhas mãos dois pacotes de *vibhuti* da caixa guardada em Seu quarto, para ser distribuído por Ele, pedindo-me que mandasse o casal levar o *vibhuti* imediatamente para Nova Délhi. O caso do rapaz era uma história triste: Baliya, idade - 30 anos; nefrite crônica; anemia. Em julho de 1960, teve uma crise de dor na região lombar esquerda e hematúria¹⁰⁷. Em dezembro de 1963, notou inchaços por todo o corpo. A albumina na urina estava muito alta. Tinha anasarca generalizada também. Uréia - normal. Pressão sanguínea - normal. Raios X do peito - normal. Em dezembro de 1964, queixou-se de perda de visão. Pressão sanguínea - 24/14. Raios X e pielografia intravenosa: corante não secretado por ambos os rins. Uréia- 70mg. Albumina na urina: elevada. O tratamento continuou com drogas hipertensivas¹⁰⁸. Então sofreu de encefalopatia hipertensiva (crise oculogênica); movimentos involuntários do lado direito da face. Pressão sanguínea - 24/14. Admitido no hospital; tratado com hipertensivos e sedativos. Uréia no sangue - 98-13, baixou para 80mg. Albumina na urina, traços fortes, sem contagem. RBC ocasional. Pressão sanguínea baixa a normal, mas subiu por dez dias para 15/10 - 20/12. Quantidade de urina - 50-60oz. Hemoglobina diminuindo gradativamente. Em 18/12/65: H-0mg; RBC-3,5 milhões; Hg 8gm; 7,5gm; em 29/01/66 HC 5,8gm. No momento, paciente inquieto; palidez e ligeiro inchaço da face - dor em ambas as juntas, dor insuportável. Tratamento: Adelfin Esidrex 2 tabletes, 3 vezes ao dia; Serpasil - 1-2 tabletes, 3 vezes ao dia; injeção de Serpasil SOS, injeção de Largactil; injeção de Jecofer iniciada em 22/01/66 em dias alternados. Cloreto de potássio 15gr, 3 vezes ao dia; dieta de restrição de proteína. Os dois pacotes de *vibhuthi* deveriam ser administrados internamente com água e um pouco dele passado no corpo. Fiquei surpreso quando recebi um telegrama da irmã dele, dizendo que estavam trazendo o paciente para Prasanthi Nilayam “no dia seguinte”. Isso, antes de se ter passado uma quinzena de sua visita. O carro de Bangalore chegou, e dele saltaram três pessoas: o casal e um desconhecido. Caminharam rapidamente para o Mandir, e, assim que os vi, reconhecendo-os, perguntei: “Onde está o paciente?” Eles riram e apontaram para o desconhecido. O homem não tinha sinais de doença, exceto por um cachecol de lã em volta de sua garganta.

Mas deixem-me contar uma outra história, a dos Padubidris, de Bombaim. “4 de maio de 1957. Era o primeiro aniversário dela. A festa da criança estava animada. Enquanto seus jovens convidados se fartavam de petiscos e sorvetes, a pequena anfitriã cavalgava vigorosa em seu cavalo de madeira. Ela precisava de algo que a distraísse da sua dor. Especialistas médicos investigavam o seu caso. A festa de aniversário ainda não acabara quando chegou o diagnóstico dos raios X. Ele revelava a fatalidade repentina e inacreditável: a pobre criança de um ano fora atacada por uma doença que destruía os ossos, e era do pior tipo: a doença de Pott¹⁰⁹; o disco entre a quinta e a sexta vértebras estava completamente destruído. Nada mais horrível poderia ter acontecido a nós”.

“O ortopedista ordenou que a criança fosse engessada para reduzir seus movimentos ao mínimo ou a quase nenhum, para ajudar na recalcificação. Além disso, foram prescritas uma injeção diária de estreptomicina e uma longa lista de medicamentos e tônicos. Por quanto tempo ela deveria ser torturada assim? Oramos a Sai Baba; sonhamos que Ele segurava a criança junto a Si em atitude protetora. Em junho de 1958, ela tirou o gesso, porém o médico prescreveu uma jaqueta de ferro como apoio para as vértebras recalcificadas. No dia 4 de novembro, chegamos a Puttparthi com ela. Baba nos entrevistou por 45 minutos.

¹⁰⁷ NR - Emissão de sangue pela uretra, puro ou misturado à urina.

¹⁰⁸ NR - Que favorece ou causa o aumento da pressão arterial.

¹⁰⁹ NR - Tuberculose óssea que se caracteriza pelo enfraquecimento das vértebras, que colapsam, e freqüentemente resulta em deformidade.

Abençoou a criança, bateu em suas costas, deu-lhe o *udi* e disse à avó ansiosa: “Deixe tudo comigo; sempre cuidarei dela. Você está muito preocupada com ela”. Assegurou-nos que a criança estaria andando em janeiro... e ela andou!”

Casos em que Ele faz cânceres desaparecerem dizendo “Seu câncer está cancelado” (uma brincadeira com palavras em inglês) são muitos. O caso do D.R. Ghule é notável em vários aspectos. Em uma carta datada de 15 de junho de 1966, Rao Saheb V.R. Ghule escreve: “No dia 11 de maio de 1966, enviei uma carta a Bhagavan Sri Sathya Sai Baba, informando-O da triste condição de meu irmão, Ramachandra Ghule, de 76 anos. Escrevi: ‘a dor está agora concentrada no lado direito de sua garganta, como uma terrível estocada, mesmo para engolir leite, chá ou café. Ele está muito fraco, incapaz de falar com clareza. Os médicos em Jubbulpore diagnosticaram câncer, e ele agora está fazendo um tratamento de radioterapia no Tata Hospital, aqui em Bombaim. A cada dia, fica mais fraco. Conseguimos o livro “Sathyam Shivam Sundaram” e, após lê-lo, trouxemos uma foto Sua e a colocamos em lugar de destaque para o *darshan* diário. Não sei se este apelo chegará até o senhor, não sei o seu endereço atual, ou se este está correto. De mãos postas, imploro que salve meu irmão dessa terrível dor e doença’. No dia 13, pela manhã, a condição do meu irmão ficou muito séria, e os médicos o chamaram para uma operação imediata. Coloquei uma cópia da minha carta a Baba aos pés dEle na foto e pedi a Sua misericórdia. Era por volta de meio-dia e meia. À uma hora da tarde, meu irmão pediu água e bebeu-a sem problemas! Depois bebeu leite, o que não conseguia fazer havia muito tempo. Nós o levamos ao hospital, onde o exame deu resultado normal, e os médicos declararam que não precisava da operação. Agora, está bem melhor”.

Os amuletos, pacotes de *vibhuti* ou outros artigos que Ele dá, são somente uma demonstração de que as pessoas têm “algo” em suas mãos. São supérfluos quando sabemos que Sua vontade é suprema. Pode atravessar fronteiras de terra e mar, línguas e idades e ser conquistada pelas orações sinceras e profundas. Cura por razões melhor conhecidas por Si mesmas. Baba veio para reviver a moralidade, restaurar a fé em Deus e libertar, finalmente, o homem da tristeza e da dor. Essas curas são cartões de visita que Ele distribui para anunciar que o Divino está entre os homens. “Pegue tua cama e anda” tem sido dito por Baba a várias pessoas em Prasanthi Nilayam, durante as sessões diárias de doação da Graça, chamadas de “entrevistas”, e, então, Ele aconselha: “Caminhe com cuidado, caminhe com esperança, caminhe na Verdade”. Houve uma menina adolescente que chegou carregada pelo irmão. Tinha vindo de Bhadravathi, no estado de Misore. Havia cinco anos, não colocava os pés no chão. Baba chamou o irmão e pediu-lhe que trouxesse a moça. Ele a levou para dentro, como se carrega uma criança. Dentro de minutos, a porta da sala se abriu, e 500 pessoas sentadas do lado de fora em Nilayam viram a menina *andando*, ajudada pelo irmão e pela mãe. No dia seguinte, ela andou sozinha. Baba disse-lhes que andassem três vezes em volta do prédio! No dia seguinte, ela fez isso sozinha! Baba aconselhou-lhe que fosse para casa e fosse feliz. Cada cura é algo surpreendente, o dom de uma nova visão, a visão do Curador Divino que cura o corpo para que ele seja um instrumento adequado ao domínio da mente e para a realização da Bem-Aventura que repousa adormecida dentro da região dos sentidos, emoções, impulsos e intelecto!

Baba tem como principal objetivo da Sua Missão entre os homens reviver o *Dharma*, que, para Ele, é o *Sanathana Dharma* (Religião Eterna), Universal e Eterno. Baba veio para fundir, não para recusar ou confundir¹¹⁰! O *Sanathana Dharma* pertence ao mundo inteiro; por isso, Baba é adorado pelos Seus devotos com o nome de Sarvamathasammathaya *namah* (prostrações a Ele, para Quem todas as religiões são igualmente aceitáveis). Quando O procurei para receber orientação sobre o número especial da “Sanathana Sarathi” a respeito do *Shivarathri* de 1967, Baba pegou Sua caneta e desenhou cinco círculos em um pedaço de papel, com pétalas entre eles, fechando com um círculo dentro do qual eu poderia imprimir o Seu próprio retrato. Nos discos, desenhou os símbolos das principais religiões da humanidade: o *Pranava*, ou *Om*, para indicar a Fé hindu; a Roda para simbolizar a religião ensinada por Buda; o símbolo das chamas do Fogo Sagrado, adorado pelo Zoroastrismo; o Crescente e a Estrela para lembrar o Islamismo; e a Cruz, símbolo do Cristianismo. Ele disse: “Todas as fés são facetas da mesma Verdade, que pode ser descrita como Amor, ou Pureza, ou Caridade, ou Sacrifício, ou Entrega da Vontade. Mesmo aqueles que negam a Deus ou censuram a moralidade, amam alguém ou alguma coisa; falam a verdade para que possam acreditar neles; têm de ser puros para que possam satisfazer suas consciências e as convenções da sociedade. Buscam a paz e a alegria. Essa verdade, esse amor, essa paz, essa alegria é Deus”. Sua Graça é tão vasta e ilimitada que Ele diz que o mundo inteiro é a Sua mansão, com cada país sendo uma sala dela.

Essa é também a razão para o aparecimento do “*Lingam*” em Seu corpo, no *Sivarathri*, pois o *Lingam* é o símbolo mais universal de Deus, o mais simples, o mais fácil de ser compreendido e transcendido. É a Forma que emana do Sem- Forma. O *Lingam* é criado nEle; Ele Se cria no *Lingam*.

Esse é o milagre em Kothnaghatta, uma diminuta Puttapparthi aninhada atrás da colossal imagem monolítica de Gomateswara¹¹¹, esculpida no monte Indragiri, em Sravabelagola, no Misore. Dois meninos dessa aldeia ouviram sobre Baba e fizeram a longa viagem com recursos emprestados. Baba conversou amorosamente com eles, enchendo-os de alegria. Mas disse: “Estou sempre na sua aldeia; vocês podem ter o *darshan* lá; para que vir até aqui?”. Os meninos voltaram com o coração triste, porém saturados pelos cânticos devocionais cantados em Nilayam. Reuniram alguns camponeses da aldeia e cantaram as mesmas canções no templo.

O templo possuía um *Lingam* de mármore instalado, trazido por um aldeão local, que fora a Kasi, cem anos atrás. Ele trouxera dois do rio Narmada e construíra templos para eles, um em sua própria aldeia e o outro em Kantharajapura, próximo dali. Doou terras para os templos, construiu hospedarias e poços para serem usados pelos peregrinos e doou anuidades para os sacerdotes. O *Lingam*, em Kothnaghata, fica a 30 cm de altura, sobre um pedestal. Uma cerimônia diária de adoração é oferecida na tradição *sastrica*, desde sua inauguração, há um século. Quando os meninos cantaram, os mais velhos, sentados nos arredores, perguntaram quem era esse Sai Baba. Os meninos falaram sobre o Sai Baba de Shirdi e o Sai de Puttapparthi e sobre a paz que havia em Prasanthi Nilayam. Logo os sacerdotes notaram algo dentro da imagem: algumas linhas e cores novas, um contorno sendo preenchido dia após dia, e os meninos perguntaram-se o que seria aquilo. Depois de uma semana, viram claramente duas figuras dentro do *Lingam* de mármore – ainda podemos vê-las agora – uma de Sathya Sai Baba (meio corpo, voltado para nós, com uma guirlanda em torno do pescoço) e outra de Sai Baba de Shirdi (de lado, sentado em *Dwarakamayi*, com barba escura e um pano enrolado na cabeça)! Já se passou um ano desde que essa transformação surgiu. Podemos ver a ambos naquela casa de mármore.

Baba já deu vários anéis, com gemas preciosas, junto com a bênção “você pode Me ver dentro desta pedra”, e a pessoa leva, junto com o presente, o Seu *darshan*. Mas essa manifestação acontece em um tempo público onde todos podem sentar-se e esforçar-se, conhecer, para sempre e sempre, o Altíssimo duas vezes encarnado e necessitar dEle! O próprio Baba já direcionou muitas pessoas a Kothnaghata para terem o *darshan*. Seu aniversário é celebrado pelos aldeões com grandes honrarias. Ficar diante daquele altar do Sai-*Lingam* é ser confirmado na fé em Sai; é um batismo de *bhakthi*¹¹² para os cambaleantes e os

¹¹⁰ NR – O autor brinca com as palavras. “*Fuse*” (Fundir), “*refuse*” (recusar, negar) e “*confuse*” (confundir, desconcertar). Nisso também é um grande discípulo de Baba.

¹¹¹ NR – Estátua de 17 metros de altura, de Bhagawan Bahubali. Ali acontece, a cada 12 anos, a celebração da cerimônia Mahamasthakabhishekha, para favorecimento da paz mundial e coexistência.

¹¹² NR - Devoção

deliberadamente cegos. Baba está em cada *Lingam*, em cada ídolo que é adorado pelo homem; todos os *Lingans*, todos os ídolos adorados pelo homem estão nEle – essa é a mensagem que os pássaros, na torre daquele templo, cantam para os peregrinos em Kothnaghata.

O *Shivaratri* de 1967 caiu no dia 9 de março. Baba disse, naquela manhã, à multidão enorme: “O Rio Ganges é um rio sagrado em cada centímetro de suas águas, de Gangotri até o mar, mas alguns pontos ao longo de suas margens, como Hardwar, Prayag, Varanasi e Dakshineswar, são especialmente sagrados, devido a incidentes históricos, ou pela vibração dos templos. Então, embora todos os dias sejam sagrados em Prasanthi Nilayam (e na *Prasanthi* estabelecida por vocês em seus próprios corações e lares), o *Shivaratri* é especial devido à emergência do *Lingam* do Shiva Vivo”. Naquela noite, quando a hora do surgimento foi anunciada pelo primeiro sinal, a tosse, 30.000 corações bateram mais rápido; oraram mais intensamente a Shiva enquanto viam Baba no *Santhi Vedika*¹¹³. Um *Lingam* oval, rosa-escuro, com quatro polegadas de altura, o *Viswa Lingam*, com as órbitas dos planetas brilhando dentro dele, e, poucos minutos depois, um outro menor, o *Jyothir Lingam*, emergiram da boca de Baba. As celebrações ligadas ao festival continuaram até o dia 12, e, nos dias 13, 14 e 15, Baba ocupou-Se em curar e atender os doentes, os enfermos e os mais velhos entre os peregrinos. “Esforcem-se em cada momento para ver o bem, ouvir o bem, falar o bem e fazer o bem”, Ele exortava. “Pratiquem algum *sadhana* (disciplina espiritual) – meditação, repetição do nome do Senhor, cantos. Dêem um passo a frente, e Eu darei dez na direção de vocês. Derramem uma lágrima de penitência, e Eu sequei, de seus olhos, centenas”.

O Sathya Sai *Seva Samithi*¹¹⁴, de Bombaim e a filial da Assembléia de Eruditos nos Vedas de Prasanthi (*Vidwanmahasabha*) de Maharashtra, pediram que Baba passasse alguns dias em Bombaim, e Ele graciosamente concordou. Chegou a Bombaim de carro, no dia 16 de março. Os alunos do Sathya Sai *Vedasastra Patasala*¹¹⁵ de Prasanthi Nilayam, cerca de 60 meninos pequenos, também partiram de ônibus. Baba fez a mesma rota do ônibus para estar presente sempre que os meninos parassem para comer no caminho; cuidou deles com amor de mãe e atendeu às suas curiosidades sobre os locais por onde passavam. Viram as famosas ruínas do Império Vijaynagar¹¹⁶ em Hampi, cenário de milagres do próprio Baba em Sua meninice, o templo de Virupaksha¹¹⁷ (onde Baba deu o *darshan* a Seu irmão e a outros como o próprio Virupaksha) e as imensas imagens monolíticas de Ganesha e Narasimha – tudo sob a orientação do próprio Baba. Os meninos encenaram duas peças musicais em Bombaim, escritas por Baba especificamente para eles e repletas de Sua Mensagem de Coragem, baseadas na divindade inerente do homem.

Radhabhakthi é uma peça estimulante, cheia de cantos populares e danças folclóricas que delineiam a devoção pura das vaqueiras por Krishna, que tinha cativado seus corações, excluindo tudo o mais. Resgata a reputação de Radha da absurda calúnia erótica que comentários maldosos lançaram sobre ela. A peça está centrada no festival organizado em Brindavan para celebrar o aniversário do levantamento do Pico Govardhan por Krishna. Krishna aceita o convite das vaqueiras que ansiavam vê-Lo e prestar suas homenagens. Nanda e Yasoda, Seus pais adotivos, também estavam felizes por poderem vê-Lo. Os preparativos foram feitos pelas vaqueiras para receber Krishna, que trouxe com Ele a nobre Rukmini, mas não a outra rainha, Sathyabhama. Ela tinha muito ciúme da ligação de Radha com o Seu Senhor. Em Brindavan, Radha é forçada a permanecer dentro de casa, pois era um espírito solitário, correndo aqui e ali em busca de seu tesouro perdido. Mas Krishna parou diante da sua porta e, quando a trouxeram para diante dEle, esclareceu a verdadeira natureza do Amor Divino, do qual ela era a mais pura representação.

Baba cumpre a tarefa do *Dharma-sthapana* (estabelecimento do *dharma*) por meio de vários canais: ensino direto, escritos, discursos, incentivo, conselhos, explicações, fortalecendo os propósitos do *dharma* (como templos, locais sagrados e eruditos), limpando os textos antigos que ficaram manchados pelos maus entendimentos através do tempo e pelo toque de escorregadias canetas. O Radhabhakthi é um exemplo desse expurgo. O Bhagavatha Vahini, que Ele está escrevendo no Sanathana Sarathi, traz a clara torrente curativa que o Bhagavatha original possuía, antes de receber o fluxo contaminador das interpolações.

¹¹³ NR – Uma estrutura comemorativa de 8 pilares, no estilo clássico, com afrescos de cenas do Githopadesh e do Ramayana, do Shivalingam e do Pranava.

¹¹⁴ NR – Os Seva Samithis são os Centros e Grupos Sai na Índia, formados por pessoas mais velhas, responsáveis pela organização Bhajan Mandalis, Nagarasankirtan, círculos de estudo e a celebração dos dias sagrados para comemorar a grandeza dos santos e sábios.

¹¹⁵ NR – Escola de Doutrina Védica.

¹¹⁶ NR – “Cidade da Vitória” – Maior império no sudoeste da Índia, foi fundado em 1336. Hampi, sua capital, era considerada maior que Roma.

¹¹⁷ NR – O Templo **Virupaksha**, ou Pampapati, tem sido considerado, através dos séculos, o templo mais sagrado de Hampi.

A peça sobre Sakku Bai, que os meninos encenaram em Bombaim, também foi uma surpresa agradável, pois Baba representou nela, pela dança e pelo canto, a mensagem do “sofrimento sendo o mais gentil dos mestres”. A cena em que os “ídolos” de Panduranga e Rukmayi¹¹⁸ estão vivos, conversando sobre a situação de Sakku¹¹⁹ e as implicações do seu sofrimento é uma boa lição sobre a Filosofia da Graça. Sua Excelência, o Governador de Maharashtra disse, enquanto cumprimentava os meninos pela sua incrível encenação: “Vocês são os emissários da grande cultura desta terra”.

Baba dirigiu-se à imensa multidão no King’s Circle e no estádio Vallabhai Patel, acendendo, no coração de todos que O ouviram, a lâmpada de *jnana* (sabedoria). “Fogo e Água, em conjunto, produzem o vapor que pode puxar pesados vagões. *Karma* (ação) e *Upasana*¹²⁰, da mesma forma, produzem *jnana*, que podem levá-lo, junto com a pesada carga das conseqüências dos seus pensamentos, atos e palavras, de várias estadas anteriores na Terra, até o Senhor interior”.

Os alunos eram maioria no estádio no dia 21 de março, e Baba deu a eles bons conselhos. “Como o tigre que recusa a grama, mesmo faminto, o homem deve recusar descer aos baixos níveis do escândalo, crueldade e avareza. A ganância e o egoísmo que infestam este país são tragédias para a humanidade, porque a Índia tem o papel de guiar e conduzir a humanidade para a meta da auto-realização. A juventude da Índia está crescendo nas estufas das facções e das paixões e não, como no passado, nos frescos caramanchões da reverência e da humildade. Os mais velhos sucumbem em lutas fratricidas, disputas vingativas, meios corruptos para ganhar dinheiro e competições vorazes; seu mau comportamento em casa, na aldeia, nos clubes, nos locais cívicos, nos tribunais, em todos os campos da vida estabelece os padrões para a juventude. A cultura indiana, que é realmente internacional em sua estrutura, tem de ser ensinada e vivida nas escolas e universidades da Índia, para que a Índia e o mundo possam ser felizes e contentes”, disse Baba.

Baba tem um interesse especial pela juventude, pois recai sobre ela a responsabilidade de sustentar o *dharma*. Mantendo-a próxima a Ele, molda-a em instrumentos de serviço e praticantes de *sadhana*. Concede a ela a Graça e ganha a sua lealdade. Então lhe diz com Seu Amor ilimitado: “Vocês são os Meus membros, nutridos por Mim. Constituem o Corpo Sai. Sai lhes enviará sustento e suporte onde estiverem, independente da função que desempenharem, desde que dêem a Sai aquilo que Ele considera desejável: virtude, fé, disciplina, humildade, reverência”. É difícil resistir a esse chamado.

Baba planejou Círculos de Estudo nas escolas e universidades para o exame das escrituras e textos sagrados, conforme as aspirações e deficiências atuais; recomendou o recrutamento e treinamento de grupos de rapazes e moças nas disciplinas de *japam* (constante repetição por 108 vezes do Nome do Senhor) e *dhyana* (meditação) e também na técnica de atender e amparar os doentes e desamparados. “Os membros deste Sathya Sai *Seva Dal* (servidores voluntários de Sai) devem estar saturados de devoção a Deus e serviço ao homem, o ‘término’ e o ‘ponto de partida’ da peregrinação chamada vida. O servidor (*Dal*) deve ansiar por servir e ser capaz de servir com inteligência, sincera e alegremente”, aconselhou. Baba encoraja os devotos a realizarem aulas de instrução moral e religiosa nas escolas, nas bases amplas do Sanathana Dharma. Recomenda o estabelecimento de hospedarias onde os alunos possam assimilar as disciplinas do *yoga* e do *sadhana*, enquanto prosseguem seus estudos em uma atmosfera de silêncio e serenidade.

No King’s Circle, o estádio, e na mansão onde ficou em Andheri, Baba realizou, incessantemente, Sua missão de misericórdia, derramando Sua graça sobre os doentes, os idosos e os mentalmente desnorteados, os proscritos, a ralé e a escória desta era civilizada. Desceu do palco decorado e da cadeira prateada e caminhou lentamente entre as filas de homens e mulheres sentados, buscando aqueles que precisavam da Sua atenção e reconhecimento, fazendo o *Abhayastha* (gestual de proteção), numa homenagem às pessoas. Encontrou tempo também para resolver problemas espirituais e até confusões pessoais de indivíduos que O procuravam para receber orientação e bênção. Respondia com alegria e abençoava as casas dos devotos; as casas ficavam, muitas vezes, em andares superiores de habitações sem elevadores ou em mansões, e Ele subia e descia muitas escadas a cada dia, com o entusiasmo brotando de um Amor sem limites. Ao adentrar a casa, Baba brincava e ria, apreciava e aconselhava, brincava amorosamente e presenteava todos os membros da família, pois é Amigo e Pai, Mestre e Mãe, Guardião e Deus para as famílias que O procuram.

No dia 27 de março, Baba viajou de avião a Jamnagar, Saurashtra. Foi uma oportunidade bem-vinda para os funcionários do aeroporto, em Bombaim e Jamnagar, de tocarem os Pés que milhões anseiam

¹¹⁸ NR – Panduranga=Krishna; Rukmayi=Uma das esposas de Krishna.

¹¹⁹ NR – Famosa devota de Krishna.

¹²⁰ NR – Literalmente, “aproximar-se para adoração”.

segurar. No vôo, Baba chamou a atenção das pessoas que estavam com Ele para as cenas encantadoras do mar e da terra, pintadas pelo Mestre artista para Seu próprio deleite. Saurashtra é adornada com muitos círculos de estudos e grupos de *bhajans* Sathya Sai; Baba derramou Sua Graça sobre essa terra quando ainda em Shirdi, e, agora que retornou, atraindo as pessoas das cidades e aldeias pela concreta evidência de Sua presença e benevolência, o nome da cidade rapidamente mudou para Sairashtra. Quando perguntei a alguém, em Jamnagar, a razão do número sem precedentes de homens e mulheres que afluíam para a área onde haveria o Encontro Público, ele me respondeu: “Em cada aldeia próxima, Baba anunciou a Sua Presença e Graça por meio de sinais inegáveis, como o aparecimento súbito de *vibhuthi* nos altares onde é adorado!”

Baba ficou na Pousada Amar Vilas Palace e foi cordialmente recepcionado pela *Raja Matha*¹²¹ de Jamnagar. Foi até a varanda várias vezes, até bem depois da meia-noite, para dar o *darshan* a centenas de pessoas que chegavam. Em Jamnagar, inaugurou um amplo salão que servirá de sede para o *Sathya Sai Seva Samithi*¹²². Foi, então, até o imenso *pandal*¹²³ que estava cheio, superlotado; os devotos transbordavam pelos campos, por todos os lados, por centenas de metros. Notando algumas crianças doentes, Baba criou *vibhuthi* para elas, e emocionou a assembléia com a evidência de Sua Misericórdia e Poder. Retornou ao palco e cantou alguns *namavalis*¹²⁴ que as pessoas repetiam depois dEle. Falou a elas sobre a necessidade de alimentarem o espírito, assim como alimentavam o corpo; o alimento do espírito é “*japam, dhyana e namasmarana*”, Ele disse. Após o encontro, Baba esteve com membros do *Seva Samithi* (grupo de *seva Sai*) e orientou-os para trabalharem em harmonia, sem nenhum sentimento de ego. “Nenhum homem pode reivindicar ter conseguido esta ou aquela vitória, pois todos são apenas instrumentos nas mãos do Senhor”, disse.

Ao amanhecer do dia 28, Baba deixou Jamnagar de carro e foi para Bhavnagar, parando no caminho em Rajkot para dar o *darshan* a milhares de pessoas ali reunidas. Cantou alguns *bhajans* e, percebendo algumas pessoas doentes, Sua Misericórdia o induziu a dar-lhes algum *vibhuti*, criado no próprio local. Os jornais Jai Hind e Phul Chhab noticiaram a viagem de Baba em todas as aldeias próximas, antes do nascer do sol daquele dia e, portanto, Ele teve de parar de tempos em tempos, para permitir que os aldeões pousassem seus olhos sobre o Senhor que adoravam. A mão de Baba acenava *abhayam*¹²⁵ durante todo o caminho, do início ao fim.

Baba chegou aos arredores de Bhavnagar por volta das onze horas da manhã. Os cidadãos tinham planejado levá-Lo em procissão, em um carro enfeitado com flores, pelas ruas também enfeitadas em arcos, flanqueado por alunos e multidões fervorosas. Mas como a cidade já estava muito cheia de visitantes, Baba viu que uma procissão traria problemas para o trânsito da cidade. Anunciou que o *darshan* seria dado em outro local, isto é, na prefeitura. Já vimos, muitas vezes, Baba encarregando-se dessas situações durante as Suas visitas, quando os organizadores ficam paralisados pela magnitude das multidões e não conseguem pensar em uma solução. Baba ficou na mansão de Abdulla Noor Mahomed, em Takheswar. Deu o *darshan* às multidões no terraço do bangalô. Foi por volta das cinco horas da tarde e dirigiu-se a todos por mais de uma hora. “Não se apaixonem pelo mundo para não serem trazidos várias outras vezes a este amálgama ilusório de tristeza e alegria”, disse. “Vocês pegam o jornal, lêem-no e descobrem que o mundo está louco e fútil, cheio de cafajestes e extravagantes; seguro pela hipocrisia; o heroísmo é fútil e a fama, momentânea; vocês descartam logo o jornal, desgostosos. Assim, também, devem cuidar da vida. Compreendam que tudo é uma fantasia, uma peça teatral, um drama, uma pantomima. Usem o mundo como um instrumento, como um campo de treinamento para o serviço, para o sacrifício e para ganhar a libertação¹²⁶. Fiquem um pouco afastados e observem tanto a peça quanto o Diretor que a produz”. Mais tarde, Baba assentou a pedra fundamental para o *Sai Mandir* (Templo Sai) da cidade de Bhavnagar. No dia 29, Baba foi de avião a Bombaim, para retornar de carro a Navsari, no Gujarate, no dia 30 de março.

Navsari tinha quatro vezes a sua população concentrada no local do Encontro! Havia pouco espaço para a gigantesca multidão, ansiosa para obter o *darshan* e ouvir o discurso de Baba. Ele passou pelas

¹²¹ NR – Raja Matha = Mãe ou esposa do rajá.

¹²² NR - Grupo, formado por pessoas com mais experiência, que organiza eventos e atividades Sai; são centros ou grupos Sai na Índia.

¹²³ NR – Uma estrutura temporária, feita de bambu e panos, semelhante a um toldo, usado como um templo temporário para fazer *puja* (ritual de adoração).

¹²⁴ NR – Letra de uma canção chamando os nomes de Deus, lida como um poema.

¹²⁵ NR – Gesto de proteção.

¹²⁶ NR – Libertar-se do ciclo de nascimento e morte.

centenas de alas na compacta multidão, para dar-lhes o *darshan*, mas a devoção não conseguiu segurar as pessoas em seus compartimentos; empurravam-se rumo ao palco para conseguir um *darshan* mais de perto e não conseguiram fazer o silêncio necessário ao *bhajan*.

Então Baba prosseguiu para Baroda, a fim de salvar as pessoas das conseqüências do tumulto que estavam em vias de criar. Vinte milhas distantes, quando Seu carro se dirigia ao destino, Baba ouviu os *bhajans* cantados por cerca de 4000 pessoas sentadas em um espaço ao lado da estrada. Os devotos de Ubel fizeram uma promessa de cantarem *bhajans* continuamente por 12 horas e oraram para que Baba viesse até eles, por Sua vontade. A promessa deu frutos. Baba ficou feliz com sua disciplina exemplar; desceu do carro, caminhou entre eles e deu *vibhuti* a alguns; depois subiu ao palco e, por cerca de vinte minutos, cantou *namavalis* para eles repetirem após Ele. Então, voltou para o carro sem tentativas de caírem a Seus pés e prosseguiu. Os *bhajans* continuaram sendo cantados pela multidão até a hora determinada.

Baba passou a noite em Baroda. No dia 31 de março, encontrou-Se com membros do Grupo de *Seva Sathya Sai* de Baroda, dos Círculos de Estudos de Jambusar e de outras aldeias próximas. Cerca de 200 pessoas receberam o Seu *Darshan*, e alguns, o seu presente especial – *vibhuti* – criado no momento.

De volta na estrada para Bombaim, no dia seguinte, os carros passaram por Navsari, e, no início da tarde, membros do grupo procuraram por um local próximo da estrada, debaixo de uma mangueira ou de um grupo de outras árvores, onde o almoço pudesse ser servido. Baba parecia desinteressado. Sinalizava para que os carros prosseguissem, até que se aproximaram de uma escola. Baba parou e pediu que sondassem se a escola estava funcionando. Não estava; havia uma hospedaria onde moravam alguns alunos de agricultura. Baba fez os carros virarem para entrar pelo portão da hospedaria e concedeu Sua graça aos hóspedes. Deu a cada um uma fotografia Sua, *vibhuti* e dinheiro suficiente para um novo par de roupas; enquanto isso, alunos, funcionários e aldeões vizinhos se reuniram ali, e Baba falou-lhes por cerca de meia hora. Todos tiveram o prazer único do *darshan*, *Sparsan* e *Sambhashana*¹²⁷! Depois, Baba disse saber que havia uma escola onde poderia conceder alegria a muitas pessoas. Baba diz que toda palavra Sua tem significado, todo ato Seu produz benefício.

No segundo dia de abril, Baba estava em Pune, onde Se dirigiu a uma reunião de 20.000 pessoas no M.E.S. College. No dia 3, houve uma sessão de *bhajans* na mansão Riverside (do sr. Banatwala), e lá Ele concedeu entrevistas a vários oficiais das Forças Armadas. A Associação de Andhra deu-Lhe as boas-vindas à noite, e Ele fez um discurso no local. Revelou ali o que transpirara mais cedo. “Conversei com os Diretores de Pune a respeito do treinamento moral e espiritual de meninos e meninas. Logo haverá, em Pune, uma instituição em que pais, professores e líderes estudantis serão treinados para orientar crianças ao longo do caminho correto, por meio do ensino dos princípios fundamentais da religião e da moralidade; os alunos serão também treinados em yoga e meditação, para que cresçam fortes e firmes”.

Baba deixou Pune no dia 4 de abril e chegou a Prasanthi Nilayam no dia 7, após uma curta parada em Hyderabad. No dia 10 de abril, dirigindo-se a uma reunião de devotos que esperavam para receber a mensagem e as bênçãos do Ano Novo, Baba declarou que a viagem por Maharashtra e Saurashtra fora um fluxo sem precedentes de deleite espiritual.

Nos dias 20 e 21 de abril, uma Conferência Geral de Dirigentes de todas as Organizações Sathya Sai de toda a Índia, foi realizada em Abbotsbury, Madras, na presença imediata de Baba. Foi um evento histórico, rico, de enorme potencialidade para a elevação do *dharma*. Quase mil delegados de todos os estados da Índia (e de vários países ultramarinos) participaram alegremente da conferência. Aquecendo-se por dois dias sob o sol da Glória de Baba, eles voltaram para casa recarregados de um novo entusiasmo e vibração singular. Representantes de cada estado se adiantaram, a pedido do Dr. B. Ramakrishna Rao (Presidente da Assembléia de Eruditos de Prashanthi de toda a Índia e ex-Governador de Kerala e Uttar Pradesh), que presidia a conferência, e fizeram sua apresentação revelando as variadas formas em que a devoção a Baba e Seus ensinamentos têm sido expressos, para atender às necessidades e resolver os problemas das pessoas. Encontros de grupos cantando em coro a Glória de Deus era característica comum; foram realizados círculos de estudo para aprender sobre a mensagem e os ensinamentos de Baba e tentativas de levar a cultura indiana e o *Sanathana Dharma* para as pessoas comuns, por meio de discursos dos eruditos; houve uma exibição pictórica ambulante, representando as parábolas e metáforas ilustrativas que Baba utiliza para esclarecer problemas profundos de filosofia ou de *sadhana* e também um seminário de três

¹²⁷ NR – *Darshan* (Bênção que flui para o discípulo pela simples visão de um Ser Iluminado); *Sparsan* (pelo toque do Santo); *Sambhashana* (ao ouvi-Lo).

dias sobre “A vitória de *Prashanthi* no contexto do mundo moderno”, realizado em mais de cinco cidades no estado de Mysore.

Baba solicitou que os delegados dos países ultramarinos também expressassem a sua visão. O delegado de Hong Kong disse que o grupo frequentador dos *bhajans* e das reuniões de estudo ali era uma miniatura da ONU e Ele encontrara um grande entusiasmo pelo *yoga*, pelo *sadhana* e também pelo *namajapa* no Japão. Disse que o anseio por Deus ainda está adormecido na república da China e pediu a tradução de livros de Baba e sobre Baba para o chinês e o japonês. O delegado da África Oriental descreveu como os grupos de lá têm tanto a oração congregacional no estilo de Prasanthi Nilayam quanto o estudo dos trabalhos de Baba como parte do seu *sadhana*. O delegado do Ceilão¹²⁸ citou casos da Graciosa Presença de Baba em seu país, como ficou evidenciado pela inegável experiência dos devotos, e alegrou o grupo ao declarar que Baba estava no Ceilão tanto quanto em qualquer outro lugar. O delegado da Noruega descreveu a difícil situação das pessoas que perderam a fé em Deus e não adquiriram fé no homem; falou da sua própria hesitação em aceitar vários dogmas ocidentais e do seu estudo do *yoga* e da filosofia indiana: “No dia 25 de fevereiro de 1965, eu estava sentado em frente ao *Samadhi* em Shirdi, quando um desconhecido de camisa azul aproximou-se de mim e fez a seguinte pergunta: “Você já viu Sathya Sai Baba? Se existe um Deus na Terra, é Ele. Ele está vindo a Bombaim no dia 14 de março. Você deve vê-Lo. Este é o *vibhuthi* produzido pela Sua mão. Esta é uma foto dEle”. Foi assim que Baba me chamou, pois, como soube depois, o dia 25 de fevereiro, data em que Baba chegou a Bombaim, era conhecido somente por Ele”.

“Quando enviei uma carta a Baba no dia 14 de março, estando Ele no Palácio Gwalior, em Bombaim, o Sr. L.C. Java pegou a carta rapidamente, dizendo: ‘Baba me disse, uma hora atrás, que um estrangeiro viria com uma carta e eu a levasse a Ele sem demora! Somos todos abençoados’, disse ele, ‘pois fomos selecionados para difundir as notícias do Seu advento e da Sua mensagem pelo mundo’.”

O Dr. Ramakrishna Rao disse que o rápido avanço na ciência e na tecnologia, sem a correspondente melhoria na força moral (na verdade com o rápido declínio da moralidade e da virtude), está trazendo um problema crucial para a humanidade, *o problema da sobrevivência*. Os intelectuais da Índia desconhecem as raízes de sua cultura e são apologeticos quando confrontados por perguntas veementes ou por obtusos difamadores. A insistência de Baba em *Sathya*, *Dharma*, *Shanthi* e *Prema* é a única possibilidade de cura de um mundo doente. Aqueles que ouviram e compreenderam o Seu chamado formaram, em sua própria vizinhança, associações e sociedades, institutos e instituições, reunindo as mentes afins para se inspirarem mutuamente. Mas isso aconteceu de modo casual e, por isso, Baba nos reuniu para que não nos desviássemos do caminho do *sadhana*; precisamos seguir certos princípios básicos de organização eficiente e exemplar. Baba declarou que a publicidade mais eficiente para o Advento é feita pelo homem que pratica os Seus ensinamentos e prova, pelos seus pensamentos, palavras e obras, que está vivendo a paz e a alegria decorrentes disso. Assim como as águas de um rio agitado são contidas pelas barragens, o entusiasmo da devoção precisa ser regulado por certos princípios aceitos. Mas, no contexto das regras e regulamentos, disse Baba, as pessoas não devem ignorar a *raison d’etre*¹²⁹ da Organização Sathya Sai – tornar todos conscientes da Alegria, Paz e Sabedoria que elas têm e são!

A Organização Sathya Sai é somente o reflexo, nos membros, do Sai Único a Quem todos adoram. Quando mais claramente Ele é refletido, maior o serviço que alguém pode fazer. A Conferência nomeou comitês, listou os resumos de suas deliberações e decidiu seguir certas diretrizes gerais – mas estes não foram os ganhos principais. O principal foi Baba. Ele persuadiu, convenceu, aconselhou, conversou e, como um amigo íntimo, derramou Seu amor em todos. Sentou-Se com os delegados durante o café da manhã, o almoço e o jantar; reuniu-Se com eles nos grupos distritais. Tinha uma solução pronta para cada dificuldade. Seu sorriso foi cobiçado por todos e concedido a todos. Sentou-Se com eles para fotos. Penetrou no coração de cada um. A universalidade e a validade inatas do Seu ensinamento conquistaram uma recepção entusiasmada.

“Vocês devem servir aos outros, porque não terão paz enquanto a paz estiver sendo negada ao outro; devem transformar cada coração, inclusive o de vocês, em uma *Prasanthi Nilayam*; trabalhem sem desânimo ou orgulho; cooperem com todos que são bons e altruístas. Mantenham contato com todas as pessoas que caminham com dificuldade ao longo da senda rumo a Deus, qualquer que seja o Nome que Lhe dêem, qualquer que seja a Forma que Lhe atribuam, até que O alcancem e saibam que Ele é todos os Nomes e Formas”, Baba os exortou. Os delegados partiram com as bênçãos de Baba reverberando em seus ouvidos:

¹²⁸ NR – Hoje esse país chama-se Sri Lanka.

¹²⁹ NR – O motivo pela qual ela existe.

“Marchem em frente como um grupo unido e corajoso, buscando pelo Deus que reside em cada ser e reverenciando-O com o serviço devotado”.

Nos dias 22, 23 e 24 de abril, dezenas de milhares de pessoas ouviram Baba e alguns eruditos falarem nas Sessões da Prashanthi Vidwanmahasabha¹³⁰, realizadas em Madras. Os Dr. V.K. Gokak e D. Litt dirigiram-se a Baba como “Redentor do mundo” e como “Salvador cuja misericórdia acena, a cada filho da terra, para Deus”. “O mundo tem ignorado a unidade de espírito e matéria e não acredita em nada além da matéria. O verdadeiro progresso virá somente quando o homem buscar não a informação, mas a transformação, e descobrir a sua própria realidade, que repousa por baixo das grossas camadas do erro e da ilusão”. No dia 24, o Dr. S. Bhagavantham, conselheiro científico do Ministério de Defesa do Governo da Índia, discursou. Disse: “É um raro privilégio que se pode obter o de ser convidado, por qualquer aptidão, para estar na mesma plataforma com Bhagavan Sri Sathya Sai Baba. Baba colocou-me em várias tribulações, mesmo na área da ciência. Anos atrás, em uma das minhas primeiras confrontações com Ele, Baba disse: ‘Os cientistas não têm fé em Deus, não é? Você, em particular, tem algum respeito pelos textos antigos deste país, como o Bhagavad Gita, por exemplo?’. Isso atingiu o meu orgulho. Para estabelecer uma boa relação com o meu grupo, comentei com Ele sobre Oppenheimer e sua frase quando a primeira bomba atômica experimental explodiu: ‘*Divisurya sahasrasya...*’, que ele aprendera na *Bhagavad Gita*. ‘Os verdadeiramente eruditos entre os cientistas’, disse, ‘conhecem a sabedoria dos textos antigos, dos *Upanishades* e da *Gita*’. ‘Você gostaria de ter um deles?’, Ele me perguntou e pegou entre os dedos alguns grãos de areia da margem do rio Chitravathi, onde estávamos sentados em volta dEle. A areia se transformou em um texto da *Bhagavad Gita*, que Ele colocou em minhas mãos. Examinei-o mais tarde para descobrir a editora e onde tinha sido impresso; nem é preciso dizer que não havia nenhuma indicação lá. Essa foi a retumbante denúncia das leis da física que eu defendo. Depois, Ele realiza uma operação cirúrgica na minha frente, criando faca, agulha, bandagens – todo o necessário. Era uma pessoa perdida naquele momento”.

“O Dr. Gokak disse ontem que Baba ‘desafiou’ as leis da física e da química! Ele não desafia as leis, Ele as transcende. Ele é transcendental. É um fenômeno. É Divino. Essa é a maneira correta, a maneira segura para eu sair do dilema. Nós, cientistas, somos um grupo bem humilde; toda vez que adicionamos algo ao que já sabemos, compreendemos que existem mais coisas que ainda teremos de saber. Aumentar o conhecimento é outra maneira de dizer que aumentamos a área de ignorância. Enquanto estou falando, uma máquina feita pelo homem está cavando, na Lua, a 400.000 km de distância, uma vala de meio metro de comprimento e 23 cm de profundidade. Sabemos que apenas o conhecimento pode ser adquirido. Mas e a sabedoria? Essa tem de ser obtida de Baba. Bhagavan é o nosso parente mais próximo, voltem-se para Ele para receberem a mensagem eterna. Somente isso nos salvará”.

Durante os discursos que fez nas três tardes, Baba enfatizou a importância da dedicação para que a atividade se torne significativa e conduza à felicidade. Disse que o homem deve ser lembrado de sua divindade essencial para não deslizar para o lado bestial, que aterroriza e paralisa. “O medo é algo que jamais afeta o homem que sabe que é uma centelha do Divino”, disse.

De Madras, Baba prosseguiu para as Colinas Nilgiri¹³¹ e, após uma rápida visita a Calicut, na costa do Mar Arábico, continuou para as colinas Anamalai, área de plantação de café e chá, para inaugurar uma escola secundária; chegou a Prashanthi Nilayam para o Festival do Guru Purnima, que, após o inesquecível milagre de *Shiva-Shakthi*, adquirira um carisma memorável. Uma semana mais tarde, Baba foi para Whitefield, e dali subiu para as Colinas Horsley com alguns devotos, para passar um tempo naquele local tranquilo, 1.200 metros acima do nível do mar. Não demorou muito para que as pessoas dos vales próximos soubessem que Baba difundia Seu brilho no seu meio; elas subiram em grandes grupos, para vê-Lo durante os catorze dias da Sua estada e foram amplamente recompensadas, nas sessões de *bhajans*, com *vibhuthi* diretamente de Suas mãos. O pequeno grupo de aspirantes que Baba trouxera com Ele recebeu dEle a elucidação para os vários nós górdios¹³² do *sadhana* que colocavam diante dEle.

“Vocês os chamam de milagres, mas para Mim são somente a Minha maneira; vocês não podem solucionar o mistério; para Mim, não são mistério, mas parte da Minha essência miraculosa”, disse Baba. Os devotos, nas Colinas Horsley, tiveram várias oportunidades de vivenciar o mistério divino. Enquanto

¹³⁰ NR – Academia de Estudos Védicos de Prashanthi

¹³¹ NR – Região montanhosa no Estado Tamil Nadu, no sudeste da Índia, onde Baba tem um *ashram*.

¹³² NR – Górdio, rei da Frígia, criou um nó impossível de ser desatado. Em 333 AC Alexandre, o Grande, cortou-o com a espada. O assunto ficou resolvido.

caminhava devagar entre as árvores, Baba viu uma trepadeira de jasmim e, pegando uma flor, soprou sobre ela, que se transformou em um diamante de brilho espetacular. Em outro dia, deu a um devoto que estava próximo um pedaço de granito apanhado no chão; mas não foi uma pedra que ele recebeu. A pedra se transformara em açúcar-cande!

Em outro dia, Ele criou rosários e artigos sagrados e doou-os aos *sadakas* (buscadores espiritual). Materializou um vaso de “prata” cheio de precioso néctar, que somente Ele sabe como e quando “preparar” e deu algumas gotas daquela Graça a cada um. Howard Murphet, da Sociedade Teosófica, e sua esposa estavam com Baba nas montanhas. Escreveu: “Sei que não era um cínico quando vim para a Índia. Sabia que era cético, porém não incurável. A minha abordagem tem sido sempre a de cautela científica. Eu precisava ver e tocar para acreditar. Por uma estranha teia de circunstâncias (que só posso dizer que foi devido à Graça de Baba), encontrei Sai Baba! Ele foi gentil comigo. Vi e toquei coisas incríveis e milagrosas; percebi, para satisfação do meu lado crítico, que milagres *acontecem*. Os atos falam mais alto que as palavras. A Palavra é poderosa, mas ‘na Palavra feita Carne’ vemos dramaticamente o Seu poder. Então Ela se torna um forte amparo para a nossa fé vacilante”.

Enquanto aconselhava os devotos um dia, como escreve Murphet, a

Alcançar além dos portais,
Onde a parte é o Todo,
Além de todo pensamento, de todo sentimento,
Além das estrelas e do sol,
Além do Zero Cósmico,
Onde todas as coisas são Uma.

Baba criou um quadro, que deu a um devoto, do Purusha Cósmico, o Universo como uma pessoa (o Virat Swarupa) incorporando todos os deuses e demônios, todas as estrelas e céus, todos os seres e o vir-aser, incluindo a Si mesmo e o corpo anterior de Shirdi.

Murphet escreve: “Em tudo isso, não devemos perder de vista o maior milagre de todos! Este é o milagre de Seu *Prema* – Seu Amor Divino. Embora Universal (atingindo todos os homens), é, ao mesmo tempo, Individual. Você o sente dirigido direta e bem-aventuradamente a você. Como colocou um dos seus devotos: ‘Cada pessoa acha que Baba o ama particularmente’. Sim, esse puro amor – universal, embora individualizado, é o milagre central do qual vêm todos os outros como subprodutos. O derradeiro produto principal dessa corrente de *prema* é elevar-nos ao conhecimento do nosso ser espiritual verdadeiro, a uma realização da nossa unicidade com toda a vida, com o Autor de toda a vida. Como deve ter havido poucos pelos quais fluiu esse rio milagroso de amor puro e altruísta, com seus turbilhões e redemoinhos de milagres menores! Como temos sorte e somos abençoados por termos Esse na Terra e ainda estarmos com Ele!”

Baba diz que o mundo não é um sonho vazio e sem sentido; é uma peça com sentido e enredos dentro do enredo. Deus encena os papéis. Cuidado, portanto! Reconheçam-No quando virem a majestade, a beleza, a ordem, a harmonia e a melodia no palco. Ele usa várias máscaras para esconder-Se. Diz que também desempenha um papel agora e que o faz de livre vontade.

Baba chegou a Prashanthi Nilayam vindo de Brindavan, Whitefiled, no terceiro dia de julho; os Murphets O acompanharam todo o tempo, atraídos pelo Amor que Ele derramou sobre eles. Howard Murphet falou sobre Baba em *Prashanthi Nilayam* nos dias 21 e 23. A Dra. Judith (Jyothi-priya) Tyberg, do Centro Cultural Leste-Oeste, Los Angeles, discursou aos residentes; teve uma longa conversa com Baba, durante a qual perguntou se filmes sobre os Seus milagres poderiam ser levados e mostrados para convencer as pessoas da Sua autenticidade. Baba respondeu que as dúvidas persistiriam. Somente pelo fortalecimento da própria fé, esclarecendo as dúvidas da própria mente, é possível convencer os outros. “A fé viaja de uma mente para outra”. Baba, então, criou alguns doces para o grupo, demonstrando que não tinha nada em Sua mão ou em Sua manga. Eles chegaram por meio do Seu “*sankalpa*, resolução”. Disse que não estavam na mão, mas na cabeça. Dessa forma, revelou-Se para a Dra. Judith, pois ela era uma discípula ardente, mergulhada na devoção e no estudo. Sua artrite tinha sido milagrosamente mitigada por Baba, que enviou, para ela usá-los, alguns pacotes de *vibhuthi*, por uma pessoa que voltou aos EEUU depois de estar com Ele. Ele disse para ela: “Estou em todos os corações. Estou com todos. No entanto, nunca partilho sua dor ou alegria. Nunca experimento tristeza ou raiva. Sou *Anandaswarupa* e *Premaswarupa* (encarnação da Bem-Aventura e do Amor Divino)”. Não é de admirar que o Maharshi Mahesh Yogi, o principal proponente

da meditação transcendental, o homem santo que fascinou fortemente a juventude do Ocidente (“Nós, que estamos extremamente cansados da nossa cultura ocidental decadente e morta, seguiremos Sua Santidade, nosso Mestre, até a tumba”, diziam os hippies para ele) desejou que Baba *abençoasse* os “líderes da juventude do mundo que estão treinando em Sankaracharya Nagar, Rishikesh, para se tornarem os líderes da juventude”.

No dia 30 de julho, Baba visitou a Faculdade de Engenharia de Anantapur, cerca de 96 km distante de Nilayam. Destacou para a grande reunião de alunos e mestres que a educação degenerou em cursos de treinamento meramente voltados para ganhar a vida, não para alcançar a meta da vida. Ensina habilidades, confere erudição, mas não se preocupa com as fontes latentes nos níveis mais profundos da consciência, as fontes da solidariedade, serviço e renúncia, o anseio por retornar ao céu de alegria de onde viemos. Baba disse que o homem está sendo influenciado pela histeria das massas em todos os países, e, por isso, seu coração está endurecendo, sua inteligência torna-se como madeira, e sua mente, como máquina. Aos alunos devem ser ensinadas as disciplinas que os possibilitarão encarar o *stress* da vida e lutar contra os adversários internos – a luxúria, a ganância, a malícia e o ódio. Baba demorou-se por mais três dias em Anantapur, presidindo as sessões da Prashanthi Vidwanmahasabha¹³³.

O quinto dia de agosto de 1967 é digno de nota na história de *Prashanthi Nilayam*, pois, naquele dia, ela foi formalmente constituída como uma cidade com um Prefeito e um Comitê que farão sua administração urbana. Falando sobre a aldeia de Puttaparthi, cuja área foi separada naquele dia, Baba disse que jamais haverá qualquer sinal de “separação” na mente dEle quanto na de Seus devotos. “Brindavan pertence a todos; Govinda é o Deus de todos”, disse. Aconselhou o prefeito e os membros do comitê a servirem, com amor e cuidado, aos residentes e também aos demais membros da família Sai que venham ao local.

Baba foi a Mandya (conhecida como a Cidade do Açúcar) a convite do Ministro¹³⁴ da Educação do Estado do Mysore, no dia 20 de agosto. Havia, no mínimo, cem mil aldeões reunidos nos imensos espaços abertos dentro e fora do estádio. O Ministro disse que estava feliz “por tantos dos meus compatriotas estarem entusiasmados para receber o *darshan* de Bhagavan e ouvir Sua mensagem. É um bom presságio para o futuro desta nação”. “Vocês são legitimamente orgulhosos dos grandes templos que existem no seu distrito, construídos por grandes arquitetos, escultores e mestres artífices. Mas lembrem-se de que esses graus de excelência artística são atingidos pelos homens na música, escultura, pintura, poesia, drama, arquitetura, etc. somente quando a habilidade é dedicada a Deus no homem”, disse Baba em resposta ao discurso de boas-vindas deles.

Durante a primeira semana de setembro, Baba foi tão movido por *Prema* (Amor Divino) que andou 640 km de carro até o leito do Dr. Ramakrishna Rao, em Hyderabad, a fim de conferir a ele, durante sua crítica doença, as dádivas inestimáveis do *darshan*, *sparshan* e *sambhashana*. A última função que Ramakrishna Rao assistiu em *Prashanthi Nilayam* (onde seu coração sempre estava) foi a sua inauguração como cidade. Ele foi nomeado por Baba como Presidente da Academia de Eruditos Védicos de toda Índia de Prashanthi (*Vidwanmahasabha*), pois era um erudito, poeta em várias línguas e um devoto ardente. Quando fora Governador de Kerala, teve a honra de receber Baba naquele estado mais de uma vez; como Governador de Uttar Pradesh, ficou feliz em acompanhar Baba a Ayodhya, Kasi, Prayag e Badrinath. Costumava traduzir os discursos de Baba em télugo, rápida e corretamente, para o hindi.

Baba concedeu-lhe supremo contentamento e alegria durante a última fase de sua vida. “Recebi o que buscava”, repetia ele, quando Baba veio até seu leito. No dia 14 de setembro, depois da meia-noite, poucos minutos antes do fim, ele assegurou aos membros da sua família que “Baba os protegerá e os guiará, como tem feito há tanto tempo”. Então entoou, do fundo do seu coração, o *mantra* sagrado “Sriman Narayana Charanou Saranam Prapadye (Eu me refugio nos Pés do Senhor) e atingiu a paz e a libertação! Verdadeiramente, um grande *karmayogue* que, como ensina a Gita, pela dedicação a Deus atingiu a libertação por meio da sabedoria que alcançou.

Seria um capítulo vibrante se alguém conseguisse reunir e compilar os eventos dos últimos dias dos devotos de Baba que imergiram nEle. Eles morrem em tranquilidade silenciosa, em entrega piedosa, ou em meio aos *bhajans* que partilham ou durante a recitação do *pranava*; obtêm a *amrita* de algum lugar e a provam quando morrem; vêem Baba diante deles como sua última visão e partem, após se prostrarem diante dEle; têm o *vibhuthi* emanando de suas cabeças como sinal da Sua bênção! É surpreendentemente doce e

¹³³ NR – Academia de Estudos Védicos.

¹³⁴ Secretário de Estado.

inspirador o modo como Baba derrama a Sua Graça, quando Seus devotos se despedem dos corpos onde habitavam.

“Li sobre os grandes homens milagrosos e mestres do passado da Índia; esperava que alguns ainda existissem hoje. Eu esperava, melhor, mal esperava poder encontrar ao menos um. Pois, oculto como em todos os homens, ansiava pela ‘coisa mais esplendorosa’ que Francis Thompsom diz, ‘a senhorita de estranhos rostos’”, como diz Murphet. Entre os muitos que vieram à Índia de terras distantes nessa busca, estavam os Raymers, marido e esposa, que ouviram falar de Baba e vieram a *Nilayam*, permanecendo ali por mais de seis meses, engajados em *sadhana* (disciplina espiritual). Quando voltaram, pessoas que já estavam sob a influência do yoga e do pensamento indiano, por meio dos ensinamentos e inspiração de Ramana Maharshi, Aurobindo, Yoganandaji e Ramakrishna-Vivekananda, reuniram-se em sua casa, ou encontraram inspiração em seus exemplos para estudarem o trabalho de Baba e realizarem a disciplina espiritual segundo Suas orientações. Um grande número de pessoas compareceu ao seu *satsang* (encontro de buscadores da Verdade) Sathya Sai; um número menor veio à Índia para receber o *darshan* e as bênçãos de Baba. Charles Penn é singularmente afortunado, porque, embora ainda não tenha vindo, é capaz de sentir constantemente a presença de Baba, seja no céu, em busca de um avião caído, ou embaixo, na praia, coletando conchinhas, ou em sua sala de orações, imaginando Sua Forma em seu coração. Baba senta-se diante dele, conversa com ele, ensina-o, responde a suas perguntas de maneira tão clara, como se estivesse concretamente presente pelos setes mares. As lições são características de Baba, pois a sua autenticidade é clara para todos que conhecem Sua maneira de explicar. Além disso, quando Penn envia artigos pessoais para mim, para exame ou para serem publicados, muitas vezes pedi a Baba alguma explicação e Ele nunca rejeitou a Sua autoria; na verdade, justificou certos exemplos e parábolas novas que disse a Penn em Los Angeles, pelo motivo de os antecedentes de Penn diferirem daqueles dos Seus ouvintes indianos. “Dei a ele o exemplo dos narcisos porque existe um canteiro deles do lado de fora do santuário lá”, disse uma vez. “Falei a ele sobre ventos fortes, velas e barcos porque ele os conhece, não você”, explicou-me.

Indra Devi, uma cidadã americana nascida na Rússia e vivendo no México com um nome indiano, foi enviada a Baba por um vidente, e depois mais diretamente pelos Murphets. Aprendera *yoga* no Mysore com o Iogue Krishnamacharya, depois vivera em Xangai e fizera demonstrações de *yoga* em Moscou; possui uma Fundação de Yoga em Tecate, México. Ela seria apresentada ao presidente Kennedy em Dallas, Texas, para mostrar-lhe os seus livros de *yoga* e falar-lhe um pouco sobre alguns *asanas* e exercícios de respiração profunda que o deixariam fisicamente apto ao esforço extraordinariamente grande da presidência. Mas ficou chocada, junto com o mundo inteiro, quando ele foi morto a tiros, poucas horas antes do encontro. Para exorcizar o ódio do coração humano, planejou, naquele dia, uma ‘Cruzada de Meditação para a Luz na Escuridão’ e veio para a Índia, onde tinha aprendido sobre os elementos do *yoga* e da meditação. Encontrou os Murphets em abril de 1966, e eles enviaram-na a *Prasanthi Nilayam*. Baba deu-lhe, como diz ela, “mais do que gentileza, mais do que bondade, mais do que a Graça; deu-me o refúgio: *abhaya*”. “Chame-Me sempre que precisar de Mim; Eu estarei com você”. “Senti uma corrente de luz brilhante caindo sobre mim, dando-me um tremendo sentido de alegria e felicidade que encheu totalmente o meu ser. ‘Obrigada, Baba’, murmurei em gratidão. Carregando essa luz radiante, voltei para Los Angeles e Tecate”, escreveu.

Ela voltou novamente em fevereiro de 1967, cheia de entusiasmo e devoção pelo *yoga*, como uma cura para a frustração do mundo. Baba encorajou-a a treinar homens e mulheres residentes em *Nilayam*, como também os meninos do *Vedasastra Patasala*¹³⁵ nos *asanas* do *yoga* e na técnica da meditação. Ele mesmo estava presente nos dois dias, pronto para elaborar as razões que ela deu para escolher a chama como foco da meditação e para esclarecer outros pontos que achava essencial para o curso. A contemplação na chama é uma antiga prescrição védica, em que o Senhor é descrito como “um feixe firme de um brilho esplendoroso, no centro do coração”. Baba possui o *Param-jyothi*, ou a Luz Suprema, como o topo e a coroa do *yoga-danda* na bandeira de *Prashanthi*. Em *Nilayam*, durante a meditação nas horas antes do amanhecer, uma lamparina, com sua chama firme, clara e brilhante, é utilizada para a concentração. No *Dhyana Vahini*, escrito por Baba, Ele descreve o *Atma* como “o Sol dos Sóis, a Efulgência das Efulgências; a Luz Suprema, a *Swayamjyothi*, o Auto-Efulgente”. Portanto, Baba apreciou a cruzada de Indra Devi e a abençoou. Falou-lhe sobre as implicações e possibilidades no contexto da antiga oração védica: “*Thamaso maa jyothir gamaya*” – das trevas conduza-me à luz. No livro **Prashanthi Vahini**, escrito por Ele anos atrás, assim explicara: “Ó Senhor, quando os objetos do mundo me atraírem, remova a escuridão que esconde de mim o *Atma* onipresente, que todos os objetos realmente são”.

¹³⁵ NR – Escola de Doutrina Védica.

O Dasara de 1967 começou no amanhecer do dia 4 de outubro. O Dr. K. Bhaskaran Nair, doutor em ciências, escreve: “A vida na Índia, hoje, é como uma flor de lótus à noite. Fica abatida com o peso do sereno, e as pétalas se fecham em sofrimento. Inclina-se com a dor e a privação; espera em agonia pelo amanhecer. O amanhecer chegará? Não nos desesperemos. Os raios carmesins romperam o véu da noite. Logo será dia. Essa é a esperança que Puttaparthi nos traz”. Após o amanhecer, Baba concedeu o *darshan* a milhares que o aguardavam e hasteou a bandeira da paz nos corações de todos, fazendo de cada coração uma *Prasanthi Nilayam*. O lótus floresceu!

Em Seu discurso, durante as celebrações do Dia do Hospital, Baba disse que a preocupação quanto ao futuro, a contrição quanto ao passado e os castelos planejados para serem construídos no futuro causam a maioria das doenças mentais; os homens não são corajosos o bastante para esquecer o passado, olhar o presente de frente e planejar o futuro com sensatez. No dia 6, cerca de 10.000 pessoas famintas foram alimentadas lautamente, pessoas a quem Baba Se recusaria a chamar de “pobres”, pois muitas delas são “ricas” em espírito. Ele doou também milhares de *saris* e *dhotis* com uma afeição e cuidado que nenhum pai demonstra pelos filhos. O *Veda-purusha-sapthaahayajna* (ritual de oferendas e oblações ao fogo, que ocorre nesse festival de Dasara), uma característica anual, brilhou a missão de Baba quanto ao restabelecimento védico e teve início no dia 7. Naquela tarde, quando foram inauguradas as celebrações do quarto aniversário da *Prashanthi Vidwanmahasabha* (Academia de eruditos e Estudos Védicos), todos souberam do vácuo deixado pelo Dr. Ramakrishna Rao.

O *Dasara* está acima de todos os rituais de adoração à Mãe, como a Deusa do Aprendizado, da Riqueza, do Alimento, da Beleza, da Arte. Por isso, Baba admite, no programa, recitais e discursos sobre música, dramas, peças folclóricas, declamações, leituras de seus poemas pelos poetas, como oferendas aos pés da Mãe. O *yajna* (sacrifício) foi realizado com sucesso no *Vijayadasmi Day* (Dia da Vitória). Baba concedeu o *Darshan* naquele dia, usando a veste resplandecente de fio dourado, tecido por uma devota que tinha bordado, ela mesma, o *mantra Sairam* 108 vezes nele, recitando-o durante todo o processo. Quando Baba surgiu naquela manhã, usando aquela túnica especial, os devotos sentiram uma vibração que despertou a Bem-Aventura em todos os níveis da sua consciência, como se o Senhor, exaltado nos *Vedas*, Se tivesse apresentado diante deles em toda a Sua Glória. Lembraram-se da canção que Baba cantara durante o discurso inaugural de Dasara:

Quando o homem está atolado na injustiça e no ódio
Perdido no erro, distante há eras
Para conduzi-lo corretamente, no amor...
Quando o mundo estremece em agonia
Com sede de sangue e de saque
Para limpar o coração do ódio...
Quando esmagado sob pesados fardos
Os bons, como os órfãos, lamentam
Para acariciar, abrigar, libertar...

Quando a palavra de Deus é distorcida
Por línguas mesquinhas e pútridas
Para revelar, expor, proclamar...
Para diminuir o peso sobre a Terra,
Para manter Sua palavra empenhada
Deus veio como homem entre os homens!
O chamado pode ser esclarecido, mais claro?
Atraído e arremessado nas ondas de nascimento e morte
Você suspira e geme em dor, ó Homem!
Seja firme por um momento: olhe; pegue; está ao alcance
O salva-vidas flutua: Sathya Sai!

A confiança que essa garantia trouxe, a alegria contida nessas notícias, os devotos desejaram partilhar com as pessoas das suas cidades e aldeias o mais cedo possível.

Baba também partiu para Hyderabad, a fim de chegar lá a tempo do *Dipavali* (festival que comemora a volta de Rama do exílio), o Festival das Luzes, que comemora a vitória das elevadas faculdades do homem sobre as tendências que o retardam no caminho. Enquanto dirigia ao longo da estrada, Baba deu aos meninos pastores, aos homens trabalhando atrás dos arados, às mulheres com os filhos nos braços caminhando penosamente sob o sol quente e aos meninos que observavam os búfalos chafurdando nos charcos, presentes de frutas, doces e moedas, assegurando a cada um deles um feliz *Dipavali*! Uma mulher afortunada recebeu uma cesta de doces, um vidro de picles, uma lata de biscoitos e dinheiro suficiente para comprar um belo *sari*; e ainda Baba perguntou-lhe: “Você sabe quem Eu sou?” Ela confessou que não! Perguntou-lhe se tinha ouvido falar de Sai Baba. Ela disse que sim, que o Karnam¹³⁶ da sua aldeia tinha ido em peregrinação a um lugar chamado Puttapparthi e O vira. Baba, a encarnação do Amor Divino, parou diante dela e disse-lhe: “Veja, Eu sou esse Sai Baba”. A senhora caiu a Seus pés. “Vá, e tenha um feliz dia sagrado”, disse Ele.

No dia 2 de novembro, Baba estava em Bombaim. No dia seguinte dirigiu-Se para os arredores de Andheri, ao longo da Estrada das Cavernas de Mahakali, e chegou ao local onde 30.000 devotos ardentes cantavam cantigas de louvor à Glória de Deus, esperando pelo momento precioso em que Ele consagraria o local onde o “*Dharmakshethra*” (N.T.significando “mansão do *dharma*”, esse local, nos arredores de Mumbai, tornou-se o quartel-general da Organização Sai na cidade e o maior centro de difusão do programa de Educação em Valores Humanos Sathya Sai na Índia) seria construído. Baba foi até o terraço mais alto na colina; os ritos cerimoniais estavam quase terminando, e a vala onde seria assentada a primeira fileira de pedras estava pronta. Baba ondulou Sua mão e um prato de “prata” com símbolos místicos das deidades que presidem os nove planetas da ciência védica emanou dela, na frente de todos. Baba orientou que o prato deveria ficar debaixo da primeira pedra, e Ele próprio colocou a argamassa com uma colher de pedreiro; depois, hasteou a bandeira de *Prashanthi* e descerrou a placa de cobre anunciando a inauguração de “*Dharmakshethra*”.

Dirigindo-se à grande reunião de devotos, Baba disse que o nome *Dharmakshethra* foi utilizado para o campo de batalha, onde a Gita foi ensinada. Embora o seu nome verdadeiro fosse ‘*Kurukshethra*’ (Campo de Ação), era chamado de *Dharmakshetra* na Gita, pois foi o campo onde o *dharma* venceu o *adharma*, onde o certo prevaleceu sobre o errado. Esse local, esse *Dharmakshethra* também verá a vitória – ele assegurará, pelo ensinamento e pelo aprendizado de uma Canção Celestial, aquela vitória. Na verdade, o corpo do homem é o genuíno *Dharmakshethra*, o campo de batalha onde o certo luta contra o errado, em busca da vitória. *Ksha* significa aquele que sofre *kshaya*, ou decai por causa do vício; *thra* significa aquele que se recupera por meio da virtude. Por isso, o corpo que floresce e perece em razão da virtude e do vício é o *kshethra*; *ele* deve se tornar um *Dharma-kshethra*, pela descoberta do habitante interior do corpo, o *Kshethra-jna*, o *Atma*, o *Antharyamin*. O honorável Sri P.K. Savant, presidente da cerimônia, disse que o *Dharmakshethra* a ser erguido naquele local será uma *Prasanthi Nilayam*, a Morada da Paz Celestial, e seus raios luminosos espalharão e destruirão *ashanthi* (ausência de paz) dos corações dos homens. Baba, então, esteve com os devotos que tinham obtido o privilégio de construir *kuteerams*, ou “retiros espirituais”, para si próprios, no local do *Dharmakshethra*. Exortou-os a intensificar o seu anseio e a aprofundar sua fé, a fim de que pudessem ser exemplos para aqueles que negam o valor do empreendimento espiritual, ou duvidam dele.

Durante a tarde, Baba inaugurou o *Sathya Sai Seva Dal*, uma organização de jovens *sadhakas* (aspirantes espirituais) que reforçam e suplementam seu *sadhana* (disciplina espiritual) com um serviço eficiente e devotado junto aos mais fracos, incapacitados e necessitados. O próprio Baba é, para nós, o exemplo supremo do serviço por meio do Amor. Nos dias 4, 5 e 6 de novembro, Ele concedeu seu *darshan* no local do *Dharmakshethra*, durante os *bhajans* matutinos. Seus olhos descobriram, na massa compacta, crianças doentes, adultos enfermos ou desafortunados deficientes. Abençoou-os com *vibhuthi* criado para aliviar e confortar.

Baba chegou a Prasanthi Nilayam no dia 14 de novembro, a tempo das celebrações do Aniversário. “A cada ano, o Meu aniversário é celebrado em grande estilo. Milhares de pessoas chegam para receber o *darshan*, o *darshan* que trouxe para você também desfrutar, em Nilayam, sob Minhas asas!”, disse Baba para Charles Penn em Los Angeles, durante uma das suas visitas supracorpóreas a ele. “Mas”, aconselhou a Penn, “ não pense que é o Meu aniversário que está sendo comemorado. Não! Sou uma parte de cada um de vocês; após anos movendo-se à frente, vocês mergulham no estuário da Minha correnteza”. Foi isso que Ele

¹³⁶ NR – Karnam, ou Karanam. O segundo líder mais importante de uma aldeia. Executa todos os assuntos da comunidade, inclusive finanças e aplicação do dinheiro. O líder principal recebe o nome de Munsab, semelhante a um prefeito.

disse a Penn! Ouçam o que Ele disse a milhares de pessoas que vieram no dia 23 de novembro a *Prasanthi Nilayam*: “Este não é o Meu aniversário; não tenho nascimento, nem aniversário; sou atemporal, eterno. Vocês devem celebrar o aniversário de *vocês*, quando nascerem no Conhecimento, não nos apegos. Reverenciem a Mim no dia em que forem Eu, no dia em que obtiverem Bem-Aventura ilimitada assim, no dia em que poderão estar cheios de alegria por terem nascido”.

Durante as celebrações, no dia 26 de novembro, para ser exato, Baba convocou o presidente do Comitê de Seva do Centro *Sathya Sai* de Bombaim, para anunciar ao grande número de devotos que uma Conferência Mundial de Sevas e *Sadhaks*¹³⁷ das Unidades Sathya Sai seria realizada no “Dharmakshethra” em maio de 1968, um anúncio que foi bem recebido com aclamações e infinita alegria.

A perspectiva de partilhar com espíritos afins do mundo inteiro a vibração do *darshan*, *sparshan* e *sambhashana* (presença, toque e conversa com Baba) tomou as organizações e unidades de todos os países de esperança ardente; por isso, Baba resolveu realizar as conferências preliminares dos dirigentes responsáveis pelas Organizações Sathya Sai, na Índia, para “confirmar e consolidar, confrontar e coordenar as atividades e programas”. Uma conferência foi realizada em Erankulam, no estado de Kerala, no dia 20 de dezembro; em Madras, no dia 24; em Brindavan, no estado de Karnataka, no dia 30 de dezembro de 1967; e em Prasanthi Nilayam, no Estado de Andhra, no dia 23 de fevereiro de 1968.

Além de enfatizar, mais uma vez, os princípios básicos do *sadhana*, baseados no serviço à comunidade, independentemente do credo ou da fé dos beneficiários, Baba orientou-os para que não se prendessem aos meandros organizacionais e à busca competitiva por doadores e apoio financeiro. Baba tinha um presidente escolhido para cada estado, e deu-lhes a tarefa de coordenar, supervisionar, orientar e aconselhar os vários grupos de devotos (*bhakthas*) que formaram unidades em Seu nome. Escolheu também presidentes de distritos. Auxiliados pelos comitês, esses presidentes trabalharão como uma equipe, sob o presidente do estado, para promover e reforçar os grupos de serviço e buscadores espirituais, em todo o país. Baba aconselhou os trabalhadores a iniciarem o canto dos *bhajans* nas ruas das aldeias e cidades, nas primeiras horas do dia, para que as pessoas possam despertar para o nome de Deus e a atmosfera se encha com a fragrância da Glória do Senhor! Queria também que a mensagem da força e unidade *átmica* fosse plantada nos corações dos alunos. As mulheres devotas foram direcionadas para formar unidades e servirem suas irmãs. Assim, o Ganges da Graça flui de *Prasanthi Nilayam*, que é Baba. Ele está restaurando a saúde, eliminando o desânimo, santificando cada serviço, fertilizando todo impulso nobre, clareando a visão e revelando o caminho para Deus.

¹³⁷ NR – Conferência Mundial dos Servidores e Buscadores Espirituais Sai

Baba dirige-se aos grandes grupos que se reúnem para ouvir Seus discursos iniciando-os assim: “*Divyathma-swarupulaaraa*” (Vós, Divinas Realidades *Átmicas*). Ele vê a todos como Ele mesmo; exorta a todos para vê-Lo como a si mesmos. Essa identidade é a Verdade, mas nós gostamos da ilusão da separação e sofremos. Baba é Amor, Sabedoria, Poder, Graça. Por isso, Ele está apto a declarar: “O mundo é a Minha mansão; mesmo aqueles que Me negam são Meus; chamem-Me por qualquer nome, e Eu responderei; representem-Me em qualquer forma, e Eu Me apresentarei diante de vocês”. “Estou no menor de vocês e também no melhor; não caluniem ou ofendam ninguém, pois estarão caluniando e ofendendo a Mim, que estou nele”. Essa é a universalidade da Sua majestade e do Seu Amor.

É esse Amor que O impele a nos convidar para “aproximar-nos, examinar, vivenciar, julgar e, depois, aceitá-Lo”. O Senhor Krishna também, após ensinar a *Gita* a Arjuna, disse: “Agora que você ouviu tudo, reflita em sua mente e faça o que desejar”. Baba não tem raiva em Sua composição, nenhum traço de medo ou fanatismo. Somos todos reflexos Seus; Ele nos reconhece como tal, embora ainda não estejamos conscientes disso. Como, então, Ele pode desistir de nós? Vê a humanidade como uma enorme caravana na rota dos peregrinos atravessando as águas do deserto. Alguns se desviam para onde as miragens os atraem, outros buscam os oásis, alguns ouvem as vozes daqueles que alcançaram a meta. Quando Baba, com a idade de 14 anos, jogou fora sua mochila de livros e dirigiu-Se para a estrada dizendo: “Não pertenço mais a vocês, Meus devotos me chamam, tenho o Meu trabalho para fazer”, a caravana estava a ponto de destruir-se na árida região controlada pela tecnologia e de morrer de sede, destituída das águas do Amor.

Existe, em todo rio, diz Baba, a necessidade de retornar ao mar de onde se originou. Subindo como vapor aos céus, correndo como nuvem, caindo como chuva sobre a terra, fluindo ao longo do seu leito, ele mantém aquela ânsia na mente; o anseio o leva em frente sobre todos os obstáculos, até atingir o mar; assim também, todos os homens, em todas as terras, clamam, em todas as línguas, por Deus, de Quem vieram, para que Ele dê-lhes um sinal, um Chamado que ecoe, conduzindo-os, pelo mais rápido e seguro caminho, até Ele.

Baba ouve aquele clamor e dá o sinal, o Chamado que ecoa. “Meus devotos Me chamam; tenho o Meu trabalho a fazer”, disse Ele. “Todos os homens são Meus; o Mundo é a Minha mansão”, diz. “Não tenho um nome que possa especificar como o Meu único nome”. Ele veio para guiar toda a humanidade. Quando uma pessoa escreveu a Baba: “Estou feliz que o Seu nome seja adorado em toda casa aqui”, Ele respondeu: “Logo você verá que Ele será reverenciado em cada palmo de terra pelo Mundo todo afora”. Sim. Esse é o Significado, o Propósito, a Missão, a Consumação.

O Congresso Mundial de Sevas e Aspirantes Espirituais das Organizações e Grupos Sathya Sai inaugurará a Era Dourada do Amor Universal.